



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LINGUAGEM E ENSINO-PPGLE**



FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES

**MILITÂNCIA FEMININA E DITADURA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA
NO ENSINO MÉDIO COM *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE**

**CAMPINA GRANDE
2025**

FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES

**MILITÂNCIA FEMININA E DITADURA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA
NO ENSINO MÉDIO COM *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE/UFCG) em cumprimento aos requisitos para defesa e obtenção do Título de doutora em Linguagem e Ensino, na área de Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. José Edilson de Amorim.

CAMPINA GRANDE-PB
2025

A161m Abrantes, Francisca Luana Rolim.
 Militância feminina e ditadura : uma experiência de leitura no ensino médio com *O corpo interminável*, de Claudia Lage / Francisca Luana Rolim Abrantes. – Campina Grande, 2025.
 247 f.

 Tese (Doutorado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2024.
 "Orientação: Prof. Dr. José Edilson de Amorim".
 Referências.

 1. Literatura e Ditadura Militar (Brasil). 2. Militância Feminina. 3. Obra *O Corpo Interminável*. 4. Claudia Lage - Escritora. 4. Formação do Leitor. I. Amorim, José Edilson de. II. Título.

CDU 82:305-055.2(043)

FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES

**MILITÂNCIA FEMININA E DITADURA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA
NO ENSINO MÉDIO COM *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE**

Aprovada em 20 de Setembro de 2024.

Banca Examinadora

Prof. Dr. José Edilson de Amorim (Orientador-PPGLE/UFCG)



Prof^ª. Dra. Isis Milreu (Examinadora interna-PPGLE/UFCG)

Prof. Dr. José Helder Pinheiro Alves (Examinador interno-PPGLE/UFCG)



Prof^ª. Dra. Patrícia Cristina de Aragão (Examinadora Externa-UEPB)

Documento assinado digitalmente
 PATRICIA CRISTINA DE ARAGAO
Data: 25/11/2024 20:32:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dra. Juliane Vargas Welter (Examinadora Externa-UFRN)

Documento assinado digitalmente
 JULIANE VARGAS WELTER
Data: 25/11/2024 15:04:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

CAMPINA GRANDE-PB
2024

É sob o ponto de vista da mulher que se enxerga os anos de ditadura, é acompanhando seus passos, sua via-crucis atrás dos filhos, do marido desaparecido, que se dialoga com a história daquele tempo-quando angústia, medo e culpa se misturavam ao já complexo e acidentado jogo das relações familiares. Um tempo em que nem mesmo a intimidade se via resguardada e não bastava se esconder dentro de casa para fugir à contaminação externa. A tirania entra por baixo das portas, pelas frestas das janelas, pelos buracos do telhado, agarrada nas solas dos sapatos. Assim, a casa é subtraída como espaço de proteção, perde sua pretendida imunidade.

O espaço da dor: o regime de 64 no roma brasileiro, Regina Dalcastagnè.

Dedico

Aos meus pais e a todos os professores de Língua Portuguesa,
em especial, aos participantes desta pesquisa sem os quais não
seria possível a realização desta tese.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa, desenvolvida ainda num contexto pandêmico e sombrio, onde milhares de pessoas estavam morrendo devido à COVID-19, foi meu ponto de abrigo. Em meio a um cenário duvidoso, guardei a fé em Deus e continuei com as minhas atividades de pesquisa. Até chegar aqui, algumas pessoas contribuíram com o incentivo necessário à realização desse estudo. Dentre esses sujeitos envolvidos, quero agradecer especialmente:

A Deus por me permitir realizar mais um sonho e me fortalecer durante toda essa caminhada de pesquisa. Em meio ao cansaço e aos dias difíceis, Ele sempre foi meu sustento, minha proteção, meu abrigo, minha fortaleza.

Aos meus pais, Erenildo Abrantes e Lúcia Rolim, por acreditarem em meu sonho e me encorajarem nos momentos desafiadores de escrita e de leitura.

À minha família por ser colo e abrigo durante esta trajetória de estudos.

À minha avó paterna, Ivonildes Abrantes (in memoriam), uma mulher inspiradora e de fibra que, mesmo sem ter tido a oportunidade de estudar, via a educação como uma porta importante para uma vida melhor e, principalmente, para o empoderamento do sujeito feminino.

Aos meus amigos, Juliana, Emerson, Glória e Neile, por agarrarem o meu sonho e segurarem as minhas mãos ao longo dessa trajetória de estudos.

À Virna Lúcia, minha ex-professora do curso de Letras do IFPB/ Campus Sousa-PB, por me acolher em sua residência, ser colo e abrigo em Campina Grande.

Ao meu orientador, José Edilson de Amorim, um professor a quem tenho muito apreço e que, com maestria, ética, responsabilidade e uma serenidade inigualável, conduziu tão bem esta pesquisa. Além de um orientador, ganhei um grande amigo durante esta caminhada de estudos e formação docente.

À Risonelha Lins, amiga íntima, por me apoiar em cada passopesquisa e, principalmente, por emprestar os ouvidos e tecer críticas construtivas para o desenvolvimento deste estudo.

À Claudia Lage não só pela autorização da cópia de seu romance *O corpo interminável*, para que pudéssemos fazer a intervenção de leitura, mas também por alguns momentos de partilhas e formação acerca de sua narrativa.

À CAPES por me conceder uma bolsa de pesquisa para que pudesse comprar livros teóricos e literários indispensáveis ao desenvolvimento deste trabalho, para participar de eventos acadêmicos e, principalmente, trabalhar neste estudo com mais tranquilidade.

À escola Celso Mariz, aos alunos e à professora da turma por nos acolher e colaborar com nossa pesquisa.

À banca examinadora por contribuir com este trabalho, ampliando ainda mais as discussões aqui tecidas.

Por fim, quero agradecer a todos os meus professores do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino-PPGLE, especialmente, aos docentes Hélder Pinheiro, Márta Nóbrega, Naelza, Josilene e Isis por não só compartilhar seus conhecimentos, mas também contribuir com este trabalho.

RESUMO

Este trabalho partiu da problemática de que há uma visibilidade secundarizada, nas narrativas ficcionais, da participação ativa das militantes e das suas experiências corporais, vivenciadas no contexto da Ditadura Militar. Considera-se que as mulheres desempenharam papel ativo nos movimentos estudantis, partidos, sindicatos e organizações clandestinas, rompendo com as funções que lhes estavam propostas pela cultura patriarcal, porém essas atividades não são apontadas como fatores relevantes nas discussões sobre esse período histórico, nem figuradas nessa perspectiva de militância na estética literária. Tendo em vista isso, a presente pesquisa teve como objetivo principal analisar, no romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage, os modos de representação da mulher militante no período da ditadura no Brasil com alunos do 2º ano do ensino médio, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, localizada numa comunidade cigana, da cidade de Sousa-PB, a partir do método recepcional, desenvolvido por Bordini e Aguiar (1988). O nosso estudo deu-se a partir dos seguintes questionamentos: a) O romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage pode levar o aluno a ter uma visão crítica e significativa acerca da relação da mulher com a Ditadura Militar? b) Como os atos de torturas ao corpo feminino são retratados na obra dessa escritora? c) De que maneira os conflitos das personagens militantes são configurados nesse romance? A fim de responder a essas perguntas e atender ao objetivo principal, traçamos como objetivos específicos: a) Descrever, a partir da *Autobiografia de leitor*, desenvolvida por Anne Rouxel (2013), o conhecimento dos discentes, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, acerca de obras que configuram o período da ditadura militar no Brasil; b) Trabalhar o romance *O corpo interminável*, de Cláudia Lage a partir do Método Recepcional, em sala de aula, focalizando, assim, tanto a participação das guerrilheiras na luta contra o regime quanto a violência imposta ao gênero; c) Refletir acerca do modo como os alunos compreendem não só a relação da mulher com a ditadura, bem como os traumas ocasionados pelo autoritarismo brasileiro a partir dos personagens principais configurados na narrativa de Claudia Lage. A presente pesquisa faz parte de um estudo qualitativo, de caráter crítico-interpretativista, uma vez que está centrada tanto nos posicionamentos subjetivos dos educandos em relação ao romance estudado quanto no olhar subjetivo do pesquisador acerca do objeto de estudo. A fim de alcançar os objetivos estabelecidos, percorremos alguns caminhos: a) estudo bibliográfico sobre o tema pesquisado; b) intervenção de leitura com a obra *O corpo Interminável*, de Claudia Lage, em sala de aula. Como embasamento teórico, nós nos apoiamos nas reflexões de Colling (1997), Eurídice Figueiredo (2017-2024), Regina Dalcastagnè (1996- 2020), Rosa (2013), Tânia Pellegrini (1996) sobre Literatura, Ditadura e Militância Feminina; e as concepções de Ensino e Formação Leitora de: Bordini e Aguiar (1988), Bajour (2012), Lígia Cademartori (2009), Michèle Petit (2008), Dalvi (2021), entre outros. Como resultado, constatamos que os alunos conseguiram ter uma visão crítica e reflexiva acerca da relação da mulher com a ditadura, bem como protagonismo dos sujeitos femininos na luta contra o regime.

Palavras-chave: Literatura e ditadura; Militância feminina; *O corpo interminável*; Claudia Lage; Formação do leitor.

ABSTRACT

This work started from the problem that there is a secondary visibility, in fictional narratives, of the active participation of militants and their bodily experiences, experienced in the context of the Military Dictatorship. It is considered that women played an active role in student movements, parties, unions and clandestine organizations, breaking with the roles proposed to them by patriarchal culture, but these activities are not highlighted as relevant factors in discussions about this historical period, nor are they included in this perspective of militancy in literary aesthetics. In view of this, the main objective of this research was to analyze, in the novel *O corpo interminável*, by Claudia Lage, the ways of representing militant women during the dictatorship period in Brazil with second year high school students from the Celso Mariz State Elementary and Middle School, located in a gypsy community in the city of Sousa-PB, using the reception method developed by Bordini and Aguiar (1988). Our study was based on the following questions: a) Can the novel *O corpo interminável*, by Claudia Lage, lead the student to have a critical and meaningful view of the relationship between women and the Military Dictatorship? b) How are acts of torture of the female body portrayed in this writer's work? c) How are the conflicts of the militant characters configured in this novel? In order to answer these questions and meet the main objective, we set the following specific objectives: a) To describe, based on Anne Rouxel's *Autobiography of a Reader* (2013), the knowledge of students at the Celso Mariz State Elementary and High School regarding works that characterize the period of the military dictatorship in Brazil. b) To work on the novel *O corpo interminável*, Cláudia Lage using the Receptive Method in the classroom, thus focusing on both the participation of female guerrillas in the fight against the regime and the violence imposed on gender. c) To reflect on how students understand not only the relationship between women and the dictatorship, but also the traumas caused by Brazilian authoritarianism based on the main characters portrayed in Claudia Lage's narrative. This research is part of a qualitative study, of a critical-interpretative nature, since it is centered both on the subjective positions of the students in relation to the novel studied and on the subjective view of the researcher regarding the object of study. In order to achieve the established objectives, we followed some paths: a) bibliographical study on the researched topic; b) reading intervention with the work *O corpo interminável*, by Claudia Lage, in the classroom. As a theoretical basis, we relied on the reflections of Colling (1997), Eurídice Figueiredo (2017-2024), Regina Dalcastagnè (1996- 2020), Rosa (2013), Tânia Pellegrini (1996) on Literature, Dictatorship and Female Activism; and the conceptions of Teaching and Reading Formation of: Bordini and Aguiar (1988), Bajour (2012), Lígia Cademartori (2009), Michèle Petit (2008), Dalvi (2021), among others. As a result, we found that the students were able to have a critical and reflective view of the relationship between women and the dictatorship, as well as the leading role of female subjects in the fight against the regime.

Keywords: Literature and dictatorship; Female militancy; *O corpo interminável*; Claudia Lage; Reader training.

RESUMEN

Este trabajo partió del problema de que existe una visibilidad secundaria, en las narrativas de ficción, de la participación activa de los militantes y de sus experiencias corporales, vividas en el contexto de la Dictadura Militar. Se considera que las mujeres tuvieron un papel activo en movimientos estudiantiles, partidos, sindicatos y organizaciones clandestinas, rompiendo con las funciones que les propone la cultura patriarcal, sin embargo estas actividades no se destacan como factores relevantes en las discusiones sobre este período histórico, ni tampoco figuraba en esta perspectiva de militancia en la estética literaria. Teniendo esto en cuenta, el objetivo principal de esta investigación fue analizar, en la novela *O corpo interminável*, de Claudia Lage, las formas de representar a las mujeres militantes durante el período de la dictadura en Brasil con estudiantes de 2º año de secundaria, de la Escuela Estatal de Educación Básica y Secundaria Celso Mariz, ubicada en una comunidad gitana, en la ciudad de Sousa-PB, basándose en el método de acogida, desarrollado por Bordini y Aguiar (1988). Nuestro estudio se basó en las siguientes preguntas: a) ¿Puede la novela *O corpo interminável*, de Claudia Lage, llevar al estudiante a tener una visión crítica y significativa de la relación entre las mujeres y la Dictadura Militar? b) ¿Cómo se retratan los actos de tortura del cuerpo femenino en la obra de esta escritora? c) ¿Cómo se configuran los conflictos de los personajes militantes en esta novela? Para dar respuesta a estas preguntas y cumplir con el objetivo principal, nos planteamos los siguientes objetivos específicos: a) Describir, a partir de la Autobiografía del Lector, desarrollada por Anne Rouxel (2013), los conocimientos de los estudiantes de la Escuela Estatal de Primaria y Secundaria Educación Celso Mariz, sobre obras que caracterizan el período de la dictadura militar en Brasil. b) Trabajar la novela *O corpo interminável*, de Claudia Lage desde el Método de la Recepción, en el aula, centrándose así tanto en la participación de la guerrilla en la lucha contra el régimen como en la violencia impuesta al género. c) Reflexionar sobre cómo los estudiantes entienden no solo la relación entre las mujeres y la dictadura, sino también los traumas causados por el autoritarismo brasileño a partir de los personajes principales configurados en la narrativa de Claudia Lage. La presente investigación se enmarca en un estudio cualitativo, de carácter crítico-interpretivista, ya que se centra tanto en las posiciones subjetivas de los estudiantes en relación a la novela estudiada como en la visión subjetiva del investigador respecto al objeto de estudio. Para alcanzar los objetivos establecidos, se siguieron algunos caminos: a) estudio bibliográfico sobre el tema investigado; b) intervención lectora con la obra *O corpo interminável*, de Claudia Lage, en el aula. Como base teórica, nos basamos en las reflexiones de Colling (1997), Eurídice Figueiredo (2017-2024), Regina Dalcastagnè (1996-2020), Rosa (2013), Tânia Pellegrini (1996) sobre Literatura, Dictadura y Militancia Femenina; y los conceptos de Educación y Formación Lectora de: Bordini y Aguiar (1988), Bajour (2012), Lígia Cademartori (2009), Michèle Petit (2008), Dalvi (2021), entre otros. Como resultado, encontramos que los estudiantes lograron tener una visión crítica y reflexiva sobre la relación de las mujeres con la dictadura, así como el papel protagónico de los sujetos femeninos en la lucha contra el régimen.

Palabras clave: Literatura y dictadura; Militancia femenina; *O corpo interminável*; Claudia Lage; Formación de lectores.

RÉSUMÉ

Ce travail est parti du problème qu'il existe une visibilité secondaire, dans les récits fictionnels, de la participation active des militants et de leurs expériences corporelles, vécues dans le contexte de la dictature militaire. On considère que les femmes ont joué un rôle actif dans les mouvements étudiants, les partis, les syndicats et les organisations clandestines, rompant avec les fonctions que leur proposait la culture patriarcale, mais ces activités ne sont pas mises en avant comme des facteurs pertinents dans les discussions sur cette période historique, ni figurait dans cette perspective de militantisme dans l'esthétique littéraire. Dans cette optique, l'objectif principal de cette recherche était d'analyser, dans le roman *O corpo interminável*, de Claudia Lage, les manières de représenter les femmes militantes pendant la période de la dictature au Brésil auprès des élèves de 2^{ème} année de lycée, de l'École Nationale d'Enseignement Primaire et Secondaire Celso Mariz, située dans une communauté gitane, dans la ville de Sousa-PB, sur la base de la méthode d'accueil développée par Bordini et Aguiar (1988). Notre étude s'est appuyée sur les questions suivantes : a) Le roman *O corpo interminável*, de Claudia Lage, peut-il amener l'étudiant à avoir un regard critique et significatif sur la relation entre les femmes et la dictature militaire ? b) Comment les actes de torture du corps féminin sont-ils représentés dans l'œuvre de cet écrivain ? c) Comment se configurent les conflits des personnages militants dans ce roman ? Afin de répondre à ces questions et d'atteindre l'objectif principal, nous fixons les objectifs spécifiques suivants : a) Décrire, à partir de l'Autobiographie du lecteur, développée par Anne Rouxel (2013), les connaissances des élèves de l'École nationale d'enseignement primaire et secondaire. Éducation Celso Mariz, sur les œuvres qui caractérisent la période de la dictature militaire au Brésil. b) Travail sur le roman *O corpo interminável*, de Cláudia Lage de la Méthode Réception, en classe, en se concentrant ainsi à la fois sur la participation des guérilleros dans la lutte contre le régime et sur la violence imposée au genre. c) Réfléchissez à la façon dont les élèves comprennent non seulement la relation entre les femmes et la dictature, ainsi que les traumatismes causés par l'autoritarisme brésilien, à partir des personnages principaux configurés dans le récit de Claudia Lage. La présente recherche s'inscrit dans une étude qualitative, de nature critique-interprétiviste, puisqu'elle est centrée à la fois sur les positions subjectives des étudiants par rapport au roman étudié et sur le regard subjectif du chercheur concernant l'objet d'étude. Afin d'atteindre les objectifs fixés, nous avons suivi quelques voies : a) étude bibliographique sur le sujet recherché ; b) intervention de lecture avec l'œuvre *O corpo interminável*, de Claudia Lage, en classe. Comme base théorique, nous nous appuyons sur les réflexions de Colling (1997), Eurídice Figueiredo (2017-2024), Regina Dalcastagnè (1996- 2020), Rosa (2013), Tânia Pellegrini (1996) sur la littérature, la dictature et le militantisme féminin ; et les concepts d'éducation et de formation à la lecture par : Bordini et Aguiar (1988), Bajour (2012), Lígia Cademartori (2009), Michèle Petit (2008), Dalvi (2021), entre autres. En conséquence, nous avons constaté que les étudiants étaient capables d'avoir un regard critique et réfléchi sur la relation des femmes avec la dictature, ainsi que sur le rôle de premier plan des sujets féminins dans la lutte contre le régime.

Mots-clés: Littérature et dictature; Le militantisme féminin; *O corpo interminável*; Claudia Lage; Formation des lecteurs.

LISTA DE ABREVIações

AI-5- Ato Institucional Número Cinco

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

CNV- Comissão Nacional da Verdade

DOPS- Departamento de Ordem Política e Social

ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio

PNBE- Plano nacional da Biblioteca na Escola

PNLD/ Obras Literárias- Programa Nacional do Livro e do Material Didático/ Obras literárias

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- Alunos assistindo à aula de Língua portuguesa.....	95
Imagem 2- Sala de aula com janelas	96
Imagem 3- Sala de aula com porta	96
Imagem 4- Comemoração do Dia do Ciganos	96
Imagem 5- Auditório da escola	96
Imagem 6- Bibliotecária da escola Celso Mariz.....	99
Imagem 7- Registro da abordagem do conto <i>Joana</i> , de Bernardo Kucinski.....	107
Imagem 8- Registro da abordagem da novela <i>Júlia: nos campos conflagrados do Senhor</i> , de Bernardo Kucinski.....	107
Imagem 9- Alunos lendo o conto <i>Sobre a natureza do homem</i> , de Bernardo Kucinski	118
Imagem 10- Alunos debatendo o conto <i>Sobre a natureza do homem</i> , de Bernardo Kucinski.....	120
Imagem 11- Alunos lendo o romance <i>O corpo interminável</i> , de Cláudia Lage.....	124
Imagem 12- Alunos lendo a obra <i>O corpo interminável</i> , de Cláudia Lage.....	124
Imagem 13- Leitura compartilhada do romance <i>O corpo interminável</i> , de Cláudia Lage	126
Imagem 14- Leitura compartilhada do romance <i>O corpo interminável</i> , de Cláudia Lage	126
Imagem 15- Registro do grupo de <i>WhatsApp</i>	127
Imagem 16- Registro do grupo de <i>WhatsApp</i>	127
Imagem 17- Encenação do capítulo <i>Presenças</i>	136

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Lista de obras sobre Literatura e Ditadura elaborada por Regina Dalcastagnè (UNB).....	30
Quadro 2- Obras que configuram o regime militar brasileiro indicadas no Plano Nacional Biblioteca da Escola de 2006 a 2013.....	45
Quadro 3- Algumas habilidades do campo Artístico-literário do Ensino Médio	52
Quadro 4- Etapas da intervenção de leitura com o romance <i>O corpo interminável</i> , de Claudia Lage.....	92
Quadro 5- Cronograma de atividades do curso de extensão, voltado aos professores de Português e História da escola Celso Mariz	106
Quadro 6- Perguntas norteadoras para o entendimento da narrativa <i>O corpo interminável</i> , de Claudia Lage	127
Quadro 7- Questionando o horizonte de expectativa do leitor	130

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	18
2. LITERATURA SOBRE DITADURA NO ENSINO MÉDIO E OS PRINCIPAIS DOCUMENTOS PARAMETRIZADORES DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	28
2.1 Literatura sobre ditadura no ensino médio e a formação do leitor literário	28
2.2 Literatura sobre ditadura (1964-1985) e a Base Nacional Comum Curricular(BNCC).....	37
2.3 Literatura sobre ditadura no Programa Nacional Biblioteca da Escola(PNBE) e no Plano Nacional do Livro Didático Literário (PNLD Literário).....	44
2.4 O lugar do romance em sala de aula: das dificuldades às possibilidades de ensino.....	47
3. MULHERES EM MEIO À DITADURA	57
3.1 Visibilidade secundarizada da mulher militante na luta contra a ditadura e a relação da guerrilheira com o regime	59
3.2 A autora e suas obras: Claudia Lage em cena.....	63
3.3 Militância feminina e ditadura em <i>O corpo interminável</i> , de Claudia Lage	69
4. O CORPO INTERMINÁVEL, DE CLAUDIA LAGE: EXPERIÊNCIA DE LEITURA.....	91
4.1 Contextualizando o local da pesquisa.....	95
4.2 Conhecendo a turma	101
4.3 Autobiografia de leitor: sondando o horizonte de expectativa dos alunos	109
4.4 O texto e o leitor: sensibilizando os alunos	117
4.5 <i>O corpo interminável</i> em sala de aula	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
REFERÊNCIAS.....	146
APÊNDICES	151
APÊNDICE A- Termo de Consentimento.....	152
APÊNDICE B- Autobiografia de Leitor.....	188
APÊNDICE C- Perguntas norteadoras para o entendimento da narrativa <i>O Corpo Interminável</i> , de Claudia Lage.....	195
APÊNDICE D- Questionário do Horizonte de Expectativa do leitor.....	205

APÊNDICE E- Feedback acerca da experiência de leitura	225
APÊNDICE F- Sequência didática do romance <i>O corpo Interminável</i> , de Claudia Lage	234
ANEXOS.....	240
ANEXO A- Declaração da instituição parceira	241
ANEXO B- Termo de compromisso dos pesquisadores	242
ANEXO C- Parecer Consubstancial do CEP	244

INTRODUÇÃO

Historicamente, a mulher sempre foi educada para cuidar dos filhos, do marido e do lar. Qualquer outra função que fugisse dessa finalidade era negada ao sujeito feminino. No entanto, observa-se que, mesmo diante dessa educação voltada exclusivamente às demandas domésticas- fruto de uma sociedade patriarcal, elas começaram a romper com os códigos da época, adentrando, assim, em outros lugares sociais, a saber: em movimentos estudantis, partidos políticos, grupos de militância contra a ditadura militar brasileira, etc.

A participação feminina na luta contra a ditadura militar no Brasil foi um modo de resistência não só às imposições de gênero, mas também uma forma de contestar a violência imposta pelo governo autoritário, no entanto, por ousarem questionar o papel que lhes foi imposto e inserir-se num espaço destinado ao sujeito masculino, as mulheres sofreram as mais diversas formas de opressão, tais como: foram presas, estupradas, enfrentaram diversos tipos de torturas físicas e psicológicas nas salas de prisão. Em seguida, foram assassinadas pelos seus torturadores, sem que os familiares, amigos e parentes tivessem direito ao luto.

A exemplo dessas barbaridades cometidas pela violência de Estado, podemos citar Dilma Rousseff, ex-presidente do Brasil, presa em 1970. Ao ser capturada pelo regime, ela enfrentou diversos tipos de tortura (pau de arara, choques nas regiões íntimas e socos que ocasionaram a deformação de seus dentes) não só no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), um lugar clandestino utilizado pelos agentes da repressão para torturar os(a) presos(as) políticos(as), mas também no presídio Tiradentes, em São Paulo.

Inclusive, o documentário *Torre das donzelas* configura algumas opressões sofridas por Dilma e outras militantes que foram levadas até esse presídio. Em uma de suas falas, ela declara que além de resistir às violências praticadas pelo regime, também usava aquele espaço e tempo para estudar sobre sociologia e política, já que a organização “Vanguarda Armada Revolucionária Palmares”, da qual fazia parte, exigia que as militantes estudassem.

Também não podemos esquecer que, anos depois, quando Dilma, eleita presidente do Brasil pela segunda vez, foi vítima de um golpe de estado arquitetado por opositores de direita em 2016. De maneira arbitrária, ela foi destituída do seu cargo de presidência, conquistado legalmente nas urnas.

No entanto, em fevereiro de 2022, o Ministério Público Federal arquivou o caso por falta de provas, inocentando, dessa forma, a ex-presidente. Tal fato ficou bastante evidente para a sociedade civil que além de Dilma não ter cometido crime de responsabilidade, também foi vítima de um golpe de estado orquestrado por pessoas coniventes com práticas racistas, homofóbicas, desumanas e que jamais aceitariam uma mulher no poder.

Além de Dilma Rousseff, destacamos a história de Elisabeth Teixeira, viúva do ex-líder camponês João Pedro Teixeira Leite. Após a morte do marido, a ex-militante deu continuidade à luta que seu cônjuge havia começado por melhorias de vida dos trabalhadores rurais. Ao entrar para militância, Elisabeth não só passou a ser perseguida pela polícia, políticos da região de Sapé e donos de terra, como também precisou fugir e ser dada como morta pela família para que, assim, continuasse vivendo.

Ao escolher militar contra o governo, Elisabete teve tanto que romper os laços afetivos com seus familiares, amigos e parentes quanto viver de maneira clandestina ao longo de 17 anos. Cabe ressaltar que, após a morte do esposo, ela também enfrentou vários obstáculos, pois um dos seus filhos foi baleado no crânio por um dos colaboradores do regime. Embora o garoto não tenha morrido, passou vários meses hospitalizado.

Não bastasse isso, a sua filha mais velha, Marluce, que enfrentava problemas de depressão ocasionados pela morte do pai, pelas perseguições à mãe e pelo atentado de morte ao irmão, tomou arsênico e tirou a própria vida. Em meio a tanta dor, sofrimento e injustiça, Elisabete buscou tanto resistir ao governo opressor quanto lutar por um país justo e democrático.

Segundo Ribeiro (2018), embora a ditadura militar brasileira tenha atingido a vida de muitas pessoas, transformando o cotidiano delas num cenário de perseguição, sofrimento e traumas, esse período também serviu como um espaço de empoderamento do sujeito feminino frente às ideologias de gênero, pois muitas mulheres, através de redes informais, começaram a militar contra o regime militar e a hierarquia de gênero. Para essa estudiosa:

[...] as mulheres se movimentaram por trás da chamada “invisibilidade de gênero”, utilizando-a no confronto político mais como uma vantagem e uma forma de empoderamento, do que como uma marca do controle do masculino sobre o feminino. As mulheres apareceram como grandes protagonistas de redes de ajuda clandestinas, utilizando os espaços da família, da escola, da religião e do trabalho para militância (Ribeiro, 2018, p.21).

Mesmo participando, ativamente, dos grupos de militância contra o autoritarismo brasileiro, nota-se que os livros didáticos de história, ao abordar o período da ditadura militar brasileira, apenas mostra a repressão sob a perspectiva do militante. E quando enfatiza a participação da mulher na política, traz apenas a imagem de Dilma sem mencionar o protagonismo das mulheres militantes na luta contra o regime militar.

Percebe-se, também, que os livros de Língua Portuguesa, especificamente, na parte de Literatura, não trazem indicações de obras literárias contemporâneas que enfatizam tanto o horror perpetrado pela ditadura militar quanto o protagonismo das mulheres militantes na luta pela redemocratização de nosso país. Não bastasse tamanha ausência, nesses matérias, da presença do sujeito feminino na política, denota-se que, na maioria das obras literárias, quando as mulheres militantes são retratadas, aparecem em segundo plano, ou seja, como a namoradinha, a companheira, a esposa.

Conforme Ribeiro (2018), há uma tentativa de silenciamento da atuação da mulher na luta contra a ditadura devido a uma estrutura extremamente machista que buscou apagá-las desse dado momento histórico. Logo, como bem salienta essa autora: “é importante por isso, resgatar o pano de fundo no qual as mulheres se moveram e mostrar como por trás de um sistema feito para excluí-las, estas mulheres souberam atuar” (Ribeiro, 2018, p.60).

Diante desse exposto, a presente tese, intitulada **Militância feminina e ditadura: uma experiência de leitura no ensino médio com *O corpo interminável*, de Claudia Lage**, surgiu não só dessas reflexões que tecemos, inicialmente, aqui, mas também em decorrência das leituras realizadas, ainda no mestrado, acerca de narrativas que configuram o período da ditadura militar brasileira e abordam a mulher militante não como um sujeito participativo da revolução, que viveu de forma clandestina, empunhou armas, participou de organizações de esquerda, foi presa, torturada e morta, mas como uma mulher que esteve na luta armada apenas para dar um apoio aos militantes, excluindo, dessa maneira, os feitos dessas mulheres subversivas em prol de uma sociedade justa e democrática.

Dentre essas obras lidas, destacamos: *Tropical sol da liberdade* (1988), de Ana Maria Machado, *Você vai voltar pra mim* (2014), de Bernardo Kucinski, *As meninas* (1973), de Ligia Fagundes Telles, *Azul corvo* (2010), de Adriana Lisboa, entre outras. Diferentemente das três primeiras obras que não abordam a participação da mulher militante na luta contra o regime, a narrativa de Lisboa ainda evidencia, de forma bastante

vaga, a experiência de uma mulher militante, na guerrilha do Araguaia, sofrendo torturas físicas. No entanto, percebe-se que a história dessa personagem fica em segundo plano, pois a autora aprofunda a narrativa sob o ponto de vista da personagem Vanja, uma adolescente que, após perder a mãe, vai em busca de um antigo namorado da sua genitora, com o intuito de que ele possa ajudá-la a encontrar o pai.

De acordo com Ana Maria Colling (1997, p.10), a presença da militante na luta contra a ditadura militar ainda é silenciada nas narrativas que retratam o autoritarismo brasileiro, porque essas obras apenas evidenciam o protagonismo masculino, excluindo, dessa maneira, a militância feminina. Para essa estudiosa, “[...] muitos trabalhos sobre o período militar têm sido elaborados, mas o espaço da mulher dentro dele ainda não foi definido. A mulher militante “subversiva” ainda é uma lacuna a ser ocupada na historiografia brasileira”.

Porém, com a Comissão Nacional da Verdade (CNV), criada pela Lei 12.528/2011 e instalada em 16 de maio de 2012 durante o governo presidencial de Dilma Rousseff, muitos(as) escritores(as), ao terem acesso aos documentos que traziam relatos das vítimas da ditadura, começaram a escrever obras literárias, cujas narrativas abordam não só a trajetória de mulheres diante dos obstáculos que a violência policial e estatal lhes impôs, mas também as experiências traumáticas vividas pelos familiares, amigos e parentes que perderam algum ente querido para a repressão.

A exemplo disso, destacamos o romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage, publicado em 2019 pela editora Record, cuja narrativa configura as experiências das militantes vivendo em clandestinidade, na prisão e nas salas de torturas. Após ter acesso aos documentos da CNV e assistir a alguns documentários acerca desse assunto, a autora buscou escrever a presente obra, a fim de dar visibilidade à figura da mulher militante “[...] diante dos obstáculos e desafios que a violência política e policial lhes impôs, nessas difíceis e tristes décadas de silêncio, repressão, perseguições e mortes (Rago, 2013, p.13).

O texto de Lage, diferentemente de tudo o que já tínhamos lido, fez-nos pensar não só na visibilidade secundarizada da mulher enquanto militante, mas também na relação da figura feminina com a ditadura, na violência de gênero diluída em seus cotidianos e na forma como a ditadura agia sobre os seus corpos, instigando-nos, dessa maneira, a pesquisar a recepção dos alunos diante de uma narrativa que evidencia, de maneira bastante singular, tanto o protagonismo feminino nas lutas a favor da democracia quanto as experiências das guerrilheiras marcadas pela violência de Estado.

Como bem ressalta Regina Dalcastagnè (2019), no prefácio do livro, a narrativa

de Cláudia Lage torna-se inovadora, justamente, pelo fato de destacar a mulher não como a namoradinha, a esposa do militante, mas como uma guerrilheira que, de maneira ousada e corajosa, lutou pela democracia de nosso país e sofreu as mais diversas violências. De acordo com essa crítica literária, o romance da escritora carioca é um livro que fala:

[...] sobre mulheres durante e após a ditadura. Mulheres que escolheram estar lá, em meio à luta, não por terem sido envolvidas por homens, como seus familiares por vezes preferiram acreditar, mas porque sonhavam com justiça e liberdade. Este é um livro que ousa tocar, delicadamente, em suas feridas e nos faz ver a ferocidade de um tempo que não tornou passado, porque continua doendo em muita gente e porque ainda existem os que têm a indecência de negá-lo (Dalcastagnè, prefácio, 2019).

Além de trazer para o centro da narrativa as experiências das guerrilheiras vivendo na clandestinidade, nas salas de torturas, enfrentando a violência de Estado e a diferença de gênero, a obra de Cláudia Lage também dá visibilidade ao estupro vivenciado pelas militantes na prisão, o que torna o romance dessa escritora ainda mais potente, pois rompe com o silenciamento do feminino.

Segundo a pesquisadora Eurídice Figueiredo, na obra *A literatura como arquivo da ditadura* (2017), as narrativas que tratam do autoritarismo brasileiro podem levar o aluno não só a imaginar o que pensaram e sentiram as vítimas da repressão, mas também a refletir sobre esse passado recente de graves violações de direitos humanos. Para essa estudiosa, apropriar-se das obras que tematizam esse período é um “dever de memória” (Figueiredo, 2017, p.13).

Ao dialogar com a crítica literária acima, nota-se o quanto é importante o professor de Literatura levar para a sala de aula narrativas que tematizam as barbaridades da ditadura militar brasileira, sobretudo porque tivemos, recentemente, um presidente que fazia menção ao regime militar, elogiava, nas redes sociais e nos jornais televisivos, torturadores, atacava atingidos e familiares de mortos e desaparecidos, “[...] desmontava políticas de reparação e tentava mudar a narrativa sobre o golpe militar, por meio do negacionismo histórico” (Merlino e Borges, 2019, p.24).

Embora a crítica literária mostre a necessidade e a relevância de se trabalhar essas obras literárias, a fim de refletirmos sobre as atrocidades cometidas por esse regime de exceção, bem como de evitarmos que esse tipo de violência se repita em nosso meio, observa-se que, em muitas instituições escolares, sobretudo nos colégios militares e particulares, essas narrativas não são abordadas nas aulas de Literatura, porque tratam

da memória de tempos sombrios, tocam em feridas abertas e latejantes de nossa sociedade. Outrossim, percebe-se que as secretarias de educação do estado da Paraíba não promovem formação para os professores de Língua Portuguesa e História relacionada ao ensino de obras literárias sobre a ditadura militar brasileira.

Entretanto, constata-se que a ausência de Literatura sobre a Ditadura em sala de aula acaba ocasionando um prejuízo imenso à formação literária dos educandos. Logo, é importante que eles conheçam esse passado recente, cujas raízes, como bem salienta a antropóloga e historiadora Lilian Schwarcz (2019), ainda repercutem no tempo presente, a fim de refletir sobre as diversas manifestações autoritárias e os discursos de ódios que estão diluídos no cotidiano do sujeito pós-moderno.

Nesta mesma chave de leitura, Eurídice Figueiredo (2017) declara que as obras que tratam do período da ditadura militar têm um enorme valor, pois contribuem para uma reflexão sobre a história desse passado de graves violações de direitos humanos. Também porque não se pode esquecer o que os agentes da repressão cometeram àqueles(as) que lutaram pela democracia e pela redução de desigualdades.

Tendo em vista essas reflexões iniciais, a nossa pesquisa partiu da problemática de que há uma visibilidade secundarizada, nas narrativas ficcionais, da participação ativa das militantes e das suas experiências corporais, vivenciadas no contexto da Ditadura Militar. Considera-se que as mulheres desempenharam papel ativo nos movimentos estudantis, partidos, sindicatos e organizações clandestinas, rompendo com as funções que lhes estavam propostas pela cultura tradicional, porém essas atividades não são apontadas como fatores relevantes nas discussões sobre esse período histórico, nem figuradas nessa perspectiva de militância na estética literária.

Levando em consideração essa problemática, a nossa pesquisa teve como objetivo principal analisar, no romance *O corpo interminável*, de Cláudia Lage, os modos de representação da mulher militante no período da ditadura no Brasil, com alunos do 2º ano do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, localizada numa comunidade cigana, da cidade de Sousa-PB, a partir do Método Recepional, desenvolvido por Bordini e Aguiar (1988). Tendo, dessa forma, como objetivos específicos: a) Descrever, a partir da *autobiografia de leitor*, desenvolvida por Anne Rouxel, o conhecimento dos discentes, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, localizada na cidade de Sousa, acerca de obras que configuram o período da ditadura militar no Brasil; b) Trabalhar o romance *O corpo interminável*, de Cláudia Lage a partir do Método Recepional, proposto por Aguiar e Bordini (1988) em

sala de aula, focalizando, assim, tanto a participação das guerrilheiras na luta contra o regime, quanto a violência imposta ao gênero; c) Refletir acerca do modo como os alunos compreendem não só a relação da mulher com a ditadura, bem como os traumas ocasionados pelo autoritarismo brasileiro a partir dos personagens principais configurados na narrativa de Claudia Lage.

O nosso estudo deu-se a partir dos seguintes questionamentos: a) O romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage, pode levar o aluno a ter uma visão crítica e significativa acerca da relação da mulher com a Ditadura Militar? b) Como os atos de torturas ao corpo feminino são retratados na obra dessa escritora? c) De que maneira os conflitos das personagens militantes são configurados nesse romance?

Essa narrativa foi escolhida porque, além de abordar a mulher na perspectiva inovadora da militância e promover o contato de leitura com uma autora pouco estudada tanto no universo acadêmico quanto no espaço escolar, também dialoga, por meio da temática da ditadura, com o contexto atual, em que assistimos de perto às manifestações da extrema-direita em relação à volta desse regime e da intervenção militar. Também porque, no ensino médio, as obras que abordam tanto o período da ditadura militar no Brasil quanto o protagonismo das mulheres na luta contra o regime não são estudadas pelos alunos.

Ao nos propormos a analisar a obra *O corpo Interminável*, de Claudia, buscamos investigar a fortuna crítica dessa narrativa. Com relação aos estudos já publicados, como era esperado, ainda não encontramos nenhuma tese relacionada ao nosso objetivo de estudo, no entanto, já existem alguns trabalhos de conclusão de cursos (TCC) e resenha crítica sobre esse romance.

Carlos Wender Sousa Silva foi o responsável por escrever a primeira resenha crítica acerca dessa obra, intitulado *Claudia Lage- O corpo interminável*. Nesse trabalho, ele fala, de forma geral, sobre o enredo e o contexto da obra, sobre as múltiplas significações que o título do livro sugere, bem como sobre a trajetória da escritora.

Além dessa resenha crítica, temos o trabalho de TCC de Michael Douglas Silva de Oliveira, intitulado *Reconstrução e Superação: A literatura de testemunho em O corpo interminável, de Claudia Lage*, no qual o autor busca analisar a narrativa a partir das categorias de análise: memória e testemunho.

Também temos o artigo de Deyse Filgueiras Batista Marques e Renata Rocha Ribeiro, denominado *A aporia do trauma e a escrita da resistência: o passado que não passa em O corpo interminável*, de Claudia Lage, cujo objetivo principal buscou “refletir

sobre os percursos narrativos ficcionais e de resistência em face do trauma e do esquecimento históricos relacionados à ditadura militar no Brasil através do romance em estudo” (Marques, Ribeiro, 2023, p.265).

Como podemos ver, já temos alguns trabalhos acerca do romance de Claudia Lage publicados através de diferentes perspectivas que servem para ampliar o nosso olhar enquanto leitor acerca dessa narrativa. Embora essa obra esteja sendo bastante estudada nas universidades, nos eventos acadêmicos e já tenha algumas publicações, nota-se que a nossa pesquisa se distingue das demais, justamente, porque busca analisar a recepção dos alunos em relação à obra em estudo. Também porque nossa pesquisa é interdisciplinar, ou seja, envolve Literatura, História e Ensino.

Outrossim, entendemos que a leitura que fazemos aqui não invalida ou contra argumenta os trabalhos publicados, pois mesmo sendo analisados sob diferentes perspectivas, acabam dialogando entre si, juntamente, porque refletem sobre o regime militar e as profundas feridas que a violência de Estado provocou àqueles que sonham com um país democrático.

Assim sendo, para desenvolver essa pesquisa, utilizamos as reflexões de Colling (1997), Eurídice Figueiredo (2017; 2024), Regina Dalcastagnè (1996; 2020), Rosa (2013), Tânia Pellegrini (1996) sobre Literatura, Ditadura e Militância Feminina; e as concepções de Ensino e Formação Leitora de: Bordini e Aguiar (1988), Bajour (2012), Lígia Cademartori (2009), Michèle Petit (2008), Dalvi (2021), entre outros.

A nossa pesquisa faz parte de um estudo qualitativo, de caráter exploratório, uma vez que está centrada nos posicionamentos subjetivos dos educandos em relação ao romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage. Os participantes de nosso estudo foram alunos do 2º ano do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, localizada numa comunidade Cigana da cidade de Sousa-PB. É interessante destacar que a instituição escolar possui um público bem misto, ou seja, temos alunos ciganos e não ciganos estudando nesse estabelecimento de ensino.

No que concerne à coleta de dados, as informações dessa pesquisa foram colhidas através da *Autobiografia de Leitor*, proposta por Annie Rouxel (2013), por meio da qual buscamos conhecer a identidade literária dos alunos e, a partir dela, investigar o perfil desses discentes enquanto sujeito leitores e as suas vivências com o texto literário. Também desenvolvemos uma atividade envolvendo questões relacionadas à obra em estudo, a fim de analisar a recepção dos educandos.

Quanto à metodologia utilizada em nossa pesquisa, nós utilizamos as seguintes

etapas do Método Recepcional para trabalhar o romance de Claudia Lage em sala de aula: a) *sondagem do horizonte de expectativa do leitor*; b) *atendimento do horizonte de expectativa do leitor*; c) *questionamento do horizonte de expectativa do leitor*; d) *ampliação do horizonte de expectativa do leitor*.

É interessante ressaltar que esse método foi escolhido porque propicia um envolvimento do aluno em contato com o texto literário, pois como bem enfatizam as autoras, “o processo de recepção textual implica a participação ativa e criativa daquele que lê, sem com isso sufocar-se a autonomia da obra” (Aguiar, Bordini, 1988, p.86). Também porque, partindo do horizonte de expectativa do leitor, o docente poderá criar meios para que esse aluno não somente reflita sobre a obra estudada, mas também se posicione criticamente, ampliando, assim, o seu horizonte de expectativa.

No tocante à escrita dos capítulos, a nossa tese está dividida da seguinte maneira: no primeiro capítulo, intitulado de *Literatura sobre ditadura no ensino médio e os principais documentos parametrizadores da educação brasileira*, investigamos não só a ausência de narrativas que tratam do autoritarismo brasileiro nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Médio, mas também analisamos, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no Plano Nacional da Biblioteca na Escola (PNBE) e no Programa Nacional do Livro e do Material Didático/ Literário (PNLD/ Literário) se existem indicações de obras que evidenciam as barbaridades do regime militar.

Ainda nesse capítulo, refletimos sobre a importância de estudar obras literárias, cujas narrativas evidenciam o autoritarismo brasileiro e os desafios de se trabalhar o gênero romance em sala de aula. E, para finalizá-lo, discorreremos sobre o Método Recepcional como estratégia metodológica de ensino na perspectiva da formação leitora.

No capítulo dois: *Mulheres em meio à ditadura*, falamos um pouco sobre a visibilidade secundarizada da mulher militante na luta contra o regime militar brasileiro e sobre as obras de Claudia Lage e sua trajetória literária. Também discorreremos sobre o contexto da narrativa, a fim de aproximar o nosso leitor sobre o período histórico tematizado no romance estudado. Em seguida, fazemos uma análise crítico-interpretativa da representação da militância feminina em *O corpo interminável*, de Claudia Lage, enfatizando, dessa maneira, a relação da mulher com a ditadura, a violência de gênero praticada às guerrilheiras, a tentativa de apagamento das barbáries da ditadura e o trauma sequencial provocado às vítimas do regime.

Por fim, no capítulo três, denominado *O corpo interminável*, de Claudia Lage: *uma experiência de leitura*, discorreremos sobre a nossa intervenção de leitura,

evidenciando, dessa maneira, o perfil literário dos alunos, as dificuldades encontradas para trabalhar a obra de Cláudia Lage, bem como as estratégias utilizadas para que os educandos pudessem tanto continuar a leitura quanto ter uma visão crítica acerca da narrativa em estudo.

Também falamos um pouco sobre as dificuldades que a escola enfrenta no tocante à formação leitora, já que não tem uma biblioteca atualizada, a funcionária que toma conta desse espaço não tem uma formação específica na área, e os professores de Língua Portuguesa não possuem um tempo significativo para dedicar-se à leitura das obras literárias contemporâneas, cujas narrativas abordam esse período de tamanhas barbaridades.

Enfim, a conclusão dessa pesquisa nos mostra que, enquanto professores de Língua Portuguesa/Literatura, precisaremos sempre refletir a nossa prática pedagógica, buscar caminhos possíveis para que o aluno possa ter acesso a outras obras literárias, oportunizar leituras que ampliem os horizontes desses jovens e, principalmente, utilizar metodologias significativas que tornem o aluno um sujeito protagonista mediante o processo ensino-aprendizagem, pois como diz a professora e pesquisadora Maria Amélia Dalvi, na obra *A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora* (2021), as nossas aulas de Literatura não podem ser utilizadas para o cumprimento de uma nota, mas para levar os alunos a pensar sobre a realidade deles, o mundo a sua volta e, principalmente, a questionar as diversas opressões que estão presentes em nosso cotidiano.

1. LITERATURA SOBRE DITADURA NO ENSINO MÉDIO E OS PRINCIPAIS DOCUMENTOS PARAMETRIZADORES DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Como vimos na introdução deste trabalho, as obras que tematizam o período da ditadura militar no Brasil não são estudadas nos anos finais da educação básica. Entendemos que por resgatar esse dado período histórico, esse tipo de Literatura conduz o leitor não só a refletir sobre as barbaridades praticadas àqueles que ousaram ir contra os agentes da repressão, como também acerca desse passado recente que está diluído em nosso cotidiano.

Desse modo, por compreendermos o quanto essas obras são importantes para a compreensão não só da política de silenciamento e de esquecimento sobre esse período autoritário, mas também “da naturalização da violência como grave sintoma social no Brasil” (Kehl, 2010), o presente capítulo busca analisar tanto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), quanto no Plano Nacional da Biblioteca na Escola (PNBE) e no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD)- Obras Literárias, se há algum direcionamento para o ensino desse tipo de Literatura nos últimos anos da educação básica.

Como essa pesquisa também foi desenvolvida a partir de uma experiência de leitura com *O corpo interminável*, de Cláudia Lage, buscaremos, no tópico a seguir, abordar a relevância dos estudos das obras literárias que abordam a ditadura militar numa perspectiva de formação leitora em turmas de ensino médio. Por fim, nós falamos um pouco sobre as dificuldades e as possibilidades de trabalhar o gênero romance em sala de aula.

Como dito em outros momentos, a escolha do referido romance é relevante porque aborda não só a tentativa de apagamento dos horrores perpetrados pela ditadura, mas também a violência imposta ao corpo feminino e as experiências vividas pelas presas políticas nas salas de torturas durante a clandestinidade e no momento de morte.

1.1 Literatura sobre Ditadura no Ensino Médio e a Formação do Leitor Literário

“[...] o olhar crítico sobre a ditadura nos tempos atuais, ao mesmo tempo que constitui um gesto de resistência ao esquecimento e de restituição de verdades silenciadas, representa ainda o esforço para a configuração de novas percepções do presente, que possibilitem a construção de um futuro mais justo (Oliveira, Thomaz, 2020, p.13).

Nos últimos anos, muito tem se discutido sobre o ensino de Literatura numa perspectiva de formação do leitor no nível médio de escolaridade, porque além de as escolas persistirem com práticas educacionais ou metodologias que não colaboram com o processo de formação crítica e autônoma do sujeito leitor, tais como: aulas expositivas de classes literárias, estudos de fragmentos de textos literários e exercícios, os professores de Língua Portuguesa também precisam preparar o educando para a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), restando-lhes, assim, um curto espaço de tempo para o trabalho com as obras literárias em sala de aula.

Diante de um currículo bastante extenso a ser seguido no ensino médio, os docentes acabam optando por textos mais curtos e negligenciado as obras mais complexas, tais como aquelas que abordam o regime militar brasileiro. Ao afirmar isso, tomamos como base a nossa pesquisa de mestrado intitulada “Literatura no contexto da Ditadura: uma experiência de leitura com *Mãe judia, 1964*, de Moacyr Scliar”, realizada com alunos do 3º ano do ensino médio em uma escola de comunidade cigana da cidade de Sousa-PB, no ano de 2018. Ao fazer essa intervenção de leitura, constatamos que tanto os professores quanto os alunos desconheciam as obras que configuram esse dado momento histórico.

Embora o estudo desse tipo de Literatura ainda não seja comum no ensino médio e a maioria dos professores afirme desconhecer as obras que pensam o país sob as barbaridades do regime militar, temos um acervo bastante amplo de obras que podem nos ajudar a entender esse passado de graves violações de direitos humanos, cujas práticas violentas ressoam em nosso presente por meio do racismo, do preconceito, da violência de gênero, do abuso de poder por parte da polícia, da misoginia, do descaso de líderes políticos com os grupos minoritários, etc.

Inclusive, a professora Regina Dalcastagnè¹, estudiosa e crítica da área de Literatura sobre Ditadura, fez um levantamento das principais obras escritas não só durante o período do regime militar, mas também após a violência de Estado que resultou numa lista com diversas narrativas.

O intuito dessa pesquisadora ao publicar essa lista de obras sobre o autoritarismo

¹ A lista com a indicação de obras sobre Literatura e Ditadura pode ser acessada diretamente na página do *Facebook* de Regina Dalcastagnè por meio do seguinte endereço eletrônico: <https://www.facebook.com/regina.dalcastagne.3>. Sempre que possível, a pesquisadora está atualizando esses livros em sua rede social e virtual.

brasileiro é não só propagar esse tipo de Literatura em sua rede social, (re)aproximando o leitor desse período, mas também levá-lo a um entendimento mais apurado acerca das crueldades praticadas pelos agentes da repressão, tais como: torturas físicas e psicológicas, os diversos estupros, os sumiços de corpos dos militantes e as mortes, pois como bem destaca Dalcastagnè (1996, p.15): rever essas obras é não só “[...] um bom exercício para a memória-mesmo aqueles que não estiveram lá, aqueles que só vieram depois, herdeiros da dor”, mas também uma forma de não esquecer o que os agentes da repressão cometeram àqueles que sonhavam com um mundo mais justo, democrático e que, por desafiarem o sistema repressivo, foram punidos barbaramente. Vejamos a indicação dessas obras na tabela abaixo:

QUADRO 1- Lista de obras sobre Literatura e Ditadura elaborada por Regina Dalcastagnè (UNB).

OBRAS SOBRE LITERATURA E DITADURA	AUTORES
<i>A chave de casa</i> (2007)	Tatiana Salem Levy
<i>À espera do nunca mais: uma saga amazônica</i> (1999)	Nicodemos Sena
<i>A expedição Montaigne</i> (1982)	Antonio Callado
<i>A festa</i> (1976)	Ivan Ângelo
<i>A hora dos ruminantes</i> (1966)	José J. Veiga
<i>A importância dos telhados</i> (2020)	Vanessa Molnar
<i>Alexandria em meus sonhos</i> (1991)	Nilton de Freitas Monteiro
<i>A noite da espera</i> (2017)	Milton Hatoum
<i>Anos de chumbo e outros contos</i> (2021)	Chico Buarque
<i>A resistência</i> (2015)	Julián Fuks
<i>A vida invisível de Eurídice Gusmão</i> (2016)	Martha Batalha
<i>A voz submersa</i> (1984)	Salim Miguel
<i>Ainda estou aqui</i> (2015)	Marcelo Rubens Paiva
<i>Antes do passado: o silêncio que vem do Araguaia</i> (2012)	Liniane Haag Brum
<i>Aqui, no coração do inferno</i> (2016)	Micheline Veruschk
<i>As meninas</i> (1973)	Lygia Fagundes Telles
<i>As netas da Ema</i> (2005)	Eugênia Zerbini

<i>Avalovara</i> (1973)	Osman Lins
<i>Azul corvo</i> (2010)	Adriana Lisboa
<i>Bar Don Juan</i> (1971)	Antonio Callado
<i>Batismo de sangue</i> (1982)	Frei Beto
<i>Cabo de guerra</i> (2016)	Ivone Benedetti
<i>Chão de exílio</i> (2021)	Wanda Monteiro
<i>Correio do fim do mundo</i> (2018)	Tomás Chiaverini
<i>Crônicas do Araguaia</i> (2015)	Janailson Macedo
<i>Damas da noite</i> (2014)	Edgard Telles Ribeiro
<i>Depois da rua Tutoia</i> (2016)	Eduardo Reina
<i>Depois de tudo tem uma vírgula</i> (2021)	Elizabeth Cardoso
<i>Diário do farol</i> (2002)	João Ubaldo Ribeiro
<i>Dois</i> (2017)	Oscar Nakasato
<i>Elefantes no céu de Piedade</i> (2022)	Fernando Molica
<i>Em câmara lenta</i> (1977)	Renato Tapajós
<i>Em liberdade</i> (1981)	Silviano Santiago
<i>Estive lá fora</i> (2012)	Ronaldo Correia de Brito
<i>Feliz ano velho</i> (1982)	Marcelo Rubens Paiva
<i>Felizes poucos</i> (2016)	Maria José Silveira
<i>Grande mar oceano</i> (2019)	Leonardo Almeida Filho
<i>Há um débito em seu nome</i> (2020)	Maurício Corrêa
<i>História natural da ditadura</i> (2006)	Teixeira Coelho
<i>Humanos exemplares</i> (2022)	Juliana Leite
<i>Imaculada</i> (2013)	Denise Assis
<i>Incidente em Antares</i> (1971)	Érico Veríssimo
<i>Julia nos campos conflagrados do senhor</i> (2020)	Bernardo Kucinski
<i>K.: relato de uma busca</i> (2011)	Bernardo Kucinski
<i>Lobos</i> (1997)	Rubem Mauro Machado
<i>Mar Azul</i> (2012)	Paloma Vidal
<i>Mulheres que mordem</i> (2015)	Beatriz Leal
<i>Na teia do sol</i> , (2004)	Menalton Braff
<i>Não és tu, Brasil</i> (1996)	Marcelo Rubens Paiva
<i>Não falei</i> (2004)	Beatriz Bracher

<i>Não verás país nenhum</i> (1981)	Ignacio Loyola de Brandão
<i>Nem tudo é silêncio</i> (2010)	Sônia Regina Bischain
<i>Noite dentro da noite</i> (2017)	Joca Reiners Terron
<i>No fundo do oceano, os animais invisíveis</i> (2020)	Anita Deak
<i>Nos idos de março</i> (2014)	org. de Luiz Ruffato
<i>O amor dos homens avulsos</i> (2016)	Victor Heringer
<i>O amor, esse obstáculo</i> (2018)	Micheliny Verunschik
<i>O beijo da morte</i> (2003)	Carlos Heitor Cony e Ana Lee
<i>O corpo interminável</i> (2019)	Cláudia Lage
<i>O estandarte da agonia</i> (1981)	Heloneida Studart
<i>O experimento de Avelar</i> (1997)	Luiz Eduardo Soares
<i>O fantasma de Buñuel</i> (2004)	Maria José Silveira
<i>O filho da ditadura</i> (2010)	Juvenal Teodoro Payayá
<i>O guardador de fantasmas</i> (1996)	Fábio Campana
<i>O indizível sentido do amor</i> (2017)	Rosângela Vieira Rocha
<i>Onde andaré Dulce Veiga</i> (1996)	Caio Fernando Abreu
<i>O pardal é um pássaro azul</i> (1975)	Heloneida Studart
<i>O peso do coração do homem</i> (2017)	Micheliny Verunschik
<i>O que é isso companheiro?</i> (1979)	Fernando Gabeira
<i>O segredo da boneca russa</i> (2018)	Celma Prata
<i>O simples coronel Madureira</i> (1967)	Marques Rebelo
<i>O torturador em romaria</i> (1986)	Heloneida Studart
<i>O último dia da inocência</i> (2019)	Edney Silvestre
<i>Os carbonários</i> (1980)	Alfredo Sirkis
<i>Os novos</i> (1971)	Luiz Vilela
<i>Os pecados da tribo</i> (1976)	José J. Veiga
<i>Os que bebem como os cães</i> (1975)	Assis Brasil
<i>Os tambores silenciosos</i> (1977)	Josué Guimarães
<i>Os visitantes</i> (2016)	Bernardo Kucinski
<i>Outono</i> (2018)	Lucília Garcez
<i>Outros cantos</i> (2016)	Maria Valéria Rezende
<i>Palavras cruzadas</i> (2015)	Guiomar de Grammont
<i>Pedaço de santo</i> (1997)	Godofredo de Oliveira Neto

	(republicado em 2011 com o título de Amores exilados)
<i>Pesadelo</i> (2019)	Pedro Tierra
<i>Pontos de fuga</i> (2019)	Milton Hatoum
<i>Pra amanhecer ontem</i> (2017)	Ana Mariano
<i>Primeiro de abril</i> (1994)	Salim Miguel
<i>Prova contrária</i> (2003)	Fernando Bonassi
<i>Quarenta dias</i> (2014)	Maria Valéria Rezende
<i>Quarup</i> (1967)	Antonio Callado
<i>Quatro olhos</i> (1976)	Renato Pompeu
<i>Que fim levaram as flores</i> (2019)	Otto Leopoldo Winck
<i>Reflexos do baile</i> (1976)	Antonio Callado
<i>Retrato calado</i> (1988)	Luiz Roberto Salinas Fortes
<i>Rio – Paris – Rio</i> (2017)	Luciana Hidalgo
<i>Sempre viva</i> (1981)	Antonio Callado
<i>Setenta</i> (2019)	Henrique Schneider
<i>Silêncio na cidade</i> (2017)	Roberto Seabra
<i>Sob os pés, meu corpo inteiro</i> (2018)	Márcia Tiburi
<i>Soledad no Recife</i> (2009)	Uraniano Mota
<i>Solidão calcinada</i> (2007)	Bárbara Lia
<i>Sombras de reis barbudos</i> (1972)	José J. Veiga
<i>Tocaia do Norte</i> (2020),	Sandra Godinho
<i>Tropical sol da liberdade</i> (1988)	Ana Maria Machado
<i>Um certo Jaques Natan</i> (1991)	Carlos Nejar
<i>Um romance de geração</i> (1980)	Sérgio Sant’Anna
<i>Vidas provisórias</i> (2013)	Edney Silvestre
<i>Você vai voltar para mim</i> (2014)	Bernardo Kucinski
<i>Volto semana que vem</i> (2015)	Maria Pilla
<i>Zero</i> (1975)	Ignacio Loyola de Brandão

Fonte: Dalcastagnè/ Facebook 2023.

Como podemos ver, no quadro acima, há mais de 100 obras literárias que podem ajudar o professor a não só adentrar neste tipo de literatura, mas também a aprofundar seus conhecimentos acerca desse dado momento histórico. Cabe ressaltar que foi através

dessa referência que tomamos conhecimento do romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage- nosso objeto de estudo.

As obras, cuja enredo aborda a violência ditatorial no Brasil, permitem ao leitor não apenas compreender um gênero literário ou um determinado contexto, mas também denunciar as atrocidades cometidas pelo regime. Enquanto obra de arte, a Literatura guarda “[...] de maneira mais incisiva do que a historiografia, a memória ainda dolorida de um tempo áspero e impróprio. Um tempo em que uma barbárie antiga mostrou seu rosto dramaticamente moderno e capaz de impor o regime do horror” (Dalcastagnè, Vecchi, 2014, p.11).

Ao narrar cenas de torturas, de assassinatos, de clandestinidade e de exílio, as obras literárias tiram do esquecimento fatos que se prendeu silenciar, a fim de resgatar não só a memória de um tempo pouco conhecido, mas também de refletir sobre os traumas provocados aos parentes, amigos e familiares das vítimas do regime militar brasileiro.

Em tempos de extrema fragilidade democrática, de embates ideológicos e, principalmente, de políticos que exaltam torturadores e defendem a volta à ditadura militar, “a literatura e a cultura podem configurar-se, assim, como um espaço cultural de enorme potência em relação aos restos, aos despojos, às ruínas e às destruições do passado” (Dalcastagnè, Vecchi, 2014, p.12), ajudando-nos, dessa maneira, a pensar a nossa sociedade e a refletir sobre esse passado recente.

Nesta mesma chave de leitura, Eurídice Figueiredo (2017, p. 29) assinala que a Literatura cumpre a função de suplemento de arquivo da ditadura, pois ao criar personagens e simular determinadas situações ocorridas nesse passado de restrições de direitos humanos, as obras literárias podem levar o leitor “[...] a imaginar aquilo que foi efetivamente vivido por homens e mulheres”, ou seja, as torturas físicas e psicológicas sofridas pelos opositores da ditadura, os traumas ocasionados às famílias das vítimas do regime e o sofrimento das gerações passadas.

Como bem mostram as pesquisadoras, a ficção contemporânea volta-se para a temática do regime como uma forma de resistência à tentativa de esquecimento das barbaridades perpetradas durante esse período, ou seja, além de ser um resgate desse passado traumático, de um lugar de escuta das vozes violentamente silenciadas pela ditadura, também é um espaço de denúncia da dor, das mortes, das feridas abertas de difíceis cicatrizações que se abriram no corpo e na memória das vítimas, bem como de injustiças sociais e políticas.

A partir das veredas ficcionais, a Literatura cumpre um testemunho histórico,

capaz de lançar, via imaginação, novas compreensões sobre um tempo bastante duro, pois como nos lembra Dalcastagnè e Vecchi (2014, p.12), “a literatura se configura como um campo privilegiado a partir do qual se pode praticar uma política do nome próprio em relação ao passado, em que a violência não se eufemiza nos disfarces linguísticos e pode declinar-se em todas as forças que a constituem”.

Em outras palavras, os textos literários sobre a ditadura, devido a sua pluralidade de sentidos e diante da subjetividade de cada leitor, podem provocar reações diversas nos sujeitos, tais como: incômodo frente às violências sofridas pelas vítimas do autoritarismo brasileiro, revolta contra as injustiças sociais e políticas cometidas pelos representantes do regime e efeito catártico diante do sofrimento dos personagens.

Nesse sentido, como bem salienta Figueiredo (2017, p.41): “o passado está aberto para novas interpretações, donde a importância da Literatura para reelaborar os traumas causados pela ditadura”. Ao interpretar as palavras da pesquisadora, depreende-se que, ao reelaborar esse passado de tamanho sofrimento e crueldade, a Literatura sobre a ditadura pode levar o leitor não só a imaginar o que cada vítima do regime militar vivenciou, sentiu e sofreu, mas também a entender o que as práticas de governos autoritários (torturas físicas e psicológicas, perseguição, mortes, etc.) podem ocasionar numa sociedade, a fim de que elas não mais se repitam em nosso meio.

Em sintonia com Eurídice Figueiredo, Ginzburg (2004, p.53) ressalta que a Literatura assume a função de abrigar toda a melancolia que ficou nas gerações vitimadas, “respeitando a dor dos que ficaram, na falta dos que se foram”, preenchendo as lacunas ocasionadas pelo regime autoritário. Além desse estudioso, Seligmann-Silva, no livro *História, memória e literatura* (2003), afirma que toda obra de arte pode e deve ser lida como um teor testemunhal das atrocidades cometidas pelos regimes totalitários, pois como bem enfatiza o autor:

Pensar a literatura brasileira a partir da chave do testemunho implica ampliar a “caixa de ferramentas” do leitor e as suas possibilidades de abordar uma literatura saturada de contato com um cotidiano e uma estrutura social violentos e com práticas de exclusão-social e ética-igualmente aviltantes (Seligmann, 2003, p.41-42).

A noção de testemunho, evidenciada pelo autor, compreende tanto o discurso da memória, quanto da teoria do trauma, uma vez que reflete sobre “as aporias da (re) escritura do passado” (Seligman, 2003, p.42). Para esse pensador, é necessário que cada

documento sobre as atrocidades perpetradas pela violência de Estado seja recuperado, estudado, criticado e conservado, de modo a manter viva a memória daqueles que ousaram ir contra a ditadura militar e evitar que novas opressões ocorram.

Em conformidade com esse crítico literário, Figueiredo (2017, p.35) também afirma que toda obra de arte sobre a violência ditatorial é relevante porque “[...] não se pode esquecer o que foi perpetrado, é preciso render tributos àqueles que lutaram pela utopia de um país mais justo e mais democrático. [...] Ao rememorar as vítimas, a arte suscita a reflexão, na esperança de que não ocorram novas catástrofes”.

Em sintonia com esses autores, Gagnebin (2006, p. 16), ao falar sobre o diálogo entre o passado e o presente, afirma que “a exigência de rememoração do passado não implica simplesmente a restauração do passado, mas também uma transformação do presente tal que, se o passado perdido aí for reencontrado, ele não fique o mesmo, mas seja, ele também, retomado e transformado”.

Assim, os estudos das representações literárias, que resgatam os horrores cometidos pelo autoritarismo brasileiro correspondem à investigação da complexidade dessas experiências simbólicas dos militantes e ajudam os leitores a “romper com explicações totalizantes e apaziguadoras que ofendem as lembranças das vítimas e de seus familiares” (Figueiredo, 2017, p.41).

Diante das discussões dos estudiosos acima sobre esse tipo de Literatura, percebe-se o quanto é importante o professor trabalhar as obras literárias sobre a ditadura militar no Brasil em sala de aula, pois além de ampliar o horizonte de expectativa dos educandos, também os ajuda a entender o Brasil atual, fruto de várias violências (colonialismo, a escravidão e o regime militar).

O ensino médio deve priorizar uma educação significativa, que proporcione aos alunos vivenciarem não só experiências capazes de torná-los sujeitos mais autônomos, críticos e participativos diante da sociedade em que estão inseridos, mas também de levá-los a ter posicionamentos responsáveis e éticos diante dos diversos campos de atuação social.

Além disso, como bem estabelece a Base Nacional Comum Curricular (2018), no ensino médio, a escola deve trabalhar obras mais complexas de nossa Literatura e ampliar as leituras dos discentes, de modo a assegurar uma educação literária capaz de contribuir com a formação do sujeito leitor e garantir “[...] as aprendizagens necessárias para a leitura da realidade, o enfrentamento dos novos desafios da contemporaneidade (sociais, econômicos e ambientais) e a tomada de decisões éticas e fundamentadas” (Brasil, 2018,

p.463).

A BNCC, por sua vez, estabelece a necessidade de se pensar um ensino que ressignifique as práticas educativas e que contemple a formação integral do discente, a fim de atender tanto às expectativas dos jovens estudantes quanto às demandas do mundo contemporâneo. Conforme esse documento normativo:

O mundo deve lhes ser apresentado como campo aberto para investigação e intervenção quanto a seus aspectos políticos, sociais, produtivos, ambientais e culturais, de modo que se sintam estimulados a equacionar e resolver questões legadas pelas gerações anteriores- e que se refletem nos contextos atuais-, abrindo-se criativamente para o novo (Brasil, 2018, p.463).

Logo, trabalhar produções literárias sobre os desmandos da ditadura militar no ensino médio é uma forma não só de garantir ao educando o acesso às diversas obras e autores que, através das veredas ficcionais, retrataram as barbaridades dos agentes da repressão, mas também de levá-los a compreender, de forma mais ampla, a estrutura política de nosso Brasil, sobretudo, da naturalização da violência em nossa sociedade, pois “[...] a história brasileira, transposta em temas literários, comporta uma violência de múltiplos matizes, tons e semitons, que pode ser encontrada desde as origens, tanto em prosa quanto em poesia” (Pellegrini, 2008, p.42).

Dessa forma, partindo da premissa de que as obras literárias, cujas narrativas configuram o horror perpetrado pelo regime militar brasileiro, constituem-se uma ferramenta útil à formação crítica do aluno, abordaremos, no tópico a seguir, o lugar da Literatura sobre Ditadura nos principais documentos oficiais da educação brasileira, tais como: a Base Nacional Comum Curricular (2018), o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) e o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2021 - Obras Literárias (Ensino Médio- 1ª à 3ª série).

1.2 Literatura sobre Ditadura (1964-1985) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo que estabelece o conjunto de aprendizagens essenciais baseadas em competências e habilidades que todos os educandos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

A primeira versão foi disponibilizada ao público em 15 de setembro de 2015, no entanto, devido às diversas reformulações, ela só foi implementada nas escolas públicas e privadas no ano de 2018. O objetivo principal desse documento de caráter normativo é garantir não só as aprendizagens principais que os alunos devem adquirir ao longo de toda a educação básica, mas também de assegurar aos educandos o “[...] seu desenvolvimento integral por meio das dez competências gerais para a Educação Básica, apoiando as escolhas necessárias para a concretização dos seus projetos de vida e a continuidade dos estudos” (Brasil, 2018, p.5).

Ao analisar esse documento, percebemos que, no tocante ao ensino de Literatura, foi criado o tópico “*Campo Artístico-Literário*” que define as competências e habilidades que o professor deve desenvolver junto aos alunos, a fim de “[...]dar continuidade à formação do leitor literário e ao desenvolvimento da fruição” (Brasil, 2018, p. 503) desse educando.

Nesse campo de atuação, a BNCC destaca a importância de o docente priorizar não só um ensino de Literatura em que as obras literárias sejam o ponto de partida, mas também de ele propiciar ao aluno uma vivência significativa e prazerosa com os diversos textos literários no espaço escolar. Além disso, esse documento enfatiza a relevância da continuidade da formação do leitor nesta etapa de ensino, no intuito de garantir o direito à cultura e à Literatura como construção de sujeitos autônomos, críticos e reflexivos diante da sociedade em que estão inseridos. Vejamos:

Em relação à literatura, a leitura do texto literário, que ocupa o centro do trabalho no Ensino Fundamental, deve permanecer nuclear também no Ensino Médio. Por força de certa simplificação didática, as biografias de autores, as características de épocas, os resumos e outros gêneros artísticos substitutivos, como o cinema e as HQs, têm relegado o texto literário a um plano secundário do ensino. Assim, **é importante não só (re)colocá-lo como ponto de partida para o trabalho com a literatura, como intensificar seu convívio com os estudantes** (Brasil, 2018, p. 501, grifos nossos).

Ao dialogar com a BNCC, observa-se que esse documento busca priorizar um ensino de Literatura pautado na leitura integral das diversas obras literárias, capaz de despertar o gosto e o interesse do aluno pelo texto literário, bem como promover a autonomia desse educando na escolha de obras literárias para constituir um acervo pessoal e dele se apropriar para intervir com independência e criticidade.

Em consonância com a BNCC, Hélder Pinheiro (2018, p.60) declara que o

professor precisa propiciar um ensino de literatura que motive os discentes a se apropriarem das obras literárias, que os encoraje a ler diversos tipos de obras e que, após deixar a escola, esses educandos continuem lendo, pois como bem destaca esse autor: “é fundamental conscientizar o aluno de que a leitura do livro não acabou na sala de aula. Ela deve continuar vida afora...”.

Assim sendo, para que o discente se sinta tocado pela leitura e possa ser um leitor assíduo, o docente precisa se conscientizar de seu papel enquanto mediador do texto literário e propiciar experiências com obras que despertem o gosto e o prazer do aluno, que atendam o horizonte de expectativa desse leitor e desenvolvam o afinamento das emoções para pensar o lugar do outro e o mundo a sua volta, pois como bem afirma Antonio Candido (1988, p.180): “a Literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”.

Outro ponto que nos chama a atenção na BNCC é a ampliação do repertório do educando a partir do estudo de textos literários, com destaque para os clássicos e a inclusão de obras mais complexas da Literatura contemporânea que levem cada discente a se “[...] posicionar de maneira responsável em relação a temas e efeitos de sentidos dos textos” (Brasil, 2018, p.505).

Conforme esse documento normativo, o trabalho com o texto literário deve não apenas despertar o gosto do aluno-leitor, mas também promover a reflexão acerca do mundo ao seu redor. Ao evidenciar o papel da Literatura para construção de um sujeito crítico e participativo diante da sociedade, a BNCC ressalta que o texto literário pode “[...]propiciar a exploração de emoções, sentimentos e ideias que não encontram lugar em outros gêneros não literários (e que, por isso, devem ser explorados)” (Brasil, 2018, p. 506).

Tal afirmação nos faz pensar nas palavras do professor Hélder Pinheiro (2011) ao declarar que o docente precisa entender que o texto literário é diferente de outros gêneros textuais, ou seja, as obras literárias configuram as mais diversas expressões humanas que podem ou não levar o leitor a se reconhecer nelas, a questionar determinadas atitudes dos personagens, etc.

Além disso, o estudioso salienta que o trabalho com o texto literário exige que o professor seja não só um leitor, mas também busque desenvolver o hábito da leitura em sala de aula, de modo que os educandos se sintam encorajados a ler as obras literárias. Isto porque “[...] é no cotidiano que se planta o gosto pelo texto. Algo que exige trabalho,

planejamento, disposição e compromisso com a educação” (Pinheiro, 2018, p.28).

Ao dialogar com esse autor, denota-se que o professor de Língua Portuguesa tem um papel bastante relevante: contribuir com a formação literária de seus alunos, no entanto, para que isso ocorra, é importante que ele tenha um repertório significativo de leituras e, principalmente, que priorize a leitura dos mais diversos textos em sala de aula. Além disso, ele pondera que “[...] o docente deve ser também aquele que indica fontes para aprofundamento, que fornece bibliografia adequada” (Pinheiro, 2018, p.78). Esse repertório significativo de leituras literárias e teóricas ajudará os alunos tanto a compreender, de forma mais abrangente, as obras em estudo quanto a alargar os seus conhecimentos e aprendizagens.

Nesse sentido, com o propósito de nortear o ensino de Literatura nos anos finais de educação básica, a BNCC estabelece alguns parâmetros norteadores do componente curricular de Língua Portuguesa que permitem ao professor trabalhar a diversidade de gêneros textuais com a inserção da cultura juvenil contemporânea, facilitar a expressão de diversos pontos de vista, propiciar o diálogo entre gêneros textuais, culturas e temas, bem como relacionar o conteúdo de textos de diversos períodos históricos e interpretar as circunstâncias evidenciadas pela obra literária. Vejamos:

- ✓ Diversificar, ao longo do Ensino Médio, produções das culturas juvenis contemporâneas (slams, vídeos de diferentes tipos, playlists comentadas, raps e outros gêneros musicais etc.), minicontos, nanocontos, best-sellers, literaturas juvenis brasileira e estrangeira, incluindo entre elas a literatura africana de língua portuguesa, a afro-brasileira, a latino-americana etc., obras da tradição popular (versos, cordéis, cirandas, canções em geral, contos folclóricos de matrizes europeias, africanas, indígenas etc.) que possam aproximar os estudantes de culturas que subjazem na formação identitária de grupos de diferentes regiões do Brasil (Brasil, 2018, p. 526).
- ✓ Ampliar o repertório de clássicos brasileiros e estrangeiros com obras mais complexas que representem desafio para os estudantes do ponto de vista dos códigos linguísticos, éticos e estéticos (Brasil, 2018, p.526).
- ✓ Estabelecer seleções em perspectivas comparativas e dialógicas, que considerem diferentes gêneros literários, culturas e temas (Brasil, 2018, p.526).
- ✓ Abordar obras de diferentes períodos históricos, que devem ser apreendidas em suas dimensões sincrônicas e diacrônicas para estabelecer relações com o que veio antes e o que virá depois (Brasil, 2018, p.526).

- ✓ Propor a leitura de obras significativas da literatura brasileira, contextualizando sua época, suas condições de produção, circulação e recepção, tanto no eixo diacrônico quanto sincrônico, ficando a critério local estabelecer ou não a abordagem do conjunto de movimentos estéticos, obras e autores, de forma linear, crescente ou decrescente, desde que a leitura efetiva de obras selecionadas não seja prejudicada. (Brasil, 2018, p.526).

Tais parâmetros ajudam o professor a pensar em um ensino de Literatura que contemple as mais diferentes obras literárias e produções das culturas juvenis contemporâneas, com o intuito de que alunos possam não só ampliar o seu repertório sociocultural, mas também se posicionar de maneira autônoma, crítica e responsável frente aos temas abordados nos textos lidos.

Embora esse documento não mencione, diretamente, o estudo de obras literárias, cujas narrativas tematizam o período ditatorial no Brasil, fica claro para o docente que as instituições educacionais têm a flexibilidade de trabalhar, em sala de aula, textos mais complexos em termos de temática, estruturação sintática, vocabulários e recursos estilísticos.

Ao mesmo tempo que esse documento traz essa flexibilidade das escolhas das obras literárias a serem trabalhadas em sala de aula, também reforça a necessidade de o professor ter um pequeno domínio de formação literária para atender o horizonte de expectativa dos educandos e, assim, ampliar o repertório sociocultural desse público. Isto porque não tem como um educador propiciar um ensino significativo de Literatura sem ao menos ler as obras literárias, sem que tenha um tempo para refletir sobre os textos lidos.

Como diz Hélder Pinheiro (2018, p.57-58), antes mesmo de o educador levar as obras literárias para sala de aula, deve ter o cuidado de lê-las, de refletir sobre o texto lido, sem jamais ser imediatista em suas compreensões e, em seguida, pensar em como trabalhar esse texto literário; só após trilhar esse caminho e escolher uma metodologia adequada para trabalhar a obra é que o docente deve apresentá-la aos alunos. Para esse estudioso: “É muito importante que o professor leia o livro antes de apresentá-lo à turma. E o leia de forma sensível, para vivenciar o encanto de certas imagens, comparações. [...] Após a experiência pessoal de leitura é que se vai para o trabalho com o texto em sala de aula”.

Esse documento também ressalta a necessidade do rompimento com a

centralidade das disciplinas e a “[...] adoção de tratamento metodológico que favoreça e estimule o protagonismo dos estudantes” (Brasil, 2018, p.497). Em outras palavras, o professor deve possibilitar aos discentes um ensino de Literatura interdisciplinar, que contemple as vivências práticas dos educandos e os estimule a serem sujeitos ativos e participativos diante do processo ensino-aprendizagem.

Além de orientar o docente a trabalhar a Literatura de forma interdisciplinar, a BNCC também destaca a relevância do uso das tecnologias ou da cultura digital para mobilizar as práticas de linguagem, “[...] considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva” (Brasil, 2018, p. 492).

Ao estabelecer um ensino de Literatura que dialogue com outras áreas de ensino e com o uso das ferramentas digitais em sala de aula, nota-se que o professor precisa ter não só um conhecimento significativo e amplo das obras literárias, mas também ser capaz de mobilizar seus saberes em prol da formação continuada do sujeito leitor.

Cabe também destacar que a BNCC estabelece a necessidade de o educador trabalhar obras que levem os discentes a uma compreensão mais ampla das relações de poder, da luta por igualdades e da garantia dos direitos humanos. Inclusive, é uma das competências a serem desenvolvidas junto aos alunos. Vejamos:

Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos (Brasil, 2018, p.490).

Ao analisar a competência acima, percebe-se que a Literatura sobre Ditadura pode ajudar os alunos a entender as diversas relações de poder presentes em nossa sociedade, a refletir sobre a nossa democracia e, principalmente, as diversas violências que estão diluídas no cotidiano das relações sociais, levando-os, assim, a adotarem comportamentos de combate a quaisquer tipos de agressões.

Conforme Lilian Schwarcz, na obra *Sobre o autoritarismo brasileiro*(2019), uma das formas de enfrentar e combater a cotidiana realidade de violência em nossa sociedade contemporânea é, justamente, buscar não só entender os diversos fatores de ordem histórica (colonialismo, a escravidão, o autoritarismo brasileiro, etc.) e refletir sobre esse passado de graves violações de direitos que encontram grande ressonância na atualidade,

mas também de desnaturalizar o preconceito, as políticas de ódio e de mandonismo, o patriarcalismo, a intolerância social presentes em nosso dia a dia. Para essa historiadora e antropóloga, a melhor maneira de pensar o contexto atual e projetar o futuro é voltar ao passado.

Nesse sentido, ao dialogar com a BNCC e Lilian Schwarcz, depreende-se que as narrativas que abordam o período da ditadura militar ajudam os alunos “[...] a tirar o véu do espanto e a produzir uma discussão mais crítica sobre nosso passado, nosso presente e sonho de futuro” (Schwarcz, 2019, p.27). Através desse conhecimento do passado, eles poderão compreender como se consolidam as práticas e os discursos autoritários no Brasil.

Diante de um vasto repertório de obras, cabe ao educador apropriar-se dos textos literários que retratam o autoritarismo brasileiro e, assim, levá-los para a sala de aula e promover o debate e a reflexão histórica e cultural sobre “[...] um passado recente que não cessa de nos interpelar e que ainda pede constantes esclarecimentos” (Rosa, 2013, p.15), sobretudo porque há uma política de silêncio e de esquecimento sobre essa história nacional e suas chagas.

É, justamente, devido a essa tentativa de apagamento desse passado, do processo de anistia de torturadores e, principalmente, da naturalização dessa violência em nossa sociedade que presenciamos, cotidianamente, essa cultura de ódio e de escaladas de práticas abusivas em nosso meio.

Como o currículo de Língua Portuguesa/ Ensino Médio tem uma natureza mais flexível, o docente pode traçar um caminho literário significativo acerca desse tipo de Literatura para trabalhá-la em sala de aula, buscando, dessa maneira, fazer um diálogo com outros “[...] gêneros e formas diversas de produções vinculadas à apreciação de obras artísticas e produções culturais[...] ou a formas de apropriação do texto literário, de produções cinematográficas e teatrais e de outras manifestações artísticas” (BNCC, 2018, p.503), com o propósito de ampliar as discussões sobre esse dado período histórico e a ressurgências desse passado na atualidade.

Desse modo, ao trabalhar, por exemplo, um texto literário sobre Literatura e Ditadura, o professor poderá ampliar o horizonte de expectativa desse leitor através de outras produções de artes, como: as canções, filmes e peças teatrais que trazem como temática o autoritarismo brasileiro.

Também é fundamental que o educador trabalhe o texto literário com o objetivo de alargar o horizonte dos educandos e explorar as suas potencialidades, bem como

motivá-los a “[...] reconhecer na arte formas de crítica cultural e política, uma vez que toda obra expressa, inevitavelmente, uma visão de mundo e uma forma de conhecimento, por meio de sua construção estética” (Brasil, 2018, p.523).

As competências e habilidades estabelecidas na Base Nacional Comum Curricular/ Campo artístico literário auxiliam o professor na elaboração de aulas de Literatura em que o texto literário deve ser o ponto de partida e de chegada e a leitura deve despertar o prazer dos alunos. Além disso, percebe-se que o professor tem a liberdade de trabalhar as mais diversas obras literárias.

Embora muitas escolas não permitam o ensino de literatura sobre obras que tematizam o período da ditadura militar brasileira, fica evidente, na leitura desse documento, a relevância de o professor trabalhar textos literários que busquem “valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (Brasil, 2018, p.11).

Vale também salientar que a lista de romances elaborada por Regina Dalcastagnè ajuda o professor a enveredar por este tipo de Literatura, levando-o, assim, a refletir não só sobre o autoritarismo brasileiro, mas também sobre as insurgências desse passado na atualidade. Isto porque o estudo desses textos literários convida o leitor a fazer uma ponte entre o presente e o passado, sobretudo, a quem não compreende porque vivemos, na atualidade, “[...] um período tão intolerante e violento; a quem recebe com surpresa tantas manifestações autoritárias ou a divulgação, sem peias, de discursos que desfazem abertamente de um catálogo de direitos civis que parecia consolidado” (Schwarcz, 2019, p.25).

Enfim, cabe ao professor oportunizar aos alunos, por meio da leitura dos romances ambientados na ditadura militar, reflexões sobre esse passado de tamanhas barbaridades e feridas históricas que permanecem ainda abertas na sociedade atual, dificultando o desenvolvimento de uma cultura democrática e a formação para a cidadania.

1.3 Literatura sobre Ditadura no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) e no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) - Obras Literárias.

O Programa Nacional Biblioteca da Escola, mais conhecido como PNBE, foi criado desde 1997 pelo Governo Federal, para incentivar o hábito da leitura nos alunos através da

distribuição de obras literárias. Além de atender os educandos, esse projeto também propiciava a formação continuada do professor por meio da distribuição de obras teóricas que ajudavam a pensar a sua prática pedagógica. Ao analisar os acervos do PNBE de 2006 a 2013, constatamos que as escolas públicas receberam obras que abordam o período da ditadura militar no Brasil. Vejamos:

QUADRO 02- Obras que configuram o regime militar brasileiro indicadas no Plano Nacional Biblioteca da Escola de 2006 a 2013.

PNBE	OBRAS	AUTORES(AS)
2006	<i>Feliz ano velho</i>	Marcelo Rubem Paiva
2009	<i>Reflexos do baile</i>	Antonio Callado
2009	<i>O centauro no jardim</i>	Moacyr Seliar
2009	<i>1968: eles só queriam mudar o mundo</i>	Ernesto Soto, Regina Zappa
2009	<i>As meninas</i>	Lygia Fagundes Telles
2009	<i>De mim já nem se lembra</i>	Lenise Pinheiro, Luiz Fernando Ruffato de Souza
2011	<i>O que é isso, companheiro?</i>	Fernando Gabeira
2011	<i>Seminário dos ratos</i>	Lygia Fagundes Telles
2011	<i>Antes do baile verde</i>	Lygia Fagundes Telles
2013	<i>Incidente em Antares</i>	Érico Veríssimo

Fonte: PNBE/ Acervos

Como podemos ver acima, o PNBE disponibilizou nas escolas públicas 10 obras importantes que, num diálogo com a BNCC, podem ajudar os alunos a desenvolverem competências e habilidades ligadas ao exercício da democracia, bem como auxiliam na análise das relações de poder presentes em nossa sociedade atual.

Essas obras são bastante complexas e exigem do professor um conhecimento mais profundo para que ele possa traçar um caminho de leitura capaz de aproximar o aluno desses textos e levá-los a comentar os romances lidos. A exemplo disso, destacamos *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles – um texto denso, que exige muita atenção e fôlego devido à polifonia de vozes narrativas, bem como os conflitos que abarcam os sujeitos ficcionais, já que temos três personagens distintas: uma usuária de droga, uma jovem militante e uma burguesinha.

Embora o PNBE tenha disponibilizado às instituições escolares públicas obras que abordam o autoritarismo brasileiro, percebe-se que essa quantidade de narrativas ainda é pequena, frente à lista de obras feita por Dalcastagnè. Destarte, embora este acervo seja

pequeno, é composto por boas narrativas, que podem ampliar os conhecimentos do professor/aluno acerca da violência ditatorial brasileira.

Cabe ressaltar aqui que esse programa de leitura foi interrompido em 2014, sem quaisquer justificativas. Tal desmonte na educação acaba comprometendo o ensino de Literatura nas escolas, pois sem uma biblioteca com acervo renovado, os professores não têm condições de propiciar uma boa formação literária em sala de aula.

Além disso, é interessante destacar que, com a extinção do PNBE, o papel de distribuição de obras literárias ficou para o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Ao consultá-lo, encontramos, no PNLD Literário de 2018, duas obras selecionadas: *Cabo de guerra*, de Ivone Benedetti e *De mim já nem se lembra*, de Lenise Pinheiro e Luiz Fernando Ruffato de Souza; Já no PNLD de 2021, encontramos a indicação de apenas uma narrativa que aborda a violência autoritária: *Júlia: nos campos conflagrados do Senhor*, de Bernardo Kucinski, publicada em 2020.

Apesar de os dois programas terem ofertados às escolas públicas poucos exemplares de obras literárias, cujas narrativas abordam o autoritarismo brasileiro, nota-se que as instituições escolares públicas foram contempladas com livros literários que tratam da violência de Estado. Logo, é importante que os docentes se apropriem dessas leituras, bem como as secretarias de educação estaduais ofereçam formações para os professores sobre as obras que retratam esse período.

Oportunizar esse tipo de leitura aos alunos é, como bem salienta Figueiredo (2017), “um dever de memória”, sobretudo, diante de alguns políticos que insistem em negar os crimes cometidos pela ditadura, perseguem grupos minoritários (população quilombola, indígenas, ribeirinhos, negros, entre outros), incentivam a volta do AI- 05 e defendem torturadores.

O trabalho com essas obras literárias é, sem dúvida, uma forma não só de preencher as lacunas desse passado, de romper com discursos que ofendem as vítimas e seus familiares da ditadura, mas também de evitar que violências dessas ordens se repitam, pois como diz Lilian Schwarcz (2019, p. 21): “nosso presente anda, mesmo, cheio de passado, e a história não serve como prêmio de consolação. No entanto, é importante enfrentar o tempo presente, até porque não é de hoje que voltamos ao passado acompanhados das perguntas que forjamos na nossa atualidade”.

Em outras palavras, é importante estudar as narrativas que trazem como temática a violência autoritária brasileira, pois é uma forma não só de entender esse dado momento histórico, onde pessoas foram presas, torturadas, mortas, sem que as famílias tivessem

direito ao luto, mas também de refletir sobre as ressonâncias desse período nos dias de hoje, sobretudo, porque, recentemente, tivemos um ex-presidente que defendia a volta à ditadura, incitava a propagação da violência por meio do porte legal de armas, exaltava o golpe militar, insinuava a volta do AI-5, entre tantas outras práticas que violam os direitos humanos. A exemplo disso, podemos citar o descaso governamental com o povo Yanomami ²que foi estuprado por garimpeiros, acometido pela fome e por doenças, como: malária e verminoses e, em casos extremos, acabou morrendo.

Há muitas razões para não esquecer os crimes praticados pelo regime militar, principalmente, porque atravessamos um período bastante difícil no governo de 2019 a 2022. Logo, é importante voltar à história, pois “[...] apesar do desalento que possa ocasionar, é necessário lembrar o mal e seus efeitos; há que explicitá-lo para que não descuidemos, ingenuamente, da sua existência” (Alves, 2020, p.65).

1.4 O lugar do romance na sala de aula: das dificuldades às possibilidades de ensino

Hoje, se me pergunto por que amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver. [...] a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano (Todorov, 2009, p. 23-24).

Trabalhar o romance em sala de aula tem sido um desafio imenso para os professores do ensino médio. Por ser um gênero bastante extenso, demanda um tempo maior de leitura em sala de aula. Como o currículo dessa etapa final da educação básica é voltado para o ENEM, a maioria dos professores recorre a uma simplificação didática, como: o estudo das “[...] biografias de autores, as características de épocas, os resumos e outros gêneros artísticos substitutivos, como o cinema e as HQs” (Brasil, 2018, p. 499).

² CARVALHO, Igor. **Bolsonaro soube da tragédia yanomami, mas ignorou; parlamentares reagem: 'Crime de lesa-pátria'**. Brasil de Fato, 12 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/05/12/bolsonaro-soube-da-tragedia-yanomami-mas-ignorou-parlamentares-reagem-crime-de-lesa-patria>. Acessado em: 10 de janeiro de 2024.

Essa secundarização do ensino de romance acaba comprometendo a formação literária dos alunos, pois o professor, tendo que trabalhar os conteúdos voltados para o ENEM, não têm um tempo significativo para realizar a leitura integral da obra em sala de aula. Diante dessa situação, a BNCC afirma o quanto é importante oportunizar aos educandos um convívio significativo e fruidor com esse gênero em sala de aula.

Além disso, Rildo Cosson, na obra *Círculos de Leitura e Letramento Literário* (2017), declara que muitos educadores não buscam conhecer o nível de competência literária do aluno, igualando-os, assim, ao mesmo patamar. Esse olhar insensível por parte do professor acaba não só afastando o aluno da obra literária, mas também comprometendo todo o fazer docente numa perspectiva de formação do leitor.

Outro fator que interfere bastante no trabalho com o romance em sala de aula é a desconsideração do gosto literário do educando. Conforme Bordini e Aguiar (1988), o leitor não é uma tábua vazia, pois ele traz conhecimentos adquiridos de suas vivências (inter)personais, culturais e religiosas, o que pode interferir na aproximação ou distância das obras solicitadas para leitura em sala de aula. Logo, é necessário que o docente busque conhecer os temas de interesses da turma, a fim de atender esse horizonte de expectativa do sujeito leitor.

As práticas de leitura literária devem priorizar, além dos pontos indispensáveis que já mencionamos acima, a leitura integral do romance, o encontro pessoal do aluno com a obra selecionada, pois como bem afirma Hélder Pinheiro (2018), o texto deve ser o ponto de partida e chegada. O professor precisa não só criar condições para o trabalho com o texto literário em sala de aula, mas também entender que o ensino de Literatura precisa constantemente ser avaliado. Conforme esse estudioso:

[...] não se criam condições da noite para o dia. O trabalho precisa ser sistemático e constantemente avaliado. Pode-se, por exemplo, organizar uma excelente sala de leitura, mas, com o tempo, o acervo precisará ser renovado, os professores necessitam de uma formação continuada, de espaços para troca de experiências, os livros carecem de conservação, de encadernação... criar condições de leitura supõe, portanto, uma política que priorize uma educação-tanto das secretarias de educação quanto da direção da escola e da prática cotidiana dos professores (Pinheiro, 2018, p.27).

Ao dialogar com o professor Hélder Pinheiro, esbarramos em dois pontos cruciais que acabam dificultando o trabalho do docente com o gênero romance em sala de aula, a saber: 1. Muitos educadores não têm tempo para realizar as (re)leituras das obras

literárias, não conseguem dar continuidade a sua formação profissional, uma vez que trabalham em mais de uma instituição educacional; 2. Na maioria das vezes, o acervo da biblioteca escolar não possui a quantidade significativa de livros que atenda às turmas.

Essa falta de tempo por parte do educador para a realização das (re)leituras dos romances é algo que merece ser (re)pensado, pois o ensino de Literatura numa perspectiva de formação do leitor requer um contato minucioso com o texto literário, o que demanda, como bem salienta o professor Edilson de Amorim (2017), uma experiência pessoal entre o docente e a obra, bem como uma análise e reflexão minuciosa do texto lido. Vejamos:

[...] a leitura é uma experiência de convívio estreito com o texto, de aprendizado demorado; que a interpretação resulta da investigação, da pesquisa e da análise paciente, e não da adivinhação; e que o diálogo entre um texto e os seus contextos (de produção, de circulação) é fundamental para o ato de interpretar (Amorim, 2017, p.17).

De fato, é impossível o professor fazer uma boa mediação de leitura sem que tenha lido a obra literária. Dependendo do gênero escolhido e da complexidade da obra, ele precisará de um tempo maior para amadurecer sua compreensão acerca do texto e, só após essa análise mais aprofundada, poderá levá-lo para sala de aula.

Nesta mesma linha de raciocínio, a professora Silva (2016) afirma que analisar e compreender um objeto artístico requer um conhecimento teórico, metodológico e crítico por parte do professor, bem como um olhar sensível, reflexivo e aberto para o novo, já que este gênero está em constante mutabilidade.

Essa estudiosa também pondera que o conhecimento teórico e crítico serve para o docente traçar um caminho de leitura mais significativo para os alunos, a fim de que eles possam não só compreender o texto lido, mas também serem sujeitos críticos diante das práticas de linguagem e letramento literário. Para Silva (2016, p.103).

[...] o ensino de literatura reclama sim do professor conhecimento teórico e crítico, no entanto esse conhecimento necessariamente não precisa ser apresentado aos alunos como algo à parte ou como conhecimento aplicável à análise do texto literário em sala de aula. Entendo que os conhecimentos teóricos da literatura podem servir ao professor como instrumentos na constituição de um método, tanto de análise literária quanto de ensino de literatura, que tenha como fim auxiliar os alunos na leitura, possibilitando-lhes que se formem leitores críticos, ou seja, leitores que não se preocupem apenas com as histórias apresentadas nos romances, mas as maneiras como essas histórias são contadas.

Ao analisar a fala da pesquisadora, percebe-se que os conhecimentos teóricos servem de apoio não só para a compreensão da obra literária, mas também para a elaboração de um método de análise e de ensino de Literatura mais significativo, que priorize a participação ativa dos educandos e os levem a serem sujeitos capazes de tecerem reflexões mais sólidas sobre o texto lido, bem como a pensar o mundo a sua volta.

Ainda segundo essa estudiosa, esses conhecimentos teóricos não precisam ser repassados para os alunos, mas “[...] serem usados como ferramenta importante para análise-interpretação das obras” (Silva, 2016, p.112), ou seja, o professor é quem deve ter domínio não só do aporte teórico, mas também conhecer as obras literárias, a fim de propiciar um ensino literário que desperte a atenção do aluno e leve-o a ser um leitor competente, capaz de construir um sentido da obra lida.

Mesmo diante dos diversos desafios que permeiam o trabalho docente, sobretudo, o ensino de Literatura numa perspectiva de formação leitora, é importante que o educador tenha o comprometimento ético com os seus alunos, pois privá-los de uma experiência significativa com a leitura de romances denuncia o descaso tanto do professor, quanto da escola com a formação literária de seus educandos.

Segundo Cosson (2017, p. 36) quando a escola é negligente “[...] no processo da leitura, na função de nos tornar leitores, falha em tudo o mais, pois não há conhecimento sem leitura, sem a mediação da palavra e da sua interpretação, da leitura[...]”. As instituições educacionais têm um papel relevante na formação do sujeito leitor, pois é a partir das diversas práticas de letramentos literários que o aluno pode se tornar um sujeito autônomo, crítico e reflexivo diante da sociedade.

Por outro lado, Lígia Cademartori, na obra *O professor e a Literatura: para pequenos, médios e grandes* (2009), alerta-nos ao declarar que, assim como tem aluno que não gosta de ler, talvez por não ter tido uma experiência significativa com o texto literário, há também professores que não conseguem ser leitores. A estudiosa ainda ressalta que “tornar-se leitor é processo que ocorre ao longo do tempo e de distintas maneiras para diferentes pessoas. É preciso saber que não necessariamente um estágio leva a outro”. (Cademartori, 2009, p.24).

As palavras da pensadora revelam que o processo de formação leitora é contínuo, ou seja, é algo que não se realiza numa única etapa da educação e se encerra ali. E, por esse motivo, o docente precisa conscientizar o aluno de que a leitura de um texto literário não deve se encerrar na sala de aula. Também não podemos deixar de ressaltar que, muitas das vezes, o único contato que o educando tem com obras literárias é na escola. Logo, se

a instituição educacional, enquanto espaço de propagação de leitura e de formação leitora, exime-se de sua função, tira o direito do discente à arte, à cultura, à fruição.

Ao pensarmos no “direito à Literatura”, nós nos lembramos de Antônio Candido ao afirmar que todo ser humano tem necessidade de fabulação, de ter acesso aos bens culturais, visto que as obras têm o poder de nos humanizar, de nos fazer pensar nos problemas da vida, de nos colocarmos no lugar do outro, ou seja, “[...] a literatura desenvolve em nós a cota da humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (Candido, 1988, p. 182).

Assim sendo, ao destacar o poder humanizador da Literatura, o crítico literário declara que a arte, de um modo geral, ajuda-nos a conhecer nossos sentimentos, a enriquecer nossas ideias, nossa visão de mundo, ajudando a nos posicionarmos frente à sociedade.

Nesse sentido, por mais que o acervo da escola seja restrito para os discentes, é interessante que os professores recorram a outros meios, como: a leitura de obras em *PDF*, campanhas de doação das obras a serem trabalhadas ou quem sabe entrar em contato com o autor para solicitar uma autorização da cópia do livro.

Também cabe ressaltar que o uso das tecnologias digitais em sala de aula tem facilitado bastante o trabalho do docente com os textos literários, pois através de aplicativos, como *Whatsapp*, *Padlet*, entre outros, ele pode compartilhar as mais diversas obras, bem como interagir, trocar informações sobre esses textos.

Além disso, a fim de nortear às aulas de Língua Portuguesa e propiciar a continuação do trabalho com o texto literário numa perspectiva de formação do sujeito leitor, a BNCC estabelece algumas habilidades que o educando pode desenvolver em sala de aula. Vejamos:

QUADRO 03. Algumas habilidades do campo Artístico-literário do Ensino Médio.

CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO
HABILIDADES
(EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.
(EM13LP47) Participar de eventos (saraus, competições orais, audições, mostras,

festivais, feiras culturais e literárias, rodas e clubes de leitura, cooperativas culturais, jograis, repentes, slams etc.), inclusive para socializar obras da própria autoria (poemas, contos e suas variedades, roteiros e microrroteiros, vídeo minutos, playlists comentadas de música etc.) e/ou interpretar obras de outros, inserindo-se nas diferentes práticas culturais de seu tempo.

(EM13LP50) Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam.

(EM13LP51) Selecionar obras do repertório artístico-literário contemporâneo à disposição segundo suas predileções, de modo a constituir um acervo pessoal e dele se apropriar para se inserir e intervir com autonomia e criticidade no meio cultural.

(EM13LP52) Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais, considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como dialogam com o presente.

(EM13LP53) Produzir apresentações e comentários apreciativos e críticos sobre livros, filmes, discos, canções, espetáculos de teatro e dança, exposições etc. (resenhas, vlogs e podcasts literários e artísticos, playlists comentadas, fanzines, e-zines etc.)

Fonte: Brasil/2018.

Ao analisar as habilidades estabelecidas no campo Artístico-literário, percebemos que a BNCC orienta o professor de Língua Portuguesa a promover práticas de leitura literária na escola que levem em consideração os seguintes pontos: a) A inserção de leituras literárias de diversas classes literárias em sala de aula. O docente tem a liberdade de escolher os textos literários para trabalhar com os seus alunos; b) o diálogo entre obras diversas que configurem não só o mesmo momento histórico, mas também períodos distintos.

Tal habilidade aponta para a necessidade de o professor ter um bom conhecimento de leituras literárias para que, assim, ele possa ter um repertório de leituras que poderão ser trabalhadas em sala de aula, conforme o perfil/gosto dos educandos; c) a promoção de

aulas de Literatura em que os alunos possam conversar sobre o texto literário, compartilhar suas leituras de forma crítica. Essa habilidade chama a atenção do educador para uma prática de ensino de Literatura mais dinâmico, fruidor, que foge totalmente de metodologias tradicionais; d) o uso das ferramentas tecnológicas para a propagação da leitura das obras literárias, sobretudo porque o aluno está inserindo numa cultura digital. Logo, é importante que o docente valorize esses outros modos de propagar o texto literário no espaço escolar.

Desse modo, levando em consideração essas habilidades do campo artístico-literário, o educador pode escolher o romance e, em seguida, solicitar a leitura da narrativa aos alunos, considerando o contexto de produção e o diálogo com o tempo presente. Também é importante fazer a mediação desses textos, a fim de que eles possam, como bem destaca a BNCC, “compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários”. Aguçando, dessa forma, o senso crítico do aluno.

Cabe ressaltar aqui que a leitura do romance pode ser feita a partir dos capítulos, e o professor pode dividir a turma e, em seguida, solicitar que cada grupo comente a narrativa num dado momento da aula. À medida que os alunos forem colocando seus pontos de vista, é interessante que o docente busque promover rodas de discussão. Além disso, como afirma Hélder Pinheiro (2018), é preciso privilegiar o debate, pois além de ser um elemento democrático, permite aos educandos o compartilhamento de ideias acerca de um determinado tema ou obra literária.

Em sintonia com esse estudioso, Cecília Bajour, na obra *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura* (2012), ressalta que a escola não prioriza o compartilhamento das leituras realizadas pelo aluno, pois, na maioria das vezes, a metodologia que prevalece nas práticas de leitura é bastante tradicionalista, ou seja, não contempla a escuta em sala de aula. Ao afirmar isso, a autora ressalta a importância de o professor, juntamente com a escola, rever não só esse tipo de metodologia, mas também desenvolver diariamente a arte de conversar sobre os livros. Leiamos:

A escola é um lugar privilegiado para dar nomes possíveis a esse terremoto de significados e preparar nossos ouvidos e os dos outros que leem para encontrarmos modos de falar sobre os textos artísticos. A escuta dos professores precisa então nutrir-se de leituras e saberes sobre o “como” da construção de mundos com palavras e imagens para que os alunos se desenvolvam na arte cotidiana de falar sobre livros (Bajour, 2012, p.27).

A partir das palavras da pensadora, nota-se que essa escuta contribui não só para sondar o gosto literário dos educandos e, a partir disso, o professor levar obras para a sala de aula que atendam o horizonte dos alunos, mas também para entender como eles estão recepcionando a obra literária e, assim, desenvolver junto aos discentes a habilidade de falar acerca dos textos lidos.

Em sintonia com Bajour, Colomer (2007, p.143) afirma que falar sobre os livros com outras pessoas além de estimular o hábito da leitura, é uma forma de o leitor ampliar sua compreensão a partir do ponto de vista do outro. Para essa estudiosa, ler com os outros é importante “[...] porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas”.

Embora o compartilhamento de ideias acerca de um texto seja essencial numa aula de Literatura, percebe-se que as instituições escolares não propiciam espaços de aberturas para que os alunos possam tecer comentários sobre as obras. Isto porque, como bem declaram Bordini e Aguiar (1988), a escola ainda é avessa ao ponto de vista dos educandos, ou seja, ao invés de ouvi-los acerca das obras, o professor apenas tece suas interpretações sobre o texto lido.

Assim sendo, é necessário que, em sala de aula, os docentes propiciem momentos de debate e de reflexão sobre as obras estudadas, sem que os pontos de vista da turma sejam interrompidos, pois como bem salienta Pinheiro (2018, p.79): “qualquer método de abordagem textual, direta ou indiretamente, pode (e não deve dispensar) lançar mão do debate. Nem que seja somente para avaliar uma atividade concluída”.

Também em concordância com as habilidades estabelecidas pela BNCC, o docente pode solicitar ao aluno o compartilhamento do romance lido a partir de um *podcast* literário (um arquivo digital de áudio compartilhado na internet, cuja conteúdo se volte para a discussão de obras e autores variados), de um vídeo minutos, etc. O uso dessas ferramentas tecnológicas além de facilitar a propagação do texto literário em sala de aula, contribui com a formação leitora dos discentes.

Outrossim, é importante que, ao término da leitura e das discussões acerca do romance lido, o professor possa aliar o trabalho com o texto literário a outras artes, como por exemplo, o teatro. Em outras palavras, os alunos podem formar grupos, escolher um capítulo ou uma cena importante da obra para encená-la. Em seguida, é interessante que o docente promova um sarau literário, a fim de compartilhar as encenações com a comunidade escolar.

Como diz Pinheiro (2018, p.49), “para quebrar a monotonia da sala de aula, é preciso arriscar”, buscar outros meios que incitem os alunos a serem sujeitos protagonistas, a desenvolverem suas habilidades, bem como possibilitar novas oportunidades de expressões literárias. Entende-se, portanto, que a encenação teatral de uma obra ajuda os educandos tanto a melhorar a comunicação verbal quanto a desenvolver a autoconfiança e a ter uma visão maior do texto literário. A escola também pode desenvolver feiras literárias, com a participação de escritores, estudiosos da Literatura e discutir um tema específico do romance estudado pelos educandos.

Ademais, o professor pode utilizar o método recepcional desenvolvido por Bordini e Aguiar (1988, p.85) a partir da estética da recepção para promover a leitura literária em sala de aula numa perspectiva da formação de leitores de romances, visto que ele se “[...] funde na atitude participativa do aluno em contato com os diferentes textos”, ou seja, partindo do horizonte de expectativa do leitor, o professor poderá levar textos que façam parte da experiência pessoal do aluno e, em seguida, propiciar situações que o levem tanto a refletir sobre a obra lida e a romper o horizonte de expectativa desse educando quanto a ampliar as leituras desses discentes.

Esse método, por ser bastante democrático, exige do professor um olhar minucioso, o desenvolvimento de atividades mais dinâmicas e interativas, uma participação maior do aluno, já que os exercícios propostos pelo educador lhe incitam a ser um sujeito crítico e participativo do processo ensino-aprendizagem. Também porque exige um trabalho diferenciado com a Literatura, ou seja, antes mesmo de o docente levar qualquer tipo de texto literário para a sala de aula, ele deve averiguar o perfil literário desse aluno e, a partir dessa sondagem, propiciar leituras que atendam o horizonte desse leitor e o levem a adentrar em outras obras mais complexas. Tal método é composto por cinco etapas, a saber:

- a) *Horizonte de expectativa do leitor* - momento em que o professor conhecerá as vivências leitoras do aluno, as temáticas que esse educando gosta de estudar. Essa etapa é muito importante, pois através dela o docente poderá identificar o perfil desse leitor, bem como as deficiências de leitura que esse aluno apresenta.
- b) *Atendimento do horizonte de expectativa do leitor* - etapa em que o professor irá ler com a turma alguma obra literária, cuja temática se aproxime tanto das vivências quanto do nível desse aluno (idade, série).
- c) *Questionamento do horizonte de expectativa do leitor* - etapa em que o educador deverá traçar questões que levem o discente a refletir sobre o texto lido, pois como ressaltam

Bordini e Aguiar (1988, p.90), “esse é o momento de que os alunos verificam que conhecimentos escolares ou vivências pessoais[...] proporcionaram a eles facilidade de entendimento do texto e/ou abriram-lhes caminhos para atacar os problemas encontrados”. Além disso, o educador poderá oportunizar rodas de conversas, debates acerca da obra literária estudada, aplicar uma atividade escrita, com questões relacionadas ao texto literário. É interessante destacar que o docente, ao optar por um exercício escrito acerca do texto literário, deve elaborar questões que não infantilizem os educandos, mas que os levem a refletir, de modo crítico, sobre a obra estudada.

d) *Ruptura do horizonte de expectativa do leitor* - é o momento em que o educador deverá introduzir textos mais complexos e com temáticas semelhantes às obras estudadas, a fim de abalar as certezas dos alunos e levá-los a uma interpretação mais significativa acerca dos textos lidos.

d) *Ampliação do horizonte de expectativa do leitor* - etapa em que o educador deverá inserir outras obras para alargar o horizonte de expectativa do discente. Para esse momento final, o docente poderá levar outros gêneros literários, filmes, documentários, canções e outras manifestações artísticas que dialoguem com a temática da obra lida pela turma, a fim de ampliar os conhecimentos dos alunos.

O método recepcional é um bom caminho para trabalhar o romance em sala de aula numa perspectiva de formação leitora, pois além de possibilitar uma prática mais dialógica entre o professor e o aluno, também rompe com esse ensino tradicionalista (estudo das classes literárias, resumos de obras literárias, etc.) em sala de aula e aproxima o leitor da obra.

Enfim, após as discussões feitas neste capítulo, somos convictos de que para enfrentar a ausência do estudo de romance, em sala de aula, que tematiza o período da ditadura militar brasileira, cabe ao professor acreditar nas potencialidades desse tipo de Literatura para a formação leitora dos alunos e na dinamicidade do método recepcional como metodologia que permite a elaboração de aulas mais instigantes e democráticas.

2. MULHERES EM MEIO À DITADURA

Silenciosa força interior, isso é o que têm as mulheres. Uma força discreta[...] alimenta seus gestos de coragem e, tantas vezes, permitem que conservem a cabeça erguida nas circunstâncias mais duras[...] dizendo-se apenas um elemento pequeno em seu grupo[...]. Seria mesmo justo considerá-las pequenas? (Colasanti, 2008, Prefácio VIII).

Em concordância com a epígrafe acima, neste capítulo, discorreremos sobre a visibilidade secundarizada da mulher militante na luta contra o regime militar brasileiro, sobre as diversas formas que os agentes da repressão agiram sob os corpos dos sujeitos femininos, bem como a resistência das guerrilheiras às violências físicas e psicológicas praticadas pelos militares, a fim de aproximar o nosso leitor desse contexto histórico. Em seguida, falamos um pouco sobre a vida e as obras de Claudia Lage, com o intuito de destacar não só as suas produções literárias, mas também as temáticas exploradas em suas obras.

Além disso, apresentamos uma leitura crítico-interpretativa do romance *O corpo interminável*, enfatizando, assim, o protagonismo das militantes na luta contra o governo autoritário, as diversas representações dos sujeitos femininos, os conflitos vivenciados por elas para continuarem militando, a violência de gênero, a tentativa de apagamento das barbáries da ditadura e o trauma sequencial provocado às vítimas do regime.

Como destacamos em outros momentos dessa pesquisa, a obra estudada retrata um dos períodos mais violentos de nossa história: a ditadura militar no Brasil (1964-1985). Durante vinte e um anos, muitas pessoas que lutaram contra o regime foram presas, torturadas, obrigadas a viverem não só na clandestinidade, exiladas em outros países, distantes de seus entes queridos, mas também mortas.

Devido às barbaridades cometidas pelo autoritarismo brasileiro, muitos familiares também não puderam enterrar seus filhos, suas filhas, porque os corpos dessas pessoas nunca apareceram. Segundo a pesquisadora Eurídice Figueiredo (2017, p.14) “[...] as autoridades do país deram carta branca aos policiais e militares, muitos deles verdadeiros psicopatas, a fim de eliminar pessoas de forma sistemática, simulando teatrinhos ou descartando corpos como se fossem animais”.

Nesse sentido, ao situar tal momento histórico para tentar reconstruir o passado de Daniel, um dos protagonistas da narrativa, cuja história é marcada por um passado traumático, cheio de incógnitas acerca da morte da mãe, a autora busca não só mostrar a

ditadura sob o ponto de vista da mulher subversiva, vivendo em uma sociedade machista e militarizada, mas também resgata o protagonismo das mulheres militantes, já que, como defendemos nessa tese, há uma visibilidade secundarizada do protagonismo dos sujeitos femininos na luta contra o regime, pois “[...] o relato oficial sobre a nossa trajetória como nação [...], nossos heróis têm, quase sempre, barba e bigode (Merlino, Ojeda, 2010, p.15).

A partir de múltiplas vozes femininas que estão diluídas em narrativas fragmentadas no romance, a autora retrata as experiências das mulheres militantes nas salas de tortura, expostas às diversas barbaridades praticadas pelos agentes da repressão. Essas variadas vozes que constituem um modelo narrativo escolhido para dramatizar a memória subterrânea, as memórias soterradas e, afinal, silenciadas de Julia, são discordantes no romance. Além disso, não possuem um diálogo contínuo com as demais histórias das militantes retratadas na obra de Claudia Lage. Essa estrutura narrativa acaba dificultando a leitura do romance, pois o leitor precisa voltar ao texto diversas vezes para conseguir compreender a história.

À medida que autora configura a participação das mulheres na luta contra a ditadura e as opressões praticadas pelos militares às presas políticas, também traz à tona, em seu romance, as diversas formas de resistência do sujeito feminino às barbaridades cometidas pelo regime, como por exemplo, as relações homoafetivas entre duas mulheres militantes, vivendo em clandestinidade, compartilhando tanto sentimentos de angústias, tristezas quanto os desafios da maternidade frente ao isolamento da sociedade. Além disso, Claudia Lage enfatiza a coragem dessas militantes ao desafiar o sistema repressor.

É, justamente, esse resgate do protagonismo das mulheres militantes que essa autora traz em sua obra, a fim de que tenhamos um novo olhar sobre esse período que usou o poder e a força para deslegitimar a mulher, como podemos ver na análise fazemos aqui desse romance.

Cabe ressaltar que essa leitura não se encerra por aqui, pois é um ponto de partida para que outros pesquisadores e estudiosos da área de Literatura aprofundem a discussão acerca dessa narrativa, resgatando, dessa maneira, a história dessas mulheres “[...] que souberam lutar, resistir e encontrar seus próprios espaços, produzindo seus saberes e afirmando ousadamente estilos libertários e feministas de existência” (Rago, 2013, p.16).

Para analisar essa narrativa, nós nos debruçamos sobre as seguintes categorias de análise, a saber: a) memória e esquecimento; b) Trauma sequencial; c) silêncio fundante e silêncio local, apregoados por Orlandi (2007).

2.1 Visibilidade secundarizada da mulher militante na luta contra a ditadura (1964-1985) e o impacto da guerrilha na vida das mulheres subversivas

“[...]no teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra” (Perrot, 2017, P.22)

Durante a ditadura militar no Brasil, muitas mulheres foram mortas por atuar de modo ativo nas lutas de resistência contra o regime militar. Mesmo representando uma quantidade menor que os homens, elas participaram de associações, comunidades eclesiais de base, chegaram a empunhar armas nas atuações contra o regime vigente e engajaram-se na luta pela Anistia.

Como afirmamos na introdução dessa tese, embora tenham participado de movimentos contra a ditadura militar, percebe-se que há uma visibilidade secundarizada³ da participação da militância feminina contra o autoritarismo, pois como bem salientam Merlino e Borges (2019, p.18), “quase não há menção ao protagonismo das mães, esposas, filhas, irmãs e amigas daqueles e daquelas que morreram nas mãos dos agentes da repressão e de sua batalha para manter viva sua memória, exigindo do Estado as respostas devidas até hoje”. E quando há, essas mulheres são retratadas apenas como coadjuvantes, como a namoradina ou esposa dos militantes.

No entanto, nota-se que as mulheres buscaram lutar pelo seu espaço na política, relegando, assim, o papel lhes imposto pela sociedade, ou seja, o de dona de casa, dos filhos e do marido. Além disso, as transformações sociais ocorridas nas décadas de 60 e 70 como, por exemplo, a criação da pílula anticoncepcional e o direito ao voto criaram condições importantes para que o sujeito feminino pudesse não só questionar o seu lugar na sociedade, mas também inserir-se nas lutas políticas.

Cabe ressaltar, aqui, que falar sobre o engajamento político das militantes é, também, perceber a atuação dessas mulheres de forma mais ampla, uma vez que, antes mesmo de elas se envolverem na luta contra a ditadura, já militavam em grupos e associações femininas na busca pelos seus direitos enquanto sujeitos femininos. Abrindo mão, como bem ressalva Rosa (2013, p.13), “[...] de destinos seguros e confortáveis para

³ Embora algumas autoras, como Ana Colling (1997), Susel Oliveira da Rosa (2013) e a própria Claudia Lage, autora de *O corpo interminável*, usem o termo invisibilidade da mulher militante para se referir à ausência do protagonismo feminino frente às lutas contra a ditadura militar, optamos por utilizar o termo visibilidade secundarizada da militância feminina. Isto porque, a partir de nossas pesquisas e das leituras de diversas narrativas que representam esse período, percebemos que, diferentemente do militante, cuja participação na militância contra o regime é vista em primeiro plano, o sujeito feminino militante é configurado nas obras ficcionais em segundo plano, geralmente, seguido de adjetivação - companheira, namorada, etc.

perseguirem suas utopias, em defesa da justiça social, da igualdade e da liberdade”.

Em consonância com essa pensadora, Ribeiro (2018), na obra *Mulheres na luta armada*, afirma que foi a partir de movimentos individuais e coletivos que as mulheres começaram a militar contra o regime e que sob as botas dos generais elas começaram a firmar o seu estilo libertário de ser, utilizando, assim, os espaços públicos e privados para militar.

Além de Ribeiro, Colling (1997) afirma que, ao inserir-se nos grupos contra o regime militar, as militantes tinham a intenção de lutar por uma sociedade mais justa e democrática. Assim como os homens militantes, as guerrilheiras buscavam estudar para se aprofundar teoricamente acerca de estratégias para a derrubada da ditadura militar, abdicavam de sua família, seus filhos, viviam em clandestinidade. Conforme essa autora:

A opção pela militância política representava uma mudança radical no modo de vida de todas as mulheres[...]. A clandestinidade, o permanente risco da prisão e da tortura, a necessidade do aperfeiçoamento teórico e o desenvolvimento de ações práticas exigiam disciplina, dedicação e sobretudo paixão (Colling, 1997, p.52).

Para ser militante não bastava apenas as mulheres renunciarem os papéis que lhes foram impostos pela cultura patriarcal, também era importante o comprometimento delas com a revolução, a necessidade de aprofundamento teórico acerca de guerrilhas, das lutas, bem como amor à causa revolucionária.

Essa autora também ressalta que para a guerrilheira ser aceita nos grupos de esquerda, ela deveria adequar-se ao modelo masculino do militante, negando-se, dessa maneira, enquanto mulher, ou seja, o cuidado com a aparência pessoal não merecia lugar nesta nova forma de vida, já que o objetivo principal era guerrilhar, lutar contra o governo opressor. Vejamos:

As mulheres assumiram a militância nas organizações de esquerda negando a sua condição de mulher. As organizações eram espaços fundamentalmente masculinos, o que impunha às mulheres a necessidade de se colocarem como militantes, diluindo as relações de gênero na luta política mais geral (Colling, 1997, p.75).

Ao dialogar com essa pensadora, constata-se que por negarem sua condição enquanto mulher, algumas delas passavam a assumir-se também como assexuadas, ou seja, as relações afetivas entre as guerrilheiras e os militantes eram descartadas. Isso ocorria devido ao envolvimento das militantes na luta contra os agentes da repressão e a

tentativa de igualdade junto ao companheiro, já que dessa forma elas achavam que seu desempenho seria bem melhor nas lutas políticas.

Em sintonia com Colling, Rosa (2013) também ressalta em seu livro *Mulheres, ditaduras e memórias*: “Não imagine que precise ser triste para ser militante” que a maternidade e o amor eram pontos que enfraqueciam a militância feminina e, por esse motivo, as militantes não buscavam se relacionar com os seus companheiros de lutas.

Embora fizessem um esforço desmedido para serem vistas pelos seus companheiros de lutas como militantes, Colling (1997) afirma que havia um sentimento de proteção masculina em relação às guerrilheiras, uma vez que os militantes se achavam mais fortes do que elas.

Além disso, mesmo as mulheres militantes descuidando da aparência, usando roupas e cabelos que se assemelhavam ao estilo masculino, os guerrilheiros ainda se interessavam por elas. Também cabe destacar que por relegar à sua condição de mulher na sociedade, por ousar adentrar um espaço político, e não o privado, as guerrilheiras eram duplamente torturadas. Os agentes da repressão agiam de maneira brutal contra os corpos das mulheres militantes, como podemos perceber na fala de Colling (1997, p.79-80):

A violência, materializada na tortura, foi a principal relação que se estabeleceu entre a repressão e as mulheres militantes na prisão [...]. Docilizar o corpo da mulher para sujeitá-lo, fragilizá-lo, para que ela entendesse sua posição de inferioridade absoluta ao poder instituído, são os objetivos principais da tortura. Era preciso que se entendesse que a militante política era uma mulher desviante, porque poder e política rimam com masculinidade, com virilidade, e não com feminilidade. O homem cometia um pecado ao se insurgir contra o regime militar, mas a mulher cometia dois: o de lutar juntamente com os homens e o de ousar sair o espaço privado, a ela destinado historicamente, adentrando no espaço público, político e masculino.

O fato de a mulher adentrar num espaço político e predominantemente masculino a transformava numa ameaça à ordem familiar, pois elas passavam a ser consideradas como “mal-amadas”, “mulheres de vida fácil” ou, então, “putas comunista”s e, por esse motivo, elas deviriam ser punidas. Nesse sentido, quando eram presas, os agentes da repressão usavam diferentes técnicas de torturas físicas, como podemos perceber na fala de Rosa (2013, p.59):

Desde o momento da prisão até o horror da sala de torturas, estavam nas mãos de agentes masculinos fiéis às performances de gênero, que

utilizavam a diferença como uma forma a mais para atingir as mulheres[...] quase todas as mulheres foram estupradas, embora a maioria não fale sobre isso. Embora a nudez e a tortura nos órgãos genitais fossem constantes para homens e mulheres no momento de tortura, o estupro é utilizado especificamente contra a mulheres.

Em sintonia com Rosa, Colling (1997) afirma que os agentes da repressão encapuzavam as militantes e tiravam as suas roupas, deixando-as nuas, a fim de fragilizá-la como mulher e como militante. Ainda segundo essa pesquisadora, os militares culpabilizavam os pais das presas políticas por não propiciarem uma educação que priorizasse a concepção tradicional da família, ou seja, educar as mulheres para serem boas companheiras e excelentes mães.

Embora homens e mulheres ficassem nus quando torturados, a nudez era vista pela militante como algo pavoroso, porque causava não só constrangimento à presa política, mas também era uma forma de ela se sentir desprotegida e desestruturada. Conforme aponta Colling (1997, p.90), ao contrário do homem que foi criado sem ter vergonha de seu corpo, “[...] a mulher foi educada para ser recatada, sóbria, defendendo seu corpo de olhares estranhos, olhares que poderiam ser de cobiça ou desejo”.

Desse modo, os agentes da repressão, que tinham vários conhecimentos das técnicas de torturas e conhecimentos de pontos estratégicos do corpo humano, sabiam que, diferentemente, do sujeito masculino, a mulher “[...] tinha como ponto nevrálgico a sua nudez” (Colling, 1997, p.90) e que isso a deixava desestabilizada.

Além das torturas físicas, as mulheres militantes sofriam diversas torturas psicológicas, tais como: xingamentos relacionados a conduta da militante, ou seja, os torturados a chamavam de putas comunistas. Também “[...] recebiam ameaças por parte dos policiais de prender os filhos e outros membros da família”. (Colling, 1997, p.64). Os agentes da repressão usavam essa tática no momento de tortura com o intuito de intimidar as guerrilheiras. Inclusive, era comum os militares sequestrarem os bebês das presas políticas não só para adotá-los, mas também para negociá-los com casais de outros países que não podiam ter filhos.

Conforme Eurídice Figueiredo, na obra *Mulheres contra a ditadura: escrever é(também) uma forma de resistência*, “[...] os torturadores pareciam alucinados, perturbados; tinham o prazer em humilhar, bater, abusar sexualmente de mulheres geralmente bem jovens” (Figueiredo, 2024, p.55).

Outro ponto que merece destaque diz respeito a relação da mulher com a clandestinidade. Segundo Rosa (2013), ao habitar o espaço limiar da invisibilidade, as

militantes vivenciaram esse isolamento de diferentes maneiras. Assim sendo, enquanto que para algumas, manter-se invisível para seus familiares, amigos e para a sociedade, de maneira geral, era um estado de solidão, para outras guerrilheiras, era uma oportunidade de elas aprofundarem suas leituras e seus conhecimentos, a fim de buscar estratégias significativas para derrubar a ditadura.

Essa autora também afirma que a clandestinidade era vista como uma rede de afetos, de trocas, de encontros e de muita resistência entre aquelas que militavam na luta contra o regime. Nesse sentido, por acreditarem que podiam derrubar o governo ditatorial brasileiro, muitas militantes agarravam-se aos seus ideais com bastante tranquilidade e paciência. Vejamos:

Viver no estado de exceção, transformar seu corpo em máquina de guerra lutando contra a redução à vida nua, tornando-se clandestino, demandava tranquilidade. Uma boa dose de paciência, pois os militantes acreditavam com todas as suas forças que iriam derrubar a ditadura. Essa crença dava-lhes forças e era vivida por muitos de forma alegre (Rosa, 2013, p.55).

Mesmo tendo que viver de maneira clandestina, sofrendo torturas psicológicas e físicas, tornando-se nômades e transformando o seu corpo em máquina de luta, as militantes conseguiram resistir aos desmandos da ditadura militar, enfrentando a violência política. O medo não as paralisou, pelo contrário, ele as impulsionou a lutar pelos seus ideais e pela democracia, como podemos perceber na leitura analítico-interpretativa que fazemos do romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage no subtópico 2.3 deste capítulo.

Destarte, antes de passarmos para a análise dessa narrativa, conheçamos um pouco das obras produzidas por Claudia Lage, do seu estilo literário, das temáticas recorrentes em suas obras, dos escritores que a influenciaram, bem como os prêmios literários que ela conquistou ao longo de sua carreira.

2.2 A autora e suas obras: Claudia Lage em cena

Para o bem ou para o mal, o escritor escreve sobre a realidade que sofreu e de que se alimentou. O modo como faz isso é outra questão, é o próprio ofício do escritor, que inclui também a escolha do seu tema. (Lage, 2020, p.17).

Natural do Rio de Janeiro, Claudia Lage possui uma formação bastante ampla. Além de ser formada em Letras, em Teatro (UNIRIO), ser mestre em Literatura pela

PUC-Rio, também é roteirista e escritora. Em 2012, escreveu a novela *Lado a lado*, que trazia como tema principal não só a emancipação feminina, mas também as questões racistas. Através dessa novela, a jovem roteirista e escritora, conquistou o *Prêmio Emmy Internacional de melhor telenovela* em 2013.

No tocante à Literatura, a autora publicou, em 1996, seu primeiro conto *A hora do galo*, cuja narrativa aborda a história de uma mulher que, prestes a morrer, chama as irmãs e seus ex-companheiros para passar a limpo alguns acontecimentos do passado, a saber: a traição do marido com a irmã da esposa e a revelação ao neto de que ela não era a sua avó, mas a tia-avó.

O conto faz uma intertextualidade com a narrativa *A missa do galo*, de Machado de Assis, justamente, não só por abordar as questões relacionadas ao sagrado e ao profano, à traição, mas também por enfatizar os princípios morais e conservadores da época. A narrativa de Claudia Lage termina mostrando, justamente, a tranquilidade da personagem, por desmascarar não só uma das irmãs, mas também o fingimento, a falta de amor e traição do ex-marido. Através dessa narrativa, Lage ganhou o seu primeiro concurso *Stanislaw Ponte Preta de contos*, da Rio Arte.

Após essa publicação, em 2000, ela escreveu seu primeiro livro literário *A pequena morte e outras naturezas*, composto por 13 contos que retratam, com bastante sensibilidade, os dilemas humanos vividos por sujeitos ficcionais que estão sempre em desajustes com o seu mundo interior. Ao configurar, nessas narrativas, temas como a morte, o amor e suas contrariedades, a traição no casamento e o conflito de uma mãe ao ver o seu filho entrar em desajuste emocionalmente por cursar medicina, Claudia Lage convida-nos a refletir sobre os relacionamentos líquidos vividos pelos sujeitos contemporâneos, as dores do crescimento, bem como as dificuldades da mulher frente à maternidade (um tema bastante recorrente em seus romances).

Ainda nessa obra, a autora dá visibilidade não só a opressão do sujeito feminino frente a um relacionamento machista, no qual o homem se sente no direito de trair e ser perdoado pela esposa, mas também destaca a angústia que paira sobre a mulher acerca do casamento. Ao destacar essa temática, a autora leva-nos a pensar sobre os seguintes questionamentos: 1. Por que o homem pode trair e a mulher não? 2. O sujeito feminino é obrigado a silenciar a opressão em que vive em nome da família e da religião? 3. Se a mulher resiste às tentações masculinas, por que os homens não podem resisti-las? 4. Mesmo sendo traída, a mulher é obrigada a viver num relacionamento desrespeitoso e abusivo?

De forma bastante introspectiva e com um olhar bastante sensível e cirúrgico, Claudia Lage toca em questões complexas e de difíceis respostas acerca das relações humanas, convidando-nos, dessa forma, a pensar até que ponto o sujeito feminino deve se manter em um relacionamento abusivo em prol de um casamento que mais aprisiona a mulher do que a faz feliz.

Claudia Lage, em suas obras literárias, constrói personagens femininas fortes, empoderadas, que buscam combater a violência de gênero no cotidiano, levando-nos, assim, a pensar sobre as opressões que as mulheres estão submetidas no dia a dia em nome da família e da religião.

Tal temática é bastante recorrente na obra dessa autora, possivelmente, porque, como bem destaca em sua crônica “Ficção e Experiência”: “o escritor escreve sobre a realidade que sofreu e de que se alimentou” (Lage, 2020, p.17). Ao afirmar isso, percebemos que, nas entrevistas concedidas pela autora, ela sempre mostra a sua inquietude por temas relacionados as opressões vividas por mulheres não só no contexto da ditadura, mas também na sociedade atual.

Quando indaga sobre os seus processos de criação literária, a escritora declara que, antes de escrever seus livros, busca tanto ler obras literárias quanto assistir aos documentários acerca dos temas relacionados à violência de gênero, ao protagonismo da mulher, com o intuito de ter uma inspiração para criar seus personagens, as suas histórias.

Além dessa obra, em 2009, a escritora participou de uma coletânea de contos do livro intitulado *Tempo aberto: oito décadas em oito contos de grandes autores brasileiros*, publicado pela editora Record, com o conto “O delírio de Moira”, publicado originalmente em seu primeiro livro. Tal narrativa configura o conflito de uma personagem que vive, em seu dia a dia, dificuldades financeiras. A fim de superar esse problema, o sujeito ficcional agarra-se não só aos seus delírios, mas também busca resistir ao conflito vivenciado.

Ao trazer a temática em questão, vivida por uma arquiteta bilíngue, a autora destaca os problemas vivenciados pelo sujeito contemporâneo, que está diluído numa sociedade consumista, de uma urgência implacável de sempre precisar de algo para manter-se completo, como podemos ver no trecho a seguir: “Como ela se afobava com as marcas e os anúncios! As coisas que queria ter, as coisas que não podia” (Lage, 2009, p.94).

Além de ter contribuído com essa coletânea de contos, Claudia Lage também publicou, em 2009, seu primeiro romance *Mundos de Eufrásia*, cuja narrativa aborda a

impossível história de Joaquim Nabuco e Eufrásia Teixeira Leite. Embora a obra configure um relacionamento impossível entre os personagens, nota-se que a narrativa busca refletir sobre a emancipação feminina na sociedade do século XIX, bem como sobre as questões patriarcais arraigadas na vida dos sujeitos fictícios.

Conforme a narrativa, desde pequena, Eufrásia e sua irmã foram ensinadas pelo pai a contar, a ler, a estudar matemática e a brincar com objetos infantis masculinos. Essa atitude paterna era algo que contradizia a cultura da época. Enquanto o pai ensinava às filhas a serem livres, independentes, a saberem administrar as finanças que herdariam num futuro próximo, a mãe das personagens, Ana Isméria, buscava sempre afirmar a condição de subalternidade da mulher ao sujeito masculino. Para a genitora, as filhas deveriam casar, ter filhos, cuidar da casa, do marido, saber cozinhar.

O esforço do genitor de tornar as filhas independentes, conscientes do papel da mulher na sociedade e livre das amarradas do patriarcado não é em vão, pois Eufrásia torna-se uma grande investidora na bolsa de valores. À medida que vamos lendo a narrativa, percebemos que a autora parte dos deslocamentos de gêneros, a fim de desconstruir tanto o machismo, quanto os estereótipos ligados ao sujeito feminino, tais como: a) o profissional: a personagem investe o seu patrimônio na Bolsa de Valores e consegue ter êxito, tornando-se, assim, uma grande financista; b) rompe com a cultura patriarcal em que a mulher é obrigada a casar, a ter filhos, a ser submissa ao marido e, principalmente, a ter o corpo disciplinado, ou seja, a protagonista além de não casar, vivenciar um relacionamento bastante aberto com Joaquim Nabuco, também busca ter a autonomia sobre o corpo, vivendo a sexualidade fora do casamento.

No entanto, ao romper com as barreiras do patriarcado, o sujeito feminino sofre não só com o julgamento da sociedade da época, mas também vivencia a solidão afetiva por pensar e agir diferente da cultura vigente. Ademais, para ser aceita em outros espaços sociais relegados ao sujeito masculino, a personagem precisa demonstrar uma competência maior para se manter ali, já que carrega sobre si o fardo pesado da história do gênero. Cabe salientar que essa obra foi finalista do *Prêmio São Paulo de Literatura* de 2010, na categoria autor estreante.

Além desse romance, Lage também publicou, em 2013, o livro *Labirinto da palavra* que reúne várias crônicas, as quais trazem como temas: a escrita literária e processo de criação da obra, o sentimento de solidão do escritor no ato de elaboração do texto literário, a literatura e seu ensino, a influência com outros autores, etc.

Anos mais tarde, em 2019, a escritora carioca publica o seu segundo romance *O*

corpo interminável, uma narrativa singular, de difícil leitura, que traz como tema central o protagonismo da mulher militante na luta contra a ditadura militar brasileira. Nessa obra, Lage, através de diversas vozes fragmentadas, configura a violência de gênero praticada às mulheres militantes, alguns métodos de tortura, a tentativa de apagamento desse período histórico, bem como a resistência das guerrilheiras ao autoritarismo brasileiro.

Diferentemente de outros romances, cujas narrativas configuram a visibilidade secundarizada da mulher militante na luta contra os horrores do regime militar, em *O corpo interminável*, Claudia Lage traz para o centro da obra, as experiências das guerrilheiras vivendo na clandestinidade, nas salas de tortura, enfrentando a violência de Estado e a diferença de gênero. Além de o livro ser escrito por uma mulher, também dá visibilidade ao estupro vivenciado pelas militantes nas salas de torturas, o que torna a obra de Claudia Lage ainda mais potente, pois rompe com o silenciamento do feminino.

Com o romance *O corpo interminável*, a autora ganhou o *Prêmio São Paulo de Literatura*, em 2020. Além de seu trabalho enquanto escritora, Claudia Lage ministra cursos tanto presenciais, quanto on-line acerca de escrita criativa de contos. Recentemente, ela também voltou a fazer leitura crítica de originais de ficção (romance e conto) e de roteiros de filmes, bíblias e pilotos de série.

Ao passo que vamos lendo as obras de Claudia Lage, percebemos as influências literárias que contribuíram para a sua formação intelectual enquanto leitora e escritora, tais como: Clarice Lispector, Lígia Fagundes Telles, Caio Fernando Abreu e Fiódor Dostoiévski. Assim sendo, ao fazermos uma análise minuciosa de seus textos, notamos que a autora, em seu processo de escrita, opta, muitas vezes, por uma narrativa linear, com um discurso psicológico integrado aos acontecimentos dos personagens. Só em *O corpo interminável* que Lage traz uma multiplicidade de vozes fragmentadas, com narrativas rasuradas que exigem, como afirmamos em outros momentos, um leitor atento para que possa compreender a narrativa.

No que se refere à construção de seus personagens, percebemos que eles estão sempre numa insatisfatória busca do eu, transportando, assim, o caos do mundo para a mente deles. Em seus textos, Lage busca narrar, a partir da vida interior de seus personagens, os diversos dilemas que permeiam o sujeito contemporâneo, tais como: as opressões de gênero, as dificuldades das mulheres frente à maternidade, o empoderamento do sujeito feminino, os conflitos amorosos, a busca do eu, etc.

Os seus protagonistas além de serem complexos, também estão, o tempo todo,

questionando o seu lugar no mundo, buscando romper os estereótipos ligados ao gênero, à raça e buscando resistir ao preconceito, ao sofrimento humano, às diversas violências que permeiam os espaços sociais onde estão inseridos.

No tocante ao estilo literário, nota-se que a escritora carioca tem uma “[...] consciência de que a literatura não é uma estrutura sólida sobre a qual cada escritor deve pôr a sua massa, mas sim um organismo em constante elaboração, feito, não de regras, mas de convenções, nas melhores vezes, criadas pelo próprio autor (Lage, 2013, p. 43).

Embora seja bastante consagrada no universo literário, tenha ganhado alguns Prêmios, notamos que essa escritora ainda é pouco estudada na academia. Também percebemos, a partir de uma leitura minuciosa de seus livros, que os temas: protagonismo feminino, a inserção da mulher militante na luta contra a ditadura militar brasileira e a violência de gênero estão em evidência nas narrativas dessa escritora como forma de refletir sobre as opressões lhes impostas.

Enfim, as leituras das obras de Claudia Lage são bastante introspectivas, pois levam não só os leitores a mergulharem no mais íntimo de seus personagens, bem como a refletirem sobre os dilemas humanos que abarcam os sujeitos ficcionais, como podemos ver, na análise que fazemos a seguir do romance *O corpo interminável* - objeto de nosso estudo. Tanto a obra quanto a análise que fazemos dessa narrativa expressam:

[...] uma grande e irremediável dor. Dando voz aos vencidos, eles acolhem também as suas feridas, seus gemidos, sua derrota. Emaranhado na tessitura ficcional, o sofrimento não é diminuído em seu horror, nem tampouco dissolvido no senso comum. Das páginas não surgem mártires, nem heróis, mas pessoas comuns- um possível vizinho, [...] um parente distante (Dalcastagnè, 1996, p.137).

São personagens que vivenciam seus dramas mesmo após o período do horror, que foram penalizados por um sistema que usou o poder para torturar, humilhar e matar aqueles que sonhavam com um país mais justo e democrático. São sujeitos fictícios que, inseridos dentro de um sistema opressivo, enfrentam o medo, a angústia, a ruptura com a família e criam diversas formas de resistência ao governo autoritário.

2.3 Militância feminina e Ditadura em *O corpo interminável*, de Claudia Lage

Era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que, por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era uma mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser (Evaristo, 2017, p.109-110).

Lançado em 2019 pela Editora Record, *O corpo interminável*, de Cláudia Lage narra a história de Daniel, filho da ex-guerrilheira Julia que, além de ter sido presa e torturada, acaba desaparecendo durante a ditadura militar, sem deixar rastros. Conforme a narrativa, assim que o garoto nasceu, com poucos dias, sua mãe foi presa pela repressão e impossibilitada de criá-lo. Como forma de protegê-lo, a jovem militante deixa o filho com Sebastião Monteiro de Melo, o avô materno do garoto que, mesmo com o coração angustiado por não saber o que, de fato, tinha acontecido à filha, acaba criando o neto com a ajuda de dona Jandira, uma vizinha com quem, possivelmente, mantinha um relacionamento amoroso e bastante reservado.

Daniel cresce imerso no silêncio do avô que, por não gostar de falar sobre o sumiço da jovem filha, tenta de todas as maneiras ocultar fatos importantes da vida dela para o neto. Além disso, sempre que o garoto o interpelava sobre esse passado tão misterioso da mãe, ele desconversava, ficava irritado, dizia que não sabia o que tinha acontecido com ela.

À medida que vamos lendo o romance, percebemos a angústia, a tristeza, o conflito desse personagem por não saber bem ao certo o que teria acontecido com a sua progenitora, chegando, dessa forma, a imaginar a forma como essa mãe morreu, como podemos ver no trecho abaixo:

Havia um avô e um menino, contei à Melina, esse menino cresceu imerso no silêncio do avô. Não sei se era alegre ou triste, era uma criança que não sabia de sua história, não sabia de nada. Tento lembrar, mas não consigo, não consigo me aproximar desse menino, olhar para dentro dele, pensar o que ele pensava, sentir o que sentia, medir até onde percebia as circunstâncias, o seu isolamento, o que lhe faltava. [...] um menino que imagina a morte da mãe de diferentes formas. Que colocava sangue e violência nessas mortes (Lage, 2019, p.25).

Como podemos observar no trecho acima, o silêncio do avô acerca do passado da filha provoca sofrimento ao neto, pois além de Daniel crescer sem conhecer o passado da

mãe, também não sabe qual o motivo de sua morte e, para preencher essas lacunas, o garoto tenta imaginar a forma como sua progenitora morreu.

Embora não gostasse de falar sobre o passado de sua filha Julia, Sebastião não privava o neto de ter acesso aos jornais, revistas e programas de televisão que enfatizavam os horrores praticados pelo autoritarismo brasileiro. Também é interessante destacar que, após o sumiço da jovem militante, ele sempre buscava preservar os móveis da casa no mesmo lugar:

O avô deixou a cama arrumada e vazia na esperança de a filha voltar, mas foi o menino que a ocupou depois. Não era esperado, mas o avô o pôs ali. O menino ocupa o vazio deixando uma substituição frustrada desde o início. Ele não sabe e fecha os olhos. Sabe apenas que dorme na mesma cama de sua mãe, que o avô não quis se desfazer dela-apesar de velha, apesar dos rangidos, apesar de tudo que ele não sabe - e que isso, de não se desfazer, de agarrar as coisas até o último fio, de insistir naquilo que já pediu desistência- às vezes era bom, muito bom (Lage, 2019, p.38).

A atitude do avô de Daniel de manter os móveis sempre no mesmo lugar é uma forma de preservar a memória ou parar o tempo, a partir de um luto não feito dessa filha a quem ele tanto amava e que, infelizmente, acabou perdendo para o regime. Ao passo que vamos lendo a narrativa, notamos que, possivelmente, Sebastião não gostava de falar acerca desse passado traumático para o neto porque sentia-se culpado por ter denunciado a própria filha: “há suspeitas de que ele denunciou a célula de Julia, que ela foi presa com os companheiros, mas que o combinado era que não fosse, e o seu Sebastião correu todos os departamentos oficiais para o acordo fosse cumprido, há suspeitas, há indícios” (Lage, 2019, p.190).

Conforme o romance, Sebastião denunciou o grupo de militância da filha porque ainda tinha esperanças de que os agentes da repressão pudessem encontrar Julia, no entanto, isso não acontece, pois além de ter sido presa, torturada, eles a matam e dão sumiço ao corpo da jovem sem deixar rastros.

Por carregar a culpa de ter denunciado o grupo de militância da filha e, em consequência disso, a filha também ter sido presa e morta pelos militares, Sebastião além de não ter uma relação amorosa com o neto, não consegue se aproximar do garoto de maneira mais íntima, amigável, de modo que pudesse amenizar a ausência dos pais. Essa postura do avô de Daniel nos faz lembrar as palavras de Gagnebin (2016, p.110) ao afirmar que “é próprio das pessoas que passaram por experiências violentas evitarem falar sobre o seu passado”, pois o trauma provoca uma ferida aberta na alma que impede o

sujeito de reelaborar ou narrar simbolicamente a sua dor.

Diante da falta de informação sobre o passado da mãe, resta ao narrador protagonista remexer os objetos pessoais do avô, com o intuito de encontrar algo que revelasse a história da ex-militante. No entanto, além de Daniel só encontrar uma caixa com algumas fotos soltas, um álbum vazio e amarelado, também é punido por dona Jandira que, ao perceber que o garoto havia mexido nas coisas pessoais de Sebastião, acaba deixando-o de castigo num quarto escuro da casa. Vejamos:

A senhora puxou o garoto, tomando a vez do avô de aplicar o castigo. [...] Com a sua ladainha indignada, trancou-o no quarto escuro. [...] Assim o moleque aprende, o moleque para com essa mania de pergunta. Não estava no inverno, não ia sentir frio. Não estava no verão, não ia sentir calor. Já tinha comido e bebido, não ia morrer de fome nem de sede. D. Jandira segurava a mão do senhor, uma mão áspera e calosa que lhe dava arrepios. Ele precisa respeitar o seu silêncio, ele precisa aprender (Lage, 2019, p.50).

Ao observar o trecho a seguir, percebemos dois tipos de silêncios: 1. O silêncio que é imposto ao garoto, já que ele é impedido de interrogar o avô acerca do passado da mãe, a fim de que não reativasse as feridas emocionais do progenitor; 2. O silêncio significativo, que representa a dor de Sebastião por ter entregado o grupo da filha para o regime, na esperança de livrá-la da prisão.

Segundo Orlandi (2007), o silêncio é uma forma de o sujeito processar suas ideias, analisar-se intimamente e meditar sobre suas ações ou sobre si mesmo. Esse autor mostra que o silêncio pode representar múltiplas significações, tais como: o silêncio das emoções, da introspecção, o da revolta, o da resistência, etc. Ele também distingue o silêncio em duas categorias: a) O silêncio fundador - aquele que, por trás do não-dito, existe um significado; b) A política do silêncio - entendida como algo que se processa dentro de uma conjuntura onde o sujeito é proibido de falar.

Essa estudiosa também declara que o silêncio pode representar tanto o lado da retórica do dominador quanto dos oprimidos. Ao observar as palavras de Orlandi, constatamos que o silêncio do avô de Daniel é fundante, ou seja, está cheio de significações, pois ele carrega tanto o sentimento de culpa por ter denunciado o grupo de militância da filha aos agentes da repressão, o trauma por tê-la perdido para o regime, bem como a sensação de impotência por, enquanto pai, não a proteger do sistema repressor. Em outras palavras, o silêncio de Sebastião representa a retórica do oprimido, já que é vítima das barbaridades cometidas pelo regime militar brasileiro.

Diferentemente do avô, que não gosta de falar desse passado traumático, a Daniel é imposto o silêncio, uma vez que é impedido de conhecer a história da mãe. No entanto, mesmo diante da atitude autoritária e mesquinha do velho, o personagem busca reconstruir esse passado, a fim de saber quem foi a sua progenitora, como ela morreu, por que ela o deixou para o avô criá-lo.

Ao analisar o comportamento de Sebastião em relação ao neto, notamos que o silêncio imposto ao garoto também representa a retórica do oprimido, pois além de Daniel ser mais uma vítima do regime militar, de ter sido afastado da mãe quando bebê, ele enfrenta um trauma por não saber o que aconteceu à mãe, por ser impossibilitado de conhecer a sua história.

Destarte, mesmo sabendo que o avô não lhe falaria algo sobre o passado da filha, Daniel busca investigar a história de Julia através dos objetos pessoais do idoso. Nessa tentativa de resgatar a memória de sua genitora, o personagem encontra, numa caixa, algumas fotos soltas da mãe quando pequena e o livro *Alice nos país das maravilhas*, cujas páginas incompletas, amareladas, com algumas anotações nas margens, grifos, observações, frases copiadas fielmente da obra original despertam nele alguns questionamentos e hipóteses acerca do desaparecimento dela. Vejamos:

Por que um livro infantil em meio à barbárie? Ela comprou, ganhou este livro? Talvez tivesse um significado especial, talvez o tivesse ganhado menina, talvez *Alice* tenha acompanhado a sua infância, e o sabor primeiro da leitura era o deslumbramento e o encantamento, mundos novos e descobertos, uma lembrança da infância que ela queria preservar, e talvez por isso o livro o acompanhou nos momentos mais difíceis, que só possa imaginar ou deduzir (Lage, 2019, p.54).

As anotações feitas pela mãe são interpretadas por Daniel como um pedido de socorro, um perigo diante de uma realidade brutal ou até mesmo um desabafo durante os momentos de aflição que a jovem, possivelmente, enfrentara quando estava sendo torturada na sala do DOPS. O livro de Lewis Carroll foi o ponto de partida para que esse jovem começasse a pesquisar não só sobre o desaparecimento da mãe, mas também sobre esse passado de tamanhas barbaridades.

Nesse sentido, a fim de chegar a uma resposta acerca do que acontecera à mãe, Daniel começa a consultar livros sobre a ditadura militar brasileira na biblioteca. Lá, o protagonista conhece Melina, uma moça que, assim como ele, também tem interesse por esse passado traumático. A partir desse primeiro encontro, eles passam não só a se encontrar por diversas vezes, mas também a dividir a leitura de um mesmo livro, cujo

relatos configuram esse período de graves violações de direitos humanos.

Desses encontros frequentes à biblioteca, dos diálogos sobre o regime militar, sobre a tentativa de apagamento desse período histórico e os diversos métodos de torturas aplicados àqueles que se rebelavam contra o governo, os dois jovens acabam se aproximando de maneira tão intensa, que passam não só a assumir um relacionamento amoroso, mas também a dividir o mesmo teto, suas histórias e conflitos pessoais, como podemos ver, no trecho abaixo, o momento em que Daniel fala à Melina sobre o desconforto de dormir na cama da mãe, bem como da morte da progenitora nunca confirmada:

Não lembro de nenhuma sensação de conforto ao dormir na cama da minha mãe, não era nela nem em seu sorriso que pensava, mas na ausência e na sua morte nunca confirmada, no seu corpo que não estava, que não se podia ver nem tocar, isso me assombrava, como um monstro no armário, mas muito pior do que um monstro no armário, porque eu sentia em minha pele, era um horror real (Lage, 2019, p.42-43).

Observa-se, na fala de Daniel, o trauma que ele carrega por não ter a certeza do que aconteceu a sua mãe. Por outro lado, percebe-se, também, que a questão da ausência do corpo é bastante relevante na narrativa, pois tanto o protagonista, quanto os familiares e amigos de sua mãe não conseguem elaborar o luto através da ritualização da morte, já que o corpo de Julia (assim como é revelado no fim do romance) não aparece. Acerca disso, a professora Eurídice Figueiredo (2022, p.73) declara que “o sumiço do corpo representa um grande desrespeito porque é próprio da morte humana a cerimônia do enterro ou da cremação; não devolver o corpo aos familiares é tratar a pessoa como animal”.

Privado do luto, Daniel sente não só uma angústia inextinguível por não saber ao certo o que aconteceu com a mãe, o que fizeram com o corpo dela - durante a ditadura militar, os corpos dos desaparecidos foram descartados como se fossem carcaças de animal, mas também vivencia um trauma por não conhecer sua verdadeira história. Leiamos a passagem a seguir:

Esse é o verdadeiro sofrimento desse filho, que não consegue imaginar a mãe como uma pessoa que se pode encontrar na esquina, uma pessoa que existiu, mas é tão pouco quando há algo maior aí que se cala, pessoas que foram arrancadas de suas casas, de suas famílias, e sumiram depois de longas sessões de torturas, jogadas no fundo do mar, incineradas em fornos a lenha, indústrias, ou enterradas em cemitérios clandestinos (Lage, 2019, p.43).

Segundo Jaime Ginzburg (2004, p.55-56), o trauma sequencial ocorre quando “[...] uma experiência histórica de violência não atinge apenas os que estão imediatamente vinculados a ela. Na medida em que essa experiência não seja superada, por vários caminhos mediados, suas marcas se prolongam para as gerações seguintes”. Tanto Daniel quanto o seu avô Sebastião vivenciam um trauma sequencial por não saber o que, de fato, aconteceu à Julia.

No entanto, é interessante destacar que ambos os personagens vivenciam esse trauma de maneiras distintas, pois enquanto Daniel tenta resgatar esse passado da mãe, o seu avô busca apagar todos os rastros que trazem as lembranças de Julia, a fim de superar a perda da filha, como podemos ver num trecho em que ele pede à D. Jandira para sumir com todos os objetos pessoais da jovem:

D. Jandira tinha queimado tudo da sua mãe. A pedido do avô, como uma gentileza ao senhor que ela adorava, tratava com mimos e piscadelas. D. Jandira tinha queimado cada objeto, roupa, foto, qualquer coisa que fizesse ressurgir a presença num vestido desbotado, num bilhete rotineiro, no anel preferido (Lage, 2019, p.88).

A atitude de dar fim a todos os objetos pessoais da filha é uma forma do personagem enfrentar o trauma, pois ao se distanciar dessas memórias, Sebastião não reativaria as lembranças da jovem militante. Além disso, nota-se que o ancião prefere esquecer as lembranças da filha, afasta-se de todas os objetos que lembrariam a garota a ter que reconstruir as memórias dela e sofrer ainda mais com a ausência da ex-militante.

Diferentemente de Daniel, cuja vida rasurada é marcada por uma experiência traumática e um passado cheio de interferências e intersecções, Melina tem uma vida familiar cheia de lacunas que vão sendo preenchidas ao longo da narrativa, a saber: a casa de Petrópolis, cuja localização ficava próxima de uma residência denominada de “Casa da Morte” que os militares utilizavam para torturar e matar os opositores da ditadura. Leiamos o trecho a seguir:

A minha família tinha uma casa em Petrópolis, Melina falou [...]. Íamos sempre para lá nos finais de semana, nas férias. [...] passávamos pelo pior toda hora, entre os passeios, a ida à padaria, ao mercado, à pracinha, ficávamos semanas tão perto dos porões escuros e não ouvíamos um grito, um choro, um tiro, nada (Lage, 2019, p.57).

Além de descobrir que morava perto da Casa da Morte, Melina acaba sabendo que

o seu genitor colaborava com os agentes da repressão. Conforme a narrativa, o pai da namorada de Daniel fotografava as cenas de torturas e mortes dos(as) presos(as) políticos, de modo que levassem os familiares das vítimas do regime a pensarem que os militantes tivessem se suicidado.

Não bastasse colaborar com o regime, o pai de Melina ainda levava os registros feitos por ele para casa. Esse comportamento causava não só indignação e revolta à mãe da jovem por ver tamanha brutalidade sendo praticada àqueles que tinham o desejo de lutar pela democracia, mas também era um dos motivos das brigas entre o casal. Não aguentando mais a atitude do marido, a mãe de Melina decide se separar após encontrar uma foto com o registro de uma possível amiga de infância, morta nos objetos pessoais do companheiro. Vejamos:

Os meus pais discutiam com a voz abafada, trancados no quarto. A minha mãe chorava escondida no banheiro. A minha mãe perdeu uma amiga nos porões. Uma amiga assassina. Uma amiga a quem ela havia dito o que não se diz a uma amiga. A minha mãe encontrou as fotos numa pasta do meu pai, guardada atrás das roupas, no fundo do armário. A minha mãe reconheceu a amiga morta na moça morta (LAGE, 2019, p.174).

Ao contrário de Daniel que de nada sabe sobre o passado da mãe, Melina conhece um pouco da história de seus pais, o conflito que a mãe vivenciava por ter um companheiro que colaborava com a ditadura e a espancava por, possivelmente, questioná-lo sobre esse tipo de trabalho. Inclusive, a jovem namorada do protagonista sente-se envergonhada por esse passado dos pais, chegando a indagar-se como uma pessoa pode viver numa época como se vivesse em qualquer outra, como os seus pais podiam ter ignorado todas as barbaridades da ditadura militar. O questionamento de Melina nos faz pensar sobre a tentativa de apagamento das barbaridades praticadas pelo regime e que acarreta sofrimento para as vítimas e seus familiares que veem a continuação da impunidade até hoje.

Segundo Kehl (2010, p.124) esse esquecimento proposital acerca dos horrores cometidos pelo regime militar brasileiro enseja uma naturalização da violência como “grave sintoma social”, pois essa impunidade “tende a provocar uma sinistra escalada de práticas abusivas por parte dos poderes públicos, que deveriam proteger os cidadãos e garantir a paz”.

No romance, é perceptível essa impunidade, essa “naturalização da violência”, pois de um lado, temos a família de Daniel que é vítima das atrocidades do regime; do

outro, temos os agentes da repressão e o pai de Melina que colaboram com o sistema autoritário, são condizentes com os atos de torturas físicas, psicológicas e mortes praticadas aos opositores do regime e que não foram punidos pelos crimes cometidos.

Essa “naturalização da violência” que a estudiosa destaca é fruto de uma política de silenciamento que, ao invés de os governantes passarem a limpo esse passado e reparar as vítimas da ditadura, acaba passado uma borracha nesse período. Inclusive, no romance, a autora aborda não só o alheamento da sociedade acerca dos crimes cometidos pela ditadura, mas também a tentativa de esquecimento desse dado contexto histórico que paira sobre o nosso país. Vejamos:

Outro dia li no jornal, Melina disse, uma competição esportiva foi realizada num estádio que pertencia a uma sede militar, onde houve prisões, torturas, mortes. Cinquenta anos depois atletas corriam na pista, torcedores ovacionavam na arquibancada, pódios e medalhas exibidos à espera do vencedor. Nenhum registro dos acontecimentos. Não foi necessário meio século para isso, poucos anos depois e era como se aquelas paredes não conhecessem outra rotina além dos esportes e das competições. A sua mãe pode ter ficado presa ali, ter sido torturada e assassinada naquele lugar, e um dia você acorda e sai de casa para assistir a um jogo, a uma corrida, e se senta na arquibancada, e você torce e vibra, sem a menor ideia do que aconteceu. É aterrorizante (Lage, 2019, p.59).

A personagem Melina além de se sentir incomodada com o silenciamento que paira sobre a sociedade civil e a tentativa de esquecimento desse período histórico, também acha aterrorizante o fato de que, em determinados locais onde se praticavam a violência ditatorial, hoje, funcionam outros empreendimentos sem que as pessoas tenham conhecimento das barbaridades praticadas num passado recente.

Sobre essa política de esquecimento, Eurídice Figueiredo (2017, p.24) declara que o Brasil continua avesso a esse passado devido à anistia brasileira que “protegeu e ocultou os culpados pelas torturas e assassinatos, impedindo a apuração da verdade e a punição dos responsáveis”. Em concordância com a crítica literária, Colling e Junior (2019) declaram que a falta de conhecimento acerca desse período histórico contribui não só para a falta de memória de nosso país, mas também para compreensões deturpadas por parte de alguns sobre o regime militar brasileiro. Para esses autores:

A ditadura militar ainda está a doer nas entranhas históricas brasileiras. Por não ter sido revisitada por uma crítica nacional, ela continua a assombrar a todos nós. A anistia ampla e irrestrita anistiou a todos-

torturadores e torturados. As relações de gênero, a desigualdades entre os sexos, presentes naquele período continuam alarmantes nos dias de hoje. Além da disparidade na política, a violência contra a mulher coloca a nu o poder de uns sobre outras (Colling, Junior, 2019, p.50).

Desse modo, nota-se que, no romance em estudo, Claudia Lage busca chamar a atenção do leitor para a importância de conhecer esse passado de graves violações de direitos humanos, com o intuito de que esse tipo de violência não mais se repita. Além disso, ela constrói uma narrativa intercalada, que se abre para um conjunto de atos narrativos ou microrrelatos de mulheres militantes em diversas situações de violência-limítrofe que, mesmo se reportando à praticadas de opressões de um dado contexto histórico, reverberam-se no cotidiano do sujeito feminino em nossa sociedade atual.

Acerca desse processo criativo de narração dessa escritora, Eurídice Figueiredo (2022, p.74), ao fazer uma leitura sobre esse romance, afirma que “a voz narrativa de *O corpo interminável* se dilui em múltiplos narradores, formando uma orquestra de vozes dissonantes que não podem contar uma história de maneira linear e realista porque as informações sobre o passado foram ocultadas”.

Ao abordar o protagonismo da mulher militante na luta contra a ditadura brasileira, deduzimos que, possivelmente, a obra busca levar o/a leitor(a) a imaginar o que tenha não só ocorrido à mãe do protagonista, mas também o que essa mulher, enquanto guerrilheira, teve que enfrentar, primeiramente, para desafiar um sistema repressor e uma sociedade machista; segundo, para lutar por um espaço marcado pela diferença e exclusão, onde prevalecia o sujeito masculino.

Desse modo, ao dar visibilidade à militância feminina, Claudia Lage mostra não só os desafios que as mulheres militantes enfrentaram para entrar/permanecer nas organizações das quais faziam partes, as diversas violências de gênero que sofreram por adentrar num espaço predominantemente masculino, mas também o preconceito relacionado à capacidade física delas. Acerca disso, vejamos, no fragmento abaixo, uma cena em que a autora destaca tanto a superioridade do militante em relação à guerrilheira quanto as dificuldades da militante grávida para a realização de determinadas atividades dentro do grupo de militância:

[...] o meu corpo já começa a sentir as mudanças, o equilíbrio o impulso não são os mesmos. bato na porta, soco, chuto, você não pode me prender, não tem o direito, abre a porta, abre, estou falando, você é que nem eles. você do outro lado diz que só saio para ir para casa dos seus pais, é para onde vai me levar, para onde vou, é o que vou fazer, nada

mais, acabou a brincadeira, escuto a sua voz, acabou. me desespero, estou presa, você me prendeu[...] olho pela janela, calculo a distância, são dois andares, não é muito, preciso ir, contam comigo, preciso ir, meço a altura, é muito, tenho ossos fortes, vou pular, é o único jeito, vou pular, não pulo. o bebê, tudo aqui dentro ainda está frágil, sem uma estrutura firme que o sustente, poucos pilares foram erguidos, no impacto, a fina película pode se romper, não pulo (Lage, 2019, p.79).

Esse sentimento de proteção do homem em relação à namorada demonstra a superioridade do sujeito masculino de se considerar mais forte que a mulher militante, olhando-a como um ser inferior, incapaz de realizar as atividades estabelecidas pela organização. Acerca disso, Colling (1996, p.73) afirma que as mulheres foram impedidas de ocupar cargos de liderança nas organizações de esquerda porque sempre foi vista, pelo olhar masculino, como um sujeito fraco. Para ela: “a fraqueza sempre é identificada com o feminino e a força como atributo masculino”.

Em consonância com essa estudiosa, Rosa (2013) ressalta que as mulheres puderam sentir, na pele, o preconceito por parte de seus companheiros devido a essa superproteção masculina e à subestimação de suas capacidades físicas e intelectuais que as impediam de executar tarefas de maior complexidade dentro das organizações das quais faziam parte.

Além disso, essa estudiosa destaca que a gravidez e a maternidade eram vistas como algo incompatível com a militância, já que a mulher militante não conseguiria ser mãe e, ao mesmo tempo, executar, com maestria, as atividades estabelecidas pelas organizações de esquerda. Ao refletir sobre as palavras dessas autoras, percebe-se que a personagem fracassa na tarefa estabelecida pela organização porque além de ser impedida pelo companheiro de ir ao encontro dos amigos de luta para lhes entregar um papel, possivelmente, com informações importantes para o direcionamento das atuações dos militantes, também está grávida e tem receio de pular a janela do apartamento e, assim, prejudicar o seu bebê.

Ao enfatizar essa dicotomia entre maternidade e militância, Claudia Lage mostra que, ao entrar para a militância, as mulheres foram obrigadas a romperem os laços afetivos não só com os seus familiares, mas também com os seus filhos, sendo, dessa forma, impedidas de criá-los, porque foram pegas pelo sistema repressivo, como podemos ver na narrativa a seguir:

Ela falava e ninava, não reparou que, no meio da fala, interrompia para fazer shiiii shiiii, passou, passou, o acalanto saía da sua boca, como um sopro, tão natural. O homem respirou fundo, bastava uma ordem sua,

ele virou para os outros, não vamos matar, quero ouvir o que ela sabe. Se virou para ela, não vou partir para a violência, pense bem, pense bem, não vou te matar, vou te ouvir, você vai falar, querendo ou não, o seu filho é o de menos, você vai comigo de qualquer jeito, pense bem, pense bem, o homem mais largo a aconselhava. Ela disse, a minha sogra mora aqui perto, se deixar meu filho lá, com a família, eu vou (Lage, 2019, p.84).

No fragmento acima, observamos que a militante além de ser capturada pelo regime, é obrigada a entregar a criança a algum familiar para que possa criá-la. Ao evidenciar não só a ruptura entre a presa política e o filho, também notamos a coragem dessas mulheres ao enfrentarem o regime, sem deixar que o medo as paralisasse e impedisse de lutar pela redemocratização do país.

Embora retrate essa ruptura entre a militante e o filho, a maternidade como forma de empecilho para a execução de tarefas dos grupos de militância, percebemos, ao longo do romance, que a autora também destaca a parceria entre as guerrilheiras no tocante à maternidade.

Nessa narrativa, também é perceptível a desconstrução da ideia de que a gravidez é algo confortável para a mulher. Ao trazer uma cena de uma militante no início da gestação, a autora destaca os desconfortos da gravidez, a saber: enjoos frequentes, a mudança do corpo da militante, a acidez provocada pelo vômito, a dor na barriga, etc., vivida pela guerrilheira num espaço de isolamento, sem que pudesse ter acesso a uma consulta médica, justamente, pelo fato de não poder ser vista pelos agentes da repressão.

Além de destacar os desafios da maternidade, vividos pelas guerrilheiras, Lage aborda, de maneira bastante impactante, a forma como o regime agiu sobre o corpo das mulheres militantes, como podemos ver, no trecho a seguir, o momento em que a personagem é presa, levada ao DPOS e, em seguida, é torturada tanto de forma física quanto psicológica:

[...] os tapas, os choques, as baratas. Há muitos tipos de tortura, vagabunda. Eles não a pouparam, ganha-se como se perde, mas ela não perdeu. A pulsação continuava, a barriga crescia. As manchas roxas pintavam a pele até começarem a evanescer. Se apertava ainda doía. De repente, parou de apanhar, mas eles não a pouparam. O seu filho vai nascer doente, vai nascer morto, não vai nascer. Se a história for confirmada, diziam. Se você estiver mentido, sua puta. Se a gente não pegar ninguém, ordinária. Ela mentia, ela jurava. Não dizia a verdade. A verdade significava muitas mortes. Ela mentia e jurava (Lage, 2019, p.92).

Sob o domínio masculino, a mulher militante é exposta não só às barbaridades

praticadas pelo regime, mas também vista como um sujeito desviante por adentrar num espaço relevado ao homem, sobretudo, porque não aceitou o papel lhe imposto pela cultura patriarcal, a qual o sujeito feminino sempre foi destinada aos cuidados dos filhos, do marido e do lar.

De acordo com Colling (1996, p.80), é na prisão que os torturados vão utilizar o poder e a diferença de gênero para torturar e humilhar as mulheres militantes, a fim de que elas pudessem entender que o espaço de política e de poder não eram para elas. Para essa autora, a mulher militante era duplamente violentada porque cometia dois pecados: “[...] o de lutar juntamente com os homens e o de ousar sair do espaço privado, a ela destinado historicamente, adentrando num espaço público, político e masculino”.

No entanto, observa-se que a personagem não se intimida diante da força masculina, pois além de enfrentar o medo, de tentar superar a dor provocada pelas agressões, também não denuncia os companheiros de luta, pois isso implicaria em muitas mortes. Essa atitude da presa política revela tanto a coragem feminina frente ao inimigo masculino quanto a lealdade à organização da qual fazia parte.

Além desse tipo de violência, a autora destaca a prática da nudez aplicada à militante como forma de humilhá-la. Em uma dada cena da narrativa, Lage configura o momento em que a presa política é obrigada a ficar nua e, em seguida, é estuprada pelo torturador que, aproveitando-se da diferença de gênero, tenta fragilizar a presa política:

Mandaram ela tirar a roupa, mandaram que a dobrasse e colocasse num canto, mandaram que ficasse de quatro, que gemesse como uma puta. Ela era uma puta e devia gemer como uma puta geme, se mover como uma puta se mexe, levantar a bunda como uma puta levanta. Ela nua tremia de nervos (Lage, 2019, p.171).

Ao observar o trecho acima, denotamos que a militante fica constrangida não só diante da nudez ao qual é exposta, mas também pela forma como é tratada pelos agentes da repressão, que lhe impõem a realização de uma performance indecente e humilhante. Exposta à nudez, a presa política sente-se desprotegida, fragilizada porque não tem como se defender desses policiais e militares perversos.

Não bastasse o regime militar expô-la a esse tipo de constrangimento, notamos, na obra em estudo, que as mulheres militantes além de serem vistas pelo regime como putas, vadias, eram tidas como porcas, imundas, não sendo poupadas nem no período menstrual: “[...] nos interrogatórios, puxavam o emaranhando com força e a chamavam de porca, depois que a deixavam nuas, porca vadia, quando a menstruação escorria pelas

pernas, porca vadia nojenta” (Lage, 2019, p.165).

De acordo com Kehl (2010), um corpo torturado é um corpo dissociado do sujeito, já que, sob o domínio do outro, o indivíduo é transformado em objeto, obrigado a falar o que o opressor deseja ouvir, ficando, dessa forma, à deriva ao gozo do outro. Ao dialogar com essa pensadora, percebemos que o corpo da militante não mais lhe pertence, pois está sob o controle do sujeito masculino que tenta tanto humilhá-la quanto apropriar-se desse corpo fragilizado.

Nesta mesma chave de leitura, Tega (2019) declara que, ao se inserir na militância, a mulher passa a ser vista pelos torturados não mais como uma referência de mãe, filha, esposa, mas como um sujeito desviante que está numa margem oposta, ou seja, o de “puta”, “vadia”, “vaca”. Logo, os agentes da repressão se aproveitam da desigualdade de gênero para humilhá-las e cometer os mais diversos tipos de violência sexual.

Devido à cultura patriarcal, os corpos das mulheres são encarados como propriedades dos sujeitos masculinos, onde eles se sentem no direito de marcar as condições não só para o seu próprio acesso e prazer, mas também como forma de puni-las por desafiar o sistema vigente. Na obra em estudo, além de a mulher militante ser torturada, exposta à nudez diante dos agentes da repressão, também é estuprada, de modo bastante animalesco, sem que possa se defender das garras do inimigo e, em seguida, morta, como podemos ver no trecho abaixo:

De quatro puxaram seus cabelos para trás, bateram na sua bunda, chutaram, depois a viraram, abriram as suas pernas, xoxota feia, fedorenta, ela já tinha dito os nomes que pôde dizer, os endereços que pôde, os ultrapassados, os que tinham caído, ela acha que não denunciou ninguém, ela tem certeza, já estava ali a tempo de não saber nada novo, não servia para mais nada, quase todo mundo já tinha morrido, não tinha mais ninguém para matar, muitos já tinham fugido, outros desaparecidos, outras juntam os cacos, acabou, ela gemeu, acabou, começou a gritar, colocaram os eletrodos na sua vagina, nos ouvidos, na língua, ela não servia para mais nada (Lage, 2019, p.171).

Notamos, no trecho acima, a crueldade dos militares ao torturar a presa política até o momento da morte, humilhando-a com adjetivos que tanto desqualificam o corpo da militante quanto a levam ao estado de aviltamento. Não bastasse expô-la dessa maneira, os policiais ainda utilizam métodos de tortura com fins políticos e baseados no gênero que a fazem sentir uma dor insuportável até o apagamento total. Tal cena provoca no leitor os sentimentos de repulsa, claustrofobia, de impotência diante de um sistema que deveria proteger as mulheres, e não praticar a violência de gênero.

Além dessa passagem, há também outra cena bastante forte que mostra uma militante grávida, sendo torturada fisicamente no momento de trabalho de parto, sem ao menos aplicarem uma anestesia geral para retirar a criança da barriga da presa política. Nesse trecho, constatamos que o corpo da mulher subversiva é tido como um tecido qualquer, que pode ser violado de maneira animalesca. Leiamos o fragmento:

Quando o médico veio, não o deixaram dar a anestesia. Ela sentiu o corte a sangue frio, a sangue quente. E, de repente, o vazio. Ouviu o choro cortando a cela, entre as paredes imundas, o choro do seu bebê. Antes de desmaiar, estendeu os braços, mas eles despencaram. Ouviu o próprio grito. Fecharam a sua barriga, a sangue frio, a sangue quente. Os braços inertes, a agulha entrando e saindo da pele. A sua pele era um tecido qualquer. Ainda vislumbrou o pequeno corpo avermelhando, antes da dor invadir os nervos (Lage, 2019, p.93).

Aproveitando-se da diferença de gênero, os militares usam a força masculina e as técnicas mais perversas para torturar fisicamente a presa política. Se antes o corpo da militante estava fragilizado devido à gestação, agora, também é violentando de maneira brutal e desumana, gerando marcas profundas não só na memória da militante, mas também na sua pele, tida como um tecido qualquer.

Outro fato que nos chama bastante a atenção nessa cena é a atitude da presa diante da violência a qual está exposta. Mesmo em estado de dor, sob as garras de militares cruéis, ela se atenta ao choro da criança. Além disso, o ato de estirar os braços pode ter dois sentidos: 1. Na esperança de acolher o seu bebê, de querer tê-lo por perto; 2. Como uma forma de perda de forças diante da tortura que sofre, como se não pudesse mais resistir à violência lhe imposta naquele momento.

Ao dar visibilidade ao protagonismo da mulher na luta contra o autoritarismo brasileiro e, principalmente, mostrar a forma como a ditadura agiu sobre o corpo das presas políticas, Claudia Lage destaca as diferentes representações que o corpo desses sujeitos femininos assume nesse espaço de poder, violência e dominação, a saber: 1. corpo como território de batalha; 2. o corpo tido como frágil, incapaz de executar tarefas relacionadas à militância; 3. o corpo violado em sua subjetividade e direitos; 4. o corpo como espaço de resistência.

Interessante perceber que a autora tanto aborda a violência física, verbal e psicológica que as militantes sofrem nas mãos dos policiais quanto mostra a coragem dessas presas políticas diante do horror. Mesmo com medo do que pudesse acontecer nas salas de tortura, elas não se deixam intimidar pela força masculina e buscam criar

estratégias de sobrevivência para resistir e superar as crueldades do sistema repressor, como podemos ver, no fragmento abaixo, uma cena em que a militante grávida é presa e, na sala do DOPS, o torturador, aproveitando-se da fragilidade dela, afirma que a sua gravidez não irá vingar, que o bebê morrerá. No entanto, ela resiste à violência verbal e psicológica que sofre naquele espaço de dominação e crueldade:

Você vai parir como um animal. Vai morrer, vagabunda. Ela segurava a barriga e dizia o contrário. Tudo o que era o pior tinha o seu correspondente bom, foi o jogo que começou a fazer. Eles queriam que acreditasse na morte, no fim, na traição, no desterro, na inutilidade, na culpa. Ela abraçava a barriga, repetia o contrário até se tornar possível. Nada tinha sido em vão, não era em vão, ela acreditava, a pulsação em seu ventre, a barriga crescendo, você não vai ver seu filho, vagabunda, quando ele nascer, ordinárias, ou nasce morte ou nasce órfão, a pulsação em seu ventre, ela repetia as palavras, precisava acreditar, repetia (Lage, 2019, p.93).

Embora o torturador reforce várias vezes que a gestação da presa não vigará, ela aperta a barriga e reafirma por diversas vezes que conseguirá ter o seu bebê. Mesmo o seu corpo estando fragilizando, sobretudo porque está grávida, a militante cria barreiras para se proteger, mentalmente, das palavras ofensivas e negativas proferidas pelos militares.

Além dessa cena, temos uma outra em que a presa política tem suas unhas arrancadas pelos torturados porque está usando um esmalte de cor vermelha. Como forma de opor-se à crueldade dos militares, a militante, de maneira bastante audaciosa, pinta, novamente, as unhas de vermelho, a fim de esconder as marcas roxas de suas unhas.

Mesmo diante dos atos bárbaros cometidos às mulheres militantes, percebemos que elas foram mais fortes do que o medo imposto pela repressão, pois com tamanha ousadia e determinação, souberam enfrentar as desigualdades de gênero, rompendo, assim, com as barreiras do patriarcado e “[...] o modelo histórico feminino que povoa os sonhos e o imaginário masculino” (Colling, 1997, p.101). Além da violência imposta aos corpos das guerrilheiras, Lage também retrata a questão da clandestinidade, vivida pelas militantes, como uma experiência de vulnerabilidade e de privação diante do cárcere. Vejamos:

[...] um dia estive lá fora, imagina só, e também vejo as pessoas indo e vindo com compras, mas não podemos sair, você muito menos que chegou há pouco, o seu rosto pode estar num cartaz, o cartaz pode estar nesse mercado da esquina, qualquer pessoa pode te reconhecer e te denunciar, chegar até aqui, ferrar a gente de vez, ferrar outros

companheiros[...] (Lage, 2019, p. 158).

O contexto de isolamento mostra a falta de liberdade que as militantes tiveram que enfrentar, a fim de que não fossem descobertas pelos militares. Conforme aponta Rosa (2013, p.49), a vivência da clandestinidade leva o sujeito a tornar-se invisível socialmente, ou seja, a morrer para o mundo, uma vez que habitar nesse espaço “[...] significa furtar-se à estrutura jurídica e política, transgredir códigos e as fronteiras demarcatórias, usar mensagens codificadas, mudar de nome, de roupa, trocar a cor do cabelo, passar por privações emocionais e físicas”.

No romance, as presas políticas enfrentam não só situações de isolamento, como também mudam seus nomes por diversas vezes, afastam-se de seus familiares, amigos e filhos para que, assim, elas não os prejudicassem, tampouco fossem descobertas pelo regime.

Como consequência dessa falta de contato com seus entes queridos e da necessidade de manter-se incógnita para proteger a vida e os familiares da violência ditatorial, as personagens vivenciam diversos conflitos em seus cotidianos, tais como: a sensação de angústia, de perigo, de exaustão, de desamparo diante da justiça e do medo de serem descobertas a qualquer momento pelo sistema repressor.

Não bastasse ter que lidar com essas emoções perturbadoras, as militantes também enfrentam dificuldades relacionadas à falta de alimentação. Na narrativa, por exemplo, temos uma cena em que a mulher subversiva, junto à criança que está sob seus cuidados, sente-se desamparada porque, no apartamento onde estava se escondendo dos militares, não tinha alimentos suficientes e adequados para elas. Em decorrência disso, a personagem tenta sair daquele espaço para comprar o leite do bebê, no entanto, é impedida por outra militante de realizar tal tarefa. Leiamos:

[...] um dia estive lá fora, imagina só, e também vejo as pessoas indo e vindo com compras. Mas não podemos sair, você muito menos que chegou há pouco, o seu rosto pode estar num cartaz, o cartaz pode estar nesse mercado da esquina, qualquer pessoa pode te reconhecer e te denunciar, chegar até aqui, ferrar a gente de vez, ferrar outros companheiros, como saber quem está do nosso lado, como saber quem acredita no que a gente acredita (Lage, 2019, p.158).

Ao analisar o trecho acima, percebe-se que Claudia Lage mostra não só as privações emocionais e físicas das militantes no espaço limiar da clandestinidade, mas também os desafios da maternidade para as mulheres subversivas nesse contexto de

anonimato. Diferentemente da mulher subversiva adulta, que podia se alimentar com qualquer tipo de comida, o bebê, do qual a militante estava cuidando, necessitava de uma alimentação específica e nutritiva.

À medida que fazemos uma leitura minuciosa acerca do romance, percebemos que, ao longo de toda a narrativa, a temática da maternidade além de ser bastante recorrente, apresenta-se como algo descontínua, ou seja, os laços afetivos entre a mãe militante e os filhos se rompem. Essa ruptura ocorre por dois motivos: ora para que a mulher subversiva possa exercer suas atividades de militância, ora porque foi capturada pelo regime e, como forma de penalizá-la por romper a ideologia de gênero imposta pela cultura patriarcal, ela é presa, tortura duplamente, afastada dos filhos, dos seus familiares e, em situações mais extremas, mortas.

Destarte, é interessante destacar que, embora essa maternidade seja interrompida, os filhos das militantes não ficam desamparados, uma vez que as famílias e até mesmo as companheiras de lutas, como redes de apoio a essas mães militantes, acabam assumindo a criação temporária dessas crianças. No romance, por exemplo, além de Daniel ser entregue para Sebastião, o pai de militante Julia, temos também o bebê de uma outra mulher subversiva que acaba sendo criada por uma companheira de luta.

À medida que Cláudia Lage enfatiza a clandestinidade como algo bastante desafiador para a mulher militante, exercendo as atividades da maternidade, também ressalta que, nesse espaço de invisibilidade das mulheres subversivas, há uma relação de troca de amizades, de parceria e afetividade entre as militantes que estavam sendo procuradas pelo regime. Em uma das cenas do romance, temos duas militantes que trocam carícias em meio a dor, a solidão, a falta de alimentos e principalmente, ao medo de serem, a qualquer momento, capturadas pelo regime. Vejamos:

Não há nada mais no apartamento, só a gente, vamos aguentar por quanto tempo, eu me pergunto, eles vão chegar, a mulher fala, peço para ela não repetir isso, cada repetição é a confirmação de que estamos sozinhas, de que fomos esquecidas, a mulher insiste, eles vão chegar, não nos deixariam aqui, quase discutimos, mas a criança dorme, a mulher a coloca no colchão e se deita ao meu lado, diz para eu não ter medo, me abraça, encosto o rosto em seu colo, sinto o volume dos seios, sinto novamente vontade de tocá-los. a mulher adivinha meu desejo e leva a minha mão até eles, eu também gosto do seu corpo, ela diz, levanta a minha blusa, acaricia o meu ventre, quando dou por mim a sua boca está colocada à minha, sinto a sua língua, sinto uma suavidade tão grande, não lembro mais qual foi o meu último beijo, antes desse, antes da prisão[...] (Lage, 2019, p.186).

Embora tenhamos uma cena bastante erótica, nota-se que essa troca afetiva entre as mulheres militantes é uma forma de resistência à clandestinidade e, sobretudo, à repressão. Em meio ao horror, percebe-se que vai se desdobrando uma rede de afetos entre as guerrilheiras seja no momento de isolamento, seja após a saída da prisão. Sobre essa amizade e parceria entre as militantes, vivendo tanto na prisão quanto na clandestinidade, Xavier (1996, p.98) declara:

a solidariedade era um componente fundamental para que pudessem suportar o sofrimento ao qual estavam sendo submetidas. Esta experiência - que extrapola qualquer outro tipo de punição por ser muito mais do que apenas a vivência de uma condição de privação (como é o encarceramento e que não deixa de ser, ele mesmo, uma experiência-limite- não poderia ser partilhada a não ser entre elas próprias, que a vivenciam e que podiam, assim, oferecer conforto e cuidados às que subiam das sessões de choques e de permanência no pau-de-arara.

Em meio a dor, à tortura e ao isolamento, as mulheres militantes, configuradas na obra de Claudia Lage, buscam se ajudar, a fim de superar não só a solidão, o medo e, principalmente, o sofrimento por estarem longe seus familiares, amigos, filhos e companheiros amorosos. Ao pontuar isso, é interessante destacar que, nessa mesma cena em que as guerrilheiras estão vivendo em clandestinidade, a autora mostra a militante acariciando a cicatriz da amiga que, pela forma como é colocada na obra, possivelmente, foi a presa política exposta a um parto cesáreo, sem anestesia. Esse gesto mostra a empatia da militante pela amiga que, bastante fragilizada por ter vivenciado um parto frustrante e desumano, sente-se acolhida diante da violência sofrida.

Outro ponto que Claudia Lage destaca nessa obra é a dessexualização das militantes. No romance, ela mostra que, ao entrar para militância, as mulheres subversivas acabam se descaracterizando enquanto sujeitos femininos, passando, dessa forma, a assumir uma aparência masculina, ou seja, elas usam cabelos assanhados e roupas largas, deixam as unhas grandes, as suas partes íntimas são cobertas de pelos, a fim de adequar-se ao modelo masculino do militante.

Acerca disso, Rose (2013) afirma que as mulheres buscavam se portar dessa forma, porque tanto queriam ser aceitas naquele espaço destinado ao homem quanto queriam mostrar que, vestindo-se dessa forma, sem um tom de feminilidade, elas teriam um bom desempenho nas organizações de esquerda das quais faziam parte.

Ao aceitar essa transformação de personalidade para se encaixar no universo do

sujeito masculino militante, Colling (1996) afirma que as mulheres subversivas anulavam as diferenças existentes entre o gênero para reafirmarem o modelo de sujeitos políticos únicos, no qual o sujeito feminino era empurrado à invisibilidade.

A maneira de configuração do sofrimento das mulheres resistentes ao regime arbitrário, criado por Claudia Lage, torna-se inovadora, porque as presas políticas são registradas não apenas enquanto participantes dos fatos, mas também a partir do processo de vivências que as torna sujeitos da história.

Além disso, as torturas psicológicas e físicas cometidas aos sujeitos femininos na obra em estudo representam tanto a violência imposta por uma cultura patriarcal que sempre buscou dominar as mulheres, impedindo-lhes de conquistar espaços de domínio masculino, quanto crimes humanos praticados pelos militares, cujas ações apoiadas pelo Estado e por uma parcela da população, correspondiam às barbaridades praticadas contra aqueles(as) que ousassem ir contra o regime.

No entanto, notamos que as imposições às presas políticas não serviram para paralisá-las, mas para que pudessem, com tamanha audácia e determinação, reivindicar o seu lugar na sociedade, com o propósito de não só resistir à violência de gênero, mas também de lutar pelo seu espaço enquanto sujeito feminino na política.

Em meio a essas narrativas que trazem as experiências das militantes sendo arrancadas do convívio entre seus familiares, vivendo em anonimato, sendo presas, torturadas e, em últimas instâncias, mortas sem que os seus entes queridos tenham o direito ao luto, Claudia Lage, no final da história, traz a personagem Olívia, a meia irmã de Daniel, filha de um pai que ele nunca o viu, mas que tomou conhecimento a partir da aproximação dessa irmã, inicialmente, por meio de carta, como podemos ver no fragmento a seguir:

Escrevo de Portugal, a carta começa assim. Faço mestrado em História, estava escrito. [...] Esta carta escrevo assim. De olhos fechados e no escuro. E é assim também que você a recebe, eu sei. Até a semana passada, estava com meu pai. Nasci aqui, mas fui criada no Rio, provavelmente, perto de sua casa, embora não soubesse de sua existência. Vim para cá cuidar de meu pai. Cuidei até que ele morreu. Meu pai se chamava José Antonio Guimarães. Não sei se este nome te diz alguma coisa. Se algum dia foi pronunciado perto de você. Deveria ter sido, deveria dizer. Agora, é tarde. Ele está morto. Daniel, o meu nome é Olívia. Eu sou a sua irmã (Lage, 2019, p.107).

Como podemos observar no trecho acima, só após a morte de Sebastião e já adulto

é que Daniel consegue ter conhecimento sobre o seu passado traumático. Através da carta de Olívia, o personagem descobre que sua mãe teve um caso com José Antonio Guimarães e, a partir desse relacionamento, Julia engravidou e, devido à militância, teve que entregar o filho para o avô materno criá-lo.

Olívia também revela que só descobriu que ele era seu irmão porque, após a morte do pai, encontrou umas cartas pessoais do falecido que continha informações sobre o passado de Julia e de Daniel. Devido a essa revelação, ela decidiu procurá-lo para saber se ele sabia ou não desse pai, dessa história.

A personagem é bastante significativa na narrativa, pois é ela quem ajuda Daniel a se aproximar desse passado traumático que, durante muito tempo, foi silenciado pelo avô. Esse surgimento dessa meia-irmã, já no final da narrativa, leva o leitor a indagar o porquê dessa irmã aparecer e, sobretudo, trazer a história de um homem que, mesmo antes de morrer, sabia da existência do filho, mas que, devido às circunstâncias da vida, não tentou procurá-lo.

Aqui, mais uma vez, a autora traz os dilemas familiares em meio ao sistema repressivo. Embora o pai de Daniel não tivesse ligação com a ditadura, ele teve um caso com Julia, que militava numa organização. Devido à violência autoritária, esse homem decidiu sair do país, deixando, assim, esse relacionamento para trás.

Em decorrência dessa ruptura com a militante Julia, notamos que o pai de Daniel carrega todas os traumas dessas experiências conflituosas, porque, provavelmente, amava muito a personagem. Também porque sabia da existência desse filho, mas que, covardemente, nunca buscou conhecê-lo.

Nesta reconstrução de seu passado, Daniel também fica sabendo, através dos rascunhos das cartas do pai endereçadas à Sebastião, que Julia esteve no presídio no Rio de Janeiro e, em seguida, foi transferida para Petrópolis. Ao descobrir isso, as peças do quebra-cabeça começam a se encaixar para o personagem: seria a mulher da foto, a qual Melina encontrou nas coisas pessoais dos pais, a sua mãe? Provavelmente, sim, a mulher da foto é a mãe do personagem que foi torturada, presa e morta. E o pai de Melina, o fotógrafo que entrou na casa de Petrópolis, simulou o suicídio da presa política e, em seguida, registrou o dado momento.

Diante desses fatos, Melina sente-se angustiada, inconformada por saber que, possivelmente, o seu pai esteve envolvido com a morte de Julia e foi condizente com todas as barbaridades cometidas por um regime autoritário, como podemos ver, na cena abaixo, o momento em que a personagem fala para Daniel sobre as lembranças das

atitudes dos pais frente ao horror praticado na Casa da Morte, em Petrópolis:

Quero pensar no bebê, diz ofegante, mas penso na sua mãe naquela casa, quero pensar na gente, mas penso nas fotos dos mortos, penso no meu pai quebrando a minha máquina, no certificado do curso de fotografia na pasta no armário, na minha mãe chorando no banheiro, no que ela não conseguia falar antes de morrer. É possível remontar as palavras, as imagens, os espaços vazios? Vejo o que menina não vi. O meu pai entrando na Casa da Morte, o meu pai com uma câmera na mão. Procurando ângulo, luz, foco (Lage, 2019, p.192).

Diferentemente do pai, que colaborava com a ditadura, Melina sofre por saber que perto da casa dela várias torturas e mortes eram cometidas às pessoas que militavam contra a violência de Estado. A personagem também se questiona como os pais viveram numa época sem se importar com as injustiças cometidas pelo governo opressor.

Ao passo que a narrativa vai sendo narrada e, aos poucos, a história de Daniel vai sendo reconstruída, nota-se que o romance apresenta algumas rasuras, a saber: a) A gravidez de Melina vinga? O bebê é menino ou menina? b) Olívia continua sendo amiga do casal? c) Já que queria saber acerca de seu passado, por que Daniel rasga as correspondências do avô, as quais traziam, possivelmente, informações da história da militante Julia? d) Por que José Antonio Guimarães não quis conhecer Daniel?

Além dessas lacunas que o texto de Cláudia Lage apresenta, nota-se que o título da obra traz múltiplas significações para o leitor, a saber: a) o livro é intitulado *O corpo interminável* porque é um corpo que não teve direito ao luto, ao enterro; b) É um corpo que, mesmo trazendo marcas de um passado brutal, insisti em gerar um bebê como forma resistir à violência; c) um corpo “[...] que se estende, que se perpetua, é apresentado como a extensão da prática humana, das relações desiguais, violentas, impostas, mas também por aquelas relações afetivas, possibilitadas por meio de trocas e da criação de laços” (Silva, 2020, p.4).

Ao resgatar a memória das militantes, a partir de experiências vividas por mulheres nas salas de torturas e na clandestinidade, Cláudia Lage busca, inicialmente, dar visibilidade a história dessas mulheres que, ao se inserir num espaço relegado ao sujeito masculino, foi violentada duplamente por ser mulher e contrariar o papel lhes imposto pelo patriarcado e por adentrar na política e lutar contra o sistema repressor. Também porque ao trazer o sofrimento das mulheres nas mãos dos agentes da repressão, a autora mostra que, mesmo diante do medo, elas não se deixaram intimidar pelos militares e buscaram meios de resistir às violências de Estado e de gênero praticadas a elas.

Além disso, a escritora mostra que, mesmo diante violências verbais sofridas pelos torturados nas salas de prisão, essas militantes além de reagirem às acusações que lhe são lançadas, também não “[...] internalizam a identidade estigmatizada que o regime militar lhe constrói e que grande parte da sociedade aceita como verdade” (Xavier, 1996, p.114). Ademais, a autora revela que, para enfrentar a clandestinidade, as torturas praticadas contra seus corpos, as guerrilheiras criam estratégias de sobrevivência que lhes garantem tanto a integridade física quanto emocional.

Enfim, o livro *O corpo interminável* é uma obra indispensável nos dias de hoje não porque traz a violência de estado, o protagonismo das mulheres na luta contra a ditadura militar, mas porque traz as marcas de um tempo que continua reverberando na atualidade, seja devido à nossa democracia que, volta e meia, encontramos pessoas que defendem o retorno da ditadura, as barbaridades cometidas nesse dado período histórico, exaltam torturadores; seja devido à violência que paira sobre as mulheres, fruto de uma sociedade machista que se acha no direito de puni-las e agir cruelmente sob os seus corpos.

Conhecer essa história é uma forma não só de se aproximar desse passado de graves violações de direitos humanos, de aprofundar nossas discussões acerca desse período, mas também de resistir às diversas repressões que pairam sobre nosso país, pois como bem ressalta a pesquisadora Regina Dalcastagnè (2020), embora a Literatura não tenha o poder de salvar o mundo, ela nos ajuda a pensar sobre o mundo, sobre o nosso lugar, nossa existência e, principalmente, sobre diversas alteridades.

Além disso, como bem destacamos no trecho de Conceição Evaristo, no início desse capítulo, “é preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás”. E nessa busca de olhar para trás, reconhecer o que precisamos mudar, com o intuito de que tenhamos uma sociedade mais humana, democrática, justa, igualitária, onde as mulheres sejam sujeitos participativos dessa história.

Enfim, ao tematizar as barbaridades cometidas pela ditadura, ao trazer cenas de mulheres militantes sendo torturadas, estupradas, mortas, Claudia Lage nos leva não só a entender as consequências da violência autoritária na vida cotidiana, mas também nos faz o seguinte alerta: “não podemos esquecer o passado recente do país, não podemos compactuar com as forças retrógradas que enaltecem os torturados e querem impor a desordem e destruir a democracia” (Figueiredo, 2024, p.15).

3. O CORPO INTERMINÁVEL, DE CLAUDIA LAGE: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA

[...] a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. [...] ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente (Candido, 1988, p.175).

O capítulo a seguir apresenta a experiência de leitura com o romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage, realizada com alunos do 2º ano do ensino médio, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, mas conhecida como POLI I, localizada em uma comunidade cigana da cidade de Sousa-PB (Por sinal, é uma das maiores da América Latina).

Escolhemos esse público-alvo por três motivos, a saber: 1. A ausência de obras que configuram o período da ditadura militar no Brasil no espaço escolar. Ao fazer uma pesquisa, constatamos que tanto os alunos quanto os professores do ensino médio desconhecem esse tipo de Literatura. 2. A temática da obra de Claudia Lage, visto que a narrativa configura tanto os conflitos das mulheres militantes durante o regime, as opressões sofridas por elas quanto a tentativa de apagamento das memórias da repressão; 3. O tempo, visto que, em uma turma de segundo ano, teríamos como trabalhar o texto literário escolhido com mais tranquilidade, sem que os alunos estivessem sob a pressão do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), como acontece, geralmente, com as turmas do 3º ano do ensino médio.

No tocante à natureza dessa pesquisa, pode-se afirmar que ela é qualitativa, de caráter crítico-interpretativista, uma vez que está centrada tanto nos posicionamentos subjetivos dos educandos em relação ao romance em exame quanto no olhar subjetivo do pesquisador acerca do objeto de estudo. Sobre esse tipo de pesquisa, Chizzotti (2001, p.79) declara:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre sujeito e objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.

A pesquisa de natureza qualitativa, associada ao paradigma interpretativista, possibilita examinar a forma como o sujeito interage com o mundo à sua volta, levando em consideração o contexto, as histórias e práticas cotidianas de cada indivíduo ou

grupos.

Assim sendo, escolhemos esse tipo de abordagem porque acreditamos que o processo de produção empreendido aqui envolve reflexões tanto do pesquisador pelo olhar subjetivo quanto a visão de mundo social dos participantes, pois, como bem ressalta Moita Lopes (1994, p. 331): “[...] na posição interpretativista, não é possível ignorar a visão dos participantes do mundo social caso se pretenda investigá-lo, já que é esta que o determina: o mundo social é tomado como existindo na dependência do homem”.

Para coletar os dados de nossa pesquisa, nós utilizamos a aplicação das seguintes atividades: autobiografia de leitor, questionários acerca do romance de Claudia Lage e *feedback* de leitura. Também entrevistamos a professora da turma e a funcionária que estava exercendo a função de bibliotecária. Além disso, utilizamos o debate para averiguar a recepção dos alunos acerca da obra estudada.

Em relação à organização, a nossa pesquisa foi dividida da seguinte forma: visita à escola para identificar, junto ao diretor, a turma de 2º ano do ensino médio que poderia participar da experiência de leitura com o romance de Claudia Lage; conversa com a professora da turma para agendar o momento da aplicabilidade da pesquisa, intervenção de leitura, transcrição do material, análise dos dados, etc.

No que se refere a nossa intervenção de leitura, ela foi realizada entre 11 de março a 10 de junho durante as aulas de Língua Portuguesa no turno da manhã. Cabe ressaltar que, antes de entrarmos em sala de aula, o nosso projeto de doutorado foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética do Hospital Universitário Alcides Carneiro (HUAC), de Campina Grande, seguindo, dessa forma, todos os trâmites legais de pesquisa. Vejamos a descrição mais detalhada das etapas dessa experiência de leitura no quadro abaixo:

QUADRO 04- Etapas da intervenção de leitura com o romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage.

DATAS	AULAS (45 MIN.)	ETAPAS DA INTERVENÇÃO DE LEITURA
11/03/2022		Submissão na Plataforma Brasil.
30/03/2022		Aprovação do projeto no Comitê de Ética.
31/03/2022		Primeira visita à Escola Celso Mariz.
01/04/2022		Entrevista com a professora de Língua Portuguesa e com a bibliotecária da escola.
08/04/2022	2 Aulas.	Primeiro contato com a turma; observação da aula da professora; sondagem do horizonte de expectativa do

		leitor a partir da aplicação de uma <i>Autobiografia de leitor</i> (Rouxel, 2013).
22/04/2022	2 Aulas	Atendimento do horizonte de expectativa do leitor: 1º Momento: Sensibilização do leitor através da Leitura do conto “Sobre a natureza do homem”, de Bernardo Kucinski.
29/04/2022 à 13/05/2022	6 Aulas	Atendimento do horizonte de expectativa do leitor- 2º Momento: Leitura do romance <i>O corpo interminável</i> , de Claudia Lage.
20/05/2022	2 Aulas	Questionamento do horizonte de expectativa do leitor: questionário envolvendo perguntas acerca da narrativa <i>O corpo interminável</i> .
27/05/2022	2 Aulas	Ampliação do horizonte de expectativa do leitor: 1º Momento: Reprodução do documentário <i>A torre das donzelas</i> .
03/06/2022	1 Aula	2º Momento: Roda de conversa sobre o documentário <i>A torre das donzelas</i> .
10/06/2022	2 Aulas	Momento final da experiência de leitura: Encenação de um capítulo do romance feita pelos alunos.

Fonte: Autoria própria.

Para desenvolver essa experiência de leitura com o romance de Claudia Lage, utilizamos 17 aulas com duração de 45 minutos. Além disso, recorremos às etapas principais do método recepcional, a saber: sondagem do horizonte de expectativa do leitor, atendimento do horizonte de expectativa do leitor, questionamento do horizonte de expectativa do leitor e ampliação do horizonte de expectativa do leitor. É interessante destacar que não incluímos, na intervenção de leitura, a *Ruptura do horizonte de expectativa do leitor*, posto que o tempo da experiência com a obra de Claudia Lage foi mínimo, e os educandos não apresentavam maturidade suficiente para interagir de modo mais profundo com este texto literário.

Escolhemos o método recepcional porque ele prioriza a atitude participativa do aluno em contato com as mais diversas obras literárias. Também porque, partindo do horizonte de expectativa do leitor, o docente poderá criar meios para que esse educando

não somente reflita sobre a obra estudada, mas também se posicione criticamente, ampliando, assim, o seu horizonte de expectativa. Tal método de ensino de Literatura pode ajudar o aluno a:

1. Efetuar leituras compreensivas e críticas;
2. Ser receptivo a novos textos e a leituras de outrem;
3. Questionar as leituras efetuadas em relação a seu próprio horizonte cultural;
4. Transformar os próprios horizontes de expectativas bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social (Bordini e Aguiar, 1988, p.86).

Diferentemente do método tradicional de ensino, que apenas leva o aluno a reproduzir o conhecimento, a ser um sujeito passivo mediante o processo ensino-aprendizagem, o método recepcional favorece não só o posicionamento crítico do educando, mas também busca questionar, romper e ampliar o horizonte de expectativa do aluno por meios de obras literárias, cujas temáticas se aproximam de suas vivências.

Cada etapa dessa metodologia leva não só o professor a repensar a sua prática de ensino, a conhecer o aluno, as leituras que esse discente gosta de realizar em seu cotidiano, as obras literárias que foram lidas pela turma, mas também permite ao docente acompanhar o desenvolvimento do educando ao longo da experiência de leitura desenvolvida em sala de aula.

Além disso, esse método torna-se diferente da metodologia tradicional porque valoriza tanto os conhecimentos prévios dos alunos quanto as suas vivências pessoais, culturais, pessoais, sócio-históricas, religiosa e ideológicas. Ao valorizar esses aspectos, constata-se que o aluno não é visto como uma tábua rasa, mas como um sujeito que, “[...] ao se defrontar com o texto, traz consigo toda a sua bagagem de experiências linguísticas e sociais, que deve mobilizar a partir das provocações e lacunas que a obra lhe propõe (Bordini e Aguiar, 1988, p.86).

Enfim, por ser um método que valoriza as vivências pessoais do aluno, a criatividade do discente frente ao texto literário e, principalmente, o desenvolvimento da fruição do educando, denota-se que esse tipo de metodologia além de dialogar com as concepções de ensino de Literatura, apregoadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), também contribui para a formação do sujeito leitor⁴.

⁴ Entendemos a formação do sujeito leitor como um processo contínuo, que não se encerra ao final das experiências de leitura aplicadas em sala de aula.

3.1 Contextualizando o local da pesquisa

Como dito anteriormente, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz fica localizada em uma comunidade cigana, na cidade de Sousa-PB. A instituição hoje conta com aproximadamente 420 alunos distribuídos nos três turnos (manhã, tarde e noite) e uma equipe docente de 20 professores que, geralmente, possuem mais de um vínculo empregatício. Em 2020, quando estivemos nessa instituição para aplicar a nossa pesquisa de mestrado, ela estava bastante deteriorada. As salas de aula não tinham portas, as janelas encontravam-se quebradas, o que permitia a propagação dos sons advindos dos corredores. Além disso, os ventiladores, por serem antigos, produziam ruídos desagradáveis. Todos esses fatores contribuíam para a falta de concentração dos educandos durante as aulas. Vejamos a imagem desse espaço:

IMAGEM 01- Alunos assistindo à aula de Língua Portuguesa.



Fonte: Acervo pessoal/ arquivo 2020.

No entanto, com a reforma, realizada ainda em 2020, a escola ficou bastante aconchegante, pois as salas de aula ganharam portas e janelas, as paredes foram todas pintadas e os ventiladores foram trocados por outros mais novos, como podemos perceber nos registros a seguir:

IMAGEM 02- Sala de aula com janelas

Fonte: Acervo pessoal/2022.

IMAGEM 03- Sala de aula com porta.

Fonte: Acervo pessoal/2022.

Hoje, o espaço, além de amplo, está bastante aconchegante. O único ponto negativo é que os ventiladores fazem bastante barulho, o que acaba comprometendo a concentração dos alunos durante o momento de leitura. A escola também possui salas com Atendimento Educacional Especializado-AEE que funcionam no período da tarde e da manhã, uma quadra para atividades esportivas e a prática de educação física, banheiros masculinos e femininos disponíveis para os professores e alunos, um auditório amplo que serve para eventos comemorativos, como por exemplo, o Dia dos Ciganos. Vejamos as imagens a seguir:

IMAGEM 4: Comemoração do Dia dos Ciganos.

Fonte: Acervo pessoal/ 2022.

IMAGEM 5: Auditório da escola.

Fonte: Acervo pessoal/ 2022.

Como podemos observar nas imagens acima, a instituição além de possuir um espaço significativo para realizar os eventos comemorativos da escola, também busca valorizar a cultura cigana na comunidade escolar. Sempre no dia 24 de maio, a equipe

pedagógica, os professores e discentes do Celso Mariz, juntamente com a participação dos pais de alunos, promovem uma comemoração em alusão ao Dia dos Povos Ciganos. Na ocasião, eles compartilham informações sobre a cultura cigana, fazem apresentações com danças, etc.

No tocante aos equipamentos tecnológicos para propagar o conhecimento, a escola possui uma sala específica de informática com diversas ferramentas tecnológicas, a saber: computadores, caixas de som, *data show*. Em relação à internet, é interessante destacar que a escola apenas disponibiliza o acesso aos professores e aos demais profissionais da instituição.

A instituição escolar também possui uma cantina bastante confortável, com equipamentos essenciais para produzir a alimentação dos alunos e um cardápio alimentar saudável e diversificado. Além disso, o Celso Mariz disponibiliza uma sala ampla e bastante agradável para recepcionar os professores durante os intervalos das aulas e o horário do lanche.

Cabe ressaltar que, ao redor da escola, existe um pátio bastante arborizado, com estacionamentos amplos para motos, bicicletas e carros. Destarte, mesmo não possuindo salas climatizadas, percebemos que a instituição possui uma estrutura boa para a promoção do conhecimento e de estímulos ao desenvolvimento criativo e cognitivos dos educandos.

Em relação ao público-alvo, o Celso Mariz possui um público misto (alunos ciganos/ não ciganos), advindos tanto do ensino regular, quanto de um ensino multisseriado com bastante déficit de leitura e escrita. A escola também enfrenta problemas com evasão escolar, uso de drogas e roubos durante o período da noite.

Diante desses desafios, a instituição está sempre promovendo projetos que viabilizam o combate às drogas e a cultura de paz na escola, bem como buscando alternativas para garantir a permanência e a aprendizagem dos discentes que lhes possibilitem os conhecimentos necessários “[...] para a leitura da realidade, o enfrentamento dos novos desafios da contemporaneidade (sociais, econômicos e ambientais) e a tomada de decisões éticas e fundamentadas” (Brasil, 2018, p.463). Em relação ao planejamento pedagógico, ele acontece sempre às segundas-feiras, das 18h:30 às 22h:00, nos formatos presenciais e remotos.

Além disso, a biblioteca, que estava sem funcionar devido a um incêndio, foi reformada. Hoje, os alunos têm um espaço de promoção de leitura bastante aconchegante, ventilado e com uma iluminação boa. Ao visitar esse espaço e conversar com a

bibliotecária, nós a indagamos se aquele novo espaço de leitura era usado pelos discentes e professores da instituição. Como resposta, ela declarou que os alunos sempre frequentavam a biblioteca por conta própria e pegavam algum livro sem a indicação do professor. A funcionária também ressaltou que, embora os docentes pegassem obras literárias ali, dificilmente utilizavam aquele espaço para a promoção da leitura.

A fim de conhecer um pouco do trabalho desenvolvido pela funcionária naquele espaço, nós fizemos as seguintes perguntas: 1. Você tem alguma formação na área em que atua? 2. Enquanto bibliotecária, você gosta de ler? 3. Você desenvolve algum projeto de leitura com os alunos do ensino médio?

Para a primeira pergunta, a funcionária declara: “Tenho apenas o ensino médio completo. Terminei aqui, no Celso Mariz, pois no meu tempo era muito difícil cursar o nível superior. Faculdade era para quem não precisava ajudar em casa. Antigamente era difícil. Não podia ter esse luxo, pois tinha que trabalhar para ajudar na criação dos meus oito irmãos”.

No tocante à segunda pergunta, a bibliotecária afirmou que, no tempo vago, quando não estava organizando a biblioteca ou atendendo algum aluno, sempre buscava ler um livro. Ao afirmar isso, nós sondamos que tipo de obra costumava ler nesse espaço. Como resposta, ela afirmou que gostava de ler livros infantis, cujas narrativas configurassem a natureza, o sítio. Inclusive, nesse mesmo momento, ela foi à estante e pegou dois livros que sempre lia nas horas livres: *Chove chuva: aprendendo com a natureza sabedoria popular*, de Magali Queiroz, ilustrações de Gabi Moraes, cuja narrativa retrata a história de Flora - uma menina que mora na fazenda e, a partir de suas vivências naquele espaço, aprende os segredos da natureza, ou seja, de quando irá chover ou não.

O outro livro é *Uma aldeia cheia de monstros*, de Francisco Hinojosa e Manuel Monroy, que retrata a história de Lobardo – um garoto que mora em Cerro Velho e não tem contato com outras crianças. Entediado dessa vida, o menino acaba fugindo e descobrindo a Terra doce, um lugar onde as demais crianças moram. Ao chegar lá, o protagonista descobre que o prefeito da cidade onde mora não gosta de criança. Unindo as forças, as crianças não só atacam o líder da cidade, mas também o prendem. A partir de uma linguagem simples e envolvente, os autores dão vozes aos personagens dessa história, a fim de não só enfatizar a importância da interação infantil com as demais faixas etárias, mas também de ressaltar a necessidade de combater forças opressoras a partir de um trabalho coletivo. Vejamos a imagem da bibliotecária pegando os livros que costuma

ler nas horas livres:

IMAGEM 06- Bibliotecária da escola Celso Mariz.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Os livros escolhidos pela bibliotecária para ler em seu tempo livre na escola aproximam-se de suas vivências pessoais, já que, como bem nos afirmou durante a conversa, ela morou grande parte de sua vida na zona rural, tendo contato com a natureza.

Em relação à busca por uma formação na área de biblioteconomia, a funcionária nos disse que não tinha vontade de se aprimorar nessa área, pois seu grande sonho era fazer enfermagem. No entanto, devido a chegada dos seus filhos, do seu trabalho e por falta de recursos financeiros, ainda não tinha conseguido fazer esse curso.

No tocante à execução de projeto de leitura com os discentes do ensino médio, a funcionária afirmou que não desenvolve esse tipo de trabalho. Sua função na biblioteca é apenas cadastrar os livros, fazer o controle de entrada e saída das obras literárias, organizar e manter limpo esse espaço. Embora pense dessa forma, contata-se que, juntamente com a colaboração dos professores, ela poderia desenvolver essa atividade.

Além disso, ao pensar nessa situação, observa-se que a funcionária da escola não tem culpa por não desenvolver propostas de leituras significativas junto aos alunos, pois além de ela não possuir o curso específico na área em que atua, também está deslocada de função. Tal problemática não é específica dessa instituição de ensino, pois grande parte das escolas brasileiras não tem um bibliotecário com formação na área. Geralmente, quem atua nessa função desenvolve os mesmos serviços relatados pela funcionária da escola

Celso Mariz.

Essa insuficiência de profissionais dessa área ocorre devido à falta de políticas públicas que priorizem o trabalho e a formação continuada dos bibliotecários. A ausência de pessoas qualificadas para trabalhar numa biblioteca acaba ocasionando não só um funcionamento precário e improvisado desse espaço de leitura, mas também comprometendo o trabalho com o texto literário numa perspectiva de formação leitora.

Conforme aponta Petit (2008), a função do bibliotecário não é apenas de cadastrar e conservar os livros, entregar as obras aos alunos, como vemos nas instituições de ensino, mas de um iniciador da leitura. Por meio de seu trabalho, esse profissional pode apontar um caminho de leitura significativo para os educandos, como podemos ver no trecho abaixo:

[...] o iniciador de livros é aquele ou aquela que pode legitimar um desejo de ler que não está muito seguro de si. Aquele ou aquela que ajuda a ultrapassar os umbrais em diferentes momentos do percurso. Seja profissional ou voluntário, é também aquele ou aquela que acompanha o leitor no momento, por vezes tão difícil, da escolha do livro. Aquele que dá a oportunidade de fazer descobertas, possibilitando-lhe mobilidade nos acervos e oferecendo conselhos eventuais, sem pender para uma mediação de tipo pedagógica. O iniciador é aquele ou aquela que exerce uma função-chave para que o leitor não fique encurralado entre alguns títulos, para que tenha acesso a universos de livros diversificados, mais extensos (Petit, 2008, p.174-175).

Observa-se nas palavras de Petit a importância que o(a) bibliotecário(a) pode ter na vida de um aluno, pois, enquanto mediador do texto literário, poderá criar condições concretas para disseminar o hábito da leitura e contribuir com a formação do sujeito leitor. Destarte, para que isso ocorra, é importante que as escolas tenham profissionais qualificados, projetos de leitura integrados à sala de aula, obras literárias atualizadas, que atendam a demanda das turmas e, principalmente, a centralidade da mediação leitora como meta.

Após conversar com a funcionária da biblioteca, buscamos conhecer a professora e a turma em que iríamos aplicar nossa experiência de leitura. Antes de entrar em sala de aula, falamos com a docente para saber se ela gostaria de que aplicássemos a nossa pesquisa em sua turma. Como resposta, ela aceitou colaborar com nossa pesquisa. Também é interessante ressaltar que, antes de qualquer trabalho desenvolvido por nós, buscamos, inicialmente, conhecer a turma e observar um pouco a aula da educadora.

3.2 Conhecendo a turma

O contato inicial com a turma ocorreu no dia primeiro de março. Ao adentrar na sala de aula, percebemos que os alunos ficaram curiosos para saber o que estávamos fazendo ali. Na ocasião, a docente estava falando sobre o Classicismo. À medida que explicava acerca dessa classe literária em estudo, ia colocando, no quadro, algumas anotações do que estava pontuando para os discentes.

Conforme a docente explicava, notávamos o interesse de dois ou três alunos na aula; os demais estavam com a cabeça baixa, dispersos. Após finalizar a explicação da classe literária em estudo, a educadora fez uma abordagem sobre *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, apresentando o seu ponto de vista. Ao concluir a sua leitura sobre a obra, a professora solicitou aos alunos que respondessem algumas questões do livro didático relacionadas ao conteúdo da aula. Na oportunidade, ela também me apresentou a turma e pediu para que explicasse um pouco do trabalho que iria realizar com os educandos.

Ao falar sobre a experiência de leitura que iria desenvolver naquela turma, alguns alunos afirmaram não gostar de ler e que não tinham interesse em participar da referida pesquisa. Após ouvir isso, pedi-lhes que participassem de pelo menos um encontro. Caso não gostassem e se sentissem constrangidos com a nossa pesquisa, podiam desistir de participar da experiência de leitura a qualquer momento. Mesmo receosos, eles acataram a proposta.

Além disso, aproveitei o momento em que os educandos estavam realizando o exercício para conversar um pouco com a professora da turma. Inicialmente, perguntei-lhe se gostava de ler. Como resposta, ela me disse: “Gosto de ler, já li muitos textos de diversos autores. Inclusive, gostaria de trabalhar mais em minhas aulas as obras literárias, no entanto, a insuficiência de livros na biblioteca da escola acaba comprometendo a promoção da leitura literária em sala, já que não temos um acervo que atenda a demanda das turmas. Como o público-alvo da escola é bastante carente, não temos como pedir-lhes que façam as cópias das obras literárias”.

Ao escutar isso, indaguei-lhe se não teria como utilizar as obras literárias nos formatos digitais para disseminar a leitura naquele espaço. Ao concluir a pergunta, a docente afirmou que “os alunos têm dificuldades com o manuseio dos aplicativos para fins educativos. Além disso, muitos deles não têm acesso à internet, o que dificulta o nosso trabalho. Logo, para suprir essa necessidade, o caminho possível para trabalhar o texto literário em sala de aula é fazer esquematizações dos pontos principais das obras no

quadro ou preparar alguns slides acerca das obras”.

Assim que a professora nos falou sobre as estratégias metodológicas para trabalhar o texto literário em sala de aula, perguntamos-lhe se ela tinha conhecimento de alguma obra que configurasse o período da ditadura militar no Brasil. Como resposta, ela afirma: “Nas escolas não chegam livros sobre Literatura e Ditadura. Durante o meu curso de Letras, não cheguei a estudar obras que tratam desse período histórico. Porém, é importante trabalhar o tema em sala de aula, uma vez que temos um governo fascista. Embora não tenha muito conhecimento acerca desse tipo de literatura, já li *Zuzu Angel*”. Também perguntamos a docente se os alunos gostavam de ler. Ela ressaltou que apenas dois discentes gostavam de ler e que, embora estejam cursando o ensino médio, não têm perspectiva de adentrar no ensino superior.

Cabe salientar que essa turma era composta por 22 alunos, mas nem sempre tinha essa quantidade de educandos durante as aulas. Segundo a professora, além de eles faltarem às aulas, também não faziam questão de assistir aos últimos horários. Acerca disso, é importante ressaltar que alguns professores afirmaram que os alunos ciganos são os que mais faltam às aulas.

A fim de evitar a evasão escolar, o gestor da instituição buscou: 1. conscientizar os educandos da importância da assiduidade nas aulas; 2. conversar com os pais dos alunos acerca da frequência escolar mínima para manter o Bolsa Família; 3. trancar os portões do bloco após o recreio. Só após a última aula, o pessoal da disciplina abria-os para a saída dos discentes. Embora essa última estratégia seja bastante autoritária, já que o aluno deveria sentir prazer por estar naquele espaço, ter interesse em aprender e adquirir uma boa preparação para ser aprovado no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), nota-se que essa ação conseguiu manter boa parte dos alunos em sala de aula.

Quanto à metodologia empregada pela professora, observa-se que o ensino de literatura naquele espaço ainda é bastante tradicional e pouco envolvente. Isso se deve ao fato de que a estrutura da escola e, principalmente, o sistema educacional não contribuem para um ensino de Literatura na perspectiva de formação do leitor, pois além da quantidade disponível de obras não atender à demanda da turma, a instituição não disponibiliza internet para que os educandos possam acessá-la para fins educativos tampouco possui equipamentos tecnológicos satisfatórios para a demanda dos alunos.

Embora saibamos que a BNCC oriente o professor a utilizar as tecnologias digitais em sala de aula, constata-se que muitas escolas brasileiras não têm condições de priorizar essa educação tecnológica devido à falta de estrutura e acesso à internet. Além disso,

grande parte dos professores não têm habilidades necessárias para usar as ferramentas digitais em sala de aula de forma contextualizada e crítica.

Estamos, portanto, diante de um duplo desafio para efetivar a cultura digital no espaço escolar em favor da formação leitora. Por um lado, a compreensão de que é preciso garantir acesso à internet e às ferramentas tecnológicas que atendam à demanda dos alunos; e, por outro, assegurar a formação continuada dos professores.

Tendo em vista a situação da escola, o que resta à docente é propiciar uma aula de Literatura a partir da exposição das obras literárias, esquematizar alguns pontos relacionados aos textos nos slides e compartilhar esse conteúdo com os discentes. Outrossim, somos conscientes de que, ainda na escola pública, muitos professores de Língua Portuguesa lecionam, simultaneamente, os componentes curriculares de Redação, Gramática e Literatura, bem como atuam em mais de uma escola, como no caso da educadora entrevistada.

Essa falta de valorização do trabalho docente compromete a qualidade da aula do professor, pois, não tendo tempo necessário para dedicar-se à leitura literária, visto que precisa trabalhar dois horários para suprir, possivelmente, a sua necessidade financeira, o educador, na maioria das vezes, acaba detendo-se apenas ao livro didático, que costuma nortear as práticas de leitura realizadas em sala de aula (esse é, talvez, o problema central).

Considerando que grande parte dos profissionais que trabalham na educação são mulheres, nota-se que as professoras enfrentam uma jornada dupla de ensino e mais uma de trabalhos domésticos, sobrando quase tempo nenhum para se debruçarem acerca das obras literárias.

Conforme a BNCC, o professor deve alargar as referências estéticas, éticas e políticas dos educandos no ensino médio, entretanto, com o sistema educacional falho que temos, torna-se cada vez mais desafiador uma educação literária democrática, cujo objetivo priorize, como bem salienta Dalvi (2013):

1. a diversidade de gêneros textuais atrelados aos mais diversos usos de recursos tecnológicos; a leitura integral das obras, a formação de leitores cada vez mais ativos e interventivos, bem como a promoção de eventos de leitura literária, tais como: feiras, encontros com os escritores, exposição de livros literários, etc.);
2. o contato com leituras literárias, as quais apresentem articulação com o mundo da vida, com o contexto social-econômico-cultural, despertem a sensibilidade do leitor e, principalmente, que contribuam com o “[...] desenvolvimento linguístico, psicológico, cognitivo, cultural e estético dos alunos” (Dalvi, 2013, p.78).

3. a promoção de uma metodologia centrada na teoria-prática-teoria, cuja objetivo priorize a formação de leitores “[...]que leiam com gosto, com sensibilidade, “e com discernimento, na escola, fora da escola e para além da escola” (Dalvi, 2013, p.79).

Contudo, para que tenhamos uma educação literária transformadora é essencial que o sistema educacional e as escolas garantam “[...] a apropriação das ferramentas críticas para o fortalecimento do leitor, a democratização das salas de aula de literatura e reconheçam o poder político-pedagógico da literatura” (Dalvi, 2013, p.95). Além disso, é interesse uma boa remuneração docente para que este não precise adotar carga de trabalho estafante.

Diante desses percalços que permeiam o ensino de Literatura, a estudiosa Maria Amélia Dalvi, numa entrevista concedida ao canal *Invento Produções Culturais*, no *YouTube*, afirma que a leitura literária na escola precisa ser pensada como prática social, já que é de extrema relevância levar em consideração as condições necessárias de trabalho do professor, das instituições e dos alunos, para que a formação leitora possa acontecer de maneira significativa.

Ao tecer essa declaração, Dalvi (2021, p.33) traz o seguinte questionamento: “que educação literária é possível (e necessária) nessa conjuntura?”. Conforme esta pesquisadora, ao pensar sobre os impasses que estão atrelados à formação do sujeito leitor, é importante que o docente busque sempre uma formação teórica e metodológica consistente tanto no campo educacional quanto literário; conheça os sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem para articular melhor as aulas de Literatura a eles e que o professor, mesmo diante de todos os impasses educacionais, busque resistir “à lógica pedagógica” (precarização do trabalho docente, falta de uma boa estrutura física nas escolas, bibliotecas com obras literárias desatualizadas, com poucos exemplares, desmonte do Programa Nacional da Biblioteca na Escola, cortes e encerramentos de projetos relevantes de formação de professores de literatura em todos os segmentos educacionais, etc.). Ainda segundo essa pesquisadora:

É preciso saber que sujeitos pensamos formar e que sociedade queremos construir a partir de nossas aulas de língua e literatura. [...] a educação literária deve deixar de ser aula de “autópsia de cadáveres” (Todorov, 2008) e passar a ser aula de compreensão e transformação de vida. [...] é preciso, enfim, que a cada aula de literatura, a cada crônica, poema, lido ilustrado, texto dramático lido, escrito ou analisado conjuntamente, nós nos fortaleçamos. [...] é preciso avançarmos e ousarmos com criatividade, inventividade e sem medo, com clareza de que para nós só resta uma opção: não aceitar uma vida que não seja

digna, para todos e para cada um (Dalvi, 2021, p.35-36).

Ao dialogar com a estudiosa, percebe-se o quanto é importante o docente utilizar as aulas de literatura como prática consciente para uma formação humanística e cidadã de seus educandos, pois mesmo que eles não compreendam a importância da Literatura em suas vidas, o professor pode conduzir o educando à reflexão sobre o mundo e sobre si mesmo.

Como bem salienta Dalvi, numa conjuntura em que professores são mal remunerados e discentes não são assistidos de modo satisfatório, é importante que o professor resista a toda essa estrutura desigual de nossa sociedade e busque, a partir das condições que lhes cabe, trabalhar o texto literário de modo que possa despertar no aluno o senso crítico, a vontade de sonhar e, principalmente, o desejo de serem protagonistas de suas vidas.

Por outro lado, também é interessante ressaltar que a formação leitora não deve ser relegada apenas à escola, ao professor, pois como bem assinala Teresa Colomer, na obra *Andar entre livros: a leitura literária na escola*, a participação coletiva de outras instâncias sociais, como a família, bibliotecários e mediadores da leitura é essencial para a formação do sujeito leitor. Para essa pensadora: “[...]os hábitos culturais da sociedade não dependem apenas da instituição escolar e que as decisões neste âmbito devem basear-se em uma análise mais complexa do fenômeno e na colaboração de diferentes agentes sociais” (Colomer, 2007, p.48).

Mesmo sabendo o quanto é imprescindível a participação dessas instâncias sociais para a promoção da leitura dos alunos, percebe-se que, na prática, a educação literária é relegada apenas à escola, aos professores que, diante de diversos cortes educacionais, de cancelamento de programas, de bibliotecas sucateadas e de censuras de obras, buscam resistir a essas problemáticas, com o intuito de propagar a leitura em sala de aula e de promover o exercício da sensibilidade e do pensamento crítico-reflexivo do aluno.

Outro ponto mencionado pela professora foi a ausência de obras que configuram o período ditatorial brasileiro em sala de aula. Mesmo sem ter estudado esse tipo de Literatura quando cursava Graduação em Letras, nota-se que a docente tem um pouco de conhecimento não só sobre esse período, mas também sobre algumas obras literárias acerca desse período de graves violações de direitos humanos.

Tendo em vista a ausência desse tipo de Literatura na formação da professora e, principalmente, em sala de aula, propiciamos um curso de extensão sobre Literatura e

Ditadura para os professores de Língua Portuguesa e História da escola, envolvendo algumas obras que configuram o autoritarismo brasileiro. As aulas foram realizadas no formato remoto, via *Google Meet*, na segunda-feira, durante os meses de agosto e setembro, das 19h:00 às 21h:30. Vejamos:

QUADRO 5: Cronograma de atividades do curso de extensão, voltado aos professores de Português e História da escola Celson Mariz.

DATA	CONTEÚDOS
01/08 -19h às 21h:30	Relações entre pais e filhos na obra <i>Você vai voltar para mim</i> , de Bernardo Kucinski.
08/08 -19h às 21h:30	A avaliação da ação armada no conto <i>Pais e filhos</i> , de Bernardo Kucinski.
15/08 -19 às 21h:30	Memória, esquecimento e trauma sequencial em <i>Júlia: nos campos conflagrados do Senhor</i> , de Bernardo Kucinski.
22/08-19 às 21h:30	Memória, esquecimento e trauma sequencial em <i>Júlia: nos campos conflagrados do Senhor</i> , de Bernardo Kucinski.
29/08- 19 às 21h:30	Memória e testemunho: <i>Inventário de cicatrizes</i> , de Alex Polari.
05/09- 19 às 21h:30	Memória e testemunho: <i>Inventário de cicatrizes</i> , de Alex Polari.
12/09- 19 às 21h:30	Configuração da ditadura no conto <i>Anos de chumbo</i> , de Chico Buarque.
19/09- 19 às 21h:30	Encerramento e avaliação do curso.

Fonte: Autoria própria, 2022.

O curso, com duração de 20h, teve como objetivos específicos: 1. Ler e analisar obras que configuram o autoritarismo brasileiro; 2. Conhecer os principais representantes da narrativa brasileira contemporânea e o desenvolvimento de sua produção ficcional; 3. Refletir, através das obras estudadas, sobre as graves violações de direitos humanos e os traumas provocados pelo regime militar.

Para contribuir com a formação dos professores e alargar os seus conhecimentos, nós trabalhamos três narrativas: *Você vai voltar pra mim* e *Júlia: nos campos conflagrados do Senhor*, de Bernardo Kucinski e *Anos de chumbo*, de Chico Buarque; e o livro de poemas *Inventário de cicatrizes* de Alex Polari. A discussão das obras deu-se a partir das seguintes categorias de análises: memória, esquecimento, trauma sequencial, testemunho, ação armada e tortura. Vejamos algumas imagens dessa experiência:

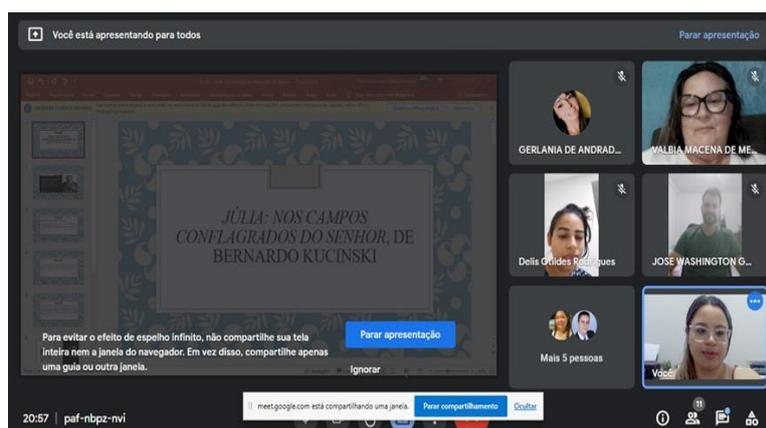
IMAGEM 7: Registro da abordagem do conto *Joana*, de Bernardo Kucinski.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Ao longo dos encontros ministrados, percebemos que a recepção dos participantes foi muito boa, pois, mesmo tímidos, eles interagiram com os professores durante as discussões dos textos literários e teóricos. Também, logo no primeiro momento desse curso, tivemos um *feedback* bastante positivo acerca do conto “Pais e Filhos”, de Bernardo Kucinski, pois um professor participante afirmou que a abordagem desse conto tinha lhe despertado o desejo de retornar à universidade. Após a leitura e discussão dessa narrativa, os docentes leram a novela *Júlia: nos campos conflagrados do senhor*, também de autoria desse autor. Vejamos o registro desse momento:

IMAGEM 8: Registro da abordagem do conto *Júlia: nos campos conflagrados do Senhor*, de Bernardo Kucinski.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Além disso, uma professora ressaltou tanto a relevância do estudo de obras que configuram o autoritarismo brasileiro no contexto de sala de aula, a fim de levar os

discentes a refletirem sobre o horror perpetrado pelo regime, quanto a falta de conhecimento dela sobre as narrativas que tratam desse tema, como podemos observar em sua fala: “Embora não conheça essas narrativas, vejo o quanto é importante estudá-las. Através dessas obras podemos compreender não só a conjuntura atual do nosso país, os resquícios desse passado no presente, mas também levar o nosso aluno a pensar as barbaridades desse período histórico”.

Diante da recepção dos participantes, constata-se que as obras abordadas, neste curto espaço de tempo, fizeram sentido para esses docentes da educação básica. Isto porque eles puderam compartilhar seus pontos de vistas acerca dos textos lidos, refletir sobre os desmandos da ditadura, bem como ampliar seus horizontes de expectativas acerca desse período e das obras estudadas. Pode-se dizer que uma semente foi plantada na escola Celso Mariz. Agora, o nosso desejo é que ela possa germinar e produzir bons frutos nas aulas de Literatura e de História.

No tocante ao desinteresse da turma pela leitura de obras literárias, constata-se que isso ocorre devido à inexistência de um projeto de leitura, cujo objetivo estimule não só os alunos a ler frequentemente, a ter um contato significativo com as mais diversas obras literárias, mas também que priorize a prática do debate acerca do texto em sala de aula.

Segundo a professora Regina Zilberman (2012, p.80), a escola precisa adotar uma metodologia significativa que rompa não só com o ensino de literatura tradicional, mas também que “[...] deflagre o gosto e o prazer pela leitura de textos, ficcionais ou não, e possibilite o desenvolvimento de um posicionamento crítico perante o lido e perante o mundo que o lido traduz”.

No entanto, somos convictos de que, em sala de aula, a Literatura é pensada numa forte concepção utilitária de leitura, ou seja, o aluno, na maioria das vezes, é levado a ler uma obra literária desarticulada de sua história de vida, pouco instigante e, em seguida, solicitado a realizar uma atividade descontextualizada, que não contribui para a formação de um leitor crítico, autônomo e reflexivo.

Nesse sentido, é importante priorizar um ensino de Literatura que estimule tanto a capacidade crítica do educando, sua curiosidade ao ler determinada obra, sua compreensão acerca do texto lido, quanto o leve a assumir-se como sujeito também da produção do saber, pois, como já dizia Freire (2011, p.34): “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Se queremos transformar esse “ensino bancário” de Literatura, é importante que as escolas busquem ressignificar essa prática tradicionalista que se perpetua ainda hoje nas salas de aulas e “[...] oferecer aos alunos a possibilidade de ler diretamente os textos e as obras literárias” (Colomer, 2007, p.38) mesmo diante de um currículo extenso que não favorece o ensino de literatura e sobrecarrega o professor de Língua Portuguesa.

Assim sendo, mediante os desafios identificados na escola, sobretudo, no que tange à pouca prática leitora dos alunos, levamos o romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage para trabalhar com os educandos em sala de aula, com o intuito de proporcionar-lhes uma experiência significativa de leitura que os levassem a refletir não só sobre a violência praticada contra os corpos das mulheres militantes, mas também sobre os direitos humanos, as diferenças de ideias e os “princípios e valores de equidade assentados na democracia” (Brasil, 2018, p.492).

Como bem mencionamos no início desse capítulo, a experiência de leitura foi desenvolvida a partir das etapas principais do método recepcional. Antes mesmo de começar a leitura do romance de Claudia Lage, aplicamos uma *autobiografia de leitor* para conhecer o perfil literário dos alunos participantes de nossa pesquisa, as obras que mais marcaram as suas vidas, bem como a leituras com que não se identificaram. Também optamos por aplicar esse gênero porque acreditamos que os educandos se sentem mais à vontade ao escrever acerca de suas experiências literárias do que falando sobre elas. Vejamos no tópico a seguir.

3.3 *Autobiografia de Leitor*: sondando o horizonte de expectativa dos alunos

A autobiografia de leitor é um gênero textual que, como bem afirma Annie Rouxel (2013, p. 67): “[...] abre a reflexão para a importância que pode ter a Literatura na formação de indivíduo, para a multiplicidade de modos de apropriação dos textos para o lugar da subjetividade no sujeito que constrói o sentido”. Ao dialogar com essa autora, observa-se o quanto esse tipo de aplicação de atividade é relevante nas aulas de Língua Portuguesa, pois é uma forma de o professor conhecer um pouco o universo literário dos alunos e, assim, levar para a sala de aula obras que se aproximem de suas realidades ou que ampliem os seus horizontes.

Antes mesmo de os discentes produzirem a *autobiografia de leitor*, explicamos o gênero em estudo, levamos um exemplo desse tipo de produção textual para que os alunos

pudessem tomar conhecimento e, assim, escrever as suas memórias de leitor. No dia da aplicação dessa atividade, somente 7 educandos participaram da aula, os demais faltaram.

Cabe salientar que essa atividade foi desenvolvida pelos alunos no decorrer das duas últimas aulas. Ao ler esses textos, percebemos que, na maioria das autobiografias, os educandos afirmaram não gostar de ler, não ter paciência no ato da leitura ou que só leem quando encontram uma boa indicação de uma obra na internet, como podemos ver numa autobiografia a seguir:

Autobiografia de leitor 01: “Eu infelizmente não gosto de ler, sempre perco a paciência quando vou ler, alguma coisa só leio quando é obrigatório ou quando vejo uma frase ou conversa nas redes sociais, não tenho muito interesse em saber sobre textos e outras coisas etc...”

Através do relato do aluno, é notório que ele não teve uma experiência significativa com uma obra literária, pois o discente afirma que só lê por obrigação. Essa declaração leva-nos a pensar que, provavelmente, a leitura, na vida desse educando, sempre foi impositiva, tecnicista, sem espaço para discussão das obras literárias. Logo, por não ter tido um contato prazeroso com o texto literário, declara ter perdido o interesse pela leitura.

Sabemos que a vivência autoritária dos educandos com obras literárias, sem a mediação do docente e a discussão do texto, é bastante comum no cotidiano escolar, porque para algumas escolas o mais importante é que o aluno leia, sem que se levem em consideração o seu perfil literário, a escolha de obras, o papel do professor enquanto mediador do texto literário e a formação significativa do sujeito leitor.

Por outro lado, também somos convictos de que os currículos escolares, sobretudo do Ensino Médio, na maioria das vezes, não contribuem para um ensino de Literatura de qualidade, já que os professores devem ministrar vários conteúdos baseados em competências e habilidades propostos pela BNCC ao longo da disciplina de Língua Portuguesa, dentro de um curto espaço de tempo. Além disso, o docente, por exigência da escola, é obrigado a cumprir com todo o livro didático ao longo do ano. Caso descumpra essa tarefa, é visto como irresponsável.

Conforme afirma o professor Edilson de Amorim (2017), a leitura de uma obra literária demanda tempo, (re)leitura, discussão desse texto, logo, se o docente não prioriza esses aspectos, infelizmente, acaba não só comprometendo o trabalho com o texto literário em sala de aula, mas também afastando o aluno da obra estudada.

Diante desses diversos desafios educacionais e da precariedade do ensino de

Literatura em algumas escolas brasileiras, acreditamos que o professor pode, em meio às adversidades encontradas no espaço escolar, propiciar uma experiência significativa de leitura em sala de aula que amplie “[...] as possibilidades de fruição, de construção e produção de conhecimentos, de compreensão crítica e intervenção na realidade e de participação social dos jovens, nos âmbitos da cidadania, do trabalho e dos estudos” (Brasil, 2018, p.498).

Para isto, é importante, como bem assinala Hélder Pinheiro (2018), que o docente tenha compromisso com a formação literária do educando e planeje um percurso envolvente de obras literárias que poderão ser lidas com o discente. Em consonância com o professor Hélder, Cosson (2017, p.47) afirma que a leitura das obras precisa não só ser motivada, mas também que o educador busque compreender o nível de competência literária do aluno, pois nem todos possuem “[...] um desempenho igual ao de leitores com razoavelmente expensa competência de leitura, capazes de realizar uma leitura interpretativa”.

Tendo em vista as considerações tecidas por esses estudos da área de Literatura, Ensino e Formação do leitor, observa-se que, embora o aluno afirme não ter interesse pela leitura literária, quando encontra alguma sugestão de uma obra interessante nas redes sociais, busca conhecê-la. Isso só afirma ainda mais que, em sua passagem escolar, provavelmente, esse educando não teve um professor que o levasse a se contagiar com a leitura de um texto literário. Além desse discente, um outro participante que afirma não gostar muito de ler, ressalta a importância da leitura para a construção de sentidos, para a ampliação de horizonte do sujeito leitor. Leiamos:

Autobiografia de leitor 2: “Eu não gosto muito de ler mas tem alguns tipos de livros que chama um pouco de minha atenção Romance e um livro que chama um pouco da atenção nem todos mas tem alguns que são bem inspirados. A leitura muitos falam que e uma coisa muito importante que pode ajudar no desempenho de varias pessoas mas eu não pratico muito a leitura. Eu cheguei a ler alguns livros mas já faz muito tempo. Ai parei não gostei muito dos livros e é isso não gosto muito de ler espero ter ajudado”.

Embora o aluno afirme gostar do gênero romance e de obras inspiradoras, observa-se, na autobiografia acima, que a sua caminhada de leitor foi interrompida. Possivelmente, as leituras realizadas por esse discente na escola não atendiam ao seu horizonte de expectativa. Porém, mesmo afirmando não mais ser um leitor de obras literárias, percebe-se que esse educando reconhece a importância da leitura para a construção do sujeito.

Conforme aponta Paulo Freire, na obra *Pedagogia da autonomia*, ensinar exige respeito às vivências pessoais dos educandos, aos saberes que eles trazem enquanto sujeitos pertencentes de uma comunidade. Ao dialogar com esse pensador, depreende-se o quanto é necessário o docente priorizar, em sala de aula, obras que tanto se aproximem das diversas realidades dos alunos quanto lhes despertem suas curiosidades, capacidades críticas e reflexivas.

Diferentemente desse discente, um outro aluno percebe não só a leitura literária como uma forma de descontração, mas também cita alguns benefícios que ela pode propiciar aos sujeitos leitores, como, por exemplo, a ampliação do vocabulário, a facilidade de compreender o mundo a sua volta, de raciocinar, etc. Vejamos:

Autobiografia de leitor 3: “as vezes eu gosto de ler. Tem momentos que a leitura pode descontrair. Mais eu gosto mais de entra no tema de romance e muito bom tem livros que me agrada mais como romeu e Julieta. Mais a leitura nos faz bem ela estimula o raciocínio e melhora o vocabulário, primora a capacidade de entendemos mais faceis as coisas e Fim”.

Ao analisar a autobiografia do aluno acima, nota-se que ele gosta de obras que configuram experiências amorosas, chegando, dessa forma, a citar a peça teatral *Romeu e Julieta*, cuja história aborda a impossibilidade do amor vivido por dois jovens perdidamente apaixonados e a discórdia entre duas famílias. Embora não seja um leitor assíduo, o educando vê a leitura como algo importante para a construção do sujeito diante do mundo que o cerca.

Além desses alunos, um outro participante declara que a vivência de leitura de paradidáticos em seu dia a dia o levou a se aproximar de uma Literatura mais bem elaborada para aprofundar os seus conhecimentos e gosto literário. Inclusive, ele cita a obra *Vinte mil léguas submarinas*, de Jules Vernes, como uma narrativa da qual gostou muito, no entanto, com o passar do tempo, o hábito da leitura em sua vida foi diminuindo. Vejamos:

Autobiografia de leitor 4: “Geralmente quando criança eu sempre gostava de ler livros didáticos, cuja história não era toda desenvolvida, mas que mesmo assim naquela época, era algo muito divertido para mim. Com o passa do tempo minhas opiniões sobre literatura foram mudando. Fazendo com que eu gostasse de um conteúdo um pouco mais complexos e fictícios. Foi daí que eu conheci as obras de Juliu Vernes, sendo que o primeiro livro que eu li desse autor foi vinte mil léguas submarinos, que era em quadrinhos, e virou um dos livros que eu mais gostei. Mas é claro, que não posso deixo de cita o fato que não li muitos livros, mas conheci vários literaturas importante pela televisão. No momento, eu ainda gosto de histórias fictícias e com um bom desenvolvimento de personagem e etc. Apesar de que não leio com frequência, eu ainda gosto de ler um pouco”.

De acordo com Cademartori (2009, p.93), existem três tipos de leitores: o primeiro é aquele do gênero “ocasional e eclético”, ou seja, que le várias obras uma vez ou outra; o segundo tipo é o “leitor por vocação”, “aquele para quem a leitura é um estilo de vida”; e o terceiro é o sujeito que busca nos livros apenas um embasamento para desenvolver trabalhos acadêmicos e participar de debates e mesa-redonda.

No caso do educando acima, pode-se dizer que ele é um leitor ocasional, uma vez que gosta de ler, mas não pratica essa leitura com assiduidade. Além disso, o discente declara ter aprofundado os seus estudos literários através da televisão. A fala desse aluno nos leva a perceber que não só as tecnologias digitais e os programas de TV com fins educacionais têm sido um recurso bastante importante para a propagação da Literatura, como também a relevância de o docente se apropriar dessas ferramentas tecnológicas para incentivar os educandos a lerem e disseminarem o texto literário no espaço escolar.

Ao contrário desse aluno, um outro participante afirma que, embora não goste de ler, ultimamente tem aflorado nele o desejo pela leitura. O discente também declara ter vivenciado algumas experiências significativas, em sala de aula, com algumas obras literárias. A exemplo disso, ele cita *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare. Com certeza, esse contato diferenciado com o texto literário no espaço escolar aguçou o seu interesse pela Literatura. Vejamos:

Autobiografia de leitor 5: “ Eu não costumo ler livros, porem já tive experiências em sala de aula com livros como por exemplo o tão famoso Romeu e Julieta um romance trágico de William Shakespeare um livro muito bom com o texto lírico, ultimamente tenho interesse em ler muitos livros e vou começar a ler mais sobre livros com histórias sobre a sociedade e a história dela, a leitura é necessária mas é preciso ser desperta por textos, poemas e leituras em geral que chamem atenção a curiosidade e bem difícil ter essa vontade hoje com tantas coisas que chamam a atenção das pessoas principalmente a minha porem quero começar a ler novos livros”.

Na autobiografia do aluno, fica evidente não só a importância de o professor conhecer o horizonte de expectativa do educando, para que possa promover leituras mais instigantes e complexas no espaço escolar, mas também desse educador aproveitar as ferramentas tecnológicas para propagar o texto literário em sala de aula, inserindo-se, dessa maneira, o discente na cultura digital.

Além de alguns alunos citarem o texto dramático *Romeu e Julieta*, cuja obra aborda as relações conflituosas entre famílias, amor proibido, a não aceitação da escolha do outro em relação à mulher amada, teve uma outra autobiografia que muito nos chamou a atenção. Nela, o aluno participante, ao citar o livro *Pacto de sangue*, evidencia o seu interesse por temas que o leva a refletir sobre violência, atos bárbaros. Leiamos:

Autobiografia de leitor 06- “Minha atração por livros começou por breves histórias de terror e ação. Um dos melhores livros que já li chama-se “pacto de sangue”, a elegância da escrita me deixou impressionante. Sinceramente o assunto do livro foi outro motivo (obvio) pelo qual eu me interessei a forma que aconteceu o desenvolvimento dos personagens principais foi incrível a descoberta de quais eram os motivos para tais barbaridades no início foi inacreditável. O livro fala sobre um mundo dominado por vampiros, onde humanos eram capturados para serem usados de alimento e como criadores. Os reinos eram divididos em reino norte, reino sul (o reino que tinha mais poder) reino leste e oeste (eram muitos ou seja existiam como subordinados). O personagem principal era um “humano” campones que tentava ao máximo não ser capturado, e sempre passa mal ao ver sangue e sempre tomava um determinado comprimido. Em certo capítulo ele fica capturado e “preso” depois de ser designado para ser alimento do príncipe do norte ao decorrer da história sua mãe acaba sendo morta pelo rei do sul que no final ele descobre que é seu pai. Então quando consegue desbloquear (por assim se dizer) ele mata o rei do sul arrancando sua cabeça e assumindo o trono ao se tornar rei ele liberta os homens mas eles começam a voar de livre e espontanea vontade e é isso. E com mais histórias assim continua sendo minha experiência literária”.

Observa-se que a leitura da obra *Pacto de sangue* fez sentido para o aluno, pois ele consegue não só falar sobre a narrativa com entusiasmo, trazer os pontos principais abordados no texto, como: disputa de poder, violência praticada às pessoas, mas também assumir-se como um sujeito crítico, autônomo, criativo acerca da obra lida.

Ao analisar os textos dos discentes, destacamos três pontos importantes acerca do processo de formação literária dos educandos: 1- Falta de um trabalho significativo e motivador com obras literárias diversas em sala de aula; 2. Ausência de mediação do professor no trabalho com o texto literário; 3. Deficiência na formação literária dos alunos. Como diz Petit (2008), esses jovens, em sua passagem escolar, não foram “encorajados a ler”, o que é bastante preocupante, sobretudo, porque estamos falando de alunos do segundo ano do ensino médio, ou seja, sujeitos que já deveriam ter uma “[...] ampliação do repertório de gêneros, sobretudo dos que supõem um grau maior de análise, síntese e reflexão” (Brasil, 2018, p.499).

O processo de formação leitora dos alunos foi bastante deficitário, pois ao longo da educação básica não foi intensificado o trabalho com as mais diversas leituras literárias, manifestações artísticas veiculada por diferentes suportes-oral e escrito, de modo que eles pudessem, como bem estabelece a BNCC (2018, p.498):

[...] aprofundar a análise sobre as linguagens e seus funcionamentos, intensificando a perspectiva analítica e crítica de leitura, [...] alargar suas referências estéticas e políticas que cercam a produção e recepção de discursos, ampliando a possibilidade de fruição, de construção e produção de conhecimentos, de compreensão crítica e intervenção na realidade e de participação social dos jovens, nos âmbitos da cidadania, do trabalho e dos estudos.

Nota-se que faltaram a apreciação do texto literário e a conversa sobre a obra em estudo, elementos essenciais na aula de Literatura. Sobre isso, Hélder ressalta que, muitas vezes, em sala de aula, o professor não precisa buscar uma diversidade de estratégias metodológicas como forma de inovação. O mais importante no tocante ao ensino de Literatura, sobretudo, quando nos falta recurso prático é, como bem assinala o autor: “[...] ler, ler sempre. Algumas aulas não devem ter nada de novo, só a leitura individual e silenciosa. E ler o quê? Os livros indicados, as antologias, textos livremente trazidos pelos alunos etc.” (Pinheiro, 2018, p.77).

A escola acaba pecando porque, na maioria das vezes, não busca trabalhar as obras pelas quais os alunos têm interesses. Ao afirmar isso, não estamos dizendo que não é interessante trabalhar as leituras sugeridas pela escola, mas que, ao partir das indicações dos discentes, o professor possa levar outros textos de reconhecido valor ético-estético que ampliem o horizonte desses jovens estudantes e refinem as suas compreensões leitoras.

Por outro lado, é importante destacar que, no trabalho com a promoção da leitura literária no espaço escolar, o educador deve ter em mente que não é só despertar o gosto do aluno pelo texto literário, mas entender que a Literatura precisa ser abordada também “[...]como conteúdo (inclusive político) que necessita ser aprendido-ensinado e, portanto, avaliado (no sentido também de problematizado)” (Dalvi, 2013, p.129), pois como bem salienta a professora Maria Amélia Dalvi, há certos conhecimentos e tomadas de atitudes que as instituições de ensino e a própria sociedade da qual fazemos parte esperam que o alunado aprenda.

Nesse sentido, diante dessas reflexões acerca da Literatura no ensino médio e, principalmente, da pouca experiência de leitura dos discentes, decidimos, antes mesmo de iniciar a leitura do romance de Claudia Lage, fazer um momento de sensibilização desse alunado para a leitura do texto literário.

Optamos por mudar um pouco o percurso de nossa pesquisa porque sabíamos que se começássemos com o romance *O corpo interminável*, os alunos poderiam desistir de participar de nossa experiência de leitura, pois além da obra ser bastante complexa em termos de estrutura narrativa, exigiria um pouco de conhecimento acerca do período ditatorial.

Também porque, como já tínhamos submetido a nossa pesquisa ao Comitê de Ética e estabelecido a escola em que iríamos aplicar a experiência de leitura, não seria

interessante mudar de obra literária tampouco de turma, pois se fizéssemos essa mudança, teríamos que submeter o nosso projeto novamente ao CEP.

Embora tivéssemos um tempo significativo para refazer a nossa proposta, mudar de turma, decidimos continuar com a obra *O corpo interminável* por quatro motivos: 1. Para analisar a forma como os alunos iriam recepcionar uma narrativa bastante complexa, com algumas rasuras históricas como promoção do esquecimento, vozes múltiplas e, principalmente, com uma temática muito violenta; 2. Pelo próprio desafio que encontramos nessa turma, ou seja, alunos desmotivados em relação ao processo ensino-aprendizagem, com pouca bagagem de leitora, *défit* de leitura e de escrita (constatamos a partir da escrita das autobiografias), sem tempo integral para dedicar-se aos estudos, pois alguns deles exerciam outras atividades e funções. 3. Porque precisávamos mostrar não só a importância da Literatura para a vida desses educandos, mas também levá-los a vivenciar uma experiência significativa com o texto literário; 4. Como o texto escolhido para trabalhar com a turma aborda a questão da ditadura e do protagonismo feminino contra o governo autoritário, o nosso objetivo era incitá-los a refletir sobre as ressonâncias do período da ditadura militar nos dias atuais e a violência praticada contra as mulheres militantes.

Segundo Paulo Freire (2011), o professor, em sua prática pedagógica, precisa arriscar o novo e enfrentar os desafios que surgem no processo ensino-aprendizagem, bem como criar caminhos possíveis para que, assim, os alunos possam ser sujeitos mais críticos, autônomos diante do mundo que os cerca. Para esse pensador: “A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica, a quem comunica, a produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado” (Freire, 2011, p.26).

Neste processo de ensino-aprendizagem, Freire também mostra que o professor deve tanto trabalhar os conteúdos curriculares associando à realidade dos educandos quanto aproveitar os saberes que eles possuem e, assim, ampliá-los em sala de aula. Dessa forma, pensando em todos esses aspectos, escolhemos o conto “Sobre a natureza do homem”, de Bernardo Kucinski para fazer esse momento de sensibilização leitora com os alunos.

Tal narrativa retrata a história de uma jovem presa pelo regime militar e que, devido às torturas que sofre na cadeia, a personagem desenvolve um transtorno psíquico. Em seguida, é internada pela família num hospital psiquiátrico. Lá, além de ela ser violentada por dois pacientes, também acaba engravidando.

Ao tomar conhecimento dessa violência, os pais a tiram desse lugar e a levam para tratá-la em casa com a ajuda de profissionais da área de Medicina. Em seguida, Imaculada tem o seu bebê, no entanto, é afastada do filho devido à falta de condições psicológicas para criá-lo, pois apresenta indícios de esquizofrenia. Conforme a narrativa, a personagem “Ora acalentava a criança, dava de mamar, trocava a fralda e banhava, ora a agredia” (Kucinski, 2014, p.29).

Devido a esse tipo de transtorno mental, os pais não só se mudam para uma chácara, mas também buscam um atendimento especializado para a filha, a fim de tratá-la. O conto termina com o filho da personagem afirmando aos avôs maternos que comprará uma espada bem grande quando crescer para matar todos os homens que fizeram mal à mãe dele.

Escolhemos essa narrativa de Kucinski para trabalhar com os alunos porque além de ela possuir uma linguagem acessível à turma e de configurar as barbaridades do autoritarismo brasileiro, esse conto poderia levar os discentes não familiarizados com esse período histórico a “[...]sentir um pouco a atmosfera de então, com nuances e complexidades que a simples história factual não conseguiria captar” (Kucinski, 2014, p.5).

O objetivo principal desse momento foi atrair a atenção dos alunos para a leitura do texto literário, bem como aproximá-los de uma narrativa, cuja história retrata a forma como a ditadura militar agiu sobre o corpo da mulher militante, já que eles não tinham uma vivência com esse tipo de Literatura.

3.4 O texto e o leitor: sensibilizando os alunos

Para esse primeiro momento, preparamos um espaço acolhedor com as cadeiras no formato de círculo, justamente para romper com a ideia de que o professor é o centro desse processo ensino-aprendizagem. Em seguida, disponibilizamos à turma cópias do conto “Sobre a natureza do homem” e imprimimos algumas imagens que configurassem o regime militar brasileiro. No centro do círculo, espalhamos essas imagens da violência ditatorial. Vejamos:

IMAGEM 09- Alunos lendo o conto “Sobre a natureza do homem”, de Bernardo Kucinski



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Antes de iniciarmos a leitura do conto de Kucinski, buscamos explorar as imagens que ali estavam. Para isso, perguntamos aos alunos qual o contexto representado nesses registros, o que esse período histórico acarretou nas vidas das pessoas, que tipos de torturas os militantes/as militantes sofriam dos agentes da repressão e se eles conheciam alguém que havia sido preso e torturado nesse período.

Os alunos responderam que as imagens representavam o regime militar brasileiro, que as pessoas, cujas opiniões políticas divergiam contra o governo, eram perseguidas, torturadas e mortas. No tocante à violência praticada contra os militantes, os educandos afirmaram que eles sofriam choques elétricos nas partes íntimas, usavam-se insetos nas genitálias dos presos/das presas políticos/políticas para conseguir informações, o pau de arara, etc.

Ao citarem esses métodos de torturas, uma aluna declara ter assistido ao documentário *Cabra marcado para morrer*, que retrata a história do líder camponês da Paraíba, João Pedro Texeira, assassinado em 1962 por pistoleiros contratados por latifundiários da região de Sapé. Conforme a educanda: “esse filme documental apresenta cenas fortes, de um período que usou a força para cometer crimes contra pessoas que reivindicavam melhores condições de vida no espaço rural”.

Ao longo dessa discussão, os discentes também destacaram algumas canções que retratam esse período, tais como: *Cálice*, de Chico Buarque e Milton Nascimento, *Apesar de você*, de Chico Buarque, *Pra não dizer que falei das flores*, de Geraldo Vandré, *Que país é esse?*, de Legião Urbana, *Como nossos pais*, de Elis Regina, *Mosca na sopa*, de Raul Seixas e *Debaixo dos caracóis dos seus cabelos*, de Caetano Veloso.

Em relação ao conhecimento de algum(a) militante, os alunos citam a ex-presidente Dilma Rousseff, presa e torturada em 1970, aos 22 anos de idade por ter sido acusada de ser uma jovem subversiva. Pela forma como os alunos se posicionaram, percebemos que tinham um bom conhecimento acerca do regime militar.

Feita essa sondagem, entregamos o conto de Kucinski e pedimos que fizessem uma leitura individual e silenciosa. Em seguida, procedemos a uma leitura coletiva e em voz alta com os educandos. Mesmo com tamanha timidez, alguns discentes fizeram a leitura compartilhada da obra.

Após a conclusão da leitura da narrativa, promovemos um debate literário, envolvendo questões importantes que permeiam o texto em estudo, tais como: a) De que fala o conto de Kucinski? b) O que acontece com Maria Imaculata, personagem principal desse conto? c) Como era a personagem antes de ser torturada? d) Por que a narrativa é intitulada “Sobre a natureza do homem”? e) O que vocês pensam sobre a afirmação presente na narrativa em estudo: “o homem nasce bom e se torna malvado com o tempo ou já nasce com maus instintos?” (Kucinski, 2014, p.27). f) O conto termina com o narrador afirmando que o filho de Imaculata, de apenas 4 anos, vingará a doença da mãe. Como vocês analisam o posicionamento dessa criança?

Para a primeira e a segunda perguntas, os alunos afirmaram que o conto de Kucinski falava sobre uma jovem simples, delicada, sem apego a bens materiais, que foi presa e torturada pelos agentes da repressão. Após diversas violências sofridas na cadeia, a personagem adquire problemas psicológicos.

Os educandos também ressaltaram que, a fim de buscar um tratamento adequado para os problemas mentais de Imaculata, os pais da jovem a internaram numa clínica psiquiátrica bastante moderna do SUS, no Jardim Botânico. No entanto, ao chegar lá, a personagem é estuprada por dois pacientes sem que os médicos e os demais funcionários da clínica tenham sabido da violência que a moça sofre. Devido a esse abuso sexual, a garota acaba engravidando. Após tomar conhecimento desse fato, a família, tentando proteger a vítima, retira-a daquele espaço e a leva para uma chácara.

Além de ressaltarem os principais pontos que retratam a narrativa, uma aluna destaca: “Professora, esse conto é bastante triste, forte. Sinceramente, tive muita pena de Maria Imaculata, pois ela não merecia o destino que teve”. Nesse mesmo momento, um aluno que não queria participar, inicialmente, da nossa experiência de leitura afirma: “Professora, se essa mulher fosse minha filha ou irmã, teria vingado os abusos cometidos à Maria Imaculata na clínica psiquiátrica. Isso não teria ficado barato, pois eu mataria os dois estupradores”.

Após o posicionamento desse aluno, uma estudante afirma: “Professora, penso diferente do colega, pois mesmo sabendo o quanto é doloroso ver a pessoa que a gente ama passando por esse tipo de situação, não podemos agir com a mesma conduta, ou seja,

pagando o mal com o mal. Não é dessa forma que iremos diminuir a violência na nossa sociedade. Assim como essa personagem, também me coloco no lugar dela enquanto mulher, pois muitas são estupradas diariamente e obrigadas a se calarem por medo não só de seu agressor, mas também de seus familiares, já que muitos não acreditam na vítima. No caso de Imaculata, a violência sofrida além de provocar uma mudança de comportamento, atingir o psicológico da personagem, também a faz silenciar diante de tamanha barbaridade. Aos poucos, ela vai se apagando, anulando-se enquanto sujeito”. Vejamos os registros desse momento:

IMAGEM 10: Alunos debatendo o conto em estudo.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Os educandos também pontuaram a negligência da clínica psiquiátrica frente ao abuso sexual da qual Imaculata é vítima e que a família só toma conhecimento a partir da gravidez da jovem mulher. Segundo um aluno, “os pais da personagem deveriam não só ter processado a clínica, como também serem indenizados pelo que aconteceu à filha”.

O conto de Kucinski os levou a refletir não só sobre as barbaridades provocadas pelo regime militar brasileiro, mas também a persistência das marcas do autoritarismo nas relações sociais dos sujeitos e a representação brutal das violências no contexto atual da sociedade brasileira.

Embora a narrativa retrate um período específico de nossa história, nota-se que o texto traz uma temática que dialoga com o mundo dos alunos, ou seja, a vulnerabilidade do sujeito feminino frente a uma sociedade machista, onde os homens se acham no direito de apropriar-se do corpo da mulher como um objeto de consumo.

De acordo com Shor e Freire (1986), os educadores precisam priorizar uma

pedagogia libertadora em sala de aula, a qual estimule a potencialidade criativa dos educandos e os levem a ler as obras literárias de forma ética, responsável, com o propósito de que possam tecer críticas não só sobre o autor, sobre a temática explorada no texto, mas também serem convidados a refletir acerca dos assuntos retratados nas obras. Conforme esses pensadores:

Precisamos ler com seriedade, mas, acima de tudo, precisamos aprender o que é ler realmente! Eu digo que ler não é só caminhar sobre as palavras, e também não é voar sobre as palavras. Ler é reescrever o que estamos lendo para descobrir a conexão entre o texto e o contexto do texto, e também como vincular o texto/contexto com o meu contexto, o contexto do leitor. E o que acontece é que muitas vezes lemos autores que morreram cem anos atrás e não sabemos nada sobre sua época. E frequentemente sabemos muito pouco sobre nossa própria época! (Shor, Freire, 1986, p.15).

Ao observar as palavras desses autores, constata-se que os educandos fazem essa leitura de maneira séria, com maturidade frente a um tema fraturante, pois apontam a problemática que paira sobre o estupro, como por exemplo, a naturalização da violência contra a mulher e o medo da vítima de denunciar o seu agressor. Segundo os discentes: “muitos sujeitos femininos além de serem ameaçados de morte, são desacreditados pela própria família ao relatarem os abusos sofridos”.

A educanda ainda pondera: “mediante esse tipo de violência, os pais poderiam ter optado pelo aborto, no entanto, de forma bastante passiva, decidem não denunciar o caso à polícia e deixam que a filha tenha o seu bebê”. Ao trazer essa questão, percebe-se que a turma ficou bastante dividida, pois alguns defenderam o direito à vida mesmo diante de atos bárbaros; outros afirmaram que a família poderia ter optado pela interrupção da gravidez.

No que se refere ao comportamento da personagem antes das opressões sofridas, os alunos ressaltam que Maria Imaculata era uma garota sonhadora, sorridente, bastante delicada e comunicativa, no entanto, com as torturas que sofre na cadeia e com o estupro, a personagem adquire problemas psicológicos e perde tamanha vivacidade.

No tocante ao título do texto, os discentes afirmaram que a obra é intitulada “Sobre a natureza do homem” porque configura, justamente, o lado desumano do homem frente às reações pessoais e interpessoais na sociedade. Quanto à indagação: o homem nasce bom e se torna malvado com o tempo ou já nasce com maus instintos?”, a turma ficou bastante dividida. Alguns educandos disseram que o ser humano nasce bom e a sociedade

vai influenciando as suas atitudes; outros afirmaram que o homem já nasce com maus instintos.

Com relação ao posicionamento do filho de Maria Imaculada, alguns alunos declaram que o filho da personagem tinha toda razão ao querer se vingar do estupro e das torturas físicas e psicológicas praticadas contra sua mãe, pois as pessoas que a violentaram deveriam pagar por tamanha crueldade; outros afirmaram que não era comum uma criança de 4 anos posicionar-se de uma forma tão violenta. Para uma aluna: “os avôs da criança deveriam buscar uma ajuda profissional para o neto, com o intuito de que ele pudesse superar a dor provocada pelo sofrimento da mãe.

A fim de enriquecer ainda mais a discussão, buscamos mostrar aos alunos a importância de sempre denunciar os abusos sexuais praticados contra as mulheres, de buscar o apoio da justiça diante de atos cruéis, bem como de priorizar, em nossa sociedade, a cultura de paz.

Pode-se dizer que esse momento de sensibilização do leitor foi bastante proveitoso, pois conseguimos envolver os alunos na leitura da obra de Kucinski, levando-os, assim, a interagir e posicionar-se de maneira crítica e reflexiva acerca da narrativa em estudo. Além disso, ao término da discussão, alguns alunos fizeram o seguinte comentário: “Professora, gostei muito da aula de hoje. Quando será o próximo encontro?”.

Esse *feedback* da turma nos fez pensar nas palavras de Dalvi (2021) ao ressaltar que as aulas de Literatura precisam não só ter um sentido para os alunos, como também ser um espaço de reflexão, de questionamento, de criatividade, de empatia e, principalmente, de resistência, visto que o Brasil apresenta muitas desigualdades sociais, as quais reverberam no contexto de sala de aula. Para essa pensadora:

Nossos alunos não leem, não escrevem, não se interessam por literatura por obra do acaso, ou porque assim determinou o vento. Nossos projetos de educação literária fracassam porque gente com fome, desempregada, ameaçada de despejo, gente sem luz e água encanada em casa, gente semialfabetizada, gente explorada pelo trabalho até a exaustão mais absoluta, gente brutalizada por condições de vida as mais adversas não dispõe de condições objetivas mínimas para se interessar por literatura: mas, dialeticamente, quanto mais impossível ou inalcançável ou desnecessária a literatura pareça, tanto mais imprescindível ela se faz (Dalvi, 2021, p.40).

Ao dialogar com Dalvi, percebemos que, enquanto professores, precisamos realinhar as nossas aulas à realidade dos alunos, buscar estratégias que os levem a se

sentirem sujeitos pertencentes nesse processo ensino-aprendizagem e, principalmente, valorizar os saberes que os alunos levam para sala de aula, com o objetivo de ampliá-los.

Embora saibamos que o sistema educacional brasileiro apresenta muitas falhas, é importante resistir aos entraves que surgem em nossa prática pedagógica, priorizar uma metodologia que torne o discente um sujeito pensante, crítico, ativo mediante as nossas práticas de ensino de Literatura e, não apenas, um sujeito passivo e reprodutor do conhecimento.

Em meio a tantos desafios educacionais, sobretudo, no que tange ao ensino de Literatura, reafirmamos a necessidade de priorizarmos a leituras das obras de forma integral e discuti-las com os nossos alunos, de modo que eles possam inferir sobre os textos trabalhados e fazer essa relação entre presente/passado, a fim de que possam ter consciência sobre a realidade em que estão inseridos. Assim sendo, diante dessas reflexões e sensibilização do leitor, começamos a experiência de leitura com o romance de Claudia Lage. Passemos para o tópico a seguir.

3.5 O corpo interminável em sala de aula

Ao tematizar os demandos da ditadura, a literatura põe à disposição do público obras ficcionais que provocam a empatia dos leitores, os quais podem entender melhor o funcionamento e as consequências do autoritarismo na vida cotidiana (Figueiredo, 2024, p.15).

A leitura do romance de Claudia Lage deu-se a partir das etapas principais do Método Recepcional. Para o *atendimento do horizonte de expectativa do leitor*, inicialmente, apresentamos a obra *O corpo interminável* e, em seguida, falamos um pouco sobre a autora, as obras produzidas por ela e alguns prêmios literários de que ganhou. Fizemos essa breve apresentação por entendermos o quanto é importante o aluno conhecer um pouco da trajetória literária da escritora com que iríamos trabalhar em sala de aula.

Vale salientar que, antes de os alunos começarem a ler o romance, dividimos a turma em 3 grupos, conforme a divisão dos capítulos da obra, a saber: *distâncias, presenças e [corpos]*. Optamos por trabalhar a narrativa de Claudia Lage dessa maneira porque seria uma forma de envolvê-los com a leitura, bem como conseguir trabalhar todo o romance em sala de aula. Mesmo fazendo essa divisão, deixamos claro que todos os discentes deveriam realizar a leitura integral do livro em casa e, a cada encontro na sala

de aula, um grupo ficaria responsável pela discussão de um capítulo da obra.

Após enfatizar isso, alguns alunos afirmaram que, talvez, não tivessem tempo livre, em casa, para realizar a leitura do texto em estudo, porque alguns tinham que ajudar os pais nos afazeres domésticos; outros por conta das atividades escolares, etc. Em meio a estes desafios, sugerimos aos educandos que tentassem organizar o tempo deles para realizar a leitura da obra.

Após finalizarmos essas orientações, começamos a ler, de maneira coletiva, o primeiro capítulo da obra intitulado de *Distâncias*, cuja história narra o momento em que a mãe de Daniel foi presa pelo regime militar e obrigada a entregar o filho para seu Sebastião, o avô da criança. Vejamos alguns registros desse primeiro momento de leitura com a obra de Claudia Lage:

IMAGEM 11- Alunos lendo o romance.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

IMAGEM 12- Alunos lendo a obra.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Como podemos ver nos registros acima, os alunos estavam bem concentrados na leitura do romance, apenas uma aluna estava de cabeça baixa, sem a cópia do livro em estudo e pouco interessada na leitura da obra. Na oportunidade, cada discente leu uma página do capítulo. Além disso, quando estava faltando alguns minutos para a aula acabar, pedimos-lhes que continuassem a leitura da narrativa em casa. Após isso, um aluno fez o seguinte questionamento: “Professora, durante a aula, a gente só leu. Por que você não escreve no quadro?”.

Ao escutar a indagação do discente, informamos-lhe que a intenção da experiência de leitura era, justamente, propiciar um momento diferenciado com a obra, onde toda a turma pudesse não só compartilhar suas percepções leitoras, mas também refletir sobre a

militância feminina, a forma como o regime agiu sobre os corpos das militantes, sobre os traumas provocados às vítimas da ditadura, a tentativa de apagamento desse período, etc.

Ao levar em consideração a pergunta do aluno, depreende-se que ele estranhou a forma como foi conduzida a leitura da narrativa de Claudia Lage porque estava acostumado a um ensino tradicional de literatura em que pouco se discutem as obras literárias. Além disso, ao dar continuidade a nossa experiência, percebemos que, de toda a turma, apenas dois discentes realizaram a leitura do romance em casa. Essa resistência inicial dos alunos frente à leitura do romance de Claudia Lage deu-se devido aos seguintes fatores:

1. A formação literária dos educandos foi bastante precária. Eles não tiveram uma vivência com as mais diversas obras literárias. Logo, não estavam acostumados a ler romances em sala de aula, sobretudo, com uma estrutura narrativa em que prevalecem múltiplas vozes e tempos distintos;
2. Os alunos inseridos na experiência estavam acostumados a uma cultura do imediatismo, ou seja, a leitura de textos curtos veiculados nas redes sociais. Como o romance é uma leitura densa, com termos mais complexos, exige um conhecimento linguístico mais apurado e um conhecimento de mundo mais amplo; embora essa experiência não tenha sanado esse problema, contribuiu com o início de um processo de ampliação de leitura literária;
3. A falta de um horário específico para realizar a leitura das obras, bem como estudar os conteúdos das demais disciplinas. Essa problemática ficou bem evidente em nossa experiência, pois alguns alunos estavam realizando os exercícios de outros componentes curriculares durante o momento da leitura do romance de Claudia Lage;
4. A imaturidade da turma em relação aos estudos. Através de conversas com os discentes e com alguns professores, constatamos que a maioria da turma estava cursando o ensino médio apenas para receber o benefício do Bolsa Família, o que é bastante preocupante, pois muitos do que ali estavam logo, logo iriam concluir a educação básica e, em seguida, encerrar os seus estudos.

Diante dessa situação, restou-nos apenas aproveitar o máximo possível do tempo que tínhamos para aplicar nossa pesquisa e, assim, envolver os discentes com a leitura do romance em estudo. Assim sendo, buscamos levá-los até a biblioteca da escola para lermos o romance. Tal estratégia foi pensada com o intuito de levar a turma a um espaço em que não estivesse tão habituada, onde a sala fosse propícia para a leitura do texto literário.

Ao retirá-los de uma sala para a outra, constatamos que os discentes ficaram não só empolgados com a ideia de ler a obra de Claudia Lage na biblioteca da escola, como também fizeram questão de chamar os outros alunos, que estavam fora da sala, para participar da experiência de leitura.

No total, utilizamos 6 aulas, com duração de 45 minutos para fazer a leitura integral da obra. À medida que líamos a narrativa, buscávamos conversar um pouco sobre o que estava sendo discutido no capítulo. Como a obra apresenta uma multiplicidade de vozes em espaços e tempos diferentes, buscamos, no decorrer dessa leitura compartilhada, identificá-las, a fim de compreender melhor o que estava sendo narrado em cada capítulo do livro. Vejamos os registros desse momento:

IMAGEM 13- Leitura compartilhada da obra de Claudia Lage.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

IMAGEM 14- Leitura compartilhada da obra de Claudia Lage.



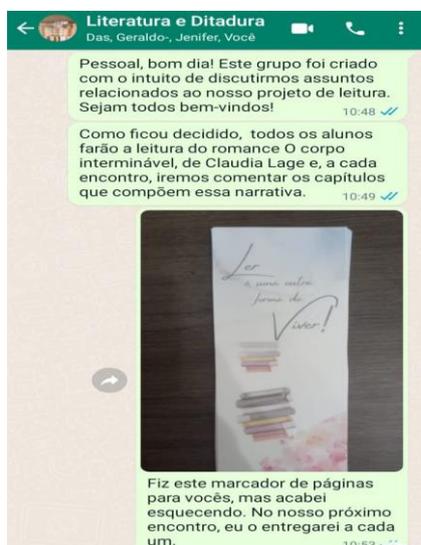
Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Cabe ressaltar que, durante a leitura do romance, grande parte dos discentes usava não só o celular para acessar as redes sociais, como também deixava de participar da aula para realizar atividades de outras disciplinas. Ao percebermos essa postura dos jovens estudantes, pedimos-lhes que priorizasse, naquele instante, apenas a leitura do romance. No entanto, nossa solicitação não foi acatada pelos discentes, pois eles continuaram fazendo as atividades.

Cabe salientar que lhes disponibilizamos a obra de Claudia Lage em dois formatos: PDF e impresso. Na oportunidade, criamos um grupo no *WhatsApp* intitulado *Literatura e Ditadura*, cujo objetivo principal era tanto mantê-los informados sobre os dias de nossas aulas, quanto fazer a mediação leitora da narrativa em estudo. Além disso, sempre que passávamos algumas orientações no grupo, nós enviávamos uma mensagem

de estímulo à leitura. Também fizemos um marcador de páginas e entregamos a cada educando para que, assim, eles pudessem se situar no momento da leitura. Vejamos:

IMAGEM 15-Registro do grupo de *WhatsApp*



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

IMAGEM 16-Registro do grupo de *WhatsApp*



Fonte: Acervo pessoal, 2022

Mesmo fazendo essa mediação leitora, envolvendo ferramentas digitais do dia a dia do aluno, sentimos que eles estavam desestimulados, sem fôlego para continuar a leitura do romance. Nesse sentido, pensando nessas dificuldades durante nossa experiência de leitura e, principalmente, na estrutura da narrativa de Claudia Lage, elaboramos algumas questões norteadoras que abarcavam a narrativa. Vejamos:

QUADRO 6: Perguntas norteadoras para o entendimento da narrativa.

1. Quem fala nesse capítulo?
2. Que tempo está sendo narrado?
3. Onde Daniel conhece Melina?
4. Possivelmente, quem é a criança que o narrador afirma ter sido arrancada da mãe?
5. Por que o título da obra de Claudia Lage é intitulado <i>O corpo interminável</i> ?
6. De acordo com a narrativa, o que aconteceu com a mãe de Daniel?
7. Por que o avô do personagem não gostava de falar sobre a filha?
8. Na obra, Melina declara que os seus pais viveram em uma época como se vivessem em qualquer outra, ou seja, sem se importar com o que estava acontecendo politicamente com o país, com as mortes ocasionadas aos/ às militantes, com o sumiço

de pessoas que lutavam contra o governo, etc. Que época era essa? Por que isso causava vergonha à personagem?

Fonte: Criação própria, 2022.

O intuito principal dessa atividade foi levar os alunos não só a entender a obra, o tempo em que estava sendo narrados a história, o enredo, o contexto da narrativa em estudo, os conflitos vividos pelos personagens principais e as diversas narrativas fragmentadas que retratam cenas de mulheres militantes sendo presas, torturadas e mortas pelos agentes da repressão, mas também despertar a atenção deles para a leitura na narrativa.

Mesmo diante de todos os percalços, conseguimos concluir a leitura da narrativa com os alunos em sala de aula. No entanto, observamos que a maioria da turma teve dificuldade em compreender algumas passagens da obra, como, por exemplo, o momento em que os torturadores retiram a criança da barriga da presa política sem anestesiá-la. Nesse trecho, os alunos ficaram com dúvidas se essa personagem seria a mãe de Daniel ou uma outra militante e o que os agentes da repressão tinham feito ao bebê.

Já no capítulo [*corpos*], que configuram as dificuldades da maternidade para uma presa política vivendo em clandestinidade, os alunos ficaram, novamente, sem saber se a presa política, cuja cicatriz na barriga trazia marcas de uma cesariana, seria a mãe de Daniel ou uma outra guerrilheira; o que tinha acontecido com a criança, visto que a militante não se recorda do filho, e se o bebê seria irmão do protagonista do romance. Os educandos também não souberam identificar quem seria a mulher morta na fotografia que estava nos objetos dos pais de Melina. Para eles, esse registro poderia configurar tanto a cena da morte da mãe de Daniel, quanto de outra militante.

Estas dúvidas que os discentes tiveram no momento da leitura eram esperadas por nós, pois sabíamos que a obra de Claudia Lage exigia não só um nível maior de compreensão leitora, como também demandava mais tempo para fazer uma releitura minuciosa dos capítulos abordados.

Desse modo, com o intuito de ajudá-los a chegar a essas respostas, sugerimos que voltassem à leitura do romance, especificamente, aos capítulos que traziam essas passagens para que, nas aulas seguintes, pudessemos discuti-las. Ao propor essa releitura, sentimos uma grande resistência por parte da turma, pois muitos alunos tornaram a afirmar não ter disponibilidade para fazer essa leitura extraclasse, visto que já tinham outros compromissos, como: atividades, trabalhos, provas relacionadas às disciplinas e

alguns afazeres domésticos.

Tendo em vista esta situação, propomos que fizessem a releitura, em sala de aula, dos capítulos da obra que não estavam compreendendo. Tal proposta foi acatada pela turma. Em seguida, realizamos um debate a partir das inquietações dos alunos nas aulas seguintes, o que foi bastante proveitoso, pois eles interagiram e teceram comentários interessantes acerca da obra. No decorrer dessa conversa, os discentes pontuaram que, possivelmente, a mulher grávida, que havia sido torturada na sala de prisão, poderia, sim, ser a mãe de Daniel, já que ela teria sido levada pelos militares para o DOPS. Por outro lado, também pontuaram que a mulher torturada poderia ser uma outra militante.

No tocante ao sumiço do bebê da presa política, os educandos afirmaram que essa criança poderia ter sido morta ou levada para adoção. Ao afirmar isso, uma aluna declara: “Interessante, professora, a narrativa também não deixa claro se o bebê da militante era um menino ou uma menina. Só sabemos que ela teve a criança na prisão. Além disso, não sabemos quanto tempo a presa política fica na cadeia”.

Em relação à fotografia da mulher morta encontrada nos objetos do pai de Melina, a turma afirmou que, provavelmente, a militante morta seria Julia, a mãe do protagonista. A discussão dos discentes foi bastante enriquecedora para a compreensão da narrativa de Claudia Lage. Como o romance apresenta muitas rasuras, nota-se que a leitura dos alunos faz sentido, já que a obra configura a experiência de militantes nas mais diversas situações de violência física, psicológica e de resistência ao governo autoritário.

No tocante ao título da narrativa, percebe-se que os educandos conseguiram entender o porquê de a obra ser intitulada *O corpo interminável*. Conforme alguns alunos, o romance recebeu esse nome porque “seria uma metáfora a todos que morreram defendendo o que acreditavam”, “por causa dos traumas ocasionados aos personagens” e “porque as pessoas sumiam do nada, eram torturadas e mortas, e ninguém sabia o que acontecia com essas militantes”.

As respostas dos educandos estão de acordo com o título da narrativa, já que, possivelmente, a intenção da autora foi mostrar que os traumas ocasionados às vítimas da repressão continuam reverberando em seus familiares, amigos e companheiros(as), bem como retratar as fraturas do corpo feminino, como o expoente de todos os espaços históricos, políticos, sociais e psicológicos.

Após a conclusão da leitura da narrativa, partimos para a terceira etapa do método recepcional: o *questionamento do horizonte de expectativa do leitor*. Nesse momento, os alunos responderam uma atividade composta por 10 perguntas que os levavam a refletir

sobre o regime militar brasileiro, sobre memória, esquecimento e trauma sequencial, sobre a relação da mulher com a ditadura, a forma como as guerrilheiras eram representadas na narrativa de Claudia Lage e a violência praticada contra os corpos delas, como podemos ver no quadro abaixo:

QUADRO 7- Questionando o horizonte de expectativa do leitor.

1. Qual o contexto representado na obra de Claudia Lage?
2. De que forma a mulher é configurada no romance <i>O corpo interminável</i> ?
3. Como Daniel lida com o fato de não conhecer a história de sua mãe?
4. Conforme a narrativa, por que o avô de Daniel não gostava de falar sobre a sua filha Júlia?
5. Em relação à Melina, o que ela descobre acerca do seu pai?
6. Por que a mãe de Melina acaba se separando do marido?
7. Como os atos de torturas ao corpo feminino são retratados no romance de Claudia Lage?
8. De que maneira os conflitos das personagens militantes são configurados nesse romance?
9. Por que o livro é intitulado <i>O corpo interminável</i> ?
10. Leiamos o fragmento a seguir: <p>[...] Anos depois, décadas, quando já tínhamos vendido a nossa casa, quando aquele endereço por onde sempre passávamos já havia se revelado como o lugar de onde ninguém saía vivo, eu voltei. Quando descobríamos o que acontecia dentro daquelas paredes? Não consigo me lembrar. Quando as minhas lembranças de infância foram contaminadas por essa descoberta? O que eu fiz? O que meus pais fizeram? Como foram as nossas reações? Não lembro. O que aconteceu com a minha memória? Não sei. Os meus pais venderam a casa e se separaram, ou se separaram e venderam a casa. Uma coisa está relacionada a outra que não consigo definir a ordem dos acontecimentos. Quando voltei lá, não voltei apenas pela Casa da Morte, como ficou conhecida depois, voltei também pela minha casa da infância. Voltei por aquele trajeto percorrido entre a inocência e o horror [...] Não há nenhum registro do que aconteceu. É uma casa como outra qualquer. Pedidos já foram feitos, protocolados. Mas ela ainda está lá, como se nada tivesse acontecido (Lage, 2019, p. 57-58).</p> <p>a) Por que a casa de Petrópolis é denominada “Casa da Morte”?</p> <p>b) Por que Melina afirma que o trajeto percorrido durante toda a sua infância representa a inocência e o horror?</p> <p>c) A personagem afirma que não há nenhum registro do que acontecia na Casa da Morte. Por que ela faz essa declaração?</p>

Fonte: Criação própria, 2022.

Ao analisar as respostas dos educandos, percebemos que eles conseguiram entender o contexto de violência e repressão representado na obra estudada. Quanto à forma como a mulher é configurada no romance de Claudia Lage, nota-se que dos dez discentes que responderam ao questionário, apenas um aluno consegue compreender o protagonismo das mulheres nos atos de resistência contra o autoritarismo brasileiro; os demais apenas afirmam que as militantes eram sofredoras.

Mesmo não compreendendo, no plano textual, a participação das militantes frente às atrocidades do governo autoritário, notamos que os educandos entenderam como agia a ditadura militar sobre os corpos das presas políticas. Vejamos o que diz o seguinte aluno: “Os atos de tortura praticados aos sujeitos femininos são retratados no romance de Claudia Lage com choques na vagina e nos seios, quando elas estavam grávidas eles usavam torturas psicológicas (você não vai ter esse filho vagabunda), quando elas iam dar à luz eles abriam a barriga delas sem anestesia em um lugar, imundo”. Um outro discente também afirma que “elas eram xingadas o tempo todo por serem mulheres”.

Além de os alunos compreenderem a forma como o regime atuava sobre os corpos das mulheres, percebemos que eles chegam à conclusão de que, por serem sujeitos femininos, as militantes estavam expostas às mais diversas violências impostas ao gênero, sobretudo, porque negavam o papel que lhes foi imposto pela sociedade. Conforme um aluno: “elas tinham que lutar contra o preconceito, para poderem ser livres e serem tratadas de forma justa, sem sofrer tanto”.

Os educandos também destacam que as mulheres não tinham medo dos agentes da repressão, pois mesmo sabendo que podiam ser presas, torturadas e mortas, elas buscavam resistir à violência de Estado. Para um aluno: “as personagens, na narrativa, sofrem, lutam e tentam sobreviver ao máximo”.

No tocante ao conflito vivenciado pelas militantes, observamos que os educandos não entenderam os desafios impostos aos sujeitos femininos na luta contra o autoritarismo brasileiro, tais como os desajustes familiares, o sentimento de medo, o abandono involuntário dos filhos, o desamparo diante da justiça e a necessidade de manterem-se incógnitas para proteger a vida e os familiares da violência do regime.

Observa-se também que os discentes não perceberam os desafios da maternidade enfrentados pelas militantes que viviam de maneira clandestina, tampouco não assimilaram a relação de uma rede de apoio entre os sujeitos femininos, como forma de enfrentar tanto o sistema autoritário, quanto de resistir às atrocidades praticas pelo regime.

Outro ponto que merece destaque, diz respeito às diversas violências que as militantes sofrem na prisão. Embora os alunos afirmem que elas são expostas a vários tipos de opressão, não destacam a forma como a mulher é vista e tratada pelos militares, ou seja, como putas, sapatonas, sujeitos desviantes da moral e dos bons costumes.

Por outro lado, afirmamos que eles assimilaram o trauma sequencial vivenciado pelo protagonista da narrativa em estudo. Segundo os discentes, Daniel além de ficar muito triste por não saber o que aconteceu a sua mãe, por não conseguir lidar com o silenciamento do avô frente ao desaparecimento de Julia, também busca reconstruir seu passado, a fim de descobrir a sua verdadeira história. Além disso, um outro educando faz a seguinte ponderação: “ele é um homem triste, traumatizado”.

Nesta busca incessante do personagem por esse passado desconhecido, os educandos também declararam que Olívia, a irmã paterna de Daniel, foi uma peça crucial na narrativa, pois é ela quem o ajuda a desvelar um pouco da história entre Fernando (o pai do personagem em estudo) e Julia, bem como o que levou cada um a seguir caminhos diferentes.

Em relação ao silenciamento do avô de Daniel acerca do passado de Julia, os alunos declaram que o personagem não gostava de falar sobre o passado da filha porque se sentia culpado por ter denunciado o grupo de militantes do qual sua primogênita fazia parte. De acordo com Orlandi (2007, p.47), o silêncio pode assumir vários significados em relação à história solitária do sujeito. Para essa autora: “o silêncio significa esse “nada” se multiplicando em sentidos: quanto mais falta, mais silêncio se instala, mais possibilidades de sentidos se apresentam”.

Ao dialogar com Orlandi, depreende-se que os alunos percebem o silêncio do avô de Daniel como uma forma de enfrentar o trauma por ter perdido uma filha que tanto amava, mas que foi morta pelos agentes da repressão, sem que ele tivesse o direito ao sepultamento da jovem militante. Para os discentes: “ele ainda sentia muito por sua filha porque não sabia o que tinha acontecido com ela”.

Ao analisar as respostas dos discentes acerca da narrativa em estudo, constatamos que eles compreenderam não só a violência autoritária imposta às pessoas que ousavam reagir à ditadura, a forma como o regime militar usou o poder para torturar as mulheres e apagá-las ao longo de nossa história, como também destacam a resistência do sujeito feminino em relação às opressões praticas pelos militares.

Após concluir a discussão da narrativa, seguimos para a *ampliação do horizonte de expectativa do leitor*. Para esse momento, preparamos pipoca e reunimos a turma na

sala de vídeo da escola para ver *Torre das donzelas* – um documentário produzido em 2018, que configura a história de várias mulheres presas e torturadas pelo regime no Presídio Tiradentes, localizado em São Paulo.

À medida que os discentes iam assistindo à obra cinematográfica, percebíamos o semblante de espanto por parte de alguns deles em relação aos relatos das ex-presas políticas. Inclusive, na cena em que uma das mulheres fala sobre os choques sofridos nas partes íntimas, uma aluna tece o seguinte comentário: “Nossa, não sei como elas conseguiam aguentar tamanha violência!”.

Quando o documentário acabou, nós pedimos para que cada educando falasse um pouco sobre o filme que acabaram de ver. Nesse momento, uma aluna declara: “Professora, o relato dessas mulheres é bastante importante, pois nos faz perceber a força feminina em prol da luta contra o regime militar. Embora os homens tenham sido torturados, nota-se que as militantes sofriam bem mais”.

Após concluir sua fala, uma outra educanda afirma: “Era muita crueldade o que o regime fazia com as mulheres. Dar uma injeção para petrificar o leite da mãe, sem contar que, após alguns meses, elas também não podiam ficar com seus bebês naquele espaço”. Outro ponto que chamou bastante atenção dos discentes, em *Torre das donzelas*, foi a questão da dessexualização das militantes. Conforme alguns alunos, a mulher não precisava mudar sua fisionomia, vestindo-se como homem para atuar na luta política.

Uma aluna também destacou as agressões verbais sofridas pelas presas políticas no documentário como algo bastante difícil de aceitar. Conforme a educanda: “ser tratada como puta por defender seus direitos constitucionais, por assumir uma postura diferente da que o patriarcado lhes impõe é algo muito forte e inadmissível, professora. Se hoje é difícil ser mulher numa sociedade machista, imagine no tempo da ditadura. Essas mulheres foram muito corajosas”.

Ao escutar isso, uma outra educanda afirma: “sinceramente, professora, não sei se eu teria tanta coragem de arriscar a minha vida assim. Essas mulheres tinham muita força, pois mesmo sabendo que poderiam ser afastadas de seus familiares e filhos, ser presas, torturadas, estupradas e mortas ainda continuavam enfrentando o regime militar”.

Ao longo desse debate, um aluno também afirma: “Muito do que aconteceu nesse período é negado nos dias de hoje, pois ainda há pessoas que insistem em dizer que os militares não usaram o poder para oprimir e matar os que se rebelavam contra o sistema. Em seguida, ele destaca: “Professora, interessante que, tanto na narrativa, quanto no documentário, fica claro para nós que a tentativa de esquecimento desse período é

bastante proposital. Inclusive, no romance, Melina destaca dois pontos importantes que nos faz pensar na tentativa de esquecimento desse passado: 1. O fato de os pais terem vivido numa época imune ao que ela traz; 2. De as pessoas estarem em um estádio contentes com seus times jogando, mas sem saberem que, nesse espaço, acontecia diversos tipos de violência praticadas pelo regime militar”.

Além de destacarem esses pontos, uma outra aluna ressalta: “O depoimento das mulheres no documentário é bastante importante, pois é uma forma não só de reafirmar as barbaridades cometidas pelo regime, como também de perceber o tipo de governo que não podemos mais aceitar para governar o nosso país, de desmentir determinados discursos que estão presentes na nossa sociedade”.

Através das falas das educandas, observa-se que esse documentário contribuiu para a ampliar o conhecimento da turma sobre esse período histórico, a tentativa de apagamento desse dado momento, bem como compreender o protagonismo das mulheres na luta contra o regime militar e os obstáculos que a violência política lhe impôs, já que na obra de Claudia Lage eles tiveram dificuldades de entender essa militância feminina e os conflitos que abarcam as diversas vozes presentes na narrativa.

O relato das militantes também ajudou os alunos a perceberem que, “[...] embora a nudez e a tortura nos órgãos genitais fossem constantes para homens e mulheres no momento da tortura, o estupro é utilizado especificamente contra mulheres” (Rosa, 2013, p.59).

Ao finalizar a ampliação do horizonte de expectativa do leitor, solicitamos aos alunos a escrita de um pequeno texto falando sobre a experiência de leitura com o romance *O corpo interminável*. O intuito maior desse exercício foi averiguar se os alunos gostaram de ler a obra de Claudia Lage.

Ao ler os textos, nota-se que a narrativa em estudo levou os alunos a refletir não só sobre a importância de vivermos em um país democrático, onde as pessoas possam ter liberdade de expressão e os seus direitos garantidos enquanto cidadãos, mas também sobre o trauma provocado às vítimas do autoritarismo brasileiro. Leiamos:

Feedback de leitura sobre o romance de Claudia Lage/Aluno 01: “Eu gostei muito do romance “o corpo interminável”. Nele é narrado a relação de Daniel e Melina. Daniel é filho de uma guerrilheira desaparecida. Melina questiona-se de forma recorrente sobre o passado país. Achei muito triste os relatos das torturas que as pessoas sofriam na época da ditadura. Acho um absurdo as pessoas sofrerem violência só por serem opositoras do regime. Naquela época as pessoas não tinham liberdade de expressão e tinham que obedecer as regras que eram impostas, se não seriam oprimidas e corriam o risco de morte. Fico muito feliz com o fim da ditadura, infelizmente vários

inocentes perderam suas vidas, mas ainda restam sobreviventes para nos relatar os absurdos da época, e para lutar cada vez mais por um país mais democrático, onde as pessoas tem direito de fala e onde possam ter o direito de ir e vim sem temer opressão de alguém. O livro me fez valorizar mais o país que temos, atualmente temos muita dificuldade, mas somos livres e não temos que fingir ser quem não somos, para agradar algum movimento político”.

Observa-se também que a leitura do romance levou os discentes a perceber a relevância de conhecer esse passado de graves violações de direitos humanos para que essas experiências de governos autoritários não mais se repitam em nosso país. Diferentemente desse educando que afirma ter gostado da narrativa de Claudia Lage, um outro aluno declara não ter se identificado com a obra, pois alguns trechos o deixaram desconfortável. Embora não chegue a citar as passagens que lhe provocaram tamanho incômodo, inferimos que sejam as narrativas fragmentadas que configuram as experiências das militantes vivendo em clandestinidade e na prisão, onde são estupradas, torturadas psicologicamente, sendo afastadas do convívio da família e dos filhos. Leiamos:

Feedback de leitura sobre o romance de Claudia Lage/Aluno 02: “Eu achei a obra bastante interessante, pois a mãe do garoto sendo torturado e depois foi para um hospício e morreu, e seu filho não sabia porque seu avô não queria falar nada, e o menino foi crescendo assim sem saber de nada de sua história, da sua mãe. E o livro fala bastante sobre militantes que foram presas, torturadas, mortas, e esse livro fala disso de uma forma muito detalhista, que nos faz imaginar as coisas que o mesmo fala. Eu não gostei muito do livro porque teve alguns trechos que me deixaram um pouco desconfortavel”.

Outro detalhe que nos chama a atenção no texto do aluno é o fato de ele afirmar que a narrativa o levou a imaginar a densidade simbólica das barbaridades praticadas pelo regime militar contra as mulheres militantes. Conforme Eurídice Figueiredo (2017, p.45), as narrativas que tematizam esse período de graves violações de direitos humanos levam o leitor não só a refletir sobre a humilhação, a tortura e a dor dos personagens afetados pela ditadura, mas também a imaginar o que as vítimas da ditadura pensaram e sentiram.

Em termos de expectativa do aluno, nota-se que a narrativa provoca uma perturbação no horizonte de expectativa desse leitor. Ao afirmar isso, também chegamos à conclusão de que, provavelmente, esse educando tenha rompido o seu horizonte de expectativa. Isto porque o texto deve ter abalado as suas certezas em termos de outras leituras literárias ou de vivências culturais.

Finalizamos a experiência de leitura com a encenação de um trecho do capítulo *Presenças* em que Daniel e Melina estão falando sobre o livro *Alice no país das*

maravilhas, único objeto que restara da mãe do personagem. Esse momento foi bastante significativo, pois foi perceptível o empenho e a desenvoltura dos educandos em relação à obra estudada. Vejamos:

IMAGEM 17- Encenação do capítulo *Presenças*.



Fonte: Acervo pessoal/2022.

É importante salientar que todos os alunos foram convidados a escolher um capítulo ou trecho da obra para encená-lo no momento final da experiência de leitura, no entanto, apenas dois discentes aceitaram a nossa proposta; os demais afirmaram não ter habilidades para performance.

Mesmo diante das dificuldades encontradas para trabalhar a obra de Claudia Lage em sala de aula, nota-se que conseguimos envolver os alunos do início ao fim no romance em estudo, levando-os, assim, a refletir sobre o protagonismo das mulheres militantes na luta contra o regime e as diversas violências as quais os sujeitos femininos estavam expostos.

A mediação da leitura foi essencial durante a aplicabilidade dessa experiência, pois se não tivéssemos apontados os caminhos para que os educandos pudessem compreender a obra, eles teriam desistido do livro ainda nas primeiras páginas. Neste processo de ensino-aprendizagem, por diversas vezes, buscamos estratégias pedagógicas que pudessem aproximar o educando do texto de Claudia Lage, que os levassem a perceber a importância desse tipo de Literatura.

Em cada etapa do método recepcional, traçamos propostas diversificadas que os

levassem a refletir sobre a temática da narrativa, as experiências das mulheres militantes nas salas de torturas, na clandestinidade e, principalmente, sobre a violência que ressoa em nossa sociedade.

Trabalhar a leitura literária numa perspectiva de formação do leitor é um desafio imenso, pois a estrutura de algumas escolas, sobretudo a insuficiência de livros literários da biblioteca, a falta de bibliotecários qualificados e a precariedade do trabalho e da formação docente não contribuem com um ensino significativo de Literatura no espaço escolar. Porém, como diz Hélder Pinheiro (2018), mesmo diante dessas problemáticas que encontramos no espaço escolar, é essencial que o educador utilize os recursos que estão a seu favor para propagar o texto literário em sala de aula.

Enquanto professores de literatura, não podemos tirar esse direito do aluno, pois como dizia Candido (1988, p.177), ela é um “[...] um fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem em sua humanidade”, levando a pensar e a refletir sobre o mundo em volta das pessoas, sobre as suas crenças e os seus sentimentos.

A literatura é um instrumento poderosíssimo de educação, uma vez que ela tem um papel formador de personalidade. Logo, é necessário que, em sala de aula, seja garantido aos educandos o “direito à literatura”, pois “[...] uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis[...]” (Candido, 1988, p.193).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não podemos esquecer o passado recente do nosso país, não podemos compactuar com as forças retrógradas que enaltecem os torturados e querem impor a desordem e destruir a democracia. A ditadura deixou um campo minado no Brasil e as bombas continuam explodindo, sob as mais variadas formas. A repressão de ontem reverbera até os dias de hoje. Escrever é um ato de resistência e a força da escrita poética reside no seu caráter transgressivo. Às vezes, é preciso chocar para abalar os alicerces da inércia do conservadorismo (Figueiredo, 2024, p.15).

Para introduzir as palavras finais desta tese, trazemos aqui um trecho da professora Eurídice Figueredo acerca da importância das pessoas conhecerem as obras que tematizam o período da ditadura militar no Brasil, a fim de que essa violência não mais se repita. À medida que ela aponta a relevância do estudo dessas narrativas sobre esse contexto histórico, também destaca o papel da escrita enquanto ato de resistência à violência autoritária.

Como bem pondera Figueredo, a violência, a impunidade e a repressão, presentes e persistentes em nossa história, fazem com que a sociedade naturalize comportamentos autoritários, bem como atitudes que ferem os direitos humanos e colocam em risco a nossa democracia. Logo, “[...] é preciso compreender a situação para poder lutar contra ela, porque seguimos alienados e indiferentes à violência cotidiana, que tem favorecido a extrema-direita no Brasil (Figueiredo, 2024, p.26).

Pensando nas palavras dessa crítica literária, buscamos, nesta pesquisa, oportunizar aos alunos do 2º ano do ensino médio, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, uma vivência com uma obra literária que abordasse não só o período da ditadura militar brasileira, mas também que configurasse o protagonismo das mulheres militantes e a violência de gênero praticada contra seus corpos - tema que, dentro da obra de Claudia Lage acaba chocando o leitor devido à forma brutal, animalesca e perversa a que essas mulheres são expostas nas salas de tortura, com o intuito de que esses educandos refletissem sobre as diversas opressões que se reverberam em nosso cotidiano.

Como dito na introdução dessa tese, a nossa pesquisa partiu da problemática de que há uma visibilidade secundarizada, nas narrativas ficcionais, da participação ativa das militantes e das suas experiências corporais, vivenciadas no contexto da Ditadura Militar. Considera-se que as mulheres desempenharam papel ativo nos movimentos estudantis, partidos, sindicatos e organizações clandestinas, rompendo com as funções que lhes estavam propostas pela cultura tradicional, porém essas atividades não são apontadas

como fatores relevantes nas discussões sobre esse período histórico, nem figuradas nessa perspectiva de militância na estética literária. Também porque, no ensino médio, as obras que abordam tanto o período da ditadura militar no Brasil quanto o protagonismo das mulheres na luta contra o regime não são estudadas pelos alunos.

Nesse sentido, levando em consideração essa problemática, a nossa pesquisa teve como objetivo principal analisar, no romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage, os modos de representação da mulher militante no período da ditadura no Brasil, com alunos do 2º ano do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, localizada numa comunidade cigana, da cidade de Sousa-PB, a partir do método recepcional, desenvolvido por Bordini e Aguiar (1988).

Para atender esse objetivo geral, traçamos como objetivos específicos: a) Descrever, a partir da *autobiografia de leitor*, desenvolvida por Anne Rouxel, o conhecimento dos discentes, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, localizada na cidade de Sousa, acerca de obras que configuram o período da ditadura militar no Brasil. b) Trabalhar o romance *O corpo interminável*, de Cláudia Lage a partir do Método Recepcional, proposto por Aguiar e Bordini (1988) em sala de aula, focalizando, assim, tanto a participação das guerrilheiras na luta contra o regime quanto a violência imposta ao gênero. c) Refletir acerca do modo como os alunos compreendem não só a relação da mulher com a ditadura, bem como os traumas ocasionados pelo autoritarismo brasileiro a partir dos personagens principais configurados na narrativa de Claudia Lage.

O nosso estudo deu-se a partir dos seguintes questionamentos: a) O romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage pode levar o aluno a ter uma visão crítica e significativa acerca da relação da mulher com a ditadura militar? b) Como os atos de torturas ao corpo feminino são retratados na obra dessa escritora? c) De que maneira os conflitos das personagens militantes são configurados nesse romance?

Para responder à primeira das questões elencadas, buscamos, a partir das etapas principais do método recepcional, ler e refletir sobre a obra *O corpo interminável* em sala de aula a partir das seguintes categorias de análise: memória, trauma, esquecimento, silenciamento e violência de gênero contra os corpos dos sujeitos femininos fictícios.

A partir dessa experiência de leitura, constatamos que os alunos conseguiram ter uma visão crítica e reflexiva acerca da relação da mulher com a ditadura, bem como o protagonismo dos sujeitos femininos na luta contra o regime. Mesmo diante dos percalços encontrados no tocante à pouca leitura e à falta de interesse dos educandos pelo texto

literário, conseguimos não só atingir os objetivos a que nos propusemos nesta pesquisa, mas também envolvê-los com a narrativa em estudo.

Em relação à segunda pergunta, percebemos que, através das leituras e discussões acerca da obra de Claudia Lage, os discentes conseguiram compreender que os atos de tortura contra o corpo feminino foram retratados na narrativa por meio das seguintes torturas físicas: unhas arrancadas das militantes, as presas políticas eram violentadas duplamente por meio de choques elétricos em suas partes íntimas, espancadas, estupradas e mortas pelo regime; os agentes da repressão aproveitavam-se da fragilidade das guerrilheiras que estavam grávidas para aplicar métodos ainda mais agressivos, como por exemplo, retirar a criança da barriga da gestante sem anestesia, bem como deixá-las sujas por um longo período de tempo, sem que pudessem ter direito à higienização pessoal. Acerca desse último, um aluno chegou a destacar a seguinte passagem: “Ela sabia, o plano era deixá-la na imundície, a barriga crescendo na imundície, se formando na imundície, filho da porcaria, diziam, ia nascer do lodo, esse era o plano, ela via nos olhos” (Lage, 2019, p.92).

Os discentes também destacaram as torturas psicológicas e verbais praticadas contra as presas políticas, a saber: as guerrilheiras eram chamadas pelos torturados de vagabundas, putas, ordinárias; quando estavam grávidas, os agentes da repressão diziam que não iam parir, que a criança nasceria morta e utilizavam ratos e baratas para torturá-las, com o propósito de que pudessem revelar os nomes das outras pessoas que militavam contra o autoritarismo brasileiro.

No que diz respeito aos conflitos vivenciados pelas militantes, notamos que os educandos tiveram dificuldades de identificá-los, no entanto, a partir do debate que propiciamos ao longo dessa experiência, eles conseguiram entender que, ao optar pela militância, as guerrilheiras eram discriminadas não só pela sociedade, mas também pelos seus pais; como viviam de maneira clandestina, tinham medo de a qualquer momento serem descobertas por aqueles que colaboravam com o regime. Logo, precisavam mudar seus nomes, o endereço, a roupa, “tornar-se invisível socialmente e morrer para o mundo[...], usar mensagens codificadas, [...] passar por privações emocionais e físicas” (Rosa, 2013, p.49), tais como: a solidão, o sentimento de impotência diante das lutas contra o regime, o afastamento de filhos, de seus companheiros, amigos, parentes mais próximos, etc.

Além disso, é interessante ressaltar que o documentário *A torre das donzelas* os ajudou a compreender tanto os conflitos vivenciados pelas militantes, o protagonismo do

sujeito feminino na luta contra o regime, a violência de gênero à qual estavam submetidas, quanto a dessexualização vivenciada pelas guerrilheiras nesse espaço de militância e resistência, fazendo, dessa maneira, um paralelo com o romance em estudo.

Também é importante destacar que só conseguimos realizar essa experiência de maneira exitosa porque estávamos bem aparelhados teoricamente e escolhemos uma metodologia significativa que prioriza tanto a participação ativa do aluno, os seus pontos de vistas, quanto os conhecimentos de mundo dos educandos adquiridos ao longo de suas vivências pessoais e interpessoais.

O método recepcional, de fato, ajudou-nos a traçar um caminho mais instigante, menos autoritário, que despertasse no educando não só o prazer pelo texto literário, mas também que o levasse a ser um sujeito crítico diante do processo ensino-aprendizagem. Outro ponto crucial para o êxito desta pesquisa foi a mediação leitora que se deu desde o momento da sensibilização discente pelo texto literário até a ampliação do horizonte de expectativa do leitor.

Em todas as etapas dessa experiência com o romance de Claudia Lage, nós propiciamos leituras coletivas, atividades instigantes com perguntas e discussões em sala de aula que levassem os alunos a não só compreender a obra em estudo, mas também a pensar sobre as barbaridades praticadas pelo regime militar contra as mulheres militantes, a relação das guerrilheiras com o regime e com a família, os conflitos vivenciados por elas, sobre o protagonismo das guerrilheiras na luta pela redemocratização do país, o permanente risco da prisão, o desprendimento pessoal e, sobretudo, a coragem e a resistência delas para se inserir na política - um espaço que, até hoje, marca a diferença e a exclusão, “ [...] desistindo do papel de coadjuvantes da história para fazerem parte do elenco principal”(Colling, 1997, p.39).

Caso não tivéssemos feito essa mediação leitora, os alunos não teriam conseguido compreender a leitura da obra de Claudia Lage. Isto porque esse romance possui uma estrutura narrativa extremamente complexa, com várias rasuras ao longo da história que dificultam o entendimento do aluno iniciante ou com pouca bagagem de leitura.

Por outro lado, essa experiência de leitura nos mostrou o quanto é importante o professor ser um leitor, estar bem amparado teoricamente, escolher uma metodologia significativa para trabalhar o texto literário em sala de aula e, principalmente, priorizar a mediação leitora no espaço escolar, pois, só assim, é que conseguiremos desenvolver aulas de Literatura mais interessantes, criativas e que levem o aluno a pensar e a se posicionar de maneira crítica e responsável sobre o texto lido, sobre a sociedade que o

circunda, sobre a vida e, principalmente, sobre as diversas violências diluídas em nosso cotidiano.

Através das discussões teóricas que apresentamos ao longo desse trabalho e, principalmente, da intervenção de leitura, acreditamos que o professor de Literatura precisa gostar de ler, ter um tempo significativo para analisar e absorver melhor as leituras de obras literárias, sobretudo quando se trata do gênero romance, de não ter receio de mudar os caminhos metodológicos, de pensar em outras estratégias que possam contribuir com a formação do leitor.

Ao afirmar isso, estamos pensando na etapa da sensibilização do leitor em que utilizamos o conto “Sobre a natureza do homem”, de Bernardo Kucinski, com o intuito de propiciar uma aula de leitura diferente para os alunos e, principalmente, aproximá-los da temática do texto de Claudia de Lage, ou seja, de uma narrativa que retratasse a violência autoritária e de gênero, a participação da mulher na luta contra o regime, etc.

Esse momento não estava previsto quando submetemos o nosso projeto de pesquisa ao Comitê de Ética, pois, embora já tivéssemos elaborado a sequência didática sobre a obra *O corpo interminável*, só a partir da sondagem do horizonte de expectativa do leitor, da aplicação da *autobiografia de leitor*, de Anne Rouxel, é que sentimos a necessidade de trabalhar um texto mais curto e menos complexo, em termos de estrutura narrativa, antes de começar a leitura do romance de Claudia Lage e que aproximasse os educandos da temática que iríamos abordar ao longo da experiência literária.

No tocante ao ensino de Literatura sobre ditadura, observamos que as obras, cujas narrativas configuram a violência autoritária brasileira, ainda são pouco exploradas no espaço escolar, sobretudo os romances que configuram o protagonismo da mulher militante e do sujeito feminino subversivo participante da política.

Embora saibamos o quanto é difícil trabalhar o texto literário na perspectiva da formação do sujeito leitor, sobretudo porque, na maioria das vezes, a escola pública não oferece condições significativas para que o professor possa desenvolver aulas de Literatura mais dinâmicas, que levem os alunos a serem sujeitos críticos diante do texto lido, a ter um conhecimento mais profundo do mundo, é necessário que o docente busque estratégias significativas que possibilitem, como bem salienta a professora Silva (2016, p.133):

[...] determinadas formas de leitura, incluindo, sobretudo, a leitura integral do romance, mas considerando também, por exemplo, a relação

entre livro e outras artes, trazendo para o centro dos debates, principalmente, as impressões dos alunos. [...] estratégias que envolvem dramatizações, adaptações de trechos do romance para o teatro e outras atividades[...].

O professor precisa sair desse método tradicionalista, que não contribui com a formação do sujeito leitor e investir em um ensino de Literatura que levem os alunos a discutir e a refletir sobre a obra lida, a ampliar essas leituras através de outras artes, como: o teatro, o cinema, investindo, dessa forma, em atividades que levem os discentes a ser sujeitos protagonistas.

Em sintonia com a pesquisadora acima, Colomer (2007) afirma que o docente precisa encorajar os alunos a ler e a descobrir os sentidos do texto, principalmente quando esse educando está diante de obras mais densas, pois como bem ressalta, não se aprende ler livros complexos lendo apenas os livros fáceis. Para essa estudiosa:

Os livros a serem compartilhados devem ser aqueles que ofereçam alguma dificuldade ao leitor para que valha a pena investir neles o escasso tempo escolar. Se não há um significado que requeira um esforço de construção, não se pode negociar o sentido; se a estrutura é sempre convencional, não se aprende a estar atento para antecipar ou notar as elipses; ou se não há ambiguidades interessantes, não há porque buscar indícios, reler passagens e discutir as possíveis interpretações (Colomer, 2007, P.149).

O docente precisa propiciar aos alunos a vivência com textos literários mais refinados, que exigem do leitor um esforço maior para a compreensão da obra, com a intenção de ampliar o horizonte desse educando, caso contrário, estará negligenciando a continuidade da formação desse leitor literário.

Essa autora também destaca a importância da releitura da obra literária, uma vez que essa “volta ao texto” propiciará aos discentes uma construção de sentido mais ampla. Além disso, ela afirma a relevância de o docente estimular a leitura compartilhada em sala de aula, a fim de que os discentes possam “beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros” (Colomer, 2007, p.143).

No caso do romance de Claudia Lage, devido ao curto espaço de tempo e, principalmente, às diversas demandas dos alunos, infelizmente, não fizemos a releitura da obra em estudo, no entanto, conseguimos priorizar tanto a leitura compartilhada quanto a discussão da narrativa, com o intuito de sanar algumas dúvidas dos educandos no

tocante as rasuras que permeiam essa narrativa, bem como de levá-los a chegar a uma compreensão plausível sobre a narrativa lida por meio dessa exploração conjunta, dos “[...]conhecimentos externos para suscitar significados implícitos, segundos sentidos ou símbolos que os leitores devem emergir dos textos” (Colomer, 2007, p.149).

A intervenção de leitura executada na escola Celso Mariz mostra-nos que é possível trabalhar um romance mais complexo, “produzidos em termos de temática, estruturação sintática, vocabulário, recursos estilísticos, orquestração de vozes e semioses” (Brasil, 2018, p.506), numa perspectiva de formação do leitor. No entanto, para que o docente consiga desenvolver um trabalho relevante com a leitura literária, é necessário não só romper com um ensino literário que distancia o leitor da obra, mas também encorajar os educandos a ler obras mais instigantes e complexas, “[...] que não caíam na sedução simplista e demagógica, que provoquem perguntas, silêncios, imagens, gestos, rejeições e atrações[...]” (Bajour, 2012, p.52).

A escola, enquanto espaço privilegiado da promoção do conhecimento, deve buscar desenvolver junto aos alunos, como bem assinala Bajour (2012, p.27), “a arte cotidiana de falar sobre os livros”, pois além de ser uma forma de aproximar o aluno do texto literário, é um exercício estimulante que propicia aos leitores falar sobre os seus pontos de vistas, o que sentiu e, até mesmo, o que o levou a não gostar do texto em estudo.

No entanto, para que o professor possa realizar um trabalho significativo com o texto literário em sala de aula, somos convictos de que ele precisa ter uma estrutura que ofereça condições necessárias para a realização de um ensino de literatura interessante. Ao dizer isso, lembramos das seguintes palavras de Dalvi:

Não é possível continuar supondo que a literatura exista fora de um sistema econômico, político, social e cultural. As obras, os autores, os editores, os críticos, os professores, os mediadores de leitura, os bibliotecários, os consumidores, os jornalistas culturais, os profissionais do marketing literário, os agentes literários, enfim, tudo isso existe numa teia de relações (e escolhas) ideológicas, de apostas de um projeto de sociedade e em um mundo de compreender e se relacionar com a alteridade (Dalvi, 2021, p.35).

De fato, é impossível pensar o ensino de literatura exitoso fora desse sistema econômico, político, social e cultural, dentro de um contexto em que o trabalho docente é precarizado, o professor não tem acesso às obras atualizadas, a biblioteca não tem uma quantidade de livros que atenda à turma de alunos, em que falta espaço-tempo na escola para o conteúdo de uma disciplina que “[...] insere fruição, reflexão e elaboração, ou seja

uma perspectiva de formação não prevista no currículo, não cabível no ritmo da cultura escolar, contemporaneamente aparentada ao ritmo veloz da cultura de massa ” (Rezende, 2013, p.111), entre tantas outras problemáticas as quais podemos perceber na educação brasileira.

Entretanto, como ressalta Hélder Pinheiro (2018), o professor precisa resistir a esse sistema massacrante e criar condições, mesmo que mínimas, para desenvolver um trabalho de literatura que incite o aluno a ser um sujeito crítico, autônomo e reflexivo diante da sociedade com o circunda. Ao proferir essas palavras, o estudioso pondera que, diante da falta de recursos práticos, o docente pode, dentro de sua realidade e de seu alcance, levar textos literários para os alunos e ler com eles.

Enquanto professores de Língua Portuguesa, precisamos assegurar aos nossos discentes o direito à Literatura (Candido, 1988), caso contrário, estamos corroborando ainda mais com as desigualdades em nosso país, pois estamos negando aos discentes das escolas públicas o acesso à fruição da literatura e a possibilidade desses educandos terem a oportunidade de ler obras eruditas, contemporâneas, etc.

Ao dizer isso, não estamos privilegiando apenas esse tipo de literatura em sala de aula, já que somos convictos de que “[...] devemos ler e levar ao espaço escolar toda manifestação artística, de qualquer grupo ou classe social, veiculada por diferentes suportes-oral ou escrito” (Pinheiro, 2013, p.36), mas mostrando a necessidade de o professor oportunizar aos discentes a leitura das mais diversas obras literárias, garantindo-lhes, assim, o acesso à cultura letrada.

Enfim, finalizamos essa intervenção de leitura, certos de que esse trabalho não se esgota aqui, com a esperança de ter contribuído, de alguma forma, com a área dos estudos literários, sobretudo com o ensino de Literatura sobre ditadura de autoria feminina, promovendo, dessa maneira, tanto a formação do jovem leitor do ensino médio quanto reflexões necessárias junto aos alunos e professores da área de Linguagem sobre uma “[...] política de esquecimento que ainda paira sobre nossa história recente, encobrindo os crimes da ditadura civil-militar, [...] do machismo estruturante que embota o imaginário social brasileiro, acostumado a protagonistas homens, e não mulheres”(Merlino, Borges, 2019, p.17).

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Francisca Luana Rolim. *Literatura no contexto da ditadura: uma experiência de ensino com Mãe Judia, 1964, de Moacyr Scliar*. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino). Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, Campina Grande, 2019. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/15186>. Acessado em: 12 de dezembro de 2023.

ALVES, Cristiane da Silva. A história (não) acabou: algumas notas sobre Ainda estou aqui, de Marcelo Rubens Paiva. In.: *Narrativas brasileiras contemporâneas: memórias da repressão*. GOMES, Maria Gínia (Org.). Porto Alegre: Polifonia, 2020.

AMORIM, José Edilson de. *Estudos com poesia*. João Pessoa: EDUFCG/Bagagem, 2017.

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo de Gato, 2012.

BORGES, Carla; MERLINO, Tatiana. Sobre romper décadas de silêncio. In: *Heroínas desta história: mulheres em busca de justiça por familiares mortos pela ditadura*. BORGES, Carla; MERLINO, Tatiana (Org.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC_C_20dez_site.pdf. Acesso em: 20 de julho de 2023.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): Língua Portuguesa / Ensino Médio*. Brasília, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf. Acessado em: 11 de fevereiro de 2023.

BRASIL. *Plano Nacional da Biblioteca na escola*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola/acervos>. Acessado em: 20 de junho de 2023.

BRASIL. *Plano Nacional do livro didático literário*. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/guia-do-livro-didatico/escolha-pnld-2023>. Acessado em: 20 de junho de 2023.

BUARQUE, Chico. *Anos de chumbo e outros contos*. São Paulo, Companhia das Letras, 2021.

CADEMARTORI, Ligia. *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CANDIDO, Antônio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 1988.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

COLASANTI, Marina. Prefácio. A silenciosa força das mulheres. In: HUMBERT, Agnès. *Resistência: a história de uma mulher que desafiou Hitler*. Trad. De Regina Lyra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

COLLING, Ana Maria. *A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

COLLING, Ana Maria; JUNIOR, Ary Albuquerque Cavalcanti. Militantes e guerrilheiras. *Revista Espacialidades*, v. 15, n. 01, p. 47-61, 6 nov. 2019. Fonte: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/19186/12211>. Acessado em: 15 de janeiro de 2024.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*; [tradução Laura Sandroni]. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

DALCASTAGNÈ, Regina. *O espaço da dor*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

DALCASTAGNÈ, Regina. VECCHI, Roberto. Apresentação. In: *Revista de Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 43, p. 11-12, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9941/8781>. Acessado em: 09 de maio de 2023.

DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura e resistência no Brasil de hoje. In.: *Literatura e Ditadura*. OLIVEIRA, Rejane Pivetta; THOMAZ, Paulo C. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

DALCASTAGNÈ, Regina. Lista de romances sobre o autoritarismo brasileiro. Brasília, 1 de Abril de 2024. Facebook: Regina Dalcastgnè. Disponível em: https://www.facebook.com/regina.dalcastagne.3?locale=pt_BR. Acessado em: 10 de janeiro de 2024.

DALVI, Maria Amélia. Educação, literatura e resistência. In. *A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora*. MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (Org.). São Paulo: Parábola, 2021.

DALVI, Maria Amélia. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. In: *Leitura de Literatura na Escola*. DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; FALEIROS-JOVER, Rita (Org.). São Paulo: Parábola, 2013.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

FIGUEIREDO, Eurídice. *A nebulosa do (auto)biográfico: vidas vividas, vidas escritas*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2022.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres contra a ditadura: escrever é (também) uma forma de narrar*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2024.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GINZBURG, Jaime. Ditadura e Estética do trauma: exílio e fantasmagoria. In.: *O rosto escuro de Narciso: ensaios sobre literatura e melancolia*. VIANA, Chico (Org.). João Pessoa: Idéia, 2004.

GINZBURG, Jaime. Escritas da tortura. In: *O que resta da ditadura: a execução brasileira*. TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (Org.). São Paulo: Boitempo, 2010.

HINOJOSA, Francisco. *Uma aldeia cheio de monstros*. São Paulo: Casa Amarelinha, 2013.

Invento Produções Culturais. A leitura literária na educação básica com Maria Amélia Dalvi. YouTube, 27 de março de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/InventoProdu%C3%A7%C3%B5esCulturais>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2024.

KEHL, Maria Rita. Tortura e sintoma social. In: *O que resta da ditadura: a execução brasileira*. TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (Org.). São Paulo: Boitempo, 2010.

KUCINSKI, Bernardo. *Você vai voltar pra mim e outros contos*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

KUCINSKI, Bernado. *Júlia: Nos campos conflagrados do Senhor*. São Paulo: Alameda, 2020.

LAGE, Claudía. *A pequena morte e outras naturezas*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

LAGE, Claudia. *Labirinto da palavra*. Rio de Janeiro: Record, 2020.

LAGE, Claudia. *O corpo interminável*. Rio de Janeiro: Record, 2019.

LISBOA, Adriana. *Azul corvo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

MACHADO, Ana Maria. *Tropical sol da liberdade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

MARQUES, Deyse Filgueiras Batista; RIBEIRO, Renata Rocha. *A aporia do trauma e a escrita da resistência: o passado que não passa em O corpo interminável*, de Claudia Lage. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/52132/43841.

Acessado em: 08 de agosto de 2024.

MERLINO, Tatiana; OJEDA, Igor. (org.). *Direito à memória e à verdade: luta, substantivo feminino: mulheres torturadas, desaparecidas e mortas na resistência à ditadura*. São Paulo: Caros Amigos, 2010.

OLIVEIRA, Michael Douglas Silva de. *Reconstrução e superação: A literatura de testemunho em O corpo interminável*, de Claudia Lage. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/54291>. Acessado em: 10 de agosto de 2023.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de; THOMAZ, Paulo C. *Apresentação Ditadura: um passado para se fazer narrar no presente*. In.: *Literatura e ditadura*. OLIVEIRA, Rejane Pivetta de; THOMAZ, Paulo C. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas de silêncio*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PELLEGRINI, Tânia. No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje. In: *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade e violência na literatura brasileira contemporânea*. DALCASTAGNÈ, Regina (Org.). São Paulo: Editora Horizonte, 2008.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2017.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: Uma nova perspectiva*. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo, 2008.

PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2018.

POLARI, Alex. *Inventário de cicatrizes*. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro pela Anistia, 1979.

QUEIROZ, Magali Aparecida Mendes. *Chove chuva- aprendendo com a natureza- Sabedoria popular*. Belo Horizonte: Alis Editora, 2017.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

RIBEIRO, Maria Cláudia Badan. *Mulheres na luta armada: protagonismo feminino na ALN*. São Paulo: Alameda, 2018.

ROSA, Susel Oliveira da. *Mulheres, ditaduras e memórias: “Não imagine que precise ser triste para ser militante”*. São Paulo: Intermeios; Faspesp, 2013.

ROUXEL, Annie, Langla de Gércud, REZENDE, Neide L. de. *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: o Testemunho na era das*

- catástrofes. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. *Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor*. Tradução de Adriana Lopez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- SILVA, Márcio Seligmann. *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- SILVA, Maria Analice Pereira da. *Reflexões sobre teoria do romance e ensino*. Campina Grande: Bagagem, 2016.
- SILVA, Carlos Wender Sousa. Claudia Lage- O corpo interminável. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 61, e6117, 2020. e-ISSN: 2316-4018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-40186117> . Acessado em: 10 de janeiro de 2023.
- TEGA, Danielle. *Tempos de dizer, tempos de escutar: testemunhos de mulheres no Brasil e na Argentina*. São Paulo: Editora Intermeios, 2019.
- THOMAZ, Paulo C; OLIVEIRA, Rejane Pivetta. Apresentação. Ditadura: um passado para se fazer narrar no presente. In: *Literatura e Ditadura*. THOMAZ, Paulo C; OLIVEIRA, Rejane Pivetta. Porto Alegre: Zouk, 2020.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- TORRE das donzelas. 2018. Brasil. Direção de Susanna Lira. Documentário. Filme com Duração de 97min.
- XAVIER, Elizabeth Ferreira. *Mulheres, Militância e Memória*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas Editora, 1996.
- ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. Curitiba: InterSaberes, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A- Termo de consentimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-PPGLE

ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM

PESQUISADORA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES

APÊNDICE 01- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: MILITÂNCIA FEMININA E DITADURA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO COM *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE.

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Objetivo da pesquisa: Analisar, no romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage, os modos de representação da mulher enquanto figura militante no período da ditadura com alunos do 2º ano do ensino médio a partir do método recepcional.

Sobre os participantes da pesquisa: para a realização dessa pesquisa, teremos como participantes os discentes do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, localizada na cidade de Sousa-PB.

Acerca da coleta dos dados e o corpus da pesquisa: os dados desta pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, serão coletados a partir de uma autobiografia de leitor e de dois questionários, envolvendo perguntas não só sobre obras que tematizam o período da ditadura militar no Brasil e a importância de estudar esse tema, mas também acerca da

narrativa de Claudia Lage. Como *corpus* da nossa pesquisa, utilizaremos o romance *O corpo interminável* para investigar os modos como os alunos compreendem não só a relação da mulher com a Ditadura, mas também os traumas ocasionados pelo autoritarismo brasileiro a partir dos personagens principais representados na narrativa em estudo.

Riscos: Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde. Considerando que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, a pesquisadora procurará estabelecer o melhor diálogo possível durante as intervenções, bem como deixará claro aos participantes que eles poderão desistir da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum dano a sua pessoa ou a sua identidade. Além disso, é interessante ressaltar que, por conta do contexto pandêmico, a experiência de leitura com os alunos do 2º ano do ensino médio da escola Celso Mariz poderá ocorrer de forma remota, via *Google Meet*.

Benefícios de participar da pesquisa: a presente pesquisa visa não só contribuir com o ensino de literatura na escola e a formação de leitores qualificados de textos literários no Ensino Médio, mas também permitir aos discentes lançar novos olhares, novas reflexões, perspectivas e interpretações sobre a ditadura militar e a militância feminina contra o autoritarismo brasileiro. Além disso, supõe-se que a narrativa de Claudia Lage pode levar o aluno a compreender a participação e os sofrimentos das mulheres nos atos de resistência contra a Ditadura Militar, incitando-os, assim, a ter um olhar diferenciado sobre a atuação feminina nesse período.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

- I- Serão utilizadas por Francisca Luana Rolim Abrantes, com o meu consentimento, as seguintes fontes de dados: as respostas obtidas a partir de dois questionários e uma autobiografia de leitor acerca da obra *O corpo interminável*, de Claudia Lage.
- II- Os dados adquiridos no decorrer da coleta poderão ser publicados, desde que não se faça nenhum tipo de identificação pessoal.
- III- Os resultados da pesquisa serão socializados no meio acadêmico pelo pesquisador que preservará minha identificação e usará códigos para se referir aos dados que forneci. Apenas a pesquisadora e sua orientadora poderão identificar os meus dados.

IV- É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

V- Minha colaboração neste estudo será de muita importância para o pesquisador, mas se eu decidir retirar meu consentimento em qualquer fase da realização da pesquisa, eu não serei penalizado (a) ou prejudicado (a) por essa atitude;

VI- Estou ciente que, eventualmente, durante as atividades e ao responder ao questionário, eu poderei sentir algum tipo de constrangimento e que, para diminuir esse risco, eu terei liberdade de responder ao questionário em qualquer lugar seguro de minha preferência, e terei todo tempo que achar necessário para dar minha colaboração. Tenho conhecimento também que os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Enfim, tendo sido orientado (a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar desta pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas e que autorizo a divulgação dos dados que fornecerei, bem como atesto que recebi uma via deste termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Campina Grande, 22 de Abril de 2022.

Fernanda Pereira da Costa

Nome do participante

Assinatura do participante

Francisca Lauana Polim Albrantes

Assinatura da pesquisadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-PPGLE

ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM

PESQUISADORA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES

APÊNDICE 01- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: MILITÂNCIA FEMININA E DITADURA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO COM *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE.

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Objetivo da pesquisa: Analisar, no romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage, os modos de representação da mulher enquanto figura militante no período da ditadura com alunos do 2º ano do ensino médio a partir do método recepcional.

Sobre os participantes da pesquisa: para a realização dessa pesquisa, teremos como participantes os discentes do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, localizada na cidade de Sousa-PB.

Acerca da coleta dos dados e o corpus da pesquisa: os dados desta pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, serão coletados a partir de uma autobiografia de leitor e de dois questionários, envolvendo perguntas não só sobre obras que tematizam o período da ditadura militar no Brasil e a importância de estudar esse tema, mas também acerca da

narrativa de Claudia Lage. Como *corpus* da nossa pesquisa, utilizaremos o romance *O corpo interminável* para investigar os modos como os alunos compreendem não só a relação da mulher com a Ditadura, mas também os traumas ocasionados pelo autoritarismo brasileiro a partir dos personagens principais representados na narrativa em estudo.

Riscos: Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde. Considerando que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, a pesquisadora procurará estabelecer o melhor diálogo possível durante as intervenções, bem como deixará claro aos participantes que eles poderão desistir da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum dano a sua pessoa ou a sua identidade. Além disso, é interessante ressaltar que, por conta do contexto pandêmico, a experiência de leitura com os alunos do 2º ano do ensino médio da escola Celso Mariz poderá ocorrer de forma remota, via *Google Meet*.

Benefícios de participar da pesquisa: a presente pesquisa visa não só contribuir com o ensino de literatura na escola e a formação de leitores qualificados de textos literários no Ensino Médio, mas também permitir aos discentes lançar novos olhares, novas reflexões, perspectivas e interpretações sobre a ditadura militar e a militância feminina contra o autoritarismo brasileiro. Além disso, supõe-se que a narrativa de Claudia Lage pode levar o aluno a compreender a participação e os sofrimentos das mulheres nos atos de resistência contra a Ditadura Militar, incitando-os, assim, a ter um olhar diferenciado sobre a atuação feminina nesse período.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

- I- Serão utilizadas por Francisca Luana Rolim Abrantes, com o meu consentimento, as seguintes fontes de dados: as respostas obtidas a partir de dois questionários e uma autobiografia de leitor acerca da obra *O corpo interminável*, de Claudia Lage.
- II- Os dados adquiridos no decorrer da coleta poderão ser publicados, desde que não se faça nenhum tipo de identificação pessoal.
- III- Os resultados da pesquisa serão socializados no meio acadêmico pelo pesquisador que preservará minha identificação e usará códigos para se referir aos dados que forneci. Apenas a pesquisadora e sua orientadora poderão identificar os meus dados.

IV- É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

V- Minha colaboração neste estudo será de muita importância para o pesquisador, mas se eu decidir retirar meu consentimento em qualquer fase da realização da pesquisa, eu não serei penalizado (a) ou prejudicado (a) por essa atitude;

VI- Estou ciente que, eventualmente, durante as atividades e ao responder ao questionário, eu poderei sentir algum tipo de constrangimento e que, para diminuir esse risco, eu terei liberdade de responder ao questionário em qualquer lugar seguro de minha preferência, e terei todo tempo que achar necessário para dar minha colaboração. Tenho conhecimento também que os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Enfim, tendo sido orientado (a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar desta pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas e que autorizo a divulgação dos dados que fornecerei, bem como atesto que recebi uma via deste termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Campina Grande, 22 de Abril de 2022.

marlene Pereira dos Santos Reis
Nome do participante

marlene Pereira dos Santos Reis
Assinatura do participante

Francisca Lauana Polim Albrantes
Assinatura da pesquisadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-PPGLE

ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM

PESQUISADORA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES

APÊNDICE 01- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: MILITÂNCIA FEMININA E DITADURA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO COM *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE.

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Objetivo da pesquisa: Analisar, no romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage, os modos de representação da mulher enquanto figura militante no período da ditadura com alunos do 2º ano do ensino médio a partir do método recepcional.

Sobre os participantes da pesquisa: para a realização dessa pesquisa, teremos como participantes os discentes do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, localizada na cidade de Sousa-PB.

Acerca da coleta dos dados e o corpus da pesquisa: os dados desta pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, serão coletados a partir de uma autobiografia de leitor e de dois questionários, envolvendo perguntas não só sobre obras que tematizam o período da ditadura militar no Brasil e a importância de estudar esse tema, mas também acerca da

narrativa de Claudia Lage. Como *corpus* da nossa pesquisa, utilizaremos o romance *O corpo interminável* para investigar os modos como os alunos compreendem não só a relação da mulher com a Ditadura, mas também os traumas ocasionados pelo autoritarismo brasileiro a partir dos personagens principais representados na narrativa em estudo.

Riscos: Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde. Considerando que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, a pesquisadora procurará estabelecer o melhor diálogo possível durante as intervenções, bem como deixará claro aos participantes que eles poderão desistir da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum dano a sua pessoa ou a sua identidade. Além disso, é interessante ressaltar que, por conta do contexto pandêmico, a experiência de leitura com os alunos do 2º ano do ensino médio da escola Celso Mariz poderá ocorrer de forma remota, via *Google Meet*.

Benefícios de participar da pesquisa: a presente pesquisa visa não só contribuir com o ensino de literatura na escola e a formação de leitores qualificados de textos literários no Ensino Médio, mas também permitir aos discentes lançar novos olhares, novas reflexões, perspectivas e interpretações sobre a ditadura militar e a militância feminina contra o autoritarismo brasileiro. Além disso, supõe-se que a narrativa de Claudia Lage pode levar o aluno a compreender a participação e os sofrimentos das mulheres nos atos de resistência contra a Ditadura Militar, incitando-os, assim, a ter um olhar diferenciado sobre a atuação feminina nesse período.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

- I- Serão utilizadas por Francisca Luana Rolim Abrantes, com o meu consentimento, as seguintes fontes de dados: as respostas obtidas a partir de dois questionários e uma autobiografia de leitor acerca da obra *O corpo interminável*, de Claudia Lage.
- II- Os dados adquiridos no decorrer da coleta poderão ser publicados, desde que não se faça nenhum tipo de identificação pessoal.
- III- Os resultados da pesquisa serão socializados no meio acadêmico pelo pesquisador que preservará minha identificação e usará códigos para se referir aos dados que forneci. Apenas a pesquisadora e sua orientadora poderão identificar os meus dados.

IV- É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

V- Minha colaboração neste estudo será de muita importância para o pesquisador, mas se eu decidir retirar meu consentimento em qualquer fase da realização da pesquisa, eu não serei penalizado (a) ou prejudicado (a) por essa atitude;

VI- Estou ciente que, eventualmente, durante as atividades e ao responder ao questionário, eu poderei sentir algum tipo de constrangimento e que, para diminuir esse risco, eu terei liberdade de responder ao questionário em qualquer lugar seguro de minha preferência, e terei todo tempo que achar necessário para dar minha colaboração. Tenho conhecimento também que os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Enfim, tendo sido orientado (a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar desta pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas e que autorizo a divulgação dos dados que fornecerei, bem como atesto que recebi uma via deste termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Sousa-PB, 22 de Abril de 2022.

Francisco de Assis (R) Bessano

Nome do participante

Assinatura do participante

Francisca Lauana Polim Alvarito

Assinatura da pesquisadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-PPGLE

ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM

PESQUISADORA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES

APÊNDICE 01- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: MILITÂNCIA FEMININA E DITADURA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO COM *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE.

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Objetivo da pesquisa: Analisar, no romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage, os modos de representação da mulher enquanto figura militante no período da ditadura com alunos do 2º ano do ensino médio a partir do método recepcional.

Sobre os participantes da pesquisa: para a realização dessa pesquisa, teremos como participantes os discentes do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, localizada na cidade de Sousa-PB.

Acerca da coleta dos dados e o corpus da pesquisa: os dados desta pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, serão coletados a partir de uma autobiografia de leitor e de dois questionários, envolvendo perguntas não só sobre obras que tematizam o período da ditadura militar no Brasil e a importância de estudar esse tema, mas também acerca da

narrativa de Claudia Lage. Como *corpus* da nossa pesquisa, utilizaremos o romance *O corpo interminável* para investigar os modos como os alunos compreendem não só a relação da mulher com a Ditadura, mas também os traumas ocasionados pelo autoritarismo brasileiro a partir dos personagens principais representados na narrativa em estudo.

Riscos: Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde. Considerando que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, a pesquisadora procurará estabelecer o melhor diálogo possível durante as intervenções, bem como deixará claro aos participantes que eles poderão desistir da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum dano a sua pessoa ou a sua identidade. Além disso, é interessante ressaltar que, por conta do contexto pandêmico, a experiência de leitura com os alunos do 2º ano do ensino médio da escola Celso Mariz poderá ocorrer de forma remota, via *Google Meet*.

Benefícios de participar da pesquisa: a presente pesquisa visa não só contribuir com o ensino de literatura na escola e a formação de leitores qualificados de textos literários no Ensino Médio, mas também permitir aos discentes lançar novos olhares, novas reflexões, perspectivas e interpretações sobre a ditadura militar e a militância feminina contra o autoritarismo brasileiro. Além disso, supõe-se que a narrativa de Claudia Lage pode levar o aluno a compreender a participação e os sofrimentos das mulheres nos atos de resistência contra a Ditadura Militar, incitando-os, assim, a ter um olhar diferenciado sobre a atuação feminina nesse período.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

- I- Serão utilizadas por Francisca Luana Rolim Abrantes, com o meu consentimento, as seguintes fontes de dados: as respostas obtidas a partir de dois questionários e uma autobiografia de leitor acerca da obra *O corpo interminável*, de Claudia Lage.
- II- Os dados adquiridos no decorrer da coleta poderão ser publicados, desde que não se faça nenhum tipo de identificação pessoal.
- III- Os resultados da pesquisa serão socializados no meio acadêmico pelo pesquisador que preservará minha identificação e usará códigos para se referir aos dados que forneci. Apenas a pesquisadora e sua orientadora poderão identificar os meus dados.

IV- É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

V- Minha colaboração neste estudo será de muita importância para o pesquisador, mas se eu decidir retirar meu consentimento em qualquer fase da realização da pesquisa, eu não serei penalizado (a) ou prejudicado (a) por essa atitude;

VI- Estou ciente que, eventualmente, durante as atividades e ao responder ao questionário, eu poderei sentir algum tipo de constrangimento e que, para diminuir esse risco, eu terei liberdade de responder ao questionário em qualquer lugar seguro de minha preferência, e terei todo tempo que achar necessário para dar minha colaboração. Tenho conhecimento também que os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Enfim, tendo sido orientado (a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar desta pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas e que autorizo a divulgação dos dados que fornecerei, bem como atesto que recebi uma via deste termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Campina Grande, 22 de Abril de 2022.

José Lopes Chagas de Sousa
Nome do participante

José Lopes Chagas de Sousa
Assinatura do participante

Francisca Lauana Dolim Albrantes
Assinatura da pesquisadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-PPGLE

ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM

PESQUISADORA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES

APÊNDICE 01- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: MILITÂNCIA FEMININA E DITADURA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO COM *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE.

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Objetivo da pesquisa: Analisar, no romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage, os modos de representação da mulher enquanto figura militante no período da ditadura com alunos do 2º ano do ensino médio a partir do método recepcional.

Sobre os participantes da pesquisa: para a realização dessa pesquisa, teremos como participantes os discentes do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, localizada na cidade de Sousa-PB.

Acerca da coleta dos dados e o corpus da pesquisa: os dados desta pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, serão coletados a partir de uma autobiografia de leitor e de dois questionários, envolvendo perguntas não só sobre obras que tematizam o período da ditadura militar no Brasil e a importância de estudar esse tema, mas também acerca da

narrativa de Claudia Lage. Como *corpus* da nossa pesquisa, utilizaremos o romance *O corpo interminável* para investigar os modos como os alunos compreendem não só a relação da mulher com a Ditadura, mas também os traumas ocasionados pelo autoritarismo brasileiro a partir dos personagens principais representados na narrativa em estudo.

Riscos: Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde. Considerando que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, a pesquisadora procurará estabelecer o melhor diálogo possível durante as intervenções, bem como deixará claro aos participantes que eles poderão desistir da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum dano a sua pessoa ou a sua identidade. Além disso, é interessante ressaltar que, por conta do contexto pandêmico, a experiência de leitura com os alunos do 2º ano do ensino médio da escola Celso Mariz poderá ocorrer de forma remota, via *Google Meet*.

Benefícios de participar da pesquisa: a presente pesquisa visa não só contribuir com o ensino de literatura na escola e a formação de leitores qualificados de textos literários no Ensino Médio, mas também permitir aos discentes lançar novos olhares, novas reflexões, perspectivas e interpretações sobre a ditadura militar e a militância feminina contra o autoritarismo brasileiro. Além disso, supõe-se que a narrativa de Claudia Lage pode levar o aluno a compreender a participação e os sofrimentos das mulheres nos atos de resistência contra a Ditadura Militar, incitando-os, assim, a ter um olhar diferenciado sobre a atuação feminina nesse período.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

- I- Serão utilizadas por Francisca Luana Rolim Abrantes, com o meu consentimento, as seguintes fontes de dados: as respostas obtidas a partir de dois questionários e uma autobiografia de leitor acerca da obra *O corpo interminável*, de Claudia Lage.
- II- Os dados adquiridos no decorrer da coleta poderão ser publicados, desde que não se faça nenhum tipo de identificação pessoal.
- III- Os resultados da pesquisa serão socializados no meio acadêmico pelo pesquisador que preservará minha identificação e usará códigos para se referir aos dados que forneci. Apenas a pesquisadora e sua orientadora poderão identificar os meus dados.

IV- É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

V- Minha colaboração neste estudo será de muita importância para o pesquisador, mas se eu decidir retirar meu consentimento em qualquer fase da realização da pesquisa, eu não serei penalizado (a) ou prejudicado (a) por essa atitude;

VI- Estou ciente que, eventualmente, durante as atividades e ao responder ao questionário, eu poderei sentir algum tipo de constrangimento e que, para diminuir esse risco, eu terei liberdade de responder ao questionário em qualquer lugar seguro de minha preferência, e terei todo tempo que achar necessário para dar minha colaboração. Tenho conhecimento também que os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Enfim, tendo sido orientado (a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar desta pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas e que autorizo a divulgação dos dados que fornecerei, bem como atesto que recebi uma via deste termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Campina Grande, 22 de Abril de 2022.

Francisca Lauana Polim Albrantes

Nome do participante

Francisca Lauana Polim Albrantes

Assinatura do participante

Francisca Lauana Polim Albrantes

Assinatura da pesquisadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-PPGLE

ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM

PESQUISADORA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES

APÊNDICE 01- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: MILITÂNCIA FEMININA E DITADURA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO COM *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE.

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Objetivo da pesquisa: Analisar, no romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage, os modos de representação da mulher enquanto figura militante no período da ditadura com alunos do 2º ano do ensino médio a partir do método recepcional.

Sobre os participantes da pesquisa: para a realização dessa pesquisa, teremos como participantes os discentes do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, localizada na cidade de Sousa-PB.

Acerca da coleta dos dados e o corpus da pesquisa: os dados desta pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, serão coletados a partir de uma autobiografia de leitor e de dois questionários, envolvendo perguntas não só sobre obras que tematizam o período da ditadura militar no Brasil e a importância de estudar esse tema, mas também acerca da

narrativa de Claudia Lage. Como *corpus* da nossa pesquisa, utilizaremos o romance *O corpo interminável* para investigar os modos como os alunos compreendem não só a relação da mulher com a Ditadura, mas também os traumas ocasionados pelo autoritarismo brasileiro a partir dos personagens principais representados na narrativa em estudo.

Riscos: Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde. Considerando que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, a pesquisadora procurará estabelecer o melhor diálogo possível durante as intervenções, bem como deixará claro aos participantes que eles poderão desistir da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum dano a sua pessoa ou a sua identidade. Além disso, é interessante ressaltar que, por conta do contexto pandêmico, a experiência de leitura com os alunos do 2º ano do ensino médio da escola Celso Mariz poderá ocorrer de forma remota, via *Google Meet*.

Benefícios de participar da pesquisa: a presente pesquisa visa não só contribuir com o ensino de literatura na escola e a formação de leitores qualificados de textos literários no Ensino Médio, mas também permitir aos discentes lançar novos olhares, novas reflexões, perspectivas e interpretações sobre a ditadura militar e a militância feminina contra o autoritarismo brasileiro. Além disso, supõe-se que a narrativa de Claudia Lage pode levar o aluno a compreender a participação e os sofrimentos das mulheres nos atos de resistência contra a Ditadura Militar, incitando-os, assim, a ter um olhar diferenciado sobre a atuação feminina nesse período.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

- I- Serão utilizadas por Francisca Luana Rolim Abrantes, com o meu consentimento, as seguintes fontes de dados: as respostas obtidas a partir de dois questionários e uma autobiografia de leitor acerca da obra *O corpo interminável*, de Claudia Lage.
- II- Os dados adquiridos no decorrer da coleta poderão ser publicados, desde que não se faça nenhum tipo de identificação pessoal.
- III- Os resultados da pesquisa serão socializados no meio acadêmico pelo pesquisador que preservará minha identificação e usará códigos para se referir aos dados que forneci. Apenas a pesquisadora e sua orientadora poderão identificar os meus dados.

IV- É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

V- Minha colaboração neste estudo será de muita importância para o pesquisador, mas se eu decidir retirar meu consentimento em qualquer fase da realização da pesquisa, eu não serei penalizado (a) ou prejudicado (a) por essa atitude;

VI- Estou ciente que, eventualmente, durante as atividades e ao responder ao questionário, eu poderei sentir algum tipo de constrangimento e que, para diminuir esse risco, eu terei liberdade de responder ao questionário em qualquer lugar seguro de minha preferência, e terei todo tempo que achar necessário para dar minha colaboração. Tenho conhecimento também que os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Enfim, tendo sido orientado (a) quanto ao teor de tudo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar desta pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas e que autorizo a divulgação dos dados que fornecerei, bem como atesto que recebi uma via deste termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Campina Grande, 22 de Abril de 2022.

Francisca de Assis Albrantes Bessone
Nome do participante

Francisca de Assis Albrantes Bessone
Assinatura do participante

Francisca Lauana Polim Albrantes
Assinatura da pesquisadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-PPGLE

ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM

PESQUISADORA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES

APÊNDICE 01- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: MILITÂNCIA FEMININA E DITADURA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO COM *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE.

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Objetivo da pesquisa: Analisar, no romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage, os modos de representação da mulher enquanto figura militante no período da ditadura com alunos do 2º ano do ensino médio a partir do método recepcional.

Sobre os participantes da pesquisa: para a realização dessa pesquisa, teremos como participantes os discentes do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, localizada na cidade de Sousa-PB.

Acerca da coleta dos dados e o corpus da pesquisa: os dados desta pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, serão coletados a partir de uma autobiografia de leitor e de dois questionários, envolvendo perguntas não só sobre obras que tematizam o período da ditadura militar no Brasil e a importância de estudar esse tema, mas também acerca da

narrativa de Claudia Lage. Como *corpus* da nossa pesquisa, utilizaremos o romance *O corpo interminável* para investigar os modos como os alunos compreendem não só a relação da mulher com a Ditadura, mas também os traumas ocasionados pelo autoritarismo brasileiro a partir dos personagens principais representados na narrativa em estudo.

Riscos: Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde. Considerando que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, a pesquisadora procurará estabelecer o melhor diálogo possível durante as intervenções, bem como deixará claro aos participantes que eles poderão desistir da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum dano a sua pessoa ou a sua identidade. Além disso, é interessante ressaltar que, por conta do contexto pandêmico, a experiência de leitura com os alunos do 2º ano do ensino médio da escola Celso Mariz poderá ocorrer de forma remota, via *Google Meet*.

Benefícios de participar da pesquisa: a presente pesquisa visa não só contribuir com o ensino de literatura na escola e a formação de leitores qualificados de textos literários no Ensino Médio, mas também permitir aos discentes lançar novos olhares, novas reflexões, perspectivas e interpretações sobre a ditadura militar e a militância feminina contra o autoritarismo brasileiro. Além disso, supõe-se que a narrativa de Claudia Lage pode levar o aluno a compreender a participação e os sofrimentos das mulheres nos atos de resistência contra a Ditadura Militar, incitando-os, assim, a ter um olhar diferenciado sobre a atuação feminina nesse período.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

- I- Serão utilizadas por Francisca Luana Rolim Abrantes, com o meu consentimento, as seguintes fontes de dados: as respostas obtidas a partir de dois questionários e uma autobiografia de leitor acerca da obra *O corpo interminável*, de Claudia Lage.
- II- Os dados adquiridos no decorrer da coleta poderão ser publicados, desde que não se faça nenhum tipo de identificação pessoal.
- III- Os resultados da pesquisa serão socializados no meio acadêmico pelo pesquisador que preservará minha identificação e usará códigos para se referir aos dados que forneci. Apenas a pesquisadora e sua orientadora poderão identificar os meus dados.

IV- É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

V- Minha colaboração neste estudo será de muita importância para o pesquisador, mas se eu decidir retirar meu consentimento em qualquer fase da realização da pesquisa, eu não serei penalizado (a) ou prejudicado (a) por essa atitude;

VI- Estou ciente que, eventualmente, durante as atividades e ao responder ao questionário, eu poderei sentir algum tipo de constrangimento e que, para diminuir esse risco, eu terei liberdade de responder ao questionário em qualquer lugar seguro de minha preferência, e terei todo tempo que achar necessário para dar minha colaboração. Tenho conhecimento também que os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Enfim, tendo sido orientado (a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar desta pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas e que autorizo a divulgação dos dados que fornecerei, bem como atesto que recebi uma via deste termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Sousa-PB, 22 de Abril de 2022.

Nome do participante

Assinatura do participante

Francisca Lauana Rolim Albrantes

Assinatura da pesquisadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-PPGLE

ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM

PESQUISADORA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES

APÊNDICE 01- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: MILITÂNCIA FEMININA E DITADURA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO COM *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE.

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Objetivo da pesquisa: Analisar, no romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage, os modos de representação da mulher enquanto figura militante no período da ditadura com alunos do 2º ano do ensino médio a partir do método recepcional.

Sobre os participantes da pesquisa: para a realização dessa pesquisa, teremos como participantes os discentes do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, localizada na cidade de Sousa-PB.

Acerca da coleta dos dados e o corpus da pesquisa: os dados desta pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, serão coletados a partir de uma autobiografia de leitor e de dois questionários, envolvendo perguntas não só sobre obras que tematizam o período da ditadura militar no Brasil e a importância de estudar esse tema, mas também acerca da

narrativa de Claudia Lage. Como *corpus* da nossa pesquisa, utilizaremos o romance *O corpo interminável* para investigar os modos como os alunos compreendem não só a relação da mulher com a Ditadura, mas também os traumas ocasionados pelo autoritarismo brasileiro a partir dos personagens principais representados na narrativa em estudo.

Riscos: Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde. Considerando que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, a pesquisadora procurará estabelecer o melhor diálogo possível durante as intervenções, bem como deixará claro aos participantes que eles poderão desistir da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum dano a sua pessoa ou a sua identidade. Além disso, é interessante ressaltar que, por conta do contexto pandêmico, a experiência de leitura com os alunos do 2º ano do ensino médio da escola Celso Mariz poderá ocorrer de forma remota, via *Google Meet*.

Benefícios de participar da pesquisa: a presente pesquisa visa não só contribuir com o ensino de literatura na escola e a formação de leitores qualificados de textos literários no Ensino Médio, mas também permitir aos discentes lançar novos olhares, novas reflexões, perspectivas e interpretações sobre a ditadura militar e a militância feminina contra o autoritarismo brasileiro. Além disso, supõe-se que a narrativa de Claudia Lage pode levar o aluno a compreender a participação e os sofrimentos das mulheres nos atos de resistência contra a Ditadura Militar, incitando-os, assim, a ter um olhar diferenciado sobre a atuação feminina nesse período.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

- I- Serão utilizadas por Francisca Luana Rolim Abrantes, com o meu consentimento, as seguintes fontes de dados: as respostas obtidas a partir de dois questionários e uma autobiografia de leitor acerca da obra *O corpo interminável*, de Claudia Lage.
- II- Os dados adquiridos no decorrer da coleta poderão ser publicados, desde que não se faça nenhum tipo de identificação pessoal.
- III- Os resultados da pesquisa serão socializados no meio acadêmico pelo pesquisador que preservará minha identificação e usará códigos para se referir aos dados que forneci. Apenas a pesquisadora e sua orientadora poderão identificar os meus dados.

IV- É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

V- Minha colaboração neste estudo será de muita importância para o pesquisador, mas se eu decidir retirar meu consentimento em qualquer fase da realização da pesquisa, eu não serei penalizado (a) ou prejudicado (a) por essa atitude;

VI- Estou ciente que, eventualmente, durante as atividades e ao responder ao questionário, eu poderei sentir algum tipo de constrangimento e que, para diminuir esse risco, eu terei liberdade de responder ao questionário em qualquer lugar seguro de minha preferência, e terei todo tempo que achar necessário para dar minha colaboração. Tenho conhecimento também que os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Enfim, tendo sido orientado (a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar desta pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas e que autorizo a divulgação dos dados que fornecerei, bem como atesto que recebi uma via deste termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Sousa-PB, 22 de Abril de 2022.

Joana Darc Cosme da Silva
Nome do participante

Joana Darc Cosme da Silva
Assinatura do participante

Francisca Lauana Rolim Albrantes
Assinatura da pesquisadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-PPGLE

ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM

PESQUISADORA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES

APÊNDICE 01- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: MILITÂNCIA FEMININA E DITADURA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO COM *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE.

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Objetivo da pesquisa: Analisar, no romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage, os modos de representação da mulher enquanto figura militante no período da ditadura com alunos do 2º ano do ensino médio a partir do método recepcional.

Sobre os participantes da pesquisa: para a realização dessa pesquisa, teremos como participantes os discentes do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, localizada na cidade de Sousa-PB.

Acerca da coleta dos dados e o corpus da pesquisa: os dados desta pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, serão coletados a partir de uma autobiografia de leitor e de dois questionários, envolvendo perguntas não só sobre obras que tematizam o período da ditadura militar no Brasil e a importância de estudar esse tema, mas também acerca da

narrativa de Claudia Lage. Como *corpus* da nossa pesquisa, utilizaremos o romance *O corpo interminável* para investigar os modos como os alunos compreendem não só a relação da mulher com a Ditadura, mas também os traumas ocasionados pelo autoritarismo brasileiro a partir dos personagens principais representados na narrativa em estudo.

Riscos: Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde. Considerando que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, a pesquisadora procurará estabelecer o melhor diálogo possível durante as intervenções, bem como deixará claro aos participantes que eles poderão desistir da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum dano a sua pessoa ou a sua identidade. Além disso, é interessante ressaltar que, por conta do contexto pandêmico, a experiência de leitura com os alunos do 2º ano do ensino médio da escola Celso Mariz poderá ocorrer de forma remota, via *Google Meet*.

Benefícios de participar da pesquisa: a presente pesquisa visa não só contribuir com o ensino de literatura na escola e a formação de leitores qualificados de textos literários no Ensino Médio, mas também permitir aos discentes lançar novos olhares, novas reflexões, perspectivas e interpretações sobre a ditadura militar e a militância feminina contra o autoritarismo brasileiro. Além disso, supõe-se que a narrativa de Claudia Lage pode levar o aluno a compreender a participação e os sofrimentos das mulheres nos atos de resistência contra a Ditadura Militar, incitando-os, assim, a ter um olhar diferenciado sobre a atuação feminina nesse período.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

- I- Serão utilizadas por Francisca Luana Rolim Abrantes, com o meu consentimento, as seguintes fontes de dados: as respostas obtidas a partir de dois questionários e uma autobiografia de leitor acerca da obra *O corpo interminável*, de Claudia Lage.
- II- Os dados adquiridos no decorrer da coleta poderão ser publicados, desde que não se faça nenhum tipo de identificação pessoal.
- III- Os resultados da pesquisa serão socializados no meio acadêmico pelo pesquisador que preservará minha identificação e usará códigos para se referir aos dados que forneçi. Apenas a pesquisadora e sua orientadora poderão identificar os meus dados.

IV- É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

V- Minha colaboração neste estudo será de muita importância para o pesquisador, mas se eu decidir retirar meu consentimento em qualquer fase da realização da pesquisa, eu não serei penalizado (a) ou prejudicado (a) por essa atitude;

VI- Estou ciente que, eventualmente, durante as atividades e ao responder ao questionário, eu poderei sentir algum tipo de constrangimento e que, para diminuir esse risco, eu terei a liberdade de responder ao questionário em qualquer lugar seguro de minha preferência, e terei todo tempo que achar necessário para dar minha colaboração. Tenho conhecimento também que os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Enfim, tendo sido orientado (a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar desta pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas e que autorizo a divulgação dos dados que fornecerei, bem como atesto que recebi uma via deste termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Sousa-PB, 22 de Abril de 2022.

Tamara Maria Ferreira da Silva
Nome do participante

Tamara Maria Ferreira da Silva
Assinatura do responsável do aluno(a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-PPGLE

ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM

PESQUISADORA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES

APÊNDICE 01- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: MILITÂNCIA FEMININA E DITADURA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO COM *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE.

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Objetivo da pesquisa: Analisar, no romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage, os modos de representação da mulher enquanto figura militante no período da ditadura com alunos do 2º ano do ensino médio a partir do método recepcional.

Sobre os participantes da pesquisa: para a realização dessa pesquisa, teremos como participantes os discentes do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, localizada na cidade de Sousa-PB.

Acerca da coleta dos dados e o corpus da pesquisa: os dados desta pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, serão coletados a partir de uma autobiografia de leitor e de dois questionários, envolvendo perguntas não só sobre obras que tematizam o período da ditadura militar no Brasil e a importância de estudar esse tema, mas também acerca da

narrativa de Claudia Lage. Como *corpus* da nossa pesquisa, utilizaremos o romance *O corpo interminável* para investigar os modos como os alunos compreendem não só a relação da mulher com a Ditadura, mas também os traumas ocasionados pelo autoritarismo brasileiro a partir dos personagens principais representados na narrativa em estudo.

Riscos: Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde. Considerando que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, a pesquisadora procurará estabelecer o melhor diálogo possível durante as intervenções, bem como deixará claro aos participantes que eles poderão desistir da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum dano a sua pessoa ou a sua identidade. Além disso, é interessante ressaltar que, por conta do contexto pandêmico, a experiência de leitura com os alunos do 2º ano do ensino médio da escola Celso Mariz poderá ocorrer de forma remota, via *Google Meet*.

Benefícios de participar da pesquisa: a presente pesquisa visa não só contribuir com o ensino de literatura na escola e a formação de leitores qualificados de textos literários no Ensino Médio, mas também permitir aos discentes lançar novos olhares, novas reflexões, perspectivas e interpretações sobre a ditadura militar e a militância feminina contra o autoritarismo brasileiro. Além disso, supõe-se que a narrativa de Claudia Lage pode levar o aluno a compreender a participação e os sofrimentos das mulheres nos atos de resistência contra a Ditadura Militar, incitando-os, assim, a ter um olhar diferenciado sobre a atuação feminina nesse período.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

- I- Serão utilizadas por Francisca Luana Rolim Abrantes, com o meu consentimento, as seguintes fontes de dados: as respostas obtidas a partir de dois questionários e uma autobiografia de leitor acerca da obra *O corpo interminável*, de Claudia Lage.
- II- Os dados adquiridos no decorrer da coleta poderão ser publicados, desde que não se faça nenhum tipo de identificação pessoal.
- III- Os resultados da pesquisa serão socializados no meio acadêmico pelo pesquisador que preservará minha identificação e usará códigos para se referir aos dados que forneci. Apenas a pesquisadora e sua orientadora poderão identificar os meus dados.

IV- É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

V- Minha colaboração neste estudo será de muita importância para o pesquisador, mas se eu decidir retirar meu consentimento em qualquer fase da realização da pesquisa, eu não serei penalizado (a) ou prejudicado (a) por essa atitude;

VI- Estou ciente que, eventualmente, durante as atividades e ao responder ao questionário, eu poderei sentir algum tipo de constrangimento e que, para diminuir esse risco, eu terei a liberdade de responder ao questionário em qualquer lugar seguro de minha preferência, e terei todo tempo que achar necessário para dar minha colaboração. Tenho conhecimento também que os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Enfim, tendo sido orientado (a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar desta pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas e que autorizo a divulgação dos dados que fornecerei, bem como atesto que recebi uma via deste termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Sousa-PB, 22 de Abril de 2022.

Alan Kennedy da Silva,
Nome do participante

Anderson da Silva
Assinatura do responsável do aluno(a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-PPGLE

ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM

PESQUISADORA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES

APÊNDICE 01- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: MILITÂNCIA FEMININA E DITADURA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO COM *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE.

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Objetivo da pesquisa: Analisar, no romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage, os modos de representação da mulher enquanto figura militante no período da ditadura com alunos do 2º ano do ensino médio a partir do método recepcional.

Sobre os participantes da pesquisa: para a realização dessa pesquisa, teremos como participantes os discentes do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, localizada na cidade de Sousa-PB.

Acerca da coleta dos dados e o corpus da pesquisa: os dados desta pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, serão coletados a partir de uma autobiografia de leitor e de dois questionários, envolvendo perguntas não só sobre obras que tematizam o período da ditadura militar no Brasil e a importância de estudar esse tema, mas também acerca da

narrativa de Claudia Lage. Como *corpus* da nossa pesquisa, utilizaremos o romance *O corpo interminável* para investigar os modos como os alunos compreendem não só a relação da mulher com a Ditadura, mas também os traumas ocasionados pelo autoritarismo brasileiro a partir dos personagens principais representados na narrativa em estudo.

Riscos: Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde. Considerando que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, a pesquisadora procurará estabelecer o melhor diálogo possível durante as intervenções, bem como deixará claro aos participantes que eles poderão desistir da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum dano a sua pessoa ou a sua identidade. Além disso, é interessante ressaltar que, por conta do contexto pandêmico, a experiência de leitura com os alunos do 2º ano do ensino médio da escola Celso Mariz poderá ocorrer de forma remota, via *Google Meet*.

Benefícios de participar da pesquisa: a presente pesquisa visa não só contribuir com o ensino de literatura na escola e a formação de leitores qualificados de textos literários no Ensino Médio, mas também permitir aos discentes lançar novos olhares, novas reflexões, perspectivas e interpretações sobre a ditadura militar e a militância feminina contra o autoritarismo brasileiro. Além disso, supõe-se que a narrativa de Claudia Lage pode levar o aluno a compreender a participação e os sofrimentos das mulheres nos atos de resistência contra a Ditadura Militar, incitando-os, assim, a ter um olhar diferenciado sobre a atuação feminina nesse período.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

- I- Serão utilizadas por Francisca Luana Rolim Abrantes, com o meu consentimento, as seguintes fontes de dados: as respostas obtidas a partir de dois questionários e uma autobiografia de leitor acerca da obra *O corpo interminável*, de Claudia Lage.
- II- Os dados adquiridos no decorrer da coleta poderão ser publicados, desde que não se faça nenhum tipo de identificação pessoal.
- III- Os resultados da pesquisa serão socializados no meio acadêmico pelo pesquisador que preservará minha identificação e usará códigos para se referir aos dados que forneci. Apenas a pesquisadora e sua orientadora poderão identificar os meus dados.

IV- É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

V- Minha colaboração neste estudo será de muita importância para o pesquisador, mas se eu decidir retirar meu consentimento em qualquer fase da realização da pesquisa, eu não serei penalizado (a) ou prejudicado (a) por essa atitude;

VI- Estou ciente que, eventualmente, durante as atividades e ao responder ao questionário, eu poderei sentir algum tipo de constrangimento e que, para diminuir esse risco, eu terei a liberdade de responder ao questionário em qualquer lugar seguro de minha preferência, e terei todo tempo que achar necessário para dar minha colaboração. Tenho conhecimento também que os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Enfim, tendo sido orientado (a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar desta pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas e que autorizo a divulgação dos dados que fornecerei, bem como atesto que recebi uma via deste termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Sousa-PB, 22 de Abril de 2022.

Maria Imaculada Alencar Berrama
Nome do participante

Maria dos Remédios Alencar
Assinatura do responsável do aluno(a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-PPGLE

ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM

PESQUISADORA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES

APÊNDICE 01- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: MILITÂNCIA FEMININA E DITADURA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO COM *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE.

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Objetivo da pesquisa: Analisar, no romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage, os modos de representação da mulher enquanto figura militante no período da ditadura com alunos do 2º ano do ensino médio a partir do método recepcional.

Sobre os participantes da pesquisa: para a realização dessa pesquisa, teremos como participantes os discentes do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, localizada na cidade de Sousa-PB.

Acerca da coleta dos dados e o corpus da pesquisa: os dados desta pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, serão coletados a partir de uma autobiografia de leitor e de dois questionários, envolvendo perguntas não só sobre obras que tematizam o período da ditadura militar no Brasil e a importância de estudar esse tema, mas também acerca da

narrativa de Claudia Lage. Como *corpus* da nossa pesquisa, utilizaremos o romance *O corpo interminável* para investigar os modos como os alunos compreendem não só a relação da mulher com a Ditadura, mas também os traumas ocasionados pelo autoritarismo brasileiro a partir dos personagens principais representados na narrativa em estudo.

Riscos: Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde. Considerando que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, a pesquisadora procurará estabelecer o melhor diálogo possível durante as intervenções, bem como deixará claro aos participantes que eles poderão desistir da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum dano a sua pessoa ou a sua identidade. Além disso, é interessante ressaltar que, por conta do contexto pandêmico, a experiência de leitura com os alunos do 2º ano do ensino médio da escola Celso Mariz poderá ocorrer de forma remota, via *Google Meet*.

Benefícios de participar da pesquisa: a presente pesquisa visa não só contribuir com o ensino de literatura na escola e a formação de leitores qualificados de textos literários no Ensino Médio, mas também permitir aos discentes lançar novos olhares, novas reflexões, perspectivas e interpretações sobre a ditadura militar e a militância feminina contra o autoritarismo brasileiro. Além disso, supõe-se que a narrativa de Claudia Lage pode levar o aluno a compreender a participação e os sofrimentos das mulheres nos atos de resistência contra a Ditadura Militar, incitando-os, assim, a ter um olhar diferenciado sobre a atuação feminina nesse período.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

- I- Serão utilizadas por Francisca Luana Rolim Abrantes, com o meu consentimento, as seguintes fontes de dados: as respostas obtidas a partir de dois questionários e uma autobiografia de leitor acerca da obra *O corpo interminável*, de Claudia Lage.
- II- Os dados adquiridos no decorrer da coleta poderão ser publicados, desde que não se faça nenhum tipo de identificação pessoal.
- III- Os resultados da pesquisa serão socializados no meio acadêmico pelo pesquisador que preservará minha identificação e usará códigos para se referir aos dados que forneci. Apenas a pesquisadora e sua orientadora poderão identificar os meus dados.

IV- É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

V- Minha colaboração neste estudo será de muita importância para o pesquisador, mas se eu decidir retirar meu consentimento em qualquer fase da realização da pesquisa, eu não serei penalizado (a) ou prejudicado (a) por essa atitude;

VI- Estou ciente que, eventualmente, durante as atividades e ao responder ao questionário, eu poderei sentir algum tipo de constrangimento e que, para diminuir esse risco, eu terei a liberdade de responder ao questionário em qualquer lugar seguro de minha preferência, e terei todo tempo que achar necessário para dar minha colaboração. Tenho conhecimento também que os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Enfim, tendo sido orientado (a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar desta pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas e que autorizo a divulgação dos dados que fornecerei, bem como atesto que recebi uma via deste termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Sousa-PB, 22 de Abril de 2022.

Carlos Eduardo Linselin da Silva

Nome do participante

Francisca das Chagas Silva

Assinatura do responsável do aluno(a)

APÊNDICE B: Autobiografia de leitor.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-
PPGLE



ORIENTADOR: EDILSON DE AMORIM
PESQUISADORA: LUANA ABRANTES

Autobiografia de Leitor

Eu inicialmente não gosto de ler, sempre peço a
paciência quando peço ler, alguma coisa no livro
quando é obrigatório ou quando vejo uma frase
ou conversa nos redes sociais, não tenho muito prazer
me em falar sobre livros e outras coisas etc.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-
PPGLE



ORIENTADOR: EDILSON DE AMORIM
PESQUISADORA: LUANA ABRANTES

Autobiografia de Leitor

Eu não gosto muito de ler mas tem alguns tipos de livros que chama um pouco do minha atenção. Romance e um livro que chama um pouco do tempo. Nem todos mas tem alguns que são bem interessantes. A leitura muitos falam que é uma coisa muito importante que pode ajudar no desempenho de várias pessoas mas eu não pratico muito a leitura. Eu cheguei a ler alguns livros mas faz muito tempo. Li por aí não gostei muito dos livros e isso não gosto muito de ler espero ter ajudado.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-
PPGLE



ORIENTADOR: EDILSON DE AMORIM
PESQUISADORA: LUANA ABRANTES

Autobiografia de Leitor

em vezes eu gosto de ler. Tem momentos que a
 leitura pode ser bombar. Mais eu gosto mais
 de ler sobre temas de romance e muito bom
 tem livros que eu gosto mais como
 jorney e gliba. Mais a leitura das
 faz bem ela estimula o raciocínio e
 melhora o vocabulário, aumenta a capacidade
 de entender mais coisas as coisas
 e assim.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-
PPGLE



ORIENTADOR: EDILSON DE AMORIM
PESQUISADORA: LUANA ABRANTES

Autobiografia de Leitor

Geralmente quando criança eu sempre gostava de ler livros didáticos, cuja história não era tão desinteressante, mas que, mesmo assim, naquela época, era algo muito divertido para mim.

Com o passar do tempo minhas opiniões sobre literatura foram mudando. Foi sendo com que eu gostei de conteúdo um pouco mais complexo e fictício. Foi daí que eu conheci os livros de Júlio Verne, sendo que o primeiro livro que eu li desse autor foi *Vinte mil léguas submersas*, que aliás era em quadrinho, e virou um dos livros que eu mais gostei.

Mas é claro, que não posso deixar de cita o fato que não li muitos livros, mas sempre vários literaturas importantes pela televisão. No momento, eu ainda gosto de histórias fictícias e com um bom desenvolvimento de personagem e etc. Apesar de que não lio com frequência, eu ainda gosto de ler um pouco.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-
PPGLE



ORIENTADOR: EDILSON DE AMORIM
PESQUISADORA: LUANA ABRANTES

Autobiografia de Leitor

Eu não gostava ler livros, porém já tive experiências em sala de aula com livros como por exemplo o tão famoso Romeu e Julieta um romance trágico de William Shakespeare um livro muito bom com o texto lírico, ultimamente tenho interesse em ler muitos livros e não começo a ler mais só os livros com histórias sobre a sociedade e a história dela, a leitura é necessária ~~mas~~ mas é preciso ser desperta por textos, poemas e leituras em geral que chamem atenção a curiosidade e bem difícil ter essa vontade hoje com tantos livros que roubam a atenção das pessoas principalmente a minha porém quero ~~começar~~ começar a ler novos livros.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-
PPGLE



ORIENTADOR: EDILSON DE AMORIM
PESQUISADORA: LUANA ABRANTES

Autobiografia de Leitor

*não tenho o hábito de leitura.
Porque eu nunca tive muito interesse, mas
gostaria de participar.*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-
PPGLE



ORIENTADOR: EDILSON DE AMORIM
PESQUISADORA: LUANA ABRANTES

Autobiografia de Leitor

Minha vivência literária

Minha atração por livros começou por livros históricos de terror e ação. Um dos melhores livros que já li chama-se "pacto de sangue", a elegância da escrita me deixou impressionado. Simplemente o assunto de luxo foi outro motivo (além) pelo qual eu me interessei a forma que aconteceu (e descreveu) o mundo dos personagens principais, foi incrível a descoberta de quais eram os motivos para tais barbaridades e condições de vida de ditador e de larul.

O livro faz a gente ver um mundo dominado por rampantes, onde humanos eram capturados para serem usados de alimento e como criados. Os reinos eram divididos em reinos mortos, reinos vivos e reinos que tinham mais poder, reinos mortos e vivos (com muitos reinos capturados e vendidos como escravos).

O personagem principal era um "humano" chamado que tentava ao máximo não ser capturado, e sempre por isso mal ao ver sangue e sempre tomava um determinado sempre umido. Em certo capítulo ele se capturado e preso depois de ser designado para ser alimento do príncipe do morto, ao decorrer da história sua mãe acabou sendo morta pelo rei do sul que no final ele descobriu que é seu pai. Quando conseguiu escapar (por algum motivo) ele mata o rei do sul e começa a sua vida e assumindo o trono e se torna rei. Ele liberta os humanos e eles começam a doar de livros e experimentam a vida e a vida.

E com mais histórias assim continua sendo minha experiência literária.

APÊNDICE C- Perguntas norteadoras para o entendimento da narrativa *O corpo interminável*, de Claudia Lage.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO
ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM
ORIENTANDA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES



O TEXTO E O LEITOR

OBRA: *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE
CAPÍTULO: PRESENCAS

1. Quem fala nesse capítulo?
Reconta uma mistura de vozes, de narradores entre Melina, Daniel e Normandos.
2. Que tempo está sendo narrado?
Ditadura militar
3. Onde Daniel conhece Melina?
No Bulhetaço, ~~se~~ onde liam o mesmo livro.
4. Possivelmente, quem é a criança que o narrador afirma ter sido arrancada da mãe?
Daniel
5. Por que o título da obra de Claudia Lage é intitulado *O corpo interminável*?
Porque as pessoas semiam do nada, eram torturadas e mortas e ninguém sabia que acontecia com as aquelas pessoas que sumiam.
6. De acordo com a narrativa, o que aconteceu com a mãe de Daniel?
Ela foi torturada quando estava grávida, por ser uma militante.
7. Por que o avô do personagem não gostava de falar da filha?
Porque ele tinha um apreço do ditador militar e pode ter contribuído para a morte da mãe de Daniel
8. Na obra, Melina afirma que os pais viviam em uma época imune ao que ela traz. Que época era essa? E porque isso causava preocupação à personagem?
Porque o pai dela era opoitor do ditador militar e ele torturava pessoas sem ninguém saber e a mãe de Melina não sabia. E ela era uma militante ~~e~~ e tinha vergonha disso.

JOSÉ LOPES CHAGAS DE SOUSA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO
ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM
ORIENTANADA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES



O TEXTO E O LEITOR

OBRA: *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE
CAPÍTULO: PRESENÇAS

1. Quem fala nesse capítulo?

O NARRADOR PRIMEIRO

2. Que tempo está sendo narrado?

Presente e passado

3. Onde Daniel conhece Melina?

Na Abadia onde ele deu seu livro semelhanças

4. Possivelmente, quem é a criança que o narrador afirma ter sido arrancada da mãe?

DANIEL

5. Por que o título da obra de Claudia Lage é intitulado *O corpo interminável*?

É a obra em que ela procura sem dizer palavras e
que corpo que a desdobra a medida como
ele mesmo age dentro.

6. De acordo com a narrativa, o que aconteceu com a mãe de Daniel?

Foi tentada e morreu e o nome dela é
o tempo.

7. Por que o avô do personagem não gostava de falar da filha?

Por que ele tinha vergonha de falar que ele
a história e que quis que o Daniel fosse.

8. Na obra, Melina afirma que os pais viviam em uma época imune ao que ela traz. Que época era essa?
Por que isso causava vergonha à personagem?

Viviam na época da ditadura. Isso causava vergonha
por que ele foi o primeiro a ditadura.



Andrey

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO
ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM
ORIENTANADA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES



O TEXTO E O LEITOR

OBRA: *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE
CAPÍTULO: PRESENCAS

1. Quem fala nesse capítulo?
Melina
2. Que tempo está sendo narrado?
passado
3. Onde Daniel conhece Melina?
na Biblioteca
4. Possivelmente, quem é a criança que o narrador afirma ter sido arrancada da mãe?
Daniel
5. Por que o título da obra de Claudia Lage é intitulado *O corpo interminável*?
que não importa o quanto sejamos
oprimidos e humilhados, sempre teremos
um pouco de esperança.
6. De acordo com a narrativa, o que aconteceu com a mãe de Daniel?
foi torturada e morta.
7. Por que o avô do personagem não gostava de falar da filha?
porque ele ainda sentia muito por sua
perda.
8. Na obra, Melina afirma que os pais viviam em uma época imune ao que ela traz. Que época era essa? Por que isso causava vergonha à personagem?
na época da ditadura, onde ela lutava
pelos seus direitos.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO
ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM
ORIENTANADA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES



O TEXTO E O LEITOR

OBRA: *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE
CAPÍTULO: PRESENÇAS

1. Quem fala nesse capítulo?

Daniel

2. Que tempo está sendo narrado?

do tempo no presente e no passado de Daniel e Melina e de outros personagens.

3. Onde Daniel conhece Melina?

numa biblioteca.

4. Possivelmente, quem é a criança que o narrador afirma ter sido arrancada da mãe?

Daniel, ou o filho que melina teve.

5. Por que o título da obra de Claudia Lage é intitulado *O corpo interminável*?

Porque melina vive o corpo de uma pessoa, seu melho lado morto e vivo, de os sentimentos, atos e memórias que ele causa nunca acabam como se ele nunca tivesse sumido.

6. De acordo com a narrativa, o que aconteceu com a mãe de Daniel?

Ela possivelmente, raptada por três homens sem dela restar.

7. Por que o avô do personagem não gostava de falar da filha?

Porque aquilo trazia-lhe mais sentimentos e lembranças.

8. Na obra, Melina afirma que os pais viviam em uma época imune ao que ela traz. Que época era essa? Por que isso causava vergonha à personagem?

Época da ditadura, porque seu pai era opido da ditadura.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
 UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
 PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO
 ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM
 ORIENTANADA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES



O TEXTO E O LEITOR

OBRA: *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE
 CAPÍTULO: PRESENÇAS

1. Quem fala nesse capítulo?
 Daniel em primeira
 2. Que tempo está sendo narrado?
 passado e presente
 3. Onde Daniel conhece Melina?
 Sabem na biblioteca
 4. Possivelmente, quem é a criança que o narrador afirma ter sido arrancada da mãe?
 Daniel
5. Por que o título da obra de Claudia Lage é intitulado *O corpo interminável*?
- Por que se tornamos corpos nos
 esquecemos? o corpo e a mente mudam
6. De acordo com a narrativa, o que aconteceu com a mãe de Daniel?
- Ela foi abandonada e morreu nos braços
 por uma grande dor em sua vida
7. Por que o avô do personagem não gostava de falar da filha?
- Por que ele se lembra da mãe por causa
 de um acidente com a filha e a mãe
8. Na obra, Melina afirma que os pais viviam em uma época imune ao que ela traz. Que época era essa?
 Por que isso causava vergonha à personagem?
- Antes da guerra - eles tinham dinheiro
 e a mãe não trabalhava mais



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO
ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM
ORIENTANADA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES



O TEXTO E O LEITOR

OBRA: *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE
CAPÍTULO: PRESENCAS

1. Quem fala nesse capítulo?

Daniel melina.

2. Que tempo está sendo narrado?

No passado e no presente.

3. Onde Daniel conhece Melina?

Acabou na biblioteca.

4. Possivelmente, quem é a criança que o narrador afirma ter sido arrancada da mãe?

daniel

5. Por que o título da obra de Claudia Lage é intitulado *O corpo interminável*?

Por conta de traumas causados nos personagens, além de estar aberto.

6. De acordo com a narrativa, o que aconteceu com a mãe de Daniel?

Foi torturada e abusada por pessoas por uma grande parte de sua vida.

7. Por que o avô do personagem não gostava de falar da filha?

Porque ele se sentiu culpado por causa da ausência com a filha.

8. Na obra, Melina afirma que os pais viviam em uma época imune ao que ela traz. Que época era essa? Por que isso causava vergonha à personagem?

ditadora - os pais além tinham medo de ser exposto como não estavam nela.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO
ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM
ORIENTANADA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES



O TEXTO E O LEITOR

OBRA: *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE
CAPÍTULO: PRESENCAS

1. Quem fala nesse capítulo?

Daniel e Melina

2. Que tempo está sendo narrado?

passado e presente

3. Onde Daniel conhece Melina?

em uma biblioteca

4. Possivelmente, quem é a criança que o narrador afirma ter sido arrancada da mãe?

Daniel

5. Por que o título da obra de Claudia Lage é intitulado *O corpo interminável*?

Por conta do trauma causado nos personagens sendo levada a consequências as vidas deles

6. De acordo com a narrativa, o que aconteceu com a mãe de Daniel?

foi torturada e abusada e depois abortada

7. Por que o avô do personagem não gostava de falar da filha?

pelos sonhos e tristezas de saber como a vida da filha foi por tudo o que ela passou e ele poderia se sentir culpado por isso

8. Na obra, Melina afirma que os pais viviam em uma época imune ao que ela traz. Que época era essa? Por que isso causava vergonha à personagem?

a ditadura militar, os pais dela tinham vivido essa época, como se não estivessem nela, mesmo a mãe dela sendo uma ex-guerrilha



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
 UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
 PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO
 ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM
 ORIENTANADA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES



O TEXTO E O LEITOR

OBRA: *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE
 CAPÍTULO: PRESENCAS

1. Quem fala nesse capítulo?

Daniel

2. Que tempo está sendo narrado?

O tempo passado e presente de Daniel.

3. Onde Daniel conhece Melina?

na biblioteca da faculdade

4. Possivelmente, quem é a criança que o narrador afirma ter sido arrancada da mãe?

Daniel

5. Por que o título da obra de Claudia Lage é intitulado *O corpo interminável*?

O corpo interminável seria uma metáfora a falar e todos que insistem dividindo o que acreditaram.

6. De acordo com a narrativa, o que aconteceu com a mãe de Daniel?

Ela se tentou e morreu.

7. Por que o avô do personagem não gostava de falar da filha?

Pois se sentia culpado pela morte da filha e de seus amigos.

8. Na obra, Melina afirma que os pais viviam em uma época imune ao que ela traz. Que época era essa? Por que isso causava vergonha à personagem?

A ditadura, o fato de seu pai ser um fotógrafo desalinhado da ditadura militar.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO
ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM
ORIENTANADA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES



Ryan da Silva Marques

O TEXTO E O LEITOR

OBRA: *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE
CAPÍTULO: PRESENÇAS

1. Quem fala nesse capítulo?

Quem fala neste capítulo é Daniel.

2. Que tempo está sendo narrado?

tempo passado e presente de Daniel.

3. Onde Daniel conhece Melina?

Daniel conhece melina na biblioteca da escola.

4. Possivelmente, quem é a criança que o narrador afirma ter sido arrancada da mãe?

Provavelmente Daniel.

5. Por que o título da obra de Claudia Lage é intitulado *O corpo interminável*?

O corpo interminável seria uma metáfora a todos e todas que mereçam defendê-lo e que acreditavam.

6. De acordo com a narrativa, o que aconteceu com a mãe de Daniel?

foi sequestrada e morta.

7. Por que o avô do personagem não gostava de falar da filha?

porque se sentia culpado pela morte da filha e de seus amigos.

8. Na obra, Melina afirma que os pais viviam em uma época imune ao que ela traz. Que época era essa? Por que isso causava vergonha à personagem?

A ditadura, o pai dela foi folegrado durante a ditadura militar e isso causava vergonha à personagem.



Oaiam
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
 UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
 PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO
 ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM
 ORIENTANADA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES



O TEXTO E O LEITOR

OBRA: *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE
 CAPÍTULO: PRESENCAS

1. Quem fala nesse capítulo?
 Daniel
2. Que tempo está sendo narrado?
 O tempo passado e presente de Daniel
3. Onde Daniel conhece Melina?
 em uma biblioteca da faculdade
4. Possivelmente, quem é a criança que o narrador afirma ter sido arrancada da mãe?
 Daniel
5. Por que o título da obra de Claudia Lage é intitulado *O corpo interminável*?
 O corpo interminável seria uma metáfora
 as vidas e vidas que sucedem dependendo
 do que acontecem
6. De acordo com a narrativa, o que aconteceu com a mãe de Daniel?
 Ela foi furacada e morta
7. Por que o avô do personagem não gostava de falar da filha?
 ele se sentia culpado pela morte da
 filha e de seus amigos
8. Na obra, Melina afirma que os pais viviam em uma época imune ao que ela traz. Que época era essa?
 Por que isso causava vergonha à personagem?
 a ditadura, o fato de seu pai ser um
 historiador.

APÊNDICE D- Questionário do horizonte de expectativa do leitor.



QUESTIONÁRIO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVA DO
LEITOR



Andrey Pereira da Silva 2º "A"

1. Qual o contexto representado na obra de Claudia Lage?
 A Ditadura militar
2. De que forma a mulher é configurada no romance *O corpo interminável*?
 Como uma sedutora.
3. Como Daniel lida com o fato de não conhecer a história de sua mãe?
 Com muita dúvida e angústia
4. Conforme a narrativa, por que o avô de Daniel não gostava de falar sobre a sua filha Júlia?
 porque ele ainda sentia muita dor por sua filha e ainda por não saber o que tinha acontecido com ela.
5. Em relação à Melina, o que ela descobre acerca de seu pai?
 que ele era quem fotografava as pessoas mortas.
6. Por que a mãe de Melina acaba se separando do marido?
 por causa que ele fazia parte da ditadura.
7. Como os atos de torturas ao corpo feminino são retratados no romance de Claudia Lage?
 Como violentas e desumanas atos as mulheres por utilizar choque nos seios e órgãos sexuais.

8. De que maneira os conflitos das personagens militantes são configurados nesse romance?

Com muito abuso que faz elas sentirem agonia, ódio e tristeza.

9. Por que o livro é intitulado *O corpo interminável*?

É um corpo que nunca atala, um dor que nunca atala.

10. Leiamos o fragmento a seguir:

[...] Anos depois, décadas, quando já tínhamos vendido a nossa casa, quando aquele endereço por onde sempre passávamos já havia se revelado como o lugar de onde ninguém saía vivo, eu voltei. Quando descobríamos o que acontecia dentro daquelas paredes? Não consigo me lembrar. Quando as minhas lembranças de infância foram contaminadas por essa descoberta? O que eu fiz? O que meus pais fizeram? Como foram as nossas reações? Não lembro. O que aconteceu com a minha memória? Não sei.

Os meus pais venderam a casa e se separaram, ou se separaram e venderam a casa. Uma coisa está relacionada a outra que não consigo definir a ordem dos acontecimentos. Quando voltei lá, não voltei apenas pela Casa da Morte, como ficou conhecida depois, voltei também pela minha casa da infância. Voltei por aquele trajeto percorrido entre a inocência e o horror [...] Não há nenhum registro do que aconteceu. É uma casa como outra qualquer. Pedidos já foram feitos, protocolados. Mas ela ainda está lá, como se nada tivesse acontecido (LAGE, 2019, p. 57-58).

a) Por que a casa de Petrópolis é denominada “Casa da Morte”?

foi onde aconteceram muitas torturas e ninguém saía vivo.

b) Por que Melina afirma que o trajeto percorrido durante toda a sua infância representa a inocência e o horror?

porque para uma criança aquilo era muito pesado.

c) A personagem afirma que não há nenhum registro do que acontecia na Casa da Morte. Por que ela faz essa declaração?

porque ninguém via o que acontecia lá dentro.



QUESTIONÁRIO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVA DO
LEITOR



1. Qual o contexto representado na obra de Claudia Lage?

Didática militar.

2. De que forma a mulher é configurada no romance *O corpo interminável*?

Uma mulher que sofre.

3. Como Daniel lida com o fato de não conhecer a história de sua mãe?

Ele é um homem triste, traumatizado.

4. Conforme a narrativa, por que o avô de Daniel não gostava de falar sobre a sua filha Júlia?

Por ele se sente culpado.

5. Em relação à Melina, o que ela descobre acerca de seu pai?

Ele é um apoiador da polícia militar e tirava fotos.

6. Por que a mãe de Melina acaba se separando do marido?

Por que ela descobriu que o marido tirava fotos das pessoas torturadas.

7. Como os atos de torturas ao corpo feminino são retratados no romance de Claudia Lage?

Ela sofria abusos físicos e tinha problemas psicológicos e sofria choques nas partes íntimas.

8. De que maneira os conflitos das personagens militantes são configurados nesse romance?

Os personagens são magros e não lutam e tentam minimizar o máximo, mas que não fazem do romance.

9. Por que o livro é intitulado *O corpo interminável*?

Porque a personagem melina bastante trauica, ela não tinha o corpo interminável.

10. Leiamos o fragmento a seguir:

[...] Anos depois, décadas, quando já tínhamos vendido a nossa casa, quando aquele endereço por onde sempre passávamos já havia se revelado como o lugar de onde ninguém saía vivo, eu voltei. Quando descobríamos o que acontecia dentro daquelas paredes? Não consigo me lembrar. Quando as minhas lembranças de infância foram contaminadas por essa descoberta? O que eu fiz? O que meus pais fizeram? Como foram as nossas reações? Não lembro. O que aconteceu com a minha memória? Não sei.

Os meus pais venderam a casa e se separaram, ou se separaram e venderam a casa. Uma coisa está relacionada a outra que não consigo definir a ordem dos acontecimentos. Quando voltei lá, não voltei apenas pela Casa da Morte, como ficou conhecida depois, voltei também pela minha casa da infância. Voltei por aquele trajeto percorrido entre a inocência e o horror [...] Não há nenhum registro do que aconteceu. É uma casa como outra qualquer. Pedidos já foram feitos, protocolados. Mas ela ainda está lá, como se nada tivesse acontecido (LAGE, 2019, p. 57-58).

a) Por que a casa de Petrópolis é denominada “Casa da Morte”?

Porque lá tinha as memórias trauicas de melina sobre a casa.

b) Por que Melina afirma que o trajeto percorrido durante toda a sua infância representa a inocência e o horror?

Porque ela pelas tentunas que ela descobriu.

c) A personagem afirma que não há nenhum registro do que acontecia na Casa da Morte.

Por que ela faz essa declaração?

Porque ela não se lembrava de não sabia.



QUESTIONÁRIO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVA DO
LEITOR



1. Qual o contexto representado na obra de Claudia Lage?

O ditador militar

2. De que forma a mulher é configurada no romance *O corpo interminável*?

como uma desobediência

3. Como Daniel lida com o fato de não conhecer a história de sua mãe?

com muita dor e angústia

4. Conforme a narrativa, por que o avô de Daniel não gostava de falar sobre a sua filha Júlia?

Por que ele ainda sente muita dor por sua filha e ainda não sabe o que tinha acontecido com ela.

5. Em relação à Melina, o que ela descobre acerca de seu pai?

que ele era quem fotografava as partes das ditadoras mortas.

6. Por que a mãe de Melina acaba se separando do marido?

por causa que ele fazia parte da ditadura.

7. Como os atos de torturas ao corpo feminino são retratados no romance de Claudia Lage?

como vítimas e demônios das mulheres por utilizarem o corpo nos atos e corpos deuses.

8. De que maneira os conflitos das personagens militantes são configurados nesse romance?

Muito abuso isso precisa ter.

9. Por que o livro é intitulado *O corpo interminável*?

Por que tem várias partes, várias histórias, ninguém sabe a verdadeira história.

10. Leiamos o fragmento a seguir:

[...] Anos depois, décadas, quando já tínhamos vendido a nossa casa, quando aquele endereço por onde sempre passávamos já havia se revelado como o lugar de onde ninguém saía vivo, eu voltei. Quando descobríamos o que acontecia dentro daquelas paredes? Não consigo me lembrar. Quando as minhas lembranças de infância foram contaminadas por essa descoberta? O que eu fiz? O que meus pais fizeram? Como foram as nossas reações? Não lembro. O que aconteceu com a minha memória? Não sei.

Os meus pais venderam a casa e se separaram, ou se separaram e venderam a casa. Uma coisa está relacionada a outra que não consigo definir a ordem dos acontecimentos. Quando voltei lá, não voltei apenas pela Casa da Morte, como ficou conhecida depois, voltei também pela minha casa da infância. Voltei por aquele trajeto percorrido entre a inocência e o horror [...] Não há nenhum registro do que aconteceu. É uma casa como outra qualquer. Pedidos já foram feitos, protocolados. Mas ela ainda está lá, como se nada tivesse acontecido (LAGE, 2019, p. 57-58).

a) Por que a casa de Petrópolis é denominada “Casa da Morte”?

É uma casa como qualquer outra.

b) Por que Melina afirma que o trajeto percorrido durante toda a sua infância representa a inocência e o horror?

Por que passei muitos momentos ruins na casa.

c) A personagem afirma que não há nenhum registro do que acontecia na Casa da Morte. Por que ela faz essa declaração?

Porque passou muito tempo passando na casa da morte.



QUESTIONÁRIO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVA DO
LEITOR



1. Qual o contexto representado na obra de Claudia Lage?

contexto da ditadura militar através do per-
do da mãe de Daniel, sofrimento e etc.

2. De que forma a mulher é configurada no romance *O corpo interminável*?

de forma como se ela fosse um objeto,
inútil.

3. Como Daniel lida com o fato de não conhecer a história de sua mãe?

Ele sofre com esse fato, o fato que talvez
ele nunca vá saber quem foi, realmente,
sua mãe e o que ela fez.

4. Conforme a narrativa, por que o avô de Daniel não gostava de falar sobre a sua filha Júlia?

Porque ele se via culpado, é relação
a esse assunto.

5. Em relação à Melina, o que ela descobre acerca de seu pai?

Que ele suportou a ditadura militar, o
que ele era fotógrafo que tirava as fotos
das pessoas mortas.

6. Por que a mãe de Melina acaba se separando do marido?

Porque ela descobriu que ele fotogra-
fava as pessoas mortas, além era foto-
gráfo e amigo dela.

7. Como os atos de torturas ao corpo feminino são retratados no romance de Claudia Lage?

atos violentos, tanto fisicamente quan-
to emocionalmente, por meio de torturas,
chegadas, palavras ofensivas e etc.

8. De que maneira os conflitos das personagens militantes são configurados nesse romance?

Elas são geralmente representadas de forma como se elas sempre vissem sofrimento por causa da ditadura.

9. Por que o livro é intitulado *O corpo interminável*?

Porque o corpo das pessoas mesmo sendo morto, exilado etc, esse corpo nunca desaparece da memória tornando interminável.

10. Leiamos o fragmento a seguir:

[...] Anos depois, décadas, quando já tínhamos vendido a nossa casa, quando aquele endereço por onde sempre passávamos já havia se revelado como o lugar de onde ninguém saía vivo, eu voltei. Quando descobríamos o que acontecia dentro daquelas paredes? Não consigo me lembrar. Quando as minhas lembranças de infância foram contaminadas por essa descoberta? O que eu fiz? O que meus pais fizeram? Como foram as nossas reações? Não lembro. O que aconteceu com a minha memória? Não sei.

Os meus pais venderam a casa e se separaram, ou se separaram e venderam a casa. Uma coisa está relacionada a outra que não consigo definir a ordem dos acontecimentos. Quando voltei lá, não voltei apenas pela Casa da Morte, como ficou conhecida depois, voltei também pela minha casa da infância. Voltei por aquele trajeto percorrido entre a inocência e o horror [...] Não há nenhum registro do que aconteceu. É uma casa como outra qualquer. Pedidos já foram feitos, protocolados. Mas ela ainda está lá, como se nada tivesse acontecido (LAGE, 2019, p. 57-58).

a) Por que a casa de Petrópolis é denominada “Casa da Morte”?

Porque lá foi que aconteceu os mortos dos militantes.

b) Por que Melina afirma que o trajeto percorrido durante toda a sua infância representa a inocência e o horror?

Porque ela não sabia que acontecia morte naquele local e para ela era um local calmo, mas era nesse local que acontecia desumanidade.

c) A personagem afirma que não há nenhum registro do que acontecia na Casa da Morte.

Por que ela faz essa declaração?

Porque naquele caso não há nenhum indício sobre morte, ou seja o registro desse caso era ~~uma~~ “fechado a sete chaves”.



QUESTIONÁRIO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVA DO
LEITOR



1. Qual o contexto representado na obra de Claudia Lage?
Ditadura Militar, violência sofrida contra mulher e outros.
2. De que forma a mulher é configurada no romance *O corpo interminável*?
Elas são mulheres que sofrem o dolor dos homens por serem mulheres e por se serem contra o ditadura militar.
3. Como Daniel lida com o fato de não conhecer a história de sua mãe?
Ele é um homem traumatizado triste e busca por respostas.
4. Conforme a narrativa, por que o avô de Daniel não gostava de falar sobre a sua filha Júlia?
Porque ele se sentia culpado, pois ele entregou o corpo de sua filha.
5. Em relação à Melina, o que ela descobre acerca de seu pai?
Ele descobre que é opressor de ditadura militar e fotografava as vítimas.
6. Por que a mãe de Melina acaba se separando do marido?
Porque ela descobre que o marido tirava fotos das pessoas que eram torturados.
7. Como os atos de torturas ao corpo feminino são retratados no romance de Claudia Lage?
~~Elas sofriam alguns físicos e...~~
Elas sofriam violências físicas e psicológicas. Chiques na vagina, nos seios, além de serem chingadas o tempo todo por serem mulheres.

8. De que maneira os conflitos das personagens militantes são configurados nesse romance?

As personagens eles sofrem, eles lutam...
tentam suprimir o máximo e máximo, morte.
trunfos.

9. Por que o livro é intitulado *O corpo interminável*?

O corpo interminável se quer se referir as vítimas
de ditadura militar, as mulheres e corpos delas.

10. Leiamos o fragmento a seguir:

[...] Anos depois, décadas, quando já tínhamos vendido a nossa casa, quando aquele endereço por onde sempre passávamos já havia se revelado como o lugar de onde ninguém saía vivo, eu voltei. Quando descobríamos o que acontecia dentro daquelas paredes? Não consigo me lembrar. Quando as minhas lembranças de infância foram contaminadas por essa descoberta? O que eu fiz? O que meus pais fizeram? Como foram as nossas reações? Não lembro. O que aconteceu com a minha memória? Não sei.

Os meus pais venderam a casa e se separaram, ou se separaram e venderam a casa. Uma coisa está relacionada a outra que não consigo definir a ordem dos acontecimentos. Quando voltei lá, não voltei apenas pela Casa da Morte, como ficou conhecida depois, voltei também pela minha casa da infância. Voltei por aquele trajeto percorrido entre a inocência e o horror [...] Não há nenhum registro do que aconteceu. É uma casa como outra qualquer. Pedidos já foram feitos, protocolados. Mas ela ainda está lá, como se nada tivesse acontecido (LAGE, 2019, p. 57-58).

a) Por que a casa de Petrópolis é denominada "Casa da Morte"?

Porque lá tinha os memórias de torturas de
melina, ela descreve vários casos lá.

b) Por que Melina afirma que o trajeto percorrido durante toda a sua infância representa a inocência e o horror?

Poros torturas que ela descreveu lá na casa
desde ela viveu.

c) A personagem afirma que não há nenhum registro do que acontecia na Casa da Morte.

Por que ela faz essa declaração?

Porque ela não se lembra ou poderia não
saber.



QUESTIONÁRIO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVA DO
LEITOR



1. Qual o contexto representado na obra de Cláudia Lage?

ditadura militar.

2. De que forma a mulher é configurada no romance *O corpo interminável*?

Uma mulher que sofre muito.

3. Como Daniel lida com o fato de não conhecer a história de sua mãe?

Um homem triste e traumatizado

4. Conforme a narrativa, por que o avô de Daniel não gostava de falar sobre a sua filha Júlia?

Porque ele se sentiu culpado.

5. Em relação à Melina, o que ela descobre acerca de seu pai?

Espionador da ditadura militar e fotografava as vítimas.

6. Por que a mãe de Melina acaba se separando do marido?

Porque ela descobriu que o marido tirava foto das mulheres que eram torturadas.

7. Como os atos de torturas ao corpo feminino são retratados no romance de Cláudia Lage?

Ele sofria violência físicas e psicológicas. Como os choques nas partes íntimas.

8. De que maneira os conflitos das personagens militantes são configurados nesse romance?

as personagens elas sabem, elas lutam e tentam sobreviver ao máximo e no final morrem

9. Por que o livro é intitulado *O corpo interminável*?

Porque a personagem sofria vários abusos e várias torturas.

10. Leiamos o fragmento a seguir:

[...] Anos depois, décadas, quando já tínhamos vendido a nossa casa, quando aquele endereço por onde sempre passávamos já havia se revelado como o lugar de onde ninguém saía vivo, eu voltei. Quando descobrimos o que acontecia dentro daquelas paredes? Não consigo me lembrar. Quando as minhas lembranças de infância foram contaminadas por essa descoberta? O que eu fiz? O que meus pais fizeram? Como foram as nossas reações? Não lembro. O que aconteceu com a minha memória? Não sei.

Os meus pais venderam a casa e se separaram, ou se separaram e venderam a casa. Uma coisa está relacionada a outra que não consigo definir a ordem dos acontecimentos. Quando voltei lá, não voltei apenas pela Casa da Morte, como ficou conhecida depois, voltei também pela minha casa da infância. Voltei por aquele trajeto percorrido entre a inocência e o horror [...] Não há nenhum registro do que aconteceu. É uma casa como outra qualquer. Pedidos já foram feitos, protocolados. Mas ela ainda está lá, como se nada tivesse acontecido (LAGE, 2019, p. 57-58).

a) Por que a casa de Petrópolis é denominada “Casa da Morte”?

Porque lá acontecia vários tipos de coisas estranhas tipo, ninguém se lembrava do que acontecia.

b) Por que Melina afirma que o trajeto percorrido durante toda a sua infância representa a inocência e o horror?

Porque pelas torturas que ela descobriu.

c) A personagem afirma que não há nenhum registro do que acontecia na Casa da Morte.

Por que ela faz essa declaração?

Porque ela não se lembrava e não sabia.

8. De que maneira os conflitos das personagens militantes são configurados nesse romance?

as personagens elas sabem, elas lutam, e tentam sobreviver ao máximo e no final morrem

9. Por que o livro é intitulado *O corpo interminável*?

Porque a personagem sofria várias abusos e várias torturas.

10. Leiamos o fragmento a seguir:

[...] Anos depois, décadas, quando já tínhamos vendido a nossa casa, quando aquele endereço por onde sempre passávamos já havia se revelado como o lugar de onde ninguém saía vivo, eu voltei. Quando descobríamos o que acontecia dentro daquelas paredes? Não consigo me lembrar. Quando as minhas lembranças de infância foram contaminadas por essa descoberta? O que eu fiz? O que meus pais fizeram? Como foram as nossas reações? Não lembro. O que aconteceu com a minha memória? Não sei.

Os meus pais venderam a casa e se separaram, ou se separaram e venderam a casa. Uma coisa está relacionada a outra que não consigo definir a ordem dos acontecimentos. Quando voltei lá, não voltei apenas pela Casa da Morte, como ficou conhecida depois, voltei também pela minha casa da infância. Voltei por aquele trajeto percorrido entre a inocência e o horror [...] Não há nenhum registro do que aconteceu. É uma casa como outra qualquer. Pedidos já foram feitos, protocolados. Mas ela ainda está lá, como se nada tivesse acontecido (LAGE, 2019, p. 57-58).

a) Por que a casa de Petrópolis é denominada “Casa da Morte”?

Porque lá acontecia vários tipos de coisas estranhas tipo, ninguém se lembrava ali nada.

b) Por que Melina afirma que o trajeto percorrido durante toda a sua infância representa a inocência e o horror?

Porque pelas torturas que ela descobriu.

c) A personagem afirma que não há nenhum registro do que acontecia na Casa da Morte.

Por que ela faz essa declaração?

Porque ela não se lembrava e não sabia.

8. De que maneira os conflitos das personagens militantes são configurados nesse romance?

Eles tem que lutar contra o preconceito, para poderem ser livres e serem tratados de forma justa, sem serem mortos.

9. Por que o livro é intitulado *O corpo interminável*?

Porque não sabem o que aconteceu com a mulher e durante o livro debatem o tempo todo sobre o seu desaparecimento. É um mistério que não termina.

10. Leiamos o fragmento a seguir:

[...] Anos depois, décadas, quando já tínhamos vendido a nossa casa, quando aquele endereço por onde sempre passávamos já havia se revelado como o lugar de onde ninguém saía vivo, eu voltei. Quando descobríamos o que acontecia dentro daquelas paredes? Não consigo me lembrar. Quando as minhas lembranças de infância foram contaminadas por essa descoberta? O que eu fiz? O que meus pais fizeram? Como foram as nossas reações? Não lembro. O que aconteceu com a minha memória? Não sei.

Os meus pais venderam a casa e se separaram, ou se separaram e venderam a casa. Uma coisa está relacionada a outra que não consigo definir a ordem dos acontecimentos. Quando voltei lá, não voltei apenas pela Casa da Morte, como ficou conhecida depois, voltei também pela minha casa da infância. Voltei por aquele trajeto percorrido entre a inocência e o horror [...] não há nenhum registro do que aconteceu. É uma casa como outra qualquer. Pedidos já foram feitos, protocolados. Mas ela ainda está lá, como se nada tivesse acontecido (LAGE, 2019, p. 57-58).

a) Por que a casa de Petrópolis é denominada “Casa da Morte”?

Porque foi lá que a mulher sumiu.

b) Por que Melina afirma que o trajeto percorrido durante toda a sua infância representa a inocência e o horror?

Por lá ela sofreu muito, pois era criança e não entendia a crueldade que havia no mundo.

c) A personagem afirma que não há nenhum registro do que acontecia na Casa da Morte.

Por que ela faz essa declaração?

Porque a pai da desaparecida fez questão de anotar tudo que estava no local.



QUESTIONÁRIO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVA DO

LEITOR

GABRIELLY
2ª SÉRIE A



1. Qual o contexto representado na obra de Claudia Lage?

MILITANCIA E A DITADURA

2. De que forma a mulher é configurada no romance *O corpo interminável*?

SOFREDORA QUE BUSCA SEUS DIREITOS

3. Como Daniel lida com o fato de não conhecer a história de sua mãe?

COM DÚVIDA E CERTA ANGUSTIA, BASTANTE
CURIOSO COM O FATO DO AVÔ NÃO LHE CON-
TAR NADA, O MENINO É MEIO INDIFFERENTE.

4. Conforme a narrativa, por que o avô de Daniel não gostava de falar sobre a sua filha Júlia?

PORQUE ELA FAZIA PARTE DO GRUPO DE MILITAN-
TES

5. Em relação à Melina, o que ela descobre acerca de seu pai?

QUE O PAI DELA QUEM FOTOGRAFAVA AS PE-
SSOAS MORTAS, DE CERTA FORMA ELE AUV-
DAVA NA DITADURA.

6. Por que a mãe de Melina acaba se separando do marido?

PORQUE ELE FAZIA PARTE DA DITADURA DE
CERTA FORMA

7. Como os atos de torturas ao corpo feminino são retratados no romance de Claudia Lage?

ATOS VIOLENTOS COMO CHOQUE NOS SEIOS,
NA VAGINA, BANGANDO ABARRIGADA COM A FACO
E CHAMANDO O QUE FIZERAM DE PARTO E ETZ.

8. De que maneira os conflitos das personagens militantes são configurados nesse romance?

É REPRATADA ATRAVÉS DA DOR, PELOS ABUSOS, TRISTEZA POR ESTAR VIVENDO EM UMA SOCIEDADE COM DITADURA.

9. Por que o livro é intitulado *O corpo interminável*?

PORQUE NUNCA SE SABE A VERDADEIRO FINAL DAS HISTÓRIAS DOS PERSONAGENS.

10. Leiamos o fragmento a seguir:

[...] Anos depois, décadas, quando já tínhamos vendido a nossa casa, quando aquele endereço por onde sempre passávamos já havia se revelado como o lugar de onde ninguém saía vivo, eu voltei. Quando descobríamos o que acontecia dentro daquelas paredes? Não consigo me lembrar. Quando as minhas lembranças de infância foram contaminadas por essa descoberta? O que eu fiz? O que meus pais fizeram? Como foram as nossas reações? Não lembro. O que aconteceu com a minha memória? Não sei.

Os meus pais venderam a casa e se separaram, ou se separaram e venderam a casa. Uma coisa está relacionada a outra que não consigo definir a ordem dos acontecimentos. Quando voltei lá, não voltei apenas pela Casa da Morte, como ficou conhecida depois, voltei também pela minha casa da infância. Voltei por aquele trajeto percorrido entre a inocência e o horror [...] Não há nenhum registro do que aconteceu. É uma casa como outra qualquer. Pedidos já foram feitos, protocolados. Mas ela ainda está lá, como se nada tivesse acontecido (LAGE, 2019, p. 57-58).

a) Por que a casa de Petrópolis é denominada “Casa da Morte”?

PORQUE ERA UM LUGAR DE ONDE NINGUÉM SAIA VIVO

b) Por que Melina afirma que o trajeto percorrido durante toda a sua infância representa a inocência e o horror?

A INOCÊNCIA DE NÃO SABER DIREITO O QUE ACONTECIA, E O HORROR DO QUE ACONTECIA LÁ DENTRO

c) A personagem afirma que não há nenhum registro do que acontecia na Casa da Morte.

Por que ela faz essa declaração?

PORQUE NINGUÉM SABIA O QUE SE PASSAVA LÁ ALÉM DELA, TODOS QUE PASSARAM LÁ HAVIAM MORRIDO, E DEIXAR DECLARAÇÃO OU EXPLICAÇÃO



QUESTIONÁRIO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVA DO
LEITOR



JOSÉ LOPES CHOGOS DE SOUSA

1. Qual o contexto representado na obra de Claudia Lage?

A Ditadura e o militearismo

2. De que forma a mulher é configurada no romance *O corpo interminável*?

torturada, sofrida

3. Como Daniel lida com o fato de não conhecer a história de sua mãe?

Ele cresceu com o silêncio de seu avô, ele
foi um menino que não sabia da sua
história, com culpa e muita angústia

4. Conforme a narrativa, por que o avô de Daniel não gostava de falar sobre a sua filha Júlia?

Por que ela foi parte do grupo
que era contra o governo, o grupo
militante.

5. Em relação à Melina, o que ela descobre acerca de seu pai?

que ele era fotógrafo que se fotografava
as pessoas mortas

6. Por que a mãe de Melina acaba se separando do marido?

Por que ele participava da Ditadura

7. Como os atos de torturas ao corpo feminino são retratados no romance de Claudia Lage?

Como violência atos que as mulheres
passam, SHOCK mas suas e mais quem
Elas sofrem



QUESTIONÁRIO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVA DO
LEITOR



1. Qual o contexto representado na obra de Claudia Lage?

Ditadura militar através das experiências das personagens.

2. De que forma a mulher é configurada no romance *O corpo interminável*?

Como uma representação das mulheres através das suas intimidades, e também através das tenturas psicológicas e etc.

3. Como Daniel lida com o fato de não conhecer a história de sua mãe?

Ele lida com a falta da mãe, com a negligência de sua história, e falta de mãe sobre o que aconteceu.

4. Conforme a narrativa, por que o avô de Daniel não gostava de falar sobre a sua filha Júlia?

Porque ele acha que é culpado pelo morte de filha, por ter entregado o corpo da filha na intenção de que ela fosse salva.

5. Em relação à Melina, o que ela descobre acerca de seu pai?

Que ele era um colaborador de ditadura (ele era o foto-grafista).

6. Por que a mãe de Melina acaba se separando do marido?

Porque ela descobre que ele traía.

7. Como os atos de torturas ao corpo feminino são retratados no romance de Claudia Lage?

Com diálogos em terceira e primeira pessoa, quando elas estão com gravidez elas passam tenturas psicológicas (não

são com tu mas filha engravidando), quando elas não dão a luz elas abocam o braco delas sem anestesia em um lugar escuro e umido.

8. De que maneira os conflitos das personagens militantes são configurados nesse romance?

Os conflitos são locais e são tratados como
objetos

9. Por que o livro é intitulado *O corpo interminável*?

É uma metáfora para aqueles corpos que nunca foram
encerrados, para aqueles que nunca voltaram para casa
e para seus familiares.

10. Leiamos o fragmento a seguir:

[...] Anos depois, décadas, quando já tínhamos vendido a nossa casa, quando aquele endereço por onde sempre passávamos já havia se revelado como o lugar de onde ninguém saía vivo, eu voltei. Quando descobríamos o que acontecia dentro daquelas paredes? Não consigo me lembrar. Quando as minhas lembranças de infância foram contaminadas por essa descoberta? O que eu fiz? O que meus pais fizeram? Como foram as nossas reações? Não lembro. O que aconteceu com a minha memória? Não sei.

Os meus pais venderam a casa e se separaram, ou se separaram e venderam a casa. Uma coisa está relacionada a outra que não consigo definir a ordem dos acontecimentos. Quando voltei lá, não voltei apenas pela Casa da Morte, como ficou conhecida depois, voltei também pela minha casa da infância. Voltei por aquele trajeto percorrido entre a inocência e o horror [...] Não há nenhum registro do que aconteceu. É uma casa como outra qualquer. Pedidos já foram feitos, protocolados. Mas ela ainda está lá, como se nada tivesse acontecido (LAGE, 2019, p. 57-58).

a) Por que a casa de Petrópolis é denominada “Casa da Morte”?

Por lá era onde ocorriam as torturas

b) Por que Melina afirma que o trajeto percorrido durante toda a sua infância representa a inocência e o horror?

Por quando ela descobriu o que o pai fazia ela
não conseguia pensar no pai como uma pessoa
boa

c) A personagem afirma que não há nenhum registro do que acontecia na Casa da Morte.

Por que ela faz essa declaração?

Porque precisa esquecer de tudo o que aconteceu

APÊNDICE E- *Feedback* acerca da experiência de leitura.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-
PPGLE



PESQUISADORA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES
ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM

FEEDBACK DA EXPERIÊNCIA DE LEITURA

Chegamos ao fim de nossa pesquisa. Agora, gostaríamos de que vocês falassem um pouco sobre a experiência de leitura com o romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage.

A leitura do livro *O corpo interminável*, traz para o leitor muito da ditadura, a militância feminina que as mulheres foram duplamente torturadas primeiro por elas serem mulheres e depois por seu papel perante a sociedade. Perguntamos porque quisiam chegar a quem fossem ouvidas, não queriam ser impostas a o papel que a sociedade impõe a mulheres que a mulher seja dona de casa por exemplo, e em segundo por estarem em meio os homens onde tinha vários homens e por isso muitas foi duplamente torturada e várias outras mulheres, também existem casos que os papéis de mulheres e homens não foram entendidos até o dia de hoje. até hoje nos mulheres somos impostas a papéis na sociedade, existem sim militantes hoje porém que também já sofreram e sofrem por torturas mentais por lembranças e vivências de elas e a lembrança das dias de militância e tortura. O livro traz pra nós a perspectiva a história de nos mulheres, a memória e corpo, a experiência de viver e entender o livro *O corpo interminável* e tocar a história por trás e foi maravilhosa, o livro e super bem informativo sobre a militância feminista e a ditadura militar e papel da mulher é muito mais que ser o que a sociedade impõe.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-
PPGLE



PESQUISADORA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES
ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM

FEEDBACK DA EXPERIÊNCIA DE LEITURA

Chegamos ao fim de nossa pesquisa. Agora, gostaríamos de que vocês falassem um pouco sobre a experiência de leitura com o romance *O corpo interminável*, de Cláudia Lage.

Legal a história, mais muito triste as torturas, e dor que aquelas mulheres sofreram, sem poder lutar contra, isso é muito triste. Ainda mais por mim que sou uma mulher negra, acho que é muito importante conhecer o passado pra tomar o presente mais bem que aconteceu no Brasil de violência sofridas por mulheres e literatura, não faz ser mais fortes.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-
PPGLE



PESQUISADORA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES
ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM

FEEDBACK DA EXPERIÊNCIA DE LEITURA

Chegamos ao fim de nossa pesquisa. Agora, gostaríamos de que vocês falassem um pouco sobre a experiência de leitura com o romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage.

Eu gostei muito do romance "o corpo interminável". Nele é narrada a relação de Daniel e Melina. Daniel é filha de uma guerrilheira desaparecida. Melina questiona-se de forma recorrente sobre o passado dos pais. Achei muito triste os relatos das torturas que as pessoas sofriam na época da ditadura. Ache um absurdo as pessoas sofrerem violência só por serem opositores do regime. Naquela época as pessoas não tinham liberdade de expressão e tinham que obedecer as regras que eram impostas, e não seriam oprimidas e correriam risco de morte. Tive muito feliz com o fim da ditadura, infelizmente vários inocentes perderam suas vidas, mas ainda restam voluntários para nos relatar os absurdos da época, e para lutar cada vez mais por um país mais democrático, onde as pessoas têm direito de fala e onde pessoas têm o direito de ir e vir sem serem apreendidas de alguém. O texto me fez valorizar mais o país que temos, atualmente temos muita dificuldade, mas temos liberdade e não temos que fugir de quem não temos, para agradar algum movimento político.

Andrey Pereira da Silva



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-
PPGLE



PESQUISADORA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES
ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM

FEEDBACK DA EXPERIÊNCIA DE LEITURA

Chegamos ao fim de nossa pesquisa. Agora, gostaríamos de que vocês falassem um pouco sobre a experiência de leitura com o romance *O corpo interminável*, de Cláudia Lage.

Eu achei a obra bastante interessante, pois a mãe do garoto ~~morreu~~ sendo ~~portuguesa~~ e depois foi para um hospício e morreu, e seu filho não sabia porque seu avô não queria falar nada, e o menino foi crescendo assim sem saber de nada de sua história, da sua mãe. E o livro fala bastante sobre milícias que foram presos, torturados, mortos e esse livro fala disso de uma forma muito detalhada, que nos faz imaginar as coisas que o mesmo fala.

Eu não gostei muito do livro porque teve alguns trechos que me deixaram um pouco desconfortável.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-
PPGLE



PESQUISADORA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES
ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM

FEEDBACK DA EXPERIÊNCIA DE LEITURA

Chegamos ao fim de nossa pesquisa. Agora, gostaríamos de que você falassem um pouco sobre a experiência de leitura com o romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage.

O corpo interminável é uma novela linda também sou o corpo - não é possível permanecer indiferente diante do que se mostra de como se mora. Quando não se dá conta da dificuldade de manter as atividades e o equilíbrio, mas se passa tempo afurada num altar que sempre parece apegado; mesmo assim há tantas coisas para ler em sua prosa que ainda assim sempre há uma beleza que não se pode perder por tanto ser.

Do ponto de vista técnico do romance gosto de ver o problema de mostrar o mundo ao próximo que não se dá conta de mostrar o mundo ao próximo do personagem de Shakespeare há o romance a Best Breadman

se as linhas de palavras foram escritas com o mesmo ritmo sempre há uma coisa em mente não se dá conta de mostrar o mundo ao próximo de maneira diferente, mas se não se dá conta de mostrar o mundo ao próximo de maneira diferente, mas se não se dá conta de mostrar o mundo ao próximo de maneira diferente.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-
PPGLE



PESQUISADORA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES
ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM

FEEDBACK DA EXPERIÊNCIA DE LEITURA

Chegamos ao fim de nossa pesquisa. Agora, gostaríamos de que vocês falassem um pouco sobre a experiência de leitura com o romance *O corpo interminável*, de Cláudia Lage.

Questei muito do conteúdo e foi uma
experiência ótima sobre o romance
de Cláudia LAGE.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-
PPGLE



PESQUISADORA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES
ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM

FEEDBACK DA EXPERIÊNCIA DE LEITURA

Chegamos ao fim de nossa pesquisa. Agora, gostaríamos de que vocês falassem um pouco sobre a experiência de leitura com o romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage.

Eu gostei da obra- foi bem ter participado o ensino-
mento foi bem mesmo esse termo esse lutar por
seus direitos por- não entender o mesmo como
entender com o romance o corpo interminável de
claudia Lage sua narrativa expressa de forma
de suspense dando mais vontade de ler e cada
vez o suspense do livro é muito bem. A
figura feminina- de tortura, submissão, dor e
sem voz atirar não podem falar lutar contra-
isso. No- muita tortura eles amecoram muito
com isso tinha pessoas que não aguentava e
acabava morrendo e ninguém sabia o motivo
de suas mortes.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-
PPGLE



PESQUISADORA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES
ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM

FEEDBACK DA EXPERIÊNCIA DE LEITURA

Chegamos ao fim de nossa pesquisa. Agora, gostaríamos de que vocês falassem um pouco sobre a experiência de leitura com o romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage.

Eu gostei muito, porque tem muitas coisas interessantes e muito criativo. Gostei muito da forma sua narrativa expressa através de suspense dando mais vontade de ler.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO-
PPGLE



PESQUISADORA: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES
ORIENTADOR: JOSÉ EDILSON DE AMORIM

FEEDBACK DA EXPERIÊNCIA DE LEITURA

Chegamos ao fim de nossa pesquisa. Agora, gostaríamos de que vocês falassem um pouco sobre a experiência de leitura com o romance *O corpo interminável*, de Cláudia Lage.

Eu gostei muito da experiência de ler a obra *O corpo interminável*, de Cláudia Lage. Sua narrativa expressa de forma de suspense me dando mais vontade de ler a cada capítulo, os suspense do livro é muito interessante. A figura feminina de tortura, ressurta, de a sem vez há Podem falar lutar contra isso. É muito triste que essas mulheres permanecem no passado. Cláudia Lage traz os militantes lutando contra a ditadura sendo torturados. Diante de tudo calgrasse no lugar de pessoas, gente sente o dor e a violência.

APÊNDICE F- Sequência didática do romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM O ROMANCE *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE

Público-alvo: Alunos do 2º Ano do Ensino Médio.

Duração: 15 aulas de 50 minutos;

Conteúdo: Militância feminina e ditadura: uma experiência de leitura no ensino médio com *O corpo interminável*, de Claudia Lage

Material: Obra *O corpo interminável*, de Claudia Lage, *notebook*, celular, *Google Meet*, *Google Class*, *Padlet*, *Google formulários*, etc.

Introdução

A presente sequência didática foi desenvolvida com o intuito de contribuir com a formação do aluno-leitor do Ensino Médio, uma vez que percebemos o quanto as práticas de leituras, aplicadas nas aulas de Língua Portuguesa, na maioria das vezes, acabam afastando o discente da obra literária. Isto dá-se devido a alguns fatores, dentre eles, destacamos: 1. A falta de investimento na formação dos professores; 2. A falta de tempo para elaborar uma boa reflexão sobre a obra antes de levá-la para sala de aula; 3. O ensino de Literatura pautado num currículo que enfatiza apenas a preparação do discente para o Exame Nacional do Ensino Médio, mas conhecido como ENEM.

Segundo Pinheiro (2013, p.45), é importante levar para a sala de aula as mais diversas obras literárias, isto porque o aluno deve experienciar práticas de leitura significativas no contexto escolar, de modo que o leve “[...] a se pronunciar sobre o texto, a dizer seu ponto de vista, a dialogar com o texto e com os colegas”. Além disso, o pesquisador afirma o quanto é relevante pensar em procedimentos que favoreçam a formação do sujeito-leitor.

Nesse sentido, ao dialogar com o Pinheiro, buscamos elaborar a seguinte proposta didática com a obra *O corpo interminável*, de Claudia Lage, lançada em 2020, a partir de algumas etapas principais do Método Receptional, desenvolvidas por Bordini e Aguiar (1988), como: a) Sondagem do horizonte de expectativa do leitor; b) Atendimento do horizonte de expectativa do leitor; c) Questionamento do horizonte de expectativa do leitor; d) Ampliação do horizonte de expectativa do leitor. Esse método foi escolhido porque visa à participação do aluno em contato com o texto literário. Além disso, como bem enfatiza as autoras, “o processo de recepção textual implica a participação ativa e

criativa daquele lê, sem com isso sufocar-se a autonomia da obra” (AGUIAR & BORDINI, 1988, p.86). Também porque, partindo do horizonte de expectativa do leitor, o docente poderá criar meios para que esse aluno não somente reflita sobre a obra estudada, mas também posicione-se criticamente, ampliando, assim, o seu horizonte de expectativa.

O objetivo principal dessa proposta de leitura é trabalhar a obra *O corpo interminável*, de Claudia Lage numa perspectiva de formação leitora com alunos do 2º ano do Ensino Médio, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz.

O romance narra a história de Daniel- um filho de uma ex-militante, que acaba desaparecendo sem deixar nenhum rastro. O personagem, que é criado pelo avô e uma vizinha, cresce mergulhado num silêncio total sobre o desaparecimento de sua mãe. De maneira bastante resumida, a obra trata não só da participação feminina contra a ditadura militar, mas também do “trauma sequencial” que o autoritarismo brasileiro provocou nas vítimas, nos familiares e nos amigos que militavam contra o horror perpetrado pelo regime.

Destarte, é interessante ressaltar que essa narrativa foi escolhida, porque além de abordar a mulher na perspectiva inovadora da militância e promover o contato de leitura com uma autora pouco estudada tanto no universo acadêmico, quanto no espaço escolar, também dialoga, por meio da temática da ditadura, com o contexto atual, em que assistimos de perto às manifestações da extrema-direita em relação à volta desse regime e da intervenção militar.

Sequência didática com o romance *O corpo interminável*, de Claudia Lage a partir do Método Recepcional

Para trabalhar o romance *O corpo interminável* no contexto escolar, iremos utilizar as principais etapas do Método Recepcional, a saber: a) Sondagem do horizonte de expectativa do leitor; b) Atendimento do horizonte de expectativa do leitor; c) Questionamento do horizonte de expectativa do leitor; d) Ampliação do horizonte de expectativa do leitor, desenvolvido pelas pesquisadoras Aguiar e Bordini (1988). Antes mesmo de começarmos a primeira etapa do método recepcional, aplicaremos uma autobiografia de leitor, desenvolvida por Annie Rouxel (2013) para investigar que/quais obras literárias esses alunos leram durante a caminhada não só ensino fundamental, mas também no decorrer do ensino médio e, principalmente, se esses educandos leram obras que tematizassem o período da ditadura no Brasil.

Na *sondagem do horizonte de expectativa do leitor*, o professor deverá fazer os seguintes questionamentos aos alunos: 1. Vocês já leram alguma narrativa que enfatizasse tanto o período da ditadura militar, quanto a participação das mulheres contra o regime? 2. O que vocês sabem sobre o regime militar? 3. Por que é importante estudar acerca desse período a partir de uma obra literária? 4. Vocês conhecem alguma mulher que fora presa e torturada durante o regime autoritário? Cabe ressaltar que, caso o ensino presencial não tenha retornado por conta da COVID-19, tanto a autobiografia de leitor, quanto as demais atividades que envolvem questionários poderão ser aplicadas através do Google formulários.

Além disso, o intuito dessas perguntas é averiguar os conhecimentos dos educandos acerca desse período e, principalmente, da participação das mulheres contra as barbaridades cometidas nos anos de chumbo.

Após essa sondagem, o docente deverá partir para o *atendimento do horizonte de expectativa do leitor*. Antes mesmo de iniciar a leitura do romance de Claudia Lage, é interessante que o professor apresente alguns relatos de mulheres que foram atingidas de maneira direta ou indireta pelas barbaridades do regime. Esses depoimentos podem ser retirados do livro *Heroínas desta História: mulheres em busca de justiça por familiares mortos pela ditadura*, organizado por Carla Borges e Tatiana Merlino e lançado no ano de 2019. Essa obra retrata a “[...] trajetória de mulheres marcadas pela violência de Estado, tanto durante a ditadura como no período pós-democratização (MERLINO, BORGES, 2019, p. 15).

Após esse momento, o professor poderá começar a leitura da obra *O corpo interminável*. Como o romance é extenso, é importante que o docente divida a turma em 5 grupos, distribuídos da seguinte maneira: o primeiro grupo ficará com o capítulo intitulado “Distâncias”; o segundo e terceiro grupos ficarão com o capítulo “Presenças” e, o último grupo, com o capítulo denominado “Corpos”.

Cabe ressaltar o quanto é importante fazer a leitura integral da obra na sala de aula, todavia, devido ao currículo proposto pela escola, talvez, não dê tempo de fazê-la. Uma possível alternativa é solicitar aos educandos que realizem essa leitura em casa e, em sala, cada grupo faça a exposição de seu capítulo, com alguns trechos que mais despertaram a sua atenção, expondo, dessa maneira, seus pontos de vistas acerca da obra.

Concluída a leitura da narrativa, o próximo passo é o *questionamento do horizonte de expectativa do leitor*. Para essa etapa, o docente deverá aplicar um questionário através

do Google Formulário (caso o ensino seja remoto) ou uma atividade xerografada (caso o ensino seja presencial) envolvendo as seguintes perguntas:

1. Qual o contexto representado na obra de Claudia Lage?

Resposta possível: Ditadura militar brasileira.

2. De que forma a mulher é configurada no romance *O corpo interminável*?

Resposta possível: A mulher é configurada com protagonista das lutas contra os horrores perpetrados pelo autoritarismo brasileiro. Além disso, por questionar o papel lhe imposto na sociedade, ou seja, de mãe, dona de casa e esposa, ela acaba sendo duplamente oprimida.

3. Como Daniel lida com o fato de não conhecer a história de sua mãe?

Resposta possível: O personagem começa a investigar o que aconteceu com sua mãe nos porões da ditadura. Além disso, ele também escreve sobre esse passado, numa tentativa de enfrentar essa violência traumática.

4. Conforme a narrativa, por que o avô de Daniel não gostava de falar sobre a sua filha Júlia?

Resposta possível: Porque ele não conseguiu superar o trauma de perder a filha para o regime e, provavelmente, sentia culpa por denunciar o grupo do qual ela fazia parte, provocando, assim, a prisão e morte da filha.

5. Em relação à Melina, o que ela descobre acerca de seu pai?

Resposta possível: Ela descobre que seu pai fotografava presas políticas nos momentos de tortura e de morte, ou seja, ele era um colaborador do regime.

6. Por que a mãe de Melina acaba se separando do marido?

Resposta possível: Porque ela descobre que seu marido é um colaborador do regime militar. Além disso, não aguentando ver as fotos de uma amiga guerrilheira morta e fotografada pelo marido, decide por um fim nessa situação, pois não aguentava mais tamanha barbaridade cometidas às presas políticas.

7. Como os atos de torturas ao corpo feminino são retratados no romance de Claudia Lage?

Resposta possível: No romance de Claudia Lage, as cenas de violência contra o corpo feminino são expressas de modo chocante, tais como: abrir o ventre de uma militante grávida sem anestesia para retirar a criança, unhas arrancadas, a colocação de eletrodos na vagina, etc.

8. De que maneira os conflitos das personagens militantes são configurados nesse romance?

Resposta possível: Através de desajustes familiares das guerrilheiras; o abandono involuntário dos filhos, o desamparo diante da justiça, a necessidade de manter-se incógnito para proteger a vida e os familiares da violência do regime.

9. Por que o livro é intitulado *O corpo interminável*?

Porque além de tratar de experiências de opressão aos corpos das militantes, também mostra as consequências inevitáveis desse sofrimento na mente de todos aqueles que compartilharam desses momentos de angústia e de dor, forjados pelo autoritarismo.

10. Leiamos o fragmento a seguir:

[...] Anos depois, décadas, quando já tínhamos vendido a nossa casa, quando aquele endereço por onde sempre passávamos já havia se revelado como o lugar de onde ninguém saía vivo, eu voltei. Quando descobríamos o que acontecia dentro daquelas paredes? Não consigo me lembrar. Quando as minhas lembranças de infância foram contaminadas por essa descoberta? O que eu fiz? O que meus pais fizeram? Como foram as nossas reações? Não lembro. O que aconteceu com a minha memória? Não sei.

Os meus pais venderam a casa e se separaram, ou se separaram e venderam a casa. Uma coisa está relacionada a outra que não consigo definir a ordem dos acontecimentos. Quando voltei lá, não voltei apenas pela Casa da Morte, como ficou conhecida depois, voltei também pela minha casa da infância. Voltei por aquele trajeto percorrido entre a inocência e o horror [...] Não há nenhum registro do que aconteceu. É uma casa como outra qualquer. Pedidos já foram feitos, protocolados. Mas ela ainda está lá, como se nada tivesse acontecido (LAGE, 2019, p. 57-58).

a) Por que a casa de Petrópolis é denominada “Casa da Morte”?

Resposta possível: Porque, dificilmente, as militantes conseguiam sair de lá com vida. Além de serem torturadas, as guerrilheiras eram mortas.

b) Por que Melina afirma que o trajeto percorrido durante toda a sua infância representa a inocência e o horror?

Resposta possível: Porque Melina não imagina que nas ruas onde vivenciara a sua infância situava-se um matadouro de mulheres atreladas à luta contra o regime.

c) A personagem afirma que não há nenhum registro do que acontecia na Casa da Morte. Por que ela faz essa declaração?

Resposta possível: A personagem tenta fazer referência ao anonimato a que se relegaram as torturas praticadas pelo regime.

Após a aplicação desse questionário, o professor deverá ir para a última etapa do método: *a ampliação do horizonte de expectativa do leitor*. Nesse momento, o docente passará para a turma o documentário de longa-metragem *Torre das donzelas*, lançado em 2018, cuja produção cinematográfica retrata a história das presas políticas no Presídio Tiradentes. Terminado esse momento, o professor poderá fazer uma reflexão sobre a militância feminina no período da ditadura militar envolvendo tanto a obra estudada, quanto o documentário.

Para o segundo momento da ampliação do horizonte de expectativa do leitor, o docente solicitará aos educandos que se dividam em grupos e, sem seguida, reproduzam através de desenhos realistas ou pinturas cenas do romance *O corpo interminável* e, em seguida, façam uma exposição durante a aula. Por fim, o professor deverá propiciar uma mesa-redonda acerca da participação da militância feminina contra o regime ditatorial no Brasil. Com o intuito de enriquecer ainda mais esse momento, é interessante convidar alguma mulher que tenha participado de grupos contra o autoritarismo brasileiro ou professores que pesquisem sobre o tema em estudo. Outra sugestão interessante, seria chamar alguma escritora que trate da temática em questão para dialogar com discentes acerca da temática proposta.

Enfim, existem vários caminhos para trabalhar o texto literário em sala de aula numa perspectiva de formação leitora. Aqui, traçamos apenas uma possibilidade de leitura. Dependendo da realidade da turma, o professor poderá adaptar a determinada proposta, pois como bem afirma Bordini e Aguiar (1988, p. 42), “[...] aderir a um método não representa uma camisa-de-força para o ensino-aprendizagem”, isto porque a prática docente deve ser flexível”.

ANEXOS

ANEXO A: Declaração da instituição parceira.



Somos todos
PARAÍBA
Governo do Estado

**SECRETARIA DE ESTADO DA
EDUCAÇÃO DA CIÊNCIA E
TECNOLOGIA
10ª GERÊNCIA REGIONAL DE
EDUCAÇÃO E E.F.M. CELSO MARIZ**

E.F.M. Celso Mariz
CNPJ: 01.659.263/0001-70
Doc: 6.442 DOE 25.02.75
Margem da BR 230, s/n
Faz. Sumande - Sousa/PB
CEP: 57.071-100

DECLARAÇÃO DA INSTITUIÇÃO PARCEIRA

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, localizada na cidade de Sousa – PB, declara aceitar a execução do projeto de pesquisa intitulado “MILITÂNCIA FEMININA E DITADURA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO COM O CORPO INTERMINÁVEL, DE CLAUDIA LAGE”, que será aplicado (após a autorização do Comitê de Ética) pela pesquisadora Francisca Luana Rolim Abrantes, sob a orientação do professor Dr. José Edilson de Amorim, ambos vinculados ao Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG.

Sousa-PB, 19 de janeiro de 2022.

Geraldo Araújo Pereira Júnior

Geraldo Araújo Pereira Júnior

Gestor Escolar

Geraldo Araújo Pereira Júnior
DIRETOR ESCOLAR
MKT. 108.082-1
AUT. Nº 01.382

ANEXO B: Termo de compromisso dos pesquisadores.**TERMO DE COMPROMISSO DO(S)
PESQUISADOR(ES)**

Por este termo de responsabilidade, nós abaixo-assinados, Orientador e Orientanda respectivamente, da pesquisa intitulada **“MILITÂNCIA FEMININA E DITADURA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO COM O CORPO INTERMINÁVEL, DE CLAUDIA LAGE”**, assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução nº 466, de 12 de Dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde/ MS e suas Complementares, homologada nos termos do Decreto de delegação de competências de 12 de novembro de 1991, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

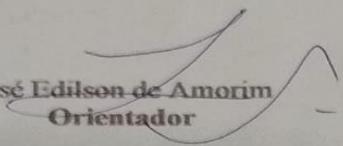
Reafirmamos, outros sim, nossa responsabilidade indelegável e intransferível, mantendo em arquivo todas as informações inerentes a presente pesquisa, respeitando a confidencialidade e sigilo das fichas correspondentes a cada sujeito incluído na pesquisa, por um período de 5 (cinco) anos após o término desta.

Apresentaremos sempre que solicitado pelas instâncias envolvidas no presente estudo, relatório sobre o andamento da mesma, assumindo o compromisso de:

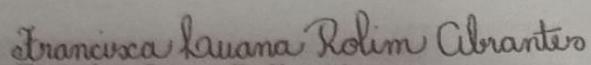
- Preservar a privacidade dos participantes da pesquisa cujos dados serão coletados;
- Assegurar que as informações serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do projeto em questão;
- Assegurar que os benefícios resultantes do projeto retornem aos participantes da pesquisa, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa;
- Assegurar que as informações somente serão divulgadas de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar o sujeito da pesquisa;
- Assegurar que os resultados da pesquisa serão encaminhados para a publicação, com os devidos créditos aos autores.

Em cumprimento às normas regulamentadoras, declaramos que a coleta de dados do referido projeto não foi iniciada e que somente após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, do Hospital Universitário Alceides Carneiro da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, CEP-58401 – 490 e da Comissão de Ética em Pesquisa (CONEP), os dados serão coletados.

Campina Grande-PB, 19 de janeiro de 2022.



José Edilson de Amorim
Orientador



Francisca Luana Rolim Abrantes
Francisca Luana Rolim Abrantes
Orientanda

ANEXO C- Parecer consubstanciado do CEP.

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: MILITÂNCIA FEMININA E DITADURA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO COM O CORPO INTERMINÁVEL, DE CLAUDIA LAGE.

Pesquisador: FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 56665422.5.0000.5182

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.310.682

Apresentação do Projeto:

A pesquisadora descreve:

"A pesquisa a seguir busca analisar, no romance O corpo interminável, de Claudia Lage, os modos de representação da mulher enquanto figura militante no período da ditadura no Brasil com alunos do 2º ano do ensino médio a partir do Método Recepcional. Considera-se que as mulheres desempenharam papel ativo nos movimentos estudantis, partidos, sindicatos e organizações clandestinas, rompendo com as funções que lhes estavam propostos pela cultura tradicional, porém essas atividades não são apontadas como fatores relevantes nas discussões sobre esse período histórico, nem figuradas nessa perspectiva de militância na estética literária.

Objetivo da Pesquisa:

GERAL

Analisar, no romance O corpo interminável, de Claudia Lage, os modos de representação da mulher enquanto figura militante no período da ditadura no Brasil com alunos do 2º ano do ensino médio a partir do Método Recepcional

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.

Bairro: São José **CEP:** 58.107-670

UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



Continuação do Parecer 5.310.682

ESPECÍFICOS

- a) Descrever, a partir da autobiografia de leitor, desenvolvida por Anne Rouxel, o conhecimento dos discentes, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, localizada na cidade de Sousa, acerca de obras que configuram o período da ditadura militar no Brasil.
- b) Trabalhar o romance O corpo interminável, de Cláudia Lage a partir do Método Receptional, proposto por Aguiar e Bordini (1988) em sala de aula, focalizando, assim, tanto a participação das guerrilheiras na luta contra o regime, quanto a violência imposta ao gênero.
- c) Refletir acerca do modo como os alunos compreendem não só a relação da mulher com a ditadura, bem como os traumas ocasionados pelo autoritarismo brasileiro a partir dos personagens principais configurados na narrativa de Claudia Lage.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo a pesquisadora:

Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde. Considerando que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, enquanto pesquisadora, procurarei estabelecer o melhor diálogo possível durante as intervenções, bem como deixar claro aos participantes que eles poderão desistir da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum dano a sua pessoa ou a sua identidade.

Benefícios:

A presente pesquisa visa não só contribuir com o ensino de literatura na escola e a formação de leitores qualificados de textos literários no Ensino Médio, mas também permitir aos discentes lançar novos olhares, novas reflexões, perspectivas e interpretações sobre a ditadura militar e a militância feminina contra o autoritarismo brasileiro. Além disso, supõe-se que a narrativa de Claudia Lage pode levar o aluno a compreender a participação e os sofrimentos das mulheres nos atos de resistência contra a Ditadura Militar, incitando-os, assim, a ter um olhar diferenciado sobre a atuação feminina nesse período.

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n. CEP: 58.107-670
 Bairro: São José
 UF: PB Município: CAMPINA GRANDE
 Telefone: (83)2101-5545 Fax: (83)2101-5523 E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



Continuação do Parecer: 5.310.682

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa indispensável para se pensar o lugar da mulher na literatura e na sociedade, pois "Considera-se que as mulheres desempenharam papel ativo nos movimentos estudantis, partidos, sindicatos e organizações clandestinas, rompendo com as funções que lhes estavam propostos pela cultura tradicional, porém essas atividades não são apontadas como fatores relevantes nas discussões sobre esse período histórico, nem figuradas nessa perspectiva de militância na estética literária".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os documentos apresentados foram:

- Projeto completo
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- Cronograma
- Orçamento
- Termo de compromisso dos pesquisadores
- Folha de Rosto

FALTA acrescentar:

- Termo de anuência do serviço assinado
- Instrumento de coleta de dados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não existem inadequações éticas para o início da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n. CEP: 58.107-670
 Bairro: São José
 UF: PB Município: CAMPINA GRANDE
 Telefone: (83)2101-5545 Fax: (83)2101-5523 E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

Página 03 de 04

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



Continuação do Parecer: 5.310.682

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1901320.pdf	11/03/2022 10:55:05		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE02.pdf	11/03/2022 10:53:14	FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOFINAL.pdf	11/03/2022 10:52:06	FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termoanuencia.pdf	23/02/2022 10:52:40	FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	23/02/2022 10:48:34	FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	Termopesquisadores.pdf	23/02/2022 10:41:32	FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao.pdf	23/02/2022 10:27:58	FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES	Aceito
Folha de Rosto	Folha.pdf	23/02/2022 10:24:50	FRANCISCA LUANA ROLIM ABRANTES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINA GRANDE, 24 de Março de 2022

Assinado por:
Andréia Oliveira Barros Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n. CEP: 58.107-670
Bairro: São José
UF: PB Município: CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 Fax: (83)2101-5523 E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br